

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

JOSANE DANIELA FREITAS PINTO

O texto multimodal e os construtos identitário-ideológicos no discurso político do
Facebook

Versão Corrigida

São Paulo

2020

JOSANE DANIELA FREITAS PINTO

**O texto multimodal e os construtos identitário-ideológicos no discurso político do
*Facebook***

Versão Corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Língua Portuguesa

Orientadora: Profa. Dra. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P659t Pinto, Josane Daniela Freitas
O texto multimodal e os construtos identitário-
ideológicos no discurso político do Facebook / Josane
Daniela Freitas Pinto ; orientadora Zilda Gaspar
Oliveira de Aquino. - São Paulo, 2020.
280 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Discurso político. 2. Identidade. 3. Ideologia.
4. Texto multimodal. I. Aquino, Zilda Gaspar
Oliveira de, orient. II. Título.



fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Josane Daniela Freitas Pinto

Data da defesa: 19 / 03 / 2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Profª Drª Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 23/04/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

PINTO, Josane Daniela Freitas. **O texto multimodal e os construtos identitário-ideológicos no discurso político do *Facebook***. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 19 de março de 2020

Banca Examinadora

Prof. Dr^a Zilda Gaspar Oliveira de Aquino Instituição FFLCH - USP

Presidente

Prof. Dr^a Mercedes Fátima de Canha Crescitelli Instituição PUC - SP

Julgamento: Aprovada

Prof. Dr Paulo Roberto Gonçalves Segundo Instituição FFLCH - USP

Julgamento: Aprovada

Prof. Dr^a Renata Palumbo Instituição FCDA

Julgamento: Aprovada

À minha família, fonte da minha força e
esperança.

AGRADECIMENTOS

À minha querida professora orientadora, Prof^ª Dr^ª Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, pela dedicação, paciência, compreensão. Seu incentivo e apoio foram muito importantes para que eu continuasse a jornada até aqui. Aprendi muito com suas aulas e suas orientações. Minha gratidão e meu carinho à esta pessoa tão especial para mim.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo, pelas sugestões importantes na banca de qualificação e pela oportunidade de participar de suas aulas, possibilitando que eu ampliasse ainda mais os horizontes para a pesquisa.

À Prof^ª Dr^ª Renata Palumbo, pelo direcionamento fornecido na qualificação, que me auxiliou muito no suporte teórico e pelo aprendizado durante as reuniões do GEDUSP.

A todos os professores que ministraram as disciplinas do DINTER USP/UEPA, que possibilitaram a ampliação dos meus conhecimentos.

À Prof^ª Dr^ª Maria do Perpétuo Socorro Cardoso e à Prof^ª Dr^ª Elis de Almeida Cardoso, por terem sido incansáveis na luta para estabelecer o convênio do DINTER entre a USP e a UEPA.

À Prof^ª Dr^ª Elisa Pinheiro, pelo amparo institucional à frente da coordenação do DINTER na UEPA.

À UEPA, pelo apoio na realização do doutorado, pelo empenho em qualificar o corpo docente, possibilitando o consentimento da bolsa estadual, as licenças e o apoio financeiro no período do estágio doutoral na USP.

À Prof^ª Me Vera Maria Segurado Pimentel, pela revisão e apoio na finalização desta jornada

Aos meus colegas do DINTER e da UEPA, pela oportunidade sempre de compartilhar o conhecimento.

Aos meus queridos colegas e amigos do curso de Letras/Inglês: Denílson Silva, André Diniz, Jessiléia Eiró, Érika Silva, Edwiges Fernandes e Sandra Takakura pelo companheirismo e apoio.

Aos meus três grandes amores, meu esposo, Abdon, e meus filhos, Bruno e Camila, pelo amor incondicional, pela paciência nos meus momentos de ausência, de dificuldade, principalmente na reta final.

À Socorro, Cléa e Cleide, pela ajuda e pelo apoio emocional, principalmente nestes últimos meses. Sem esse suporte eu não teria conseguido.

Aos meus amigos, pelo carinho e auxílio em todos os momentos, principalmente André Diniz e Jessiléia Eiró. Muita gratidão pelas conversas, pela ajuda e pelo suporte emocional ao longo de toda esta trajetória.

Aos meus pais, que não se encontram mais no plano terrestre, pelo dom da vida. Meu agradecimento especial à minha mãe que sempre se preocupou com a minha formação.

Em nossa época líquido-moderna, o mundo em
nossa volta está repartido em fragmentos mal
coordenados, enquanto as nossas existências
individuais são fatiadas numa sucessão de episódios
fragilmente conectados.

(BAUMAN, Zygmunt, 2005)

RESUMO

PINTO, Josane Daniela Freitas. **O texto multimodal e os construtos identitário-ideológicos no discurso político do *Facebook***. 2020. 280 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Esta pesquisa apresenta como escopo o estudo da inter-relação entre identidade, ideologia e discurso político no texto multimodal presente nas postagens das Páginas no *Facebook*. Considerando os Estudos Críticos do Discurso e a Análise do Discurso Multimodal, além de sua base multidisciplinar, como Filosofia, Comunicação e Ciência Política, estabelecemos como objetivos: analisar os elementos verbais e visuais utilizados para marcar, ideologicamente, as páginas; observar de que modo esses elementos encaminham à construção da identidade verbo-visual dessas páginas, ao se posicionarem frente às questões políticas; e verificar as categorias de estrutura das ideologias de cada página (VAN DIJK, 2011), as estratégias que envolvem uma autoapresentação positiva em detrimento da ênfase negativa do opositor (VAN DIJK, 2010) e os sistemas de composição do texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN (2006 [1996])). Temos por hipóteses que a construção da identidade das páginas do *Facebook* ocorre a partir das postagens; as marcas ideológicas omitidas no momento de definição inicial revelam-se na interação; a presença de traços ideológicos na relação discursiva verbo-visual constitui-se o elemento essencial à constituição identitária; e a inter-relação identidade, ideologia e discurso político acontece na composição dos elementos visuais e verbais. Para atingir os objetivos, determinamos como *corpora*, quinze Páginas; em cada uma, selecionamos as fotos de perfil e de capa e duas postagens, a partir da identificação do eixo ideológico. Analisamos as publicações do período entre 2017 e 2018, por considerá-lo ápice de momentos de intensa polarização no *Facebook*. Procedemos à discussão teórica a partir de quatro eixos de estudo. No primeiro, buscamos compreender a relação entre modernidade, discurso político e novas mídias, recorrendo a teóricos como, Giddens (1991a), Bauman (2001) e Charaudeau (2009), que definem modernidade; Jenkins (2009), ao tratar da cultura de convergência; Crystal (2006), Ferrari (2010), Barton e Lee (2015), Naughton (2011), que consideram a *internet* como fato social; Castells (2003, 2017 [1999]), Lévy (2011), ao discutirem sobre as comunidades *online* ou virtuais; Charaudeau (2011), Chilton (2004) e Palumbo (2013), ao destacarem a emergência das práticas discursivas, a partir do discurso político. No segundo eixo, objetivamos o entendimento do conceito de ideologia, recorreremos, principalmente a van Dijk (2011), Thompson (2011[1990]), Eagleton (1997). O terceiro constitui-se da discussão sobre identidade, com base nos estudos de Giddens (1991a, 2002), Hobsbawn (1996), Hall (2000, 2006), Bauman (2001, 2005), De Fina (2011), Aquino e Palumbo (2016), Charaudeau (2016), Castells (2017 [1999], 2018 [1999]). E, no quarto, discutimos sobre multimodalidade e reflexividade, com suporte teórico em Giddens (1991b), Kress (1998, 2003, 2010), Bateman (2014), Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011), Gonçalves Segundo (2011), Barton e Lee (2015), entre outros; Gramática do *Design* Visual, a partir de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), Kress (2003), Saint-Georges (2004), Norris (2004); e práticas discursivas e multimodais digitais, de acordo com van Dijk (2009), Georgalou (2017), Jones, Chik e Hafner (2015). A partir das análises, concluímos que a seleção dos recursos na composição da mensagem tem como ponto de partida a questão identitária, atrelada ao viés ideológico, no caso do texto multimodal de cunho político, que se manifesta no *Facebook*, representando a ágora moderna, na qual os atores sociais, organizados em comunidades, constroem uma interação digital polarizada, alimentada continuamente por conflitos.

Palavras-chave: Discurso político. Identidade. Ideologia. Texto multimodal.

ABSTRACT

PINTO, Josane Daniela Freitas. **Multimodal text and identity- ideological constructs in political discourse in Facebook**. 2020. 280 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This study aimed to analyze the inter-relation among identity, ideology and political discourse in multimodal text presented in posts of pages in Facebook. We considered critical discourse studies and multimodal discourse analysis and their multidisciplinary basis, such as philosophy, communication, political science. Thus, we established the following objectives: (i) to analyze the verbal and visual elements selected to determine, ideologically, the pages. (ii) To observe how those elements direct to visual and verbal identity construction of those pages, when they position themselves on political issues. And (iii) to verify the categories of ideological structure in each page (VAN DIJK, 2011), the strategies which involve a positive self-presentation in contrast to the negative emphasis given to the opponent (VAN DIJK, 2010) and the multimodal text composition systems (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]). We set up as hypotheses that (i) identity construction of the pages on Facebook occurs through the posts. (ii) Ideological marks omitted in the moments of the first definitions are revealed during the interactions. (iii) Presence of ideological features in the verbal and visual discursive relationship constitutes an essential element of identity construction. And (iv) inter-relationship between identity, ideology and political discourse takes place in the composition of verbal and visual elements. To achieve the objectives, we determined our *corpora*: fifteen Pages; we selected their profile picture, view profile cover and two posts from each, based on the ideological axis identification (BOBBIO, 2011[1995]). We analyzed the posts in the period between 2017 and 2018, because it was considered the moment of most intense polarization on Facebook. The development of this work consists of four pillars of study. Firstly, we investigated the relationship among modernity, political discourse and new media, based on theorists, such as, Giddens (1991a), Bauman (2001) and Charaudeau (2009) and their definitions of modernity; Jenkins (2009) and his theory of convergence culture; Crystal (2006), Ferrari (2010), Barton and Lee (2015), Naughton (2011), who considered internet as social fact; Castells (2003, 2017 [1999]), Lévy (2011) and their reflections on online or virtual communities; Charaudeau (2011), Chilton (2004) and Palumbo (2013), who emphasized the emergence of discursive practices, from political discourse. In the second pillar, we aimed at understanding the concept of ideology, mainly through the works by van Dijk (2011), Thompson (2011[1990]), Eagleton (1997). The third one constitutes the discussion about identity, based on the studies of Giddens (1991a; 2002), Hobsbawm (1996), Hall (2000, 2006), Bauman (2001, 2005), De Fina (2011), Aquino and Palumbo (2016), Charaudeau (2016), Castells (2017 [1999], 2018 [1999]). In the last pillar, we discussed about multimodality and reflexivity, with the theoretical support of Giddens (1991b), Kress (1998, 2003, 2010), Bateman (2014), Fairclough, Mulderrig and Wodak (2011), Gonçalves Segundo (2011), Barton and Lee (2015), and others; grammar of visual design, based on Kress and van Leeuwen (2006 [1996]), Kress (2003), Saint-Georges (2004), Norris (2004); and digital multimodal and discursive practices, according to van Dijk (2009), Georgalou (2017), Jones, Chik and Hafner (2015). After the analysis, we conclude that the resource selection for the message composition has as starting point the identity question, connected with the ideological bias, considering the multimodal text of political nature, that is manifested in Facebook, representing a modern *agora*, in which social actors, organized in communities, construct polarized digital interaction, feed continuously by conflicts.

Keywords: Political discourse. Identity. Ideology. Multimodal text.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Estatísticas globais da internet em 2018	35
Figura 2	Estatísticas globais da internet em 2018	49
Figura 3	Página inicial do perfil do usuário	50
Figura 4	Reações à postagem	52
Figura 5	Recursos disponíveis aos participantes	54
Figura 6	Grupos da direita	55
Figura 7	Páginas da direita	56
Figura 8	Páginas do <i>Facebook</i> sobre Marielle Franco	111
Figura 9	Grupo de manifestantes	112
Figura 10	Fotos de perfil e de capa da Página Verdade sem Manipulação	164
Figura 11	Foto de capa da Página Verdade sem Manipulação	165
Figura 12	Fotos de perfil e de capa da Página Burguesia Fede	167
Figura 13	Foto de capa da Página Burguesia Fede	168
Figura 14	Fotos de perfil e de capa da Página A Luta	169
Figura 15	Foto de perfil da Página A Luta	170
Figura 16	Fotos de perfil e de capa da Página Esquerda Revolucionária	171
Figura 17	Foto de perfil da Página Esquerda Revolucionária	172
Figura 18	Foto de capa da Página Esquerda Revolucionária	173
Figura 19	Fotos de perfil e de capa da Página Contra o Golpe Fascista 3	174
Figura 20	Foto de perfil da Página Contra o Golpe Fascista 3	175
Figura 21	Fotos de perfil e de capa da Página Direita Vive 3.0	177
Figura 22	Foto de perfil da Página Direita Vive 3.0	177
Figura 23	Foto de capa da Página Direita Vive 3.0	178
Figura 24	Fotos de perfil e de capa da Página Eu era direita e não sabia	180
Figura 25	Foto de perfil da Página Eu era direita e não sabia	180
Figura 26	Foto de capa da Página Eu era direita e não sabia	181
Figura 27	Fotos de perfil e de capa da Página Direita Conservadora	182
Figura 28	Foto de capa da Página Direita Conservadora	183
Figura 29	Fotos de perfil e de capa da Página Jovens de Direita	184
Figura 30	Foto de perfil da Página Jovens de Direita	185
Figura 31	Bandeira Real do Brasil (1822)	185
Figura 32	Fotos de perfil e de capa da Página Conservadorismo do Brasil	187
Figura 33	Foto de perfil da Página Conservadorismo do Brasil	187
Figura 34	Fotos de perfil e de capa da Página do MBL	189
Figura 35	Fotos de perfil e de capa da Página Juventude Contra a Corrupção	190
Figura 36	Fotos de perfil e de capa da Página Movimento do Povo Brasileiro	191
Figura 37	Fotos de perfil e de capa da Página Todos contra a Corrupção	192
Figura 38	Fotos de perfil e de capa da Página Tenho Vergonha da Corrupção	193
Figura 39	Foto de perfil da Página Tenho Vergonha da Corrupção	193
Figura 40	Foto de capa da Página Tenho Vergonha da Corrupção	194
Figura 41	Postagem realizada no dia 25 abril 2017 na Página Verdade sem Manipulação	200
Figura 42	Postagem realizada no dia 25 abril 2017 na Página Verdade sem Manipulação	201
Figura 43	Postagem realizada no dia 31 outubro 2018 na Página Burguesia Fede	203
Figura 44	Postagem realizada no dia 03 junho 2017 na Página Burguesia Fede	204
Figura 45	Postagem realizada no dia 20 maio 2017 na Página A Luta	205

Figura 46	Postagem realizada no dia 20 maio 2017 na Página A Luta	207
Figura 47	Postagem realizada no dia 28 abril 2017 na Página Esquerda Revolucionária	209
Figura 48	Postagem realizada no dia 28 abril 2017 na Página Esquerda Revolucionária	210
Figura 49	Postagem realizada no dia 30 abril 2018 na Página Contra o Golpe Fascista 3	212
Figura 50	Postagem realizada no dia 30 abril 2018 na Página Contra o Golpe Fascista 3	213
Figura 51	Postagem realizada no dia 30 agosto 2018 na Página Direita Vive 3.0	214
Figura 52	Postagem realizada no dia 25 setembro 2018 na Página Direita Vive 3.0	215
Figura 53	Postagem realizada no dia 04 dezembro 2017 na Página Eu era direita e não sabia	216
Figura 54	Postagem realizada no dia 28 julho 2018 na Página Eu era direita e não sabia	217
Figura 55	Postagem realizada no dia 05 setembro 2017 na Página Direita Conservadora	219
Figura 56	Postagem realizada no dia 06 novembro 2017 na Página Direita Conservadora	220
Figura 57	Postagem realizada no dia 26 julho 2018 na Página Jovens de Direita ...	221
Figura 58	Postagem realizada no dia 17 setembro 2018 na Página Jovens de Direita	222
Figura 59	Postagem realizada no dia 13 agosto 2018 na Página Conservadorismo do Brasil	223
Figura 60	Logo da Quaker	223
Figura 61	Postagem realizada no dia 24 outubro 2018 na Página Conservadorismo do Brasil	225
Figura 62	Postagem realizada no dia 14 outubro 2018 na Página MBL	226
Figura 63	Postagem realizada no dia 20 outubro 2018 na Página MBL	227
Figura 64	Postagem realizada no dia 19 setembro 2017 na Página Juventude Contra a Corrupção	228
Figura 65	Postagem realizada no dia 19 janeiro 2018 na Página Juventude Contra a Corrupção	230
Figura 66	Postagem realizada no dia 19 outubro 2018 na Página Movimento do Povo Brasileiro	231
Figura 67	Postagem realizada no dia 22 outubro 2018 na Página Movimento do Povo Brasileiro	232
Figura 68	Postagem realizada no dia 23 outubro 2017 na Página Todos contra a Corrupção (TCC)	233
Figura 69	Postagem realizada no dia 01 março 2018 na Página Todos contra a Corrupção (TCC)	234
Figura 70	Postagem realizada no dia 11 outubro 2018 na Página Tenho Vergonha da Corrupção	235
Figura 71	Postagem realizada no dia 26 outubro 2018 na Página Tenho Vergonha da Corrupção	237

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Autocomunicação de massa	37
Quadro 2	Movimentos sociais na Era da Informação	45
Quadro 3	Quadro das categorias de estrutura das ideologias	64
Quadro 4	Panorama das Páginas políticas do <i>Facebook</i> – abril de 2018	162
Quadro 5	Levantamento das Páginas políticas do <i>Facebook</i> – abril de 2018	162
Quadro 6	Os elementos visuais e verbais e as categorias de estrutura das ideologias das Páginas analisadas	195
Quadro 7	Os elementos verbais e visuais e as categorias de van Dijk (2010) e os sistemas de Kress e van Leeuwen (2006[1996])	238

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1	Sociedade em rede na Era da Informação	47
Esquema 2	Interconexão presente nas redes sociais	153

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ADM	Análise do Discurso Multimodal
DEM	Democratas
EBC	Empresa Brasil de Comunicação
ECD	Estudos Críticos do Discurso
GDV	Gramática do <i>Design</i> Visual
MBL	Movimento Brasil Livre
MCC	Movimento Contra a Corrupção
ND	Nova Direita
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDS	Partido Democrático Social
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
SS	Semiótica Social
STF	Supremo Tribunal Federal
TRANSPETRO	Petrobrás Transporte S. A.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 O FACEBOOK: A ÁGORA MODERNA (CAPÍTULO 1)	27
1.1 AS NOVAS MÍDIAS NA CULTURA DE CONVERGÊNCIA	28
1.2 A EXPANSÃO DOS ESPAÇOS NA INTERNET	35
1.3 COMUNIDADES VIRTUAIS E INTERATIVIDADE	39
1.4 O DISCURSO POLÍTICO NO AMBIENTE DIGITAL	41
1.5 A REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i>	48
1.6 GRUPOS E PÁGINAS NO FACEBOOK: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	53
1.6.1 Grupos	54
1.6.2 Páginas	56
1.7 O DISCURSO POLÍTICO NO <i>FACEBOOK</i>	57
2 A IDEOLOGIA E AS MÍDIAS DIGITAIS (CAPÍTULO II)	62
2.1 AS IDEOLOGIAS E SEUS PRINCIPAIS CONCEITOS	63
2.1.1 Os modos de operação de formas simbólicas ideológicas	66
2.1.2 A abordagem multiparadigmática da ideologia	71
2.2 OS EIXOS IDEOLÓGICOS DIREITA E ESQUERDA: UMA DISTINÇÃO NECESSÁRIA	73
2.2.1 Direita e esquerda	76
2.2.2 A díade e os ideais de igualdade e liberdade	79
2.2.3 Direita e esquerda no contexto brasileiro	83

2.2.3.1 <i>As quatro tradições na esquerda brasileira</i>	83
2.2.3.2 <i>A Nova Direita</i>	86
2.2.3.3 <i>A esquerda brasileira no poder</i>	92
2.2.4 O cenário do golpe parlamentar e das eleições de 2018	94
3 AS IDENTIDADES E O DISCURSO POLÍTICO NA ERA DA INFORMAÇÃO 98	
(CAPÍTULO III)	
3.1 GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE	99
3.1.1 A visão construcionista da identidade	101
3.1.2 As identidades: pessoal e coletiva	106
3.1.2.1 <i>O Ser na Rede: do individual para o coletivo</i>	109
3.2 A INTER-RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E IDEOLOGIA	116
3.2.1 A relação identitária e ideológica e as comunidades <i>online</i>	117
3.2.2 Construção da identidade no discurso político digital	119
3.2.2.1 <i>O discurso político nas redes sociais</i>	121
3.2.2.2 <i>Conflito no discurso político midiático</i>	125
3.2.2.3 <i>Processos de exteriorização das identidades</i>	128
4 O TEXTO MULTIMODAL E O DISCURSO POLÍTICO (CAPÍTULO IV)	131
4.1 MULTIMODALIDADE E A QUESTÃO DA REFLEXIVIDADE	132
4.2 GRAMÁTICA DO <i>DESIGN</i> VISUAL E O TEXTO MULTIMODAL	137
4.2.1 Os domínios do texto multimodal	139
4.2.2 Texto multimodal: construção do significado no uso da escrita e da imagem nas postagens do <i>Facebook</i>	144

4.2.3 Os sistemas da GDV	150
5 ANÁLISE DOS DADOS (CAPÍTULO V)	158
5.1 CONTEXTO DAS PÁGINAS E DAS POSTAGENS	159
5.2 CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NAS FOTOS DE PERFIL E DE CAPA	164
5.3 AS POSTAGENS E AS MARCAS DE IDEOLOGIA E IDENTIDADE NO TEXTO MULTIMODAL	199
5.4 RESULTADOS	243
CONCLUSÃO	248
REFERÊNCIAS	254
APÊNDICE.....	270

INTRODUÇÃO

A sociedade moderna trouxe-nos a instabilidade, a dinamicidade e a possibilidade de transformações contínuas, inserindo-nos em um mundo globalizado, no qual identificamos as palavras de ordem, informação, comunicação e mídias, que se materializam no discurso.

Ao considerar mudança como a palavra-chave da modernidade, Giddens (1991b, p. 26) destaca a metamorfose decorrente da onda de virtualização, na qual ocorre a ressignificação do tempo/espço, do local/global e constata que: “O dinamismo da modernidade deriva da separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem o “zoneamento” tempo-espacial preciso da vida social [...]”. Com base nesse caráter transformador, as relações sociais sofreram o desencaixe, termo que Giddens (1991b, p. 31) utiliza para se referir ao deslocamento que elas tiveram de seus “[...] contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço”.

Dessa forma, o desencaixe trouxe a noção de reflexividade para a modernidade. Giddens (1991b, p. 48) compreende a reflexividade como uma característica que define as práticas sociais em um *continuum* de mudança, “[...] de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si”. O pesquisador considera a modernidade como “[...] inerentemente globalizante[...]” (GIDDENS, 1991b, p. 192), que explica o caráter transformador e reflexivo, característico de todas as relações sociais constituintes dos mundos real e virtual.

Muitos pesquisadores na área de estudos do discurso interessam-se em desenvolver observações científicas da organização do discurso na mídia digital, em especial nas redes sociais, como *Twitter*, *Whatsapp*, *Facebook*, entre outros. Podemos citar Dias e Couto (2011), Dioguardi (2014), Recuero (2013) e Georgalou (2017). Entendemos, porém, que ainda há muito o que ser investigado, principalmente por localizarmos um número ainda reduzido de pesquisas direcionadas ao estudo do discurso político, especificamente voltadas às postagens das comunidades *online* constituídas no *Facebook*.

A pesquisa, para ser iniciada, demandou a consideração de pontos centrais, como: a) o ambiente, altamente, polarizado entre direita e esquerda nas Páginas do

Facebook, causando uma espécie de batalha política digital; b) a expansão numérica das comunidades *online* em torno das questões políticas, intensificando esse embate; c) as características específicas da organização do discurso político nas postagens do *Facebook*. Para entender essa realidade, definimos os seguintes questionamentos:

- a) Como o discurso político se manifesta nas postagens das Páginas, refletindo o meio histórico, político, social, econômico e cultural, no qual os participantes dessas comunidades se encontram imersos?
- b) Como as identidades dessas comunidades (direita, esquerda e apartidária) se constroem no discurso político midiático?
- c) De que forma as questões ideológicas se constituem elementos essenciais para a construção identitária dessas Páginas?
- d) Como se caracteriza o discurso político presente nas postagens de Páginas (direita, esquerda e apartidária) do *Facebook*?

A tese que delineou nossa pesquisa e que buscamos defender é que o discurso político se materializa nas postagens do *Facebook* na forma de texto multimodal e revela a indissociabilidade entre identidade e ideologia. Nessa direção, estabelecemos para nosso estudo as seguintes hipóteses:

- a construção da identidade das comunidades no *Facebook*, embora tenha sido definida no momento do cadastro nessa rede social, parece que se constrói, processualmente, a partir das postagens;
- por causa da intencionalidade dos sujeitos/administradores, algumas marcas ideológicas podem estar omitidas no momento da definição inicial, porém revelam-se, ao longo da interação *online*;
- a presença de traços ideológicos na relação discursiva verbo-visual aparenta ser o elemento essencial para a construção identitária das comunidades;
- a composição da significação semiótica, possivelmente, está presente de modo mais intenso nas redes sociais, principalmente no *Facebook*, para expressão das ideologias políticas;
- nas postagens, a inter-relação identidade, ideologia e discurso político parece ocorrer na composição dos elementos visuais e verbais.

Para realizar a verificação das hipóteses e compreender melhor o funcionamento dessas comunidades, estabelecemos os seguintes objetivos:

- analisar, nas postagens políticas do *Facebook*, os elementos verbais e visuais utilizados para marcar ideologicamente a posição das Páginas;
- observar, nas postagens selecionadas, de que modo esses elementos encaminham à construção da identidade verbo-visual dessas Páginas, ao se posicionarem frente às questões políticas;
- verificar as categorias de estrutura das ideologias de cada Página (VAN DIJK, 2011), as estratégias que envolvem uma autoapresentação positiva em detrimento da ênfase negativa do opositor (VAN DIJK, 2010) e os sistemas de composição do texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN (2006 [1996]), para discuti-los com base nos Estudos Críticos do Discurso (ECD) e na Análise do Discurso Multimodal (ADM).

Para atingir os objetivos, definimos o uso da abordagem qualitativa, visto que essa relação dinâmica entre os interlocutores e seu discurso não pode ser descrito em números, dado o objeto selecionado para nosso estudo. A pesquisa constitui-se, também, dos aspectos exploratório e descritivo, do ponto de vista de seus objetivos (MARCONI; LAKATOS, 2003), por causa da busca detalhada de informações sobre as Páginas, suas postagens, seus perfis identitário e ideológico, a fim de compreender sua materialização no ambiente digital.

Destacamos que, mesmo tendo o objeto de estudo inserido no ambiente digital, realizamos os procedimentos de observação não-participante no período de 2017 a 2018. As comunidades, nessa rede social, constituem-se de Páginas e Grupos. Selecionamos para a pesquisa as Páginas, para podermos visualizá-las sem contato com os administradores das comunidades, mas preservando o anonimato de pessoas presentes nos *prints* das postagens; assim, mantivemos apenas os nomes das quinze Páginas selecionadas, a partir da identificação do eixo ideológico, com base em Bobbio (2011[1995]).

Para atingir os objetivos, determinamos para nossos *corpora*: as fotos de perfil e de capa e duas postagens de cada Página, publicadas no período entre 2017 e 2018.

Selecionamos esse período por considerá-lo ápice de momentos de intensa polarização no *Facebook*. No primeiro, temos o ponto alto do golpe parlamentar contra Dilma com a posse de Michel Temer, como presidente da República, e, no segundo, a mobilização na rede para as eleições presidenciais.

Com base na interface entre os Estudos Críticos do Discurso (ECD) e a Análise do Discurso Multimodal (ADM), optamos pelas seguintes categorias de análise:

- a) os elementos verbais (substantivos, verbos e adjetivos);
- b) os elementos visuais;
- c) as categorias de estrutura das ideologias (VAN DIJK, 2011);
- d) as estratégias de autoapresentação positiva e outro-apresentação negativa (VAN DIJK, 2010);
- e) os sistemas de composição do texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN (2006 [1996])).

Nesse sentido, procedemos à análise a partir da identificação dessas categorias, realizando a discussão com base no suporte teórico selecionado para esta pesquisa, e a elaboração de quadros com o objetivo de identificarmos a ocorrência de elementos verbais e visuais em comum, possibilitando a realização dos construtos identitários e ideológicos das Páginas do *Facebook*.

Desenvolvemos a discussão teórica ancorados nos ECD, porém recorrendo à base multidisciplinar. Dessa maneira, buscamos os estudos de Castells (2017[1999]), que trata do desenvolvimento dos meios de comunicação tradicionais para as redes horizontais de comunicação organizadas em torno da internet, introduzindo a transformação nos padrões de comunicação que tem como base uma nova dimensão, a virtualidade. Como consequência, temos uma nova estrutura social, denominada por ele sociedade em rede, que expandiu e reconfigurou as redes sociais e organizacionais.

Castells (2017[1999]) acredita que a mudança social mais aparente ocorre nas tecnologias de comunicação e destaca a internet, a *World Wide Web* e a comunicação sem fio como os meios para a comunicação interativa, que conecta o local e o global, possibilitando a expansão dos espaços sociais no mundo virtual. Dessa maneira, temos a base para uma cultura fundamentada na comunicação multimodal e multicanal, integrando todas as formas de mídias, as tradicionais e as novas.

O pesquisador ressalta que as redes horizontais de comunicação se constroem “[...] em torno das iniciativas, interesses e desejos das pessoas[...]” e, por isso, caracterizam-se como “multimodais”, ou seja, uma combinação de diferentes modos semióticos (imagens, texto, áudio, etc.). Essas redes possibilitaram o surgimento de espaços sociais na internet, que “[...] multiplicaram seu conteúdo e dispararam em número para formar uma sociedade virtual diversificada e difusa” (CASTELLS, 2017[1999], p. 19, 21). Destacamos o *Facebook* como um espaço social de realidade virtual que possibilita a sociabilidade e a formação de comunidades *online*, adquirindo um papel importante na vida cotidiana.

Essa inserção do social no mundo virtual promoveu a formação de uma nova cultura, denominada por Castells (2017[1999]) de cultura da virtualidade do real e por Jenkins (2009) de cultura da convergência. Os dois autores destacam a integração de diferentes modos de comunicação, que se caracteriza principalmente pela interatividade, possibilitando a construção de redes comunitárias, com o objetivo de fornecer informações, incentivar debates, enfim, possibilitar a manifestação espontânea dos indivíduos, revelando opiniões, crenças, etc.

Nesse cenário, no qual se encontram os atores sociais que assumiram a dupla tarefa de serem consumidores de informação e, ao mesmo tempo, produtores, revelando a dinamicidade da modernidade. Assim, o discurso político encontrou o meio propício para sua disseminação, assumindo uma forma mais interativa, mais criativa. Além disso, ele encontrou, nas comunidades *online* ou virtuais, o espaço para a manifestação espontânea, o debate, o conflito. Essa descrição motiva-nos a estudar o discurso político, inserido nesse contexto interativo e dinâmico do meio virtual, revelando a necessidade de se compreender sua constituição.

Chilton (2004), Charaudeau (2011) e Palumbo (2013) definem discurso político, ressaltando seu vínculo com o social e sua relevância na formação de comunidades, visto que circula em seu interior, revelando as relações de força e poder, por meio do uso estratégico da linguagem. Dessa maneira, ele surge na interação entre as instâncias política e cidadã (PALUMBO, 2013), permitindo, aos atores sociais, envolvidos no processo, externar crenças, opiniões, ideologias; lutar por seus direitos; enfim, manifestar-se, criticamente, diante da realidade que os circunda.

As redes sociais, em especial o *Facebook*, tornaram-se o meio profícuo para a disseminação do discurso político. De acordo com Barton e Lee (2015), o *Facebook* sintetiza a cultura de convergência, devido aos “minifóruns de discussão”, que dinamizam o debate, possibilitando a criação de comunidades que se organizam em Páginas ou Grupos, em torno de interesses comuns.

A sociedade em rede torna possível a integração entre as questões culturais e políticas nesse espaço social midiático. Assim, Castells (2003, 2017); Carvalho e Kramer (2013); Jenkins, Ford e Green (2014); Barton e Lee (2015); Capelas e Ingizza (2017) e Ferreira (2018) caracterizam essa rede social, ressaltando a interatividade que se instala, permitindo que os consumidores de informação se tornem, também enunciadores, por meio das reações, dos comentários e das postagens.

Miguel (2000) e Pinto (2006) tratam dessa mudança na materialização do discurso político, que se torna presente nas novas mídias, como reflexo do caráter transformador da modernidade. Sobre essa utilização da discussão sobre o discurso político na mídia digital, Pinto (2006) reconhece sua importância como cenário de discussão sobre assuntos políticos, visto que permite o debate de questões ideológicas, a formação de grupos unidos em torno de um ideal comum. A pesquisadora ressalta que o discurso político se constrói e se desconstrói, a partir das convergências e divergências, presentes no meio digital.

A proposta deste estudo baseia-se no diálogo entre os ECD e as áreas afins, amparando-nos nas pesquisas da Filosofia e da Ciência Política para compreender a movimentação discursiva em torno dos eixos ideológicos, direita e esquerda, concretizada nas comunidades *online*. Assim, buscamos em Pierucci (1987), Bobbio (2011[1995]), Ardalan (2018), Mészáros (2014), entre outros a explicação para a existência desse antagonismo que dinamiza o discurso político midiático. Também, procuramos em Singer (2002, 2018), Sader (1995), Miguel (2000) o entendimento do contexto político brasileiro, principalmente nas discussões sobre a polarização entre direita e esquerda sempre aflorada no período eleitoral; a rejeição ao Partido dos Trabalhadores (PT) e a Lula; e o surgimento de uma nova direita. Essas reflexões fizeram-nos entender a importância da base multidisciplinar, para respaldar a análise discursiva, que revela o posicionamento ideológico das comunidades na escolha dos elementos verbais e visuais que compõem o discurso político presente nas postagens.

Ao recorrermos a Eagleton (1997) para entender o conceito de ideologia, encontramos o destaque, feito pelo pesquisador, para a estreita ligação entre ideologia e identidade, pois a segunda se constitui da primeira, ou melhor, uma alimenta a outra no processo interacional. Por isso, ainda, sustentados nessa base multidisciplinar, selecionamos Bauman (2001, 2005), para compreender os conceitos de globalização, modernidade líquida, identidade fluida; Giddens (1991a), a fim de entender os dilemas surgidos na sociedade moderna, principalmente a unificação *versus* a fragmentação; Hobsbawn (1996), De Fina (2011), Castells (2009), Chaves (2009), entre outros que tratam da relação entre Eu e o Outro, nas identidades individuais e coletivas, pois elas se encontram em estado constante de transformação; Hall (2001) e Pavloski (2012) que ressaltam a relação entre língua e identidade, visto que ela se concretiza por meio do discurso; Bauman (2001), Hall (2001), Rajagopalan (2003), Griswold (2004), Aquino e Palumbo (2016) que apresentam em comum a visão construcionista da identidade, que resulta da característica de instabilidade e de mudança constante da sociedade moderna. Hall (2000) e Charaudeau (2016) que reforçam essa compreensão, ao destacarem que a identidade se constitui no ato interacional, nessa relação de oposição com o outro.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Aquino e Palumbo (2016) destacam a construção identitária do eu-herói em oposição ao outro, que se caracteriza como anti-herói. Esse conflito encontra-se inerente ao discurso político, e o ambiente digital tem potencializado esse caráter de oposição, como uma ágora moderna, na qual um se constrói, a partir da desconstrução do outro. Amossy (2011) e Charaudeau (2016) coadunam-se com essa posição, ao entenderem que o antagonismo faz parte da construção identitária. O “nós” coloca-se contra “eles”, recorrendo à desqualificação do opositor, nomeando-o como inimigo que deve ser vencido - constitui-se, assim, a dinâmica do discurso político.

Além disso, dois outros tipos de identidades, que nos conduziram a utilizar a base multidisciplinar para compreendê-los, denominam-se identidade de resistência e identidade nacionalista. A primeira encontra-se definida por Castells (2017, 2018[1999]), que destaca a indignação como seu elemento desencadeador, para defender questões ligadas à justiça e igualdade social. Ela revela-se discursivamente por meio do “nós inclusivo”, que também promove a ideia de coletividade. A segunda apresenta-se na pauta que defende os costumes tradicionais e os valores morais e cristãos e se encontra resumida em três palavras principais: Deus, Família e Nação (CASTELLS, 2018 [1999]).

Charaudeau (2016) destaca que nos dois tipos há a possibilidade de se recorrer à subjetivação do discurso, impondo a ele uma carga emocional maior do que a lógica.

Consideramos aqui o grau de complexidade do conceito de identidade, por isso procedemos à busca por autores diferentes, porém complementares, possibilitando a construção de um entendimento que nos permitisse identificá-la em sua manifestação discursiva. Nessa direção, a noção apresentada pelos autores estudados sobre identidades múltiplas, instáveis e em constante mudança ajustou-se à nossa proposta. Dessa maneira, destacamos a afirmação de Bauman (2005, p. 32) sobre essa instabilidade, volatilidade contínua:

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo.

Esse alto grau de instabilidade reflete-se nas redes sociais, onde encontramos o estado de transitoriedade. As comunidades, as reflexões, as opiniões, tudo se constitui no caráter temporário da modernidade líquida. Assim, ao considerarmos o aspecto de mudança, mencionado também por Giddens (1991b), buscamos correlação com o conceito de reflexividade, tendo em vista que este resume o estágio de mudança atual em que nos encontramos. Além disso, baseamo-nos nos estudos de Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011), Barton e Lee (2015) e Gonçalves Segundo (2011) quanto à definição e ao destaque de sua importância na construção identitária, no discurso que circula nas redes sociais, principalmente no *Facebook*.

A vida na sociedade em rede, na modernidade líquida intensificou o uso da combinação de modos semióticos, especialmente verbal e visual, que operam juntos na construção do significado, constituindo uma única unidade textual, denominada de texto multimodal (BATEMAN, 2014). Para entendê-lo, recorreremos aos estudos de Kress (1998, 2003, 2010), Kress e van Leeuwen (2001, 2006[1996]), entre outros, que constituem a base para a Análise do Discurso Multimodal (ADM) e a Gramática do *Design Visual* (GDV). Na ADM e na GDV, identificamos o mesmo objeto, o texto multimodal. Os autores destacam o grau crescente de complexidade do texto multimodal,

no que concerne à dependência da intencionalidade e da interpretação dos interlocutores, além de revelar o contexto histórico, social e econômico.

Imersos no caráter reflexivo da modernidade, destacamos, mais uma vez, a interface dos ECD e ADM, quando buscamos em van Dijk (2009), Georgalou (2017), Boyd (2002), Jones, Chik e Hafner (2014, 2015) o suporte para discutir sobre discurso e práticas digitais.

Para alcançar os objetivos propostos, organizamos o trabalho em cinco capítulos. No capítulo I, buscamos compreender a relação entre modernidade, discurso político e novas mídias, recorrendo a teóricos como, por exemplo, Giddens (1991a), Bauman (2001) e Charaudeau (2009), que tratam do conceito de modernidade; Jenkins (2009), ao tratar da cultura de convergência; Crystal (2006), Ferrari (2010), Barton e Lee (2015), Naughton (2011), que consideram a *internet* como fato social; Castells (2003, 2017 [1999]), Lévy (2011), ao discutirem sobre as comunidades *online* ou virtuais; Charaudeau (2011), Chilton (2004) e Palumbo (2013), ao destacarem a emergência das práticas discursivas, a partir do discurso político.

No segundo capítulo, utilizamos os domínios afins dos ECD, como Filosofia, Comunicação e Ciência Política, como base multidisciplinar do estudo. Para o entendimento do conceito de ideologia, recorreremos, principalmente, a van Dijk (2011), Thompson (2011[1990]), Eagleton (1997). Considerando a existência das ideologias de direita e esquerda, buscamos suas definições e caracterizações em Sader (1995), Giddens (1996), Bobbio (2011 [1995]), Mészáros (2014), Ardalan (2018), Singer (2002, 2018), entre outros.

O capítulo III constitui-se do percurso teórico de discussões a respeito do conceito de identidade. Destacamos os estudos de Giddens (1991a, 2002), Hobsbawn (1996), Hall (2000, 2006), Bauman (2001, 2005), De Fina (2011), Aquino e Palumbo (2016), Charaudeau (2016), Castells (2017 [1999], 2018 [1999]), entre outros, que nos possibilitaram navegar pela Filosofia, Sociologia e Comunicação, porém ancorados nos ECD. Um ponto importante em comum nos pesquisadores encontra-se na noção de que a identidade se materializa discursivamente e se conecta às noções de sujeito e alteridade, ou melhor, a construção identitária torna-se possível somente pela existência da interação social.

No quarto capítulo, apresentamos os estudos sobre multimodalidade e reflexividade, com base em autores como, Giddens (1991b), Kress (1998, 2003, 2010), Bateman (2014), Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011), Gonçalves Segundo (2011), Barton e Lee (2015), entre outros; Gramática do Design Visual (GDV), a partir de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), Kress (2003), Saint-Georges (2004), Norris (2004); e práticas discursivas e multimodais digitais, van Dijk (2009), Georgalou (2017), Jones, Chik e Hafner (2014, 2015).

O capítulo V constitui-se da análise dos *corpora* para esta pesquisa, que se compõe de quinze Páginas, identificadas em três eixos ideológicos, ou seja, ligadas à direita, à esquerda e as que se designam como apartidárias. Procedemos à identificação das categorias de análise, a fim de atingirmos os objetivos estabelecidos.

CAPÍTULO I

O *FACEBOOK*: A ÁGORA MODERNA

1 O FACEBOOK: A ÁGORA MODERNA

Neste capítulo, objetivamos compreender a relação entre novas mídias, modernidade e discurso político. Nesse sentido, consideramos o aspecto multidisciplinar dos Estudos Críticos do Discurso e recorreremos às pesquisas de autores como, Giddens (1991a, 1991b), Bauman (2001), Charaudeau (2009, 2011), Jenkins (2009), Lévy (2011), Castells (2003, 2017 [1999], 2017), Palumbo (2013), entre outros, a fim de procedermos à tessitura de uma rede, cuja complexidade se revela no discurso político no ambiente digital, em especial, o *Facebook*, como o reflexo da imagem de uma sociedade moderna, fluida e interativa.

1.1 AS NOVAS MÍDIAS NA CULTURA DE CONVERGÊNCIA

O termo “mídia”, de acordo com Briggs e Burke (2016), apareceu a partir da década de 1920 e, em 1950, as pessoas começaram a usar também “revolução da comunicação”. Ao descreverem o percurso histórico do desenvolvimento na mídia na Europa antes da “era moderna”, eles ressaltam a necessidade de se conceber a mídia como um sistema em mudança contínua, a partir de influências diversas, tais como social, cultural, tecnológica, entre outras.

Além de destacar essas transformações pelas quais diferentes sociedades passaram em maior ou menor intensidade, visto que elas se encontravam interligadas ao contexto sócio-político-econômico, Castells (2017 [1999], p. 412) ressalta que houve o surgimento de “[...] uma nova estrutura social dominante, a sociedade em rede; uma nova economia, a economia informacional/global; e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real”.

Nessa direção, Giddens (1991b, p. 26) trata da modernidade, considerando que seu “[...] dinamismo [...] deriva da separação do tempo e do espaço e de sua recombinação [...]”. Segundo o autor, essa cisão não ocorre de forma unilinear, mas, dialeticamente, possibilitando sua redefinição, com um movimento massivo que a modernidade insere nas questões sociais humanas (GIDDENS, 1991a). Com base nesses pontos, ele define a modernidade como:

[...] essencialmente uma ordem pós-tradicional. A transformação do tempo e do espaço, aliado à ruptura de mecanismos, afastamento da vida social da manutenção de preceitos ou práticas pré-estabelecidas (GIDDENS, 1991a, p. 20).¹

A separação e recombinação do tempo e espaço refletem a reflexividade da vida social moderna, na qual as práticas sociais se encontram em constante transformação. O autor afirma que: “A estrutura conceitual do distanciamento tempo-espaço dirige nossa atenção às complexas relações entre envolvimento locais (circunstâncias de copresença) e interação através da distância (as conexões de presença e ausência)” (GIDDENS, 1991b, p. 76). Podemos ressaltar que o autor já considerava, há quase três décadas, o redimensionamento do tempo e espaço, como decorrência da modernidade.

Bauman (2001, p. 16), outro pesquisador a propor uma nova concepção para o tempo e o espaço na era moderna, observa que:

Na moderna luta entre tempo e espaço, o espaço era o lado sólido e impassível, pesado e inerte, capaz apenas de uma guerra defensiva, de trincheiras – um obstáculo aos avanços do tempo. O tempo era o lado dinâmico e ativo na batalha, o lado sempre na ofensiva: a força invasora, conquistadora e colonizadora. A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilizar chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação.

Assim, a dinamicidade do tempo contribuiu para a quebra das barreiras promovidas pelo espaço, e as novas mídias refletem justamente essa transformação, podendo ser usadas como “ferramentas” para o exercício “do poder e da dominação”.

A rede mundial de computadores transformou a comunicação humana, tornando-a interativa, dinâmica, ressignificando o tempo/ o espaço; o local /o global. Essa ideia de mudança também encontra-se presente na definição de Lévy (2011, p. 114):

A *World Wide Web* [...] é um tapete de sentido tecido por milhões de pessoas e devolvido sempre ao tear. Da permanente costura pelas pontas de milhões de universos subjetivos emerge uma memória dinâmica, comum, “objetivada”, navegável.

¹ No original: “[...] essentially a post-traditional order. The transformation of time and space, coupled with the disembedding mechanisms, propel social life away from the hold of pre-established precepts or practices”.

Esse “tapete” tecido coletivamente, como metáforiza o pesquisador, tem como ponto de partida um objetivo em comum, por isso as comunidades se constroem dialeticamente.

Ainda sobre o uso do termo modernidade, Charaudeau (2009, p. 15) afirma: “Informação, comunicação, mídias, eis as palavras de ordem do discurso da modernidade”. Segundo esse estudioso, a política intensificou o uso do discurso com vinculação ao poder, com fins de manipulação da opinião pública, utilizando a mídia para influenciar o cidadão.

Como resultado dessas transformações, Xavier (2009, p. 21), ao identificar o estabelecimento de uma nova ordem mundial, que denomina de Tecnocracia, afirma:

Essa se apresenta inevitável, delegando à Globalização a hegemonia nas relações socioculturais, ao Neoliberalismo a ideologia política gestora da economia, e à Informática Digital a incumbência de acelerar a aplicação de diversas tecnologias recém inventadas. Paralelamente à Tecnocracia, coabita o movimento denominado Pós-Modernidade e sua defesa da necessidade de valorizar teorias, hábitos e práticas pluralistas.²

Assim, o autor acredita que as mudanças atingiram os vários setores da vida humana, resultando na imersão dos indivíduos em um mundo plural e digital. Ele destaca que a nova ordem, por meio da tecnociência, possibilitou inovações e essas se refletiram nos hábitos, no comportamento dos indivíduos.

O pesquisador ressalta que as mudanças proporcionam o desafio da apreensão de novas maneiras de se comunicar, de construir a informação, utilizando diferentes modos semióticos. Por vivermos em uma “ordem do digital”, ele defende que “a mídia digital [...] atualiza os novos modos de produção intelecto-cultural e potencializa com velocidade as práticas sociais recém-fabricadas [...]” (XAVIER, 2009, p. 83). Essas transformações apresentam como objetivo a adaptação ao aparecimento de novas possibilidades de interação no meio digital.

² “O termo Pós-Modernidade foi introduzido, primeiramente, pelo historiador americano Toynbee em 1947. Posteriormente foi utilizado por sociólogos e filósofos para designar um movimento de grande envergadura filosófico-cultural que provocou mudanças nas artes [...], na arquitetura, nas ciências e, de um modo geral, no comportamento (estilo, moda, consumo) das sociedades urbanas do Ocidente e algumas do Oriente” (XAVIER, 2009, p. 34).

Com as mudanças, as mídias tradicionais passaram a coexistir com as novas mídias, resultando na cultura da convergência, termo criado por Jenkins (2009), que designa o cruzamento entre as velhas e as novas mídias. Dessa maneira, ocorre uma mudança de paradigma, deslocando o conteúdo de um local específico para um outro, que flui por vários canais. Contudo, ressalta-se uma grande diferença entre elas: nas tradicionais, os usuários eram simples consumidores; com as novas, tornaram-se, também produtores.

Jenkins (2009, p. 29) define convergência da seguinte forma: “[...] é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando”. A nova cultura representa uma mudança na relação com as mídias, pois os usuários se encontram incentivados a buscar novas informações, intensificando as interações sociais em um mundo digital. Por isso, ele entende que convergência constitui um conceito antigo que, porém, assumiu novo significado a partir da era digital e constata:

Se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas. O paradigma da revolução digital alegava que os novos meios de comunicação digital mudariam tudo. [...] Como muitas outras coisas no atual ambiente de mídia, a verdade está no meio-termo (JENKINS, 2009, p. 32-33).

Dessa forma, as transformações trouxeram uma nova forma de convivência entre o velho e o novo, ressignificando os conceitos, as relações e promovendo uma maneira diferente de produzir e consumir as informações no atual ambiente de mídia.

Ao considerar essa relação interativa midiática entre o tradicional e o novo, Jenkins, Ford e Green (2014, p. 24) desenvolvem uma discussão sobre:

[...] um modelo híbrido e emergente de circulação em que um *mix* de forças de cima para baixo e de baixo para cima determina como um material é compartilhado, através de culturas e entre elas, de maneira muito mais participativa (e desorganizada). As decisões que cada um de nós toma a passar adiante ou não textos de mídia.

Segundo os autores, esse novo modelo, caracterizado como sendo “híbrido” e “emergente”, indica um modo mais participativo nessa sociedade de rede, na qual os indivíduos não podem mais ser vistos como simples consumidores de mensagens “pré-construídas”, mas sim, com um comportamento ativo nesse processo interacional, compartilhando, remodelando, recriando com possibilidades criativas infinitas.

Para Castells (2017, p. 19), a internet, a *World Wide Web* e a comunicação sem fio tornaram-se “os meios para a comunicação interativa”, culminando na “cultura da virtualidade real”. O autor entende que ela se materializou a partir da comunicação interativa dos milhões de usuários no mundo inteiro, capazes de alimentá-la com informações, textos, imagens e todas as formas de expressão de ideias, “[...] cobrindo todo o espectro da comunicação humana, da política e da religião ao sexo e à pesquisa com o comércio eletrônico como atração principal da internet contemporânea” (CASTELLS, 2017, p. 437).

A cultura da virtualidade real possibilita a interação real no mundo virtual com a utilização de uma multiplicidade de linguagens, adquirindo um alcance global. O pesquisador define-a da seguinte maneira:

É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/ material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz de conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transforma na experiência (CASTELLS, 2017, p. 455).

Esse sistema reflete a dinamicidade da modernidade, integrando diferentes culturas, ideologias, crenças, no seio de sua capacidade transformadora. Por isso, o mundo digital pode refletir de forma simbólica as experiências humanas, ligadas ao passado, ao presente e/ou ao futuro, (re)construindo identidades que se unem, mas, ao mesmo tempo, fragmentam-se nesse processo de mudança contínua. As fronteiras romperam-se, a comunicação tornou-se mais rápida e dinâmica, aproximando muito mais as pessoas (CRYSTAL, 2006).

Segundo Ferrari (2010, p. 7), “[...] a sociedade atual move-se em torno das pessoas, das suas histórias, de seus costumes, de suas experiências de vida, enfim, da informação individualizada”. A necessidade da comunicação, intrínseca ao ser humano,

possibilitou o desenvolvimento da *Web* e, assim, o ato de interagir perdeu “[...] sua característica unívoca, de relação de um para um, para se transformar em dado com múltiplos significados e leituras” (FERRARI, 2010, p. 7).

De acordo com Barton e Lee (2015, p. 12), vários aspectos da vida cotidiana foram alterados por conta das inovações tecnológicas, como, por exemplo, as questões relacionadas ao trabalho, à aprendizagem, entre outros. Eles observam que:

A tecnologia faz parte das experiências vividas pelas pessoas em todos os contextos desde engajar-se numa infinidade de *sites* de redes sociais com amigos, até o trabalho, o estudo ou a participação na vida familiar. De fato, é difícil encontrar uma área da vida que não tenha mudado. Pouco a pouco, as pessoas veem como absolutamente normal a transformação digital das atividades cotidianas.

Com base no que asseveram os autores, as mudanças decorrentes dos avanços tecnológicos constituem-se como sociais. Crystal (2006) afirma que a internet deve ser vista a partir de uma perspectiva social. Ele também observa que a Net³ representa apenas parte do mundo da linguagem mediada por computador, que novas tecnologias podem se integrar a ela, resultando em outras possibilidades comunicativas e novas variedades de linguagem.

Da mesma maneira que Crystal (2006), Ferrari (2010) e Barton e Lee (2015), Naughton (2011, p. 45, tradução nossa) já acreditava que a internet não era apenas um fato tecnológico, mas sim um fato social e realizou uma breve descrição das mudanças importantes que poderiam acontecer:

[...] semelhante à Net. Uma força de inimaginável poder – um Leviatã ... – é solto em nosso mundo e nós até agora não estamos tão conscientes dela. Ela já está mudando o nosso modo de comunicar, trabalhar, comercializar, entreter e aprender; logo ela irá transformar os modos como nós vivemos e ganhamos. Talvez um dia ela poderá até mesmo mudar o nosso modo de pensar. Ela irá enfraquecer as indústrias existentes e criar novas. Ela desafia as noções tradicionais de soberania, ridiculariza as fronteiras nacionais e barreiras continentais e ignora sensibilidades culturais. Ela acelera a taxa de mudança tecnológica até o ponto onde até mesmo aqueles que estão acreditando que estão na crista da onda começam a reclamar de ‘fatica de mudança’.⁴

³ Crystal (2006) usa o termo internet e em outros momentos usa a forma reduzida Net.

⁴ No original: “Similarly with the Net. A force of unimaginable power- a Leviathan... – is loose in our world, and we are as yet barely aware of it. It is already changing the way we communicate, work, trade, entertain and learn; soon it will transform the ways we live and earn. Perhaps one day it will even change

Muitos outros autores interessaram-se em descrever a história da internet, mas dentre eles, Naughton (2011, p. 21, tradução nossa) reconheceu o impacto dessa invenção para a sociedade ao dizer: “A internet é uma das coisas mais notáveis que os seres humanos já fizeram. Em termos de impacto na sociedade, tem o mesmo valor que a impressão, as ferrovias, o telégrafo, o automóvel, a energia elétrica e a televisão”.⁵

Crystal (2006) enfatiza que, em 2005, havia mais de 300 milhões de pessoas conectadas, aumentando a variedade de serviços, como uso de *e-mails*, participação em grupos de discussão, exposição às propagandas, entre outros. O autor propôs-se a refletir sobre as consequências para os indivíduos e para a sociedade que vive no espaço cibernético, e buscou analisar, de forma modesta, os efeitos ocorridos na linguagem de uma maneira geral e na linguagem individual em particular.

“O mundo da internet é extremamente fluido, com usuários explorando as possibilidades de expressão, introduzindo uma combinação fresca de elementos e reagindo os desenvolvimentos tecnológicos” (CRYSTAL, 2006, p. 16, tradução nossa)⁶. Para o autor, que foi um dos primeiros linguistas a discutir o impacto da chegada da internet na linguagem na década de 1990, há inúmeras capacidades comunicativas que podem ser exploradas de diversas maneiras a partir da internet.

Crystal (2006) identifica três momentos importantes para o desenvolvimento da teoria. O primeiro, em fevereiro de 2005, no encontro da *American Association for the Advancement of Science*, quando foi chamado para falar sobre Linguística da Internet, termo cunhado por ele, em que afirmou: “Não é sempre que surge um novo ramo em uma área de conhecimento acadêmico, mas a chegada da internet exerceu tal impacto sobre a linguagem [...]”. Dessa forma, Crystal percebeu a necessidade de explorar o escopo dessa nova área, definindo-a como “[...] a análise sincrônica da linguagem em todas as áreas de atividade da internet” (SHEPHERD; SALIÉS, 2013, p. 21).

the way we think. It will indetermine established industries and create new ones. It challenges traditional notions of sovereignty, makes a mockery of national frontiers and continental barriers and ignores cultural sensitivities. It accelerates the rate of technological change to the point where even those who are supposed to be riding the crest of the wave begin to complain of ‘change fatigue’”.

⁵ No original: “The internet is one of the most remarkable things human beings have ever made. In terms of impact on society, it ranks with print, the railways, the telegraph, the automobile, electric power and television”.

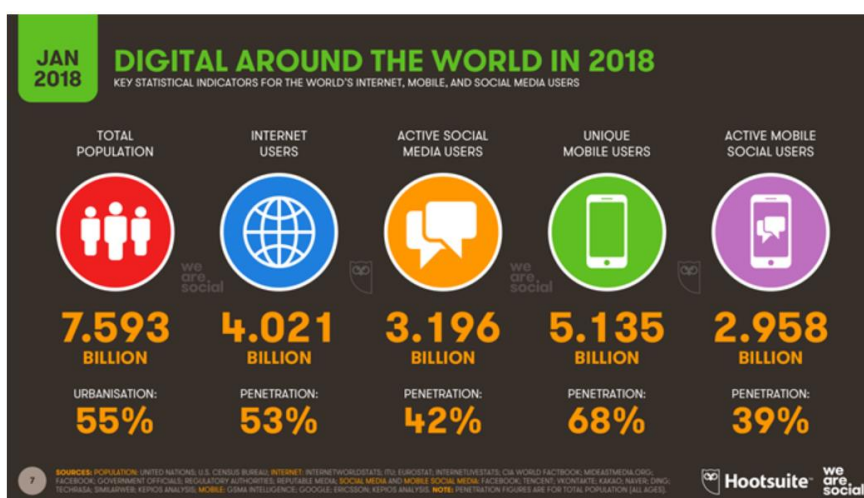
⁶ No original: “The Internet world is an extremely fluid one, with users exploring its possibilities of expression, introducing fresh combinations of elements, and reacting to technological developments.”.

O pesquisador também constata que as pesquisas em Linguística da Internet estão florescendo, dada a amplitude de possibilidades de estudo; por exemplo, cada domínio, como *Facebook*, *My Space*, *Hi5* e *Bebo*, entre outros, apresentam perspectivas comunicativas, propriedades, estratégias diferentes que podem suscitar interesses nos pesquisadores (SHEPHERD; SALIÉS, 2013; CRYSTAL, 2010). Portanto, os domínios ou as redes sociais tornaram-se os espaços para interação e formação de comunidades, como resultado das transformações da era moderna.

1.2 A EXPANSÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS NA INTERNET

O último relatório divulgado em 2018 pelos serviços *online Hootsuite* e *We Are Social* indica que metade da população mundial possui acesso à internet, ou seja, existem mais de quatro bilhões de pessoas conectadas à rede em um total de população global de mais de 7,6 bilhões de indivíduos. Esse número totaliza mais de 53% da população mundial e as redes sociais já possuem 3.196 bilhões de usuários. Outro dado apresentado no relatório constitui-se na quantidade de proprietários de celulares ultrapassar os 5 bilhões, que corresponde a 68% do total populacional do mundo, e 2,9 bilhões de pessoas acessam as redes sociais pelos *smartphones* (CIRIACO, 2018). Podemos verificar essas informações na Figura 1:

Figura 1- Estatísticas globais da internet em 2018



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/internet/>.

Esses dados confirmam que as transformações tecnológicas desencadearam mudanças em diversas áreas, como cultural, econômica, política, entre outras. Podemos destacar a expansão rápida dos dispositivos móveis, principalmente dos *smartphones*, que facilitaram o acesso às redes sociais.

Logo, em 2004, surgiu a segunda geração de comunidades e serviços, a *Web 2.0*. Nela, os indivíduos podiam criar e publicar seus próprios textos, como também compartilhar textos de sua autoria ou de outras pessoas. Barton e Lee (2015, p. 22) ressaltam que a *Web 2.0* possibilitava a “[...] participação e colaboração nas comunidades de usuários. Geralmente, isso se dá pela interação das pessoas por escrito, mas também inclui *upload* de imagens e de vídeos”.

Recentemente, surgiu a chamada terceira onda, a *Web 3.0*. Assis (2013, p. 1-2) define-a e compara-a às anteriores:

Em uma analogia com o sistema de permissão de arquivos, a WEB 1.0 era apenas para leitura e consulta (read-only). Já a WEB 2.0 permite leitura e alteração (read-write) em uma dinâmica de colaboração com o usuário. Segundo os principais pesquisadores e referências no tema, a WEB 3.0 será a onda da internet integrada, viva, inteligente e proativa (read-write-execute).

A *Web 3.0* ou a *Web* inteligente tornou a comunicação ainda mais interativa. Para Castells (2017, p. 20), as *Webs 2.0* e *3.0*, assim como os dispositivos, os aplicativos que dão suporte à ampliação dos “espaços sociais na internet” possibilitaram:

O desenvolvimento de redes horizontais de comunicação interativa que conectam o local e o global no momento escolhido intensificou o ritmo e ampliou o espectro da tendência que identifiquei há mais de uma década: a formação de um sistema de comunicação digital multimodal e multicanal que integra todas as formas de mídia. Além disso, o poder da comunicação e processamento de informações da internet está sendo distribuído em todas as áreas da vida social [...].

O avanço tecnológico transformou-nos em uma “sociedade em rede”, termo cunhado por Castells (2017); dessa maneira, a interatividade⁷ configura-se como a marca dessas “redes horizontais de comunicação” e constituem os movimentos sociais na internet do século XXI. Os indivíduos apropriaram-se dessas novas formas de

⁷ Considerando os estudos de Castells (2017[1999]), usamos nessa pesquisa os termos interação e interatividade como sinônimos, por vivermos em uma ‘sociedade em rede’, na qual a formação de comunidades virtuais possibilita a dinamização das relações pessoais, a conexão entre o real e o virtual.

comunicação e desenvolveram seus “próprios sistemas de comunicação de massa”, criando *blogs, vlogs, podcasts*, entre outros.

Se no século XV, na Europa, já havia a necessidade de unir as linguagens verbal e visual para atingir maior público, na sociedade em rede, o texto multimodal, que une dois ou mais tipos de linguagem, tornou-se presente no cotidiano. Castells (2017[1999], p. 21) afirma:

As redes horizontais de comunicação construídas em torno das iniciativas, interesses e desejos das pessoas são multimodais e incorporam muitos tipos de documentos, desde fotografias [...] músicas, filmes [...] e redes de ativismo social/político/religioso que combinam fóruns baseados na internet ao envio global de vídeo, áudio e texto.

Os espaços sociais, criados na internet em um ambiente de completa interatividade, possibilitaram a multiplicação dinâmica dos conteúdos e formaram uma “sociedade virtual diversificada e difusa” (CASTELLS, 2017 [1999], p. 21). Castells (2017, p. 23) identifica um interesse empresarial cada vez mais crescente nesse. Acreditamos que não só o segmento empresarial, mas também político, religioso, entre outros, também se interessaram, porque viram o poder da nova mídia, da nova forma de comunicação, que ele denominou de “autocomunicação de massa”, e justifica: “[...] trata-se de comunicação de massa porque alcança potencialmente uma audiência global através de redes p2p⁸ e conexões de internet”. Ele apresenta uma relação de características referentes à nova forma de comunicação social. Nós a organizamos no quadro a seguir, com o objetivo de podermos visualizar a caracterização descrita pelo pesquisador:

Quadro 1- Autocomunicação de massa

Características	Justificativa
1. Multimodal;	A digitalização do conteúdo e os avançados <i>softwares</i> sociais.
2. conteúdo autogerado, emissão autogerada e recepção autoselecionada;	Muitas pessoas se comunicam com tantas outras.
3. nova área de comunicação;	Tem uma espinha dorsal formada por redes de computadores cuja linguagem é digital e cujos transmissores interagem e estão distribuídos globalmente.
4. não determina o conteúdo e o efeito de suas mensagens;	Mesmo sendo uma mídia revolucionária, não há como controlar o conteúdo e as consequências.
5. Diversidade ilimitada e autonomia de produção;	A maioria dos fluxos de comunicação constroem significado na cabeça das pessoas.

Fonte: Adaptado de Castells, 2017, p. 23.

⁸ Peer to peer: em pares.

O Quadro 1 permite-nos compreender, por meio das cinco características apresentadas e das justificativas, a dimensão da importância estratégica dessa nova realidade midiática, cujo poder de interatividade cresce, cada vez, com mais intensidade.

Castells (2017[1999], p. 23-24) destaca:

É por isso que, observando há mais de uma década as tendências emergentes do que agora assumiu a forma de uma revolução na comunicação, apresentei [...] a hipótese de que uma nova cultura estava se formando, a cultura da virtualidade real, na qual redes digitalizadas e comunicação multimodal passaram a incluir de tal maneira todas as expressões culturais e pessoais a ponto de terem transformado a virtualidade em uma dimensão fundamental da nossa realidade.

Com base nessa afirmação, podemos entender que a marca da modernidade se encontra presente na multimodalidade e na interatividade. E, assim, situamo-nos imersos em um mundo digital, no qual se potencializa a capacidade de comunicação, de criação, de interação entre indivíduos, entre comunidades. Castells (2017[1999], p. 87-88) defende que:

[...] o processo atual de transformação tecnológica expande-se exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida.

Na sociedade em rede, tudo se caracteriza como muito dinâmico, muito interativo; por meio da linguagem multimodal, produz-se a informação que materializa-se, normalmente, em um texto multimodal, ou seja, o conhecimento é gerado, alimentado, transformado “[...] em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso” (CASTELLS, 2017, p. 88). Para o autor, a sociedade em rede resulta da “[...] transformação qualitativa da experiência humana”, levando-nos a uma nova era, a da informação (CASTELLS, 2017, p. 560). Ele acrescenta:

Em razão da convergência da evolução histórica e da transformação tecnológica, entramos em um modelo genuinamente cultural de interação e organização social. Por isso é que a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social (CASTELLS, 2017, p. 561).

Assim, interagimos socialmente, hoje, mergulhados em um novo modelo que nos foi proporcionado pela era da informação, no qual as linguagens - verbal e visual - se constituem componentes importantes para a comunicação. Entendemos que esse foi o ponto de partida para o surgimento das comunidades virtuais no mundo digital, a respeito do qual tratamos no item seguinte.

1.3 COMUNIDADES VIRTUAIS E INTERATIVIDADE

A sociedade em rede conduz-nos a viver um movimento de virtualização, pois partimos do real para o virtual e vice-versa. Hoje, talvez seja impossível desconectar esses dois mundos. Sobre a virtualização, Lévy (2011, p. 11) afirma que:

[...] afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual [...].

Esse movimento, denominado por Lévy (2011) de virtualização, representa a essência da mudança contínua na qual estamos inseridos. Ele alterou a forma do “estar junto”, porque, hoje, temos comunidades *online* compostas de membros que nem sequer se conhecem pessoalmente, compartilhando apenas interesses comuns.

Além disso, o autor destaca a influência da virtualização na “constituição do ‘nós’”, ou seja, na nossa constituição identitária. Ele acrescenta que é “[...] o movimento mesmo do “devir outro” – ou heterogênese – do humano” (LÉVY, 2011, p. 12), ou melhor, representa a sucessão de mudanças que nos transformam, (re)construindo nossa identidade. Ele reafirma essa relação do Eu com o outro na virtualização, porque é o “[...] deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos” (LÉVY, 2011, p. 25). Nossa identidade constrói-se, também, na relação com o outro, seja no âmbito real ou no virtual.

Essa interação dialética entre o EU e o Outro intensifica-se pela expansão do ciberespaço. Lévy (2011, p. 116) destaca:

O ciberespaço favorece as conexões, as coordenações, as sinergias entre as inteligências individuais, e sobretudo se um contexto vivo for melhor compartilhado, se os indivíduos e os grupos puderem se situar mutuamente numa paisagem virtual de interesses e de competências, e se a diversidade dos módulos cognitivos comuns ou mutuamente compatíveis aumentar.

Dessa forma, a sociedade em rede desenvolve uma inteligência e uma memória coletivas, que se caracteriza, principalmente, pelo compartilhamento, permitindo “as sinergias das inteligências individuais”, unindo o que representa interesse mútuo.

Alinhadas com essa ideia, Carvalho e Kramer (2013, p. 80) entendem que esse interesse se destaca como o motivo da formação de agrupamentos nas redes sociais que atuam “[...] como representação virtual dos relacionamentos entre os seres humanos em seu mundo real”. Por isso, a ideia do “coletivo” caracteriza-se como dinâmica, cooperativa e retrabalhada a todo instante, devido às interpretações, em um processo de interação que ocorre não só no mundo real, mas também no virtual.

A rede mundial de computadores, a comunicação sem fio e todos os avanços ocorridos nas últimas décadas transformou a comunicação mediada pela internet em um fenômeno social, possibilitando a “[...] ascensão de novos padrões de interação social” (CASTELLS, 2003, p. 98). Assim, a sociedade constitui-se rede, a qual se torna essencial para a construção do poder, caracterizado por ser multidimensional (CASTELLS, 2017).

No mundo digital, os indivíduos começaram a formar comunidades virtuais, reunindo, de forma interativa e organizada, aqueles com valores, ideias, interesses em comum (CASTELLS, 2017[1999]). Castells (2003, p. 98) lembra que a expressão “comunidades virtuais” foi popularizada por Howard Rheingold e “[...] foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade”.

Lévy (2011, p. 113), compartilhando da mesma concepção apresentada por Castells (2003, 2017[1999]), entende que os indivíduos formam comunidades no meio virtual, considerando os “[...] centros de interesses, numa paisagem comum do sentido ou do saber”, não se importando com posição geográfica ou social, principalmente, porque essa aproximação ocorre no ambiente virtual. O ponto decisivo para a formação dessas comunidades baseia-se no que há em comum, embora seja temporário.

A sociabilidade ocorre também *online*, meio no qual há o incentivo para “discussões desinibidas”, opiniões sinceras e, muitas vezes, anônimas, ou melhor, há a expansão do que Castells (2017[1999], p. 442) chama de laços fracos. Ele explica:

A Rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos. Os laços fracos são úteis no fornecimento de informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo. A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio da comunicação.

Os laços fracos marcam a efemeridade proporcionada por esse mundo. Tudo muda em um movimento bastante dinâmico. Os interesses que unem desconhecidos em uma página do *Facebook*, por exemplo, caracterizam-se pela semelhança. No entanto, isso pode mudar rapidamente. O autor acrescenta:

[...] tanto off-line quanto on-line, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do autorreconhecimento (CASTELLS, 2017[1999], p. 442).

Esses tipos de ligação disseminaram-se na rede, possibilitando a união de indivíduos com “características sociais” diferentes, expressando opiniões sinceras, muitas vezes, sem a identidade verdadeira do interlocutor. Dessa forma, os grupos originaram-se a partir da discussão dos problemas do cotidiano, permitindo a inserção do discurso político na internet, conforme discutimos no próximo item.

1.4 O DISCURSO POLÍTICO NO AMBIENTE DIGITAL

As comunidades constituem-se no mundo virtual, embora funcionem em outro plano da realidade, com regras diferentes das comunidades físicas, por isso tem a possibilidade de unir indivíduos com características sociais distintas. “São redes sociais interpessoais, [...] diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada” (CASTELLS, 2017[1999], p. 443). Essa dinâmica foi adotada pelo discurso político. Logo foi

identificado o poder da internet, como meio para divulgar informações, organizar grupos, mobilizar manifestações.

Para Castells (2003, p. 118-119), a sociedade em rede pode contribuir para a transformação social, por causa desse redimensionamento do local e global. Ele ressalta:

Os processos de mudança social conflitiva na Era da Informação giram em torno das lutas para transformar as categorias de nossa existência mediante a formação de redes interativas como formas de organização e mobilização. Essas redes, que emergem da resistência de sociedade locais, visam superar o poder de redes globais, reconstruindo assim o mundo a partir de baixo.

Esse desejo pela mobilização, pela mudança social originou a formação das “redes interativas”, nas quais a característica principal se constitui a resistência, a luta contra as formas de dominação. Assim, em 1990, começou-se a utilizar a internet como meio para organizar a socialização das opiniões. A primeira ocorreu na Cidade Digital de Amsterdã, que foi criada pela iniciativa de ex-líderes do movimento dos sem-terra e do governo municipal, permitindo o debate local, auto-organizado e público.

Na mesma década, ativistas de Seattle e de outras cidades dos Estados Unidos recorreram à formação das comunidades *online*, com o objetivo de “[...] fornecer informações, incentivar o debate entre os cidadãos e reafirmar o controle democrático sobre as questões ambientais e política local” (CASTELLS, 2017[1999], p. 445). Dessa forma, o pesquisador constata:

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora (CASTELLS, 2017, p. 26).

A rede apresenta-se como uma conexão entre os meios digital e urbano, a fim de se tornar um instrumento de mudança social, por meio da comunicação autônoma, na qual se tem a expressão livre das amarras do controle do poder, na tentativa de lutar contra a dominação. A indignação política e social surge na rede, a partir da revolta individual, que evolui para protesto e, por sua vez, pode resultar em um movimento social.

Há uma motivação dos indivíduos para se conectarem em rede, mobilizando uma tomada de atitude coletiva, prevalecendo o que é comum e negociando as diferenças. Por

isso, a conexão em rede se constitui como uma “resistência à dominação” e um “ataque multimodal a uma ordem injusta”. Essa movimentação coletiva, digital, multimodal e interativa possibilita amplificar esse desejo por mudança (CASTELLS, 2017, p. 28).

Essa interatividade pode representar uma força democrática, no sentido de que oportuniza os locais transcenderem os globais, considerando a relação de força, e potencializa essa resistência local, como aconteceu, por exemplo, em São Paulo, em junho de 2013.

Inicialmente, os manifestantes, a maioria composta de estudantes, reivindicavam a revogação do aumento das passagens de ônibus. No entanto, esse movimento espalhou-se por várias cidades brasileiras e se tornou o Movimento do Passe Livre; depois, ficou registrado, nas mídias, como Jornadas de Junho de 2013. Não havia uma ligação com partidos políticos, mas sim um interesse no combate à corrupção em todas as esferas. Tomou proporções nacionais, ampliando a pauta de luta (CASTELLS, 2017; CHARLEAUX, 2017).

Ao analisar os grupos virtuais criados por causa dos *reality shows*, *Survivor* e *American Idol*, Jenkins (2009) destaca o estabelecimento dos objetivos, dos interesses comuns para a criação de um grupo no mundo digital, a fim de interagir, discutir, opinar e influenciar. Para o pesquisador, a “inteligência coletiva” refere-se à “[...] capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros” e, principalmente, “[...] esses grupos servem como locais de ‘discussão, negociação e desenvolvimentos coletivos’ e estimulam o membro individual a buscar novas informações para o bem comum” (JENKINS, 2009, p. 56-57).

A interatividade proporcionada pelas redes sociais conduziu à formação de comunidades virtuais, a partir de:

[...] afiliações voluntárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns. Os membros podem mudar de um grupo a outro, à medida que mudam seus interesses, e podem pertencer a mais de uma comunidade ao mesmo tempo. As comunidades, entretanto, são mantidas por meio de produção mútua e troca recíproca de conhecimento (JENKINS, 2009, p. 57).

O termo “voluntárias” refere-se aos indivíduos que só permanecem na comunidade enquanto têm suas necessidades emocionais e intelectuais atendidas. O uso de “táticas” ocorre, devido ao fato de só durarem até o cumprimento da tarefa que levou

à criação. Além disso, o pesquisador caracteriza-as como “temporárias”, porque se formam e separam-se com facilidade e podem ter seu propósito redefinido - tudo depende da interação entre seus membros.

As comunidades constituem-se, tendo, como ponto de partida, um objetivo ou interesse em comum, porém elas refletem a dinamicidade e a transitoriedade trazidas para o mundo digital. Elas alimentam-se das informações compartilhadas, construindo sua identidade e refletindo a cultura da convergência, na qual as velhas e novas mídias interagem, pois vivemos em um “dilúvio informacional” (LÉVY, 2011, p. 39).

Jenkins (2009, p. 288) ressalta a importância da diversificação dos canais de comunicação do discurso político, porque “[...] expande o conjunto de vozes que podem ser ouvidas: embora algumas vozes tenham mais proeminência que outras, nenhuma voz sozinha fala com autoridade inquestionável[...]”, principalmente no mundo digital. Ele ainda prevê:

[...] podemos antever que a democracia digital será descentralizada, dispersada de forma desigual, profundamente contraditória e vagarosa em seu surgimento. Essas forças tendem a surgir primeiro em formas culturais – um senso de comunidade diferente, uma sensação maior de participação, menos dependência de expertise oficial e maior confiança na solução coletiva de problemas [...]

A necessidade da reunião de indivíduos em torno do mesmo objetivo, no mundo *online*, reflete essa necessidade de descentralizar as discussões, ampliar a participação e buscar soluções em conjunto. Jenkins (2009, p. 289) relata sobre um estrategista político americano, Joe Trippi, que foi o diretor da campanha de Howard Dean à presidência da República e o responsável pelo “ponto de virada”, quando “[...] a política da televisão deu lugar à política da internet”.

Jenkins (2009, p. 293) destaca o momento de transição, no qual o papel político da internet expandiu-se com velocidade e, sobre as eleições, ressalta:

Os candidatos podem formar sua base na Internet, mas precisam da televisão para ganhar as eleições. É a diferença entre *push media* (“mídia empurrada”: em que as mensagens vão a público, quer estes as procure ou não”) e *pull media* (“mídia puxada”: que serve aos que têm interesse ativo em buscar informações sobre determinado assunto). A Internet atinge os militantes, a televisão, os indecisos.

Ao usar o termo “militantes”, ele enfatiza o tipo de envolvimento daqueles que formam as comunidades, possibilitando a expressão de suas opiniões, seu descontentamento com a mídia tradicional, sua descrença nos políticos, etc.

O movimento da virtualização permite a exteriorização dos sentimentos, das opiniões, entre outros. De acordo com Lévy (2011, p. 73):

A passagem do privado ao público e a transformação recíproca do interior em exterior são atributos da virtualização que também pode ser muito bem analisadas a partir do operador semiótico. Uma emoção posta em palavras ou em desenhos pode ser mais facilmente compartilhada. O que era interno e privado torna-se externo e público.

Com a formação das comunidades *online*, a comunicação torna-se cada vez mais intensa, por isso, as postagens, os comentários deixam de ser privados, porque estão à disposição do público na grande rede. Assim, o uso da linguagem visual auxilia a linguagem verbal, facilitando o compartilhamento das informações. Segundo Castells (2003, p. 115), elas originaram “[...] novas avenidas de troca social”.

Para o pesquisador, há características em comum nas mobilizações feitas pela rede, ou melhor, ele acredita que existe um modelo para os movimentos sociais na era da informação. Organizamos essas informações no Quadro 2:

Quadro 2- Movimentos sociais na Era da Informação

Características:	Observações:
1. são conectados em rede de múltiplas formas	usam, essencialmente, a forma multimodal, com redes <i>on-line</i> e <i>off-line</i> , conectando as que já existiam com aquelas que passaram a existir a partir do movimento.
2. recebem a denominação de movimento quando ocupam o espaço urbano	por exemplo, o Movimento do Passe Livre, que, inicialmente, surgiu nas redes sociais e depois alcançou os principais centros urbanos brasileiros.
3. apresentam “o espaço da autonomia” como “nova forma espacial”	são compostos pelo espaço cibernético e pelo urbano, que torna possível empreender a mudança social, desafiando a ordem já estabelecida.
4. são simultaneamente locais e globais	iniciam em situações específicas, que são locais e se conectam às redes sociais. No entanto, ao se conectar com o mundo inteiro, tornam-se globais, pois revelam uma interligação, uma interdependência.
5. são atemporais	são constituídos da composição entre o presente e o futuro, porque não se submetem ao tempo cronológico.
6. são espontâneos e têm origem vinculada à indignação	a partir desse sentimento, surgem as mobilizações, o desejo de transformação social.
7. são virais, seguindo a lógica das redes da internet	considerando a propagação rápida das mensagens e a mobilização dos indivíduos indignados com aquela realidade.

8. passagem da indignação à esperança	não possuem lideranças, devido à rejeição dos membros dessas comunidades para delegar poderes, resultante da descrença nos políticos que lhes representam. As decisões são tomadas em assembleias e em comitês.
9. sentimento de companheirismo	é relevante para ser atingido o <i>status</i> de comunidade, a fim de que o medo seja vencido e a esperança surja como elemento motivador.
10. presença da cooperação e da solidariedade, por causa da horizontalidade	são duas características importantes para a existência dessa resistência à presença de um líder e, também, para a continuidade da luta pela conquista de seu(s) objetivo(s).
11. a necessidade de liderança torna-se reduzida também por conta da horizontalidade	
12. ênfase no caráter autorreflexivo	seus membros estão sempre questionando sua participação, sua existência como movimento, o que desejam, etc.
13. não são violentos	sua base deve ser pacífica desde seu nascimento, embora isso não seja garantia de que ocorra possíveis situações de violência.
14. raramente são programáticos	são, geralmente, decorrentes de crises sócio-político-econômicas.
15. estão envolvidos com a mudança de valores da sociedade	há um comprometimento com a transformação social, embora sejam autônomos, não se vinculando a um partido político específico.
16. são muito políticos num sentido fundamental	principalmente, porque propõem e praticam a democracia em rede baseada nas interações das comunidades virtuais e locais.

Fonte: Adaptado de CASTELLS, 2017, p. 192- 198.

Com base no Quadro 2, podemos observar as dezesseis características desses movimentos, estabelecidas pelo pesquisador, além das explicações referentes a cada uma na última coluna, que revelam a importância do discurso na constituição dessas comunidades.

Segundo Castells (2017, p. 199), os movimentos sociais em rede caracterizam-se pela diferença daqueles que participam somente para protestar, pois neles há uma conexão importante, a “cultura da autonomia”, por isso, eles estão longe de sucumbir a qualquer forma de repressão. Ao contrário, fortalecem-se ainda mais, como ele afirma:

As redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se.

A era da informação possibilitou-nos a “cultura da autonomia”, desencadeando a mobilização, primeiro individual e depois coletiva, e a luta por transformação social, sem vínculo partidário, porém, com bases ideológicas e forte rejeição aos políticos que estão no poder e à corrupção (CASTELLS, 2017).

Os estudiosos observam que há um descrédito nos políticos na maioria dos movimentos da rede. Jenkins (2009, p. 302-303) discute o uso de imagens em *Photoshop* que satirizam políticos, como, por exemplo, a imagem de Bush se transformando em Hitler ou de candidatos democratas descendo uma ladeira em um carrinho de supermercado. Elas trazem temas da cultura popular para o âmbito político, promovendo uma interação entre imagem e texto e facilitando a propagação das informações. O autor afirma:

Pode-se argumentar que a circulação dessas imagens é um substituto medíocre das formas mais tradicionais de ativismo político. Não discordo totalmente, especialmente nas situações em que as pessoas, de modo impensado, apenas encaminham as imagens para todos os conhecidos. No entanto, também afirmo que cristalizar um ponto de vista numa fotomontagem, com o intuito de uma circulação mais ampla, é um ato de cidadania [...].

As fotomontagens representam uma possibilidade de expressão dos membros da comunidade, que usam a criatividade e o texto multimodal para se expressarem, exercendo, assim, o direito de cidadãos. Dessa forma, “[...] muitos estão aprendendo a compartilhar, distribuir, confiar, avaliar, contestar e agir sobre o conhecimento coletivo [...]” (JENKINS, 2009, p. 307). Por isso, as comunidades *online* representam a integração entre política, cultura popular e vida cotidiana, conforme se pode visualizar no esquema:

Esquema 1 - Sociedade em rede na Era da Informação



Fonte: A autora.

Como podemos observar no Esquema 1, a sociedade em rede representa a mudança ocorrida a partir da presença de novas mídias no cotidiano, assim, as comunidades *online* passaram a ter uma tarefa mais participativa, considerando as questões culturais e políticas. As informações não são mais recebidas de forma passiva; pelo contrário, são compartilhadas, comentadas, recriadas, reconfiguradas de uma forma dinâmica. Nessa direção, Jenkins, Ford e Green (2014, p. 41) usam a metáfora “viral”, para indicar que esta “[...] capta a velocidade com que novas ideias circulam pela internet”.

Com base nos autores, verificamos a existência da circulação intensa, dinâmica e transformadora dos conteúdos, que nos insere nesse ambiente de participação e interatividade dessa sociedade em rede. O contato entre indivíduos diferentes foi oportunizado, permitindo-lhes, muitas vezes, unirem-se por causa de um objetivo comum, formando as comunidades *online*. Dessa maneira, temos uma “ágora” democrática, na qual se torna possível partilhar ideias, expressar inquietações, debater sobre ideologias, crenças. No próximo item, discutimos sobre a maneira como o discurso político está presente na rede social mais popular.

1.5 A REDE SOCIAL FACEBOOK

As novas tecnologias, a ressignificação do espaço/tempo e, principalmente, a criação das redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Whatsapp*, entre outros, despertaram, nas pessoas, o interesse pelo discurso político.

O *Facebook*, criado em 2004, nos Estados Unidos, com o objetivo de ser um site que facilitasse a comunicação entre os estudantes da Universidade de Harvard, estruturou-se em torno de perfis de usuário ou linhas do tempo (BARTON; LEE, 2015). Com o passar dos anos, o *layout* e o modo de funcionamento do aplicativo foram alterados várias vezes.

Em 2014, afirmou-se ter mais de 1,19 bilhão de usuários em todo o mundo⁹. Em uma pesquisa publicada no Portal EBC¹⁰, os brasileiros são apontados como aqueles que

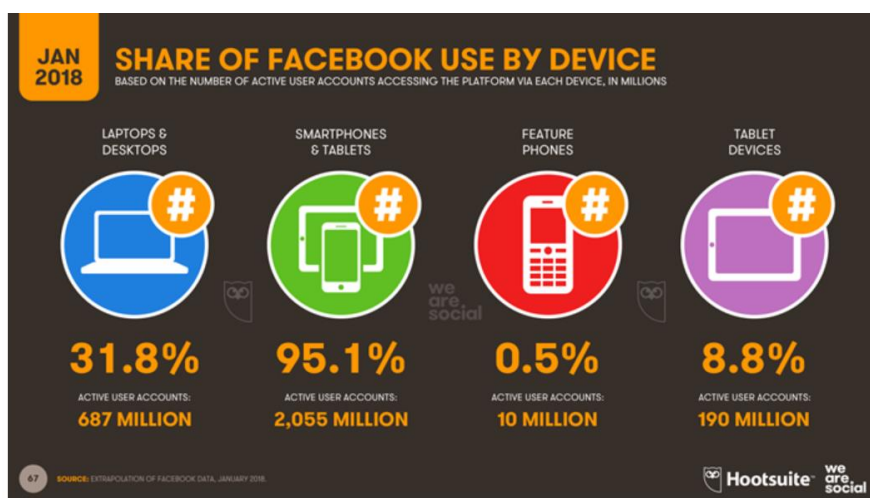
⁹ In: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>. > Acesso em 24 jul. 2017.

¹⁰ EBC: Empresa Brasil de Comunicação.

mais compartilham conteúdo *online*, ou melhor, constituem-se como os mais ativos nessa rede social, em comparação com outros países.¹¹ Ferrari (2010, p. 12) também ressalta a grande quantidade de indivíduos no mundo virtual e afirma “[...] o Brasil é líder no tempo de navegação doméstica, o que mostra o quanto o brasileiro tem abertura para o novo”.

Ciriaco (2018) apresenta o último relatório divulgado em 2018 pelos serviços *online Hootsuite* e *We Are Social* e destaca o aumento de usuários do *Facebook*, devido à facilidade de acesso cada vez maior, proporcionada pelos dispositivos móveis. O número de usuários que acessam essa rede social, por meio dos *smartphones* e *tablets*, representa 95% do total, como podemos verificar na Figura 2:

Figura 2- Estatísticas globais da Internet em 2018



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/internet/>.

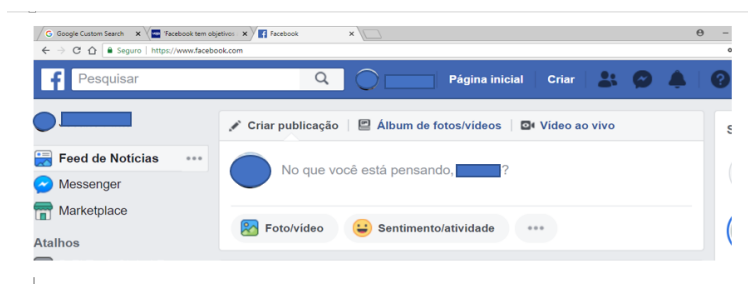
Ferreira (2018) divulga os dados apresentados pelo *Facebook*. O site possui um total de 2,2 bilhões de usuários ativos por mês e, no Brasil, já chega a 127 milhões mensais. Segundo o autor, o *Facebook* encontra-se na frente do *Whatsapp* no total de usuários.

Barton e Lee (2015) investigaram o espaço de escrita do *Facebook*, ou seja, as atualizações de *status*. Para os autores, elas foram criadas para *microblogging*, isto é, um

¹¹ MATSUKI, E. Facebook se torna a rede social mais acessada no Brasil. **Portal EBC**. In: <http://www.ebc.com.br/noticias/retrospectiva-2012/2012/12/retrospectiva-2012-facebook-se-torna-a-rede-social-mais-acessada>> Acesso em 24 jul 2017.

espaço para a escrita de mensagens curtas, relatando as atividades, pensamentos ou sentimentos do usuário. Esse espaço para a escrita sempre parte de uma frase motivacional que aparece no topo da página do perfil do usuário: “No que você está pensando?” e uma caixa de texto que, desde 2011, apresentou um aumento no limite de 420 para 5.000 caracteres, além do conteúdo multimodal que pode ser anexado ao texto, como podemos observar na Figura 3. A partir de 2017, mais uma alteração foi realizada. A caixa de texto pode ter cores ou temas relacionados aos fatos que acontecem no momento (solidariedade a uma cidade, onde houve ataque terrorista; defesa de grupos de homossexuais ou de afrodescendentes; etc.).

Figura 3- Página inicial do perfil do usuário



Fonte: <https://www.facebook.com>.

O usuário possui espaço para escrever sobre si mesmo, como afirmam Barton e Lee (2015), por exemplo: criação de um perfil *online* (o Facebook lançou um novo *layout* de perfil,¹² chamado linha do tempo em 2011); atualização de *status* contínua (mensagens curtas sobre a vida do usuário, sentimentos, atividades, opiniões, etc.); representação visual (uso de imagens visuais, principalmente fotografias). Ao criarmos um perfil, realizarmos atualizações, comentários, carregarmos uma imagem, (re)construímos uma autobiografia de nós mesmos, projetando novas identidades *online* e, também, trazendo-as para o mundo *offline*.

¹² “Um perfil é um esboço de informação básica sobre alguém. Por exemplo, num perfil de usuário do Facebook, as informações podem ir de dados demográficos, tais como nome, localização, data de nascimento, formação escolar-acadêmica até filosofia de vida e filmes favoritos” (BARTON; LEE, 2015, p. 100).

O recurso de “curtir” possibilita aos usuários dar um *feedback* positivo sobre uma publicação. Barton e Lee (2015, p. 120) relacionam algumas das funções pragmáticas:

[...] expressar postura positiva [...], quando não se quer deixar um comentário escrito; expressar interesse no *post* ou em seu conteúdo; mostrar apoio ao postador do conteúdo; concordar ou alinhar-se com a postura do postador do *status*; responder “sim” a uma questão levantada no *post*; indicar que o *post* foi lido.

Carvalho e Kramer (2013, p. 85), coadunando-se com a posição de Barton e Lee (2015), ressaltam que as postagens, realizadas em qualquer perfil no *Facebook*, possibilitam a adição “[...] de comentários, de compartilhamento da informação para amigos da rede e do ato de ‘curtir’[...]”, que indica a aprovação do conteúdo publicado. Elas acrescentam que:

[...] ao compartilhar uma notícia, o dono de um perfil divulga a informação para seus “amigos” que compõem sua rede de relacionamento. Desse modo, como um filtro, a rede espalha a informação para destinatários [...] ligados entre si digital e socialmente, transformando os próprios destinatários em enunciadores, pois eles repassam a informação produzida pelos locutores socialmente autorizados.

Dessa forma, as postagens oportunizam que os interlocutores possam interagir sobre a informação em tempo real, ao escolherem as reações, ao fazerem comentários e ao compartilharem.

O simples clicar no “curtir” envolve vários significados sociais e pragmáticos, ou seja, mostra o posicionamento do usuário, uma forma de interagir com o que foi postado, indicando, principalmente, concordância. Além disso, o *Facebook* inseriu mais possibilidades de interação, como podemos observar, na Figura 4:

Figura 4- Reações à postagem



Fonte: <https://www.facebook.com>.

Na Figura 4, o usuário pode indicar que amou a postagem (clicando no amei, o coração); considerou-a engraçada (cara sorridente, haha); classificou-a como algo surpreendente (carinha indicando uau); triste (carinha com a lágrima); e, por último, pode indicar que ficou aborrecido (carinha brava, Grr). Essas reações apresentam-se como uma maneira de interagir com as postagens no ambiente virtual, tentando se assemelhar à interação face-a-face e, além disso, podemos considerar o uso dessas reações como um ato multimodal (BARTON; LEE, 2015).

O *Facebook*, como uma rede social, permite a presença da instantaneidade e criatividade na interação entre os usuários. Barton e Lee (2015, p. 22) entendem que:

Facebook e Twitter são plataformas para as pessoas interagirem umas com as outras e se conectarem pela palavra escrita e outros conteúdos multimodais. Os usuários desses *sites* geralmente compartilham seus interesses e experiências cotidianos, avaliando e reagindo à música que ouviram, aos livros que leram e aos hotéis e restaurantes que visitaram.

Então, constitui-se um ambiente de escrita *online*, onde as pessoas interagem, expõem suas opiniões, suas vivências, entre outras. Ainda, apresenta-se o recurso de comentário, que funciona como um espaço para “minifóruns de discussão”, representando um meio democrático de exposição de ideias (BARTON; LEE, 2015, p. 59). Eles ainda afirmam que:

O *Facebook* é um dos melhores representantes da cultura de convergência. Os usuários podem facilmente se conectar a *sites* externos, por exemplo, um artigo de jornal, clicando no botão “curtir”. Isto imediatamente cria conexões intertextuais entre textos e recursos disponíveis *online*.

Castells (2017, p. 21), coadunando com os dois pesquisadores, destaca que esse ambiente apresentou uma expansão das “[...] formas de sociabilidade para redes de relacionamento entre pessoas identificadas de todas as idades”, caracterizando-se, cada vez mais, pela disputa nas discussões sobre política. Ele ressalta que:

Uma vez que a internet está se tornando um meio essencial de comunicação e organização em todas as esferas de atividade, é óbvio que também os movimentos sociais e o processo político a usam, e o farão cada vez mais, como um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar (CASTELLS, 2003, p. 114).

Por causa de sua popularidade, tornou-se uma plataforma de difusão de uma diversidade de informações, imagens, notícias, mensagens, tarefas profissionais, mobilizações políticas.

Em consonância com Ferrari (2010) e Castells (2017[1999]), Carvalho e Kramer (2013, p. 81) caracterizam esse meio virtual como a rede mais popular no Brasil, visto que reúne indivíduos com diferentes idades, classes sociais, graus de instrução e afirmam: “[...] essa não foi a primeira rede social, mas tornou-se a mais atraente, com um maior número de recursos e possibilidades de interação, que facilitam a troca de imagens e vídeos em tempo real [...]”.

Considerando que as comunidades virtuais se formam por meio da criação de **Grupos** e **Páginas**, apresentamos pontos de funcionamento que os assemelham e os diferenciam no próximo item.

1.6 GRUPOS E PÁGINAS NO *FACEBOOK*: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Em 2017, Mark Zuckerberg, presidente-executivo do *Facebook*, anunciou a disponibilização de novas ferramentas para gerenciar as comunidades existentes na rede, possibilitando sua ampliação para o total de um bilhão, já que a rede possui mais de dois bilhões de usuários. A nova missão da rede baseia-se em “[...] dar poder para as pessoas construírem comunidades e se aproximarem” (CAPELAS; INGIZZA, 2017, p.1).

Segundo Capelas e Ingizza (2017, p. 2), a ideia reside em colocar no centro, como protagonista, a ferramenta para a construção de comunidades. Eles afirmam que

“[...] apostar nos grupos é uma alternativa mais barata: em vez de crescer sua base, a rede tenta manter as pessoas mais tempo no site”. Um dos motivos para esse novo foco, de acordo com os autores, deve-se às recentes denúncias sobre o *Facebook* ter contribuído com a eleição do Donald Trump, divulgando notícias falsas.

Constitui-se uma forma de reconquistar a confiança dos usuários novamente ao investir em um espaço público para discussões. Dessa maneira, torna-se possível a formação de dois tipos de comunidade *online*: Grupos e Páginas. Em ambos, um dos objetivos principais é unir indivíduos, cujos interesses parecem ser comuns.

Outra semelhança pode ser observada na Figura 5:

Figura 5- Recursos disponíveis aos participantes



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/895856523916445/>.

Na Figura 5, apresenta-se, à direita, sobrepondo-se à publicação, as opções de: salvar a publicação, ativar as notificações dessa publicação, mostrar na guia, denunciar ao administrador e dar *feedback* ou denunciar publicação. Elas configuram-se como uma forma de controle das postagens.

Para compreender os Grupos e as Páginas, apresentamos algumas diferenças.

1.6.1 Grupos

Os grupos constituem-se por um número limite de membros (KURTZ, 2013) e apresentam-se com as seguintes opções de visibilidade: visível (“acessível ao público

para que todos possam participar”); privado (“não-membros não têm permissão para ler o conteúdo do grupo”); e secreto (“não-membros não têm acesso a nenhuma informação sobre o grupo”).¹³

O *Facebook* disponibiliza, aos Grupos, ferramentas “[...] para acompanhar o desempenho de determinados membros como para aprovar novos integrantes ou remover indivíduos inconvenientes”¹⁴, como podemos verificar:

Insights de Grupo: mostrados em um painel que reúne dados em tempo real sobre crescimento, engajamento, e dos integrantes, como os posts publicados por cada um[...]; **Filtros para pedidos de associação:** que inclui categorias como gênero e localização; **Remoção de membros:** que exclui não só o integrante como todo o conteúdo criado por ele; **Publicações agendadas;** **Recomendações de Grupos:** [...] administradores poderão recomendar aos membros outros grupos similares.¹⁵

Os cinco itens acima facilitam o gerenciamento e o controle das postagens, mantendo o foco dos membros. Em cada grupo, há moderador(es) ou administrador(es) que controlam a entrada de novas pessoas, a publicação das postagens e têm autoridade para remover aqueles que estejam desalinhados com os objetivos estabelecidos.

Podemos observar, na Figura 6, um *print* de alguns Grupos da direita:

Figura 6- Grupos da direita



Fonte: <https://www.facebook.com/search/groups/?q=direita%20conservadora>.

¹³ **Grupos do Facebook.** Disponível em: <<http://www.comofazerfacebook.com.br/grupos-do-facebook/>>. Acesso em 20 abril 2018.

¹⁴ Facebook anuncia ferramentas para controlar comunidades na rede social. **G1**, 22 jun. 2017. Disponível em : <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-anuncia-ferramentas-para-monitorar-comunidades-na-rede-social.ghtml>>. Acesso em 20 abril 2018.

¹⁵ *Ibid.*

Na imagem, aparece o filtro de resultados à esquerda; para nossa pesquisa solicitamos mostrar qualquer grupo. No centro da Figura 6, exibem-se três: Direita Liberal-Conservadora, Conservadores de Direita Tradicionais e Direita Conservadora. Do lado esquerdo dos nomes, há a foto de perfil do grupo; no canto direito, o ícone para solicitar participação (+ Participar) e, logo abaixo do nome, aparece o número total de membros (atualizado a todo instante), quantidade de postagens realizadas por dia, local (cidade, estado ou país) e objetivo(s).

1.6.2 Páginas

As Páginas constituem-se em comunidades com a presença de um controle menor e o objetivo de comunicação com o grande público. Kurtz (2013, p.2) destaca as seguintes diferenças nos dois tipos de comunidades:

Não se esqueça que as duas plataformas possuem funcionalidades quase idênticas, como mural, álbum de fotos e um nível semelhante de moderação. Os grupos, entretanto, oferecem mais controle para seus participantes, sendo possível aprovar ou não a entrada de um novo membro. Nas Páginas, isso não ocorre.

A distinção principal baseia-se no controle de acesso e participação dos membros. Podemos observar, na Figura 7, um *print* com algumas Páginas:

Figura 7- Páginas da Direita



Fonte: <https://www.facebook.com/search/pages/?q=direita%20conservadora>.

Na Figura 7, observamos o posicionamento, no lado esquerdo, da foto de perfil e do nome da Página e, no lado direito, o ícone curtir. Logo abaixo do nome da Página, temos o total de pessoas que a curtiram e, também, a categoria escolhida no momento da criação, se é organização política, comunidade, causa, partido político, entre outros¹⁶. Além disso, apresenta-se o objetivo principal. As informações não se encontram restritas, como nos Grupos qualquer pessoa interessada pode acessá-las.

Destacamos a inter-relação entre Grupos e Páginas, como observam Capelas e Ingizza (2017, p. 2) na seguinte citação:

Os grupos de humor são exemplo de como a estratégia pode trazer resultados rápidos. Em abril, por exemplo, a página Site dos Menes ganhou um grupo dedicado a criar piadas e imagens engraçadas. Nele, os 190 mil membros publicam uma média de 1,1 mil postagens por dia. As melhores são selecionadas para a página principal.

Os pesquisadores apresentam a página “Site dos Menes”, como um exemplo dessa conexão, pois nela são postadas as melhores imagens e/ou piadas que aparecem primeiro no Grupo fechado. Assim, o *Facebook* proporciona uma interatividade maior entre as comunidades, que ocorre, principalmente, por meio do discurso.

Para nossa pesquisa, selecionamos as Páginas, por considerarmos a não-obrigatoriedade de ser membro para ter acesso às postagens e por entendermos que elas revelam sua identidade e seu alinhamento ideológico durante o processo interacional. No item seguinte, discutimos o *Facebook* como um veículo importante na divulgação do discurso político.

1.7 O DISCURSO POLÍTICO NO FACEBOOK

Ao considerarmos a posição de Charaudeau (2011) para quem o discurso político é social, constitui os grupos e circula em seu interior, observamos que esta posição se coaduna às de Chilton (2004) e Palumbo (2013), ao tratarem do surgimento das práticas

¹⁶**Facebook.** Listagem completa das categorias e subcategorias. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/category/>>. Acesso em 28 dez. 2019.

discursivas no discurso político. Segundo Palumbo (2013, p. 74), a interação entre as instâncias política e cidadã ocorre nas práticas discursivas:

Neste conceito de política, que pode ser entendido como política diária, incluem-se os discursos dos cidadãos em protestos, em apresentações de propostas cívicas e em outros tipos de manifestações e de reuniões. Isto significa afirmar que grupos – por exemplo, quando se manifestam em busca de direitos sociais, raciais, etc. – elaboram um discurso o qual também pode ser visto como político, pois a situação social assim o determina.

Entendemos que o discurso político se filia à prática discursiva de um cidadão que externa crenças, ideologias, opiniões a respeito da manutenção ou mudança de um grupo que está no poder. Um exemplo, que podemos apresentar, corresponde à movimentação nas redes sociais, principalmente, no *Facebook*, revelando a polarização do discurso político brasileiro nos anos de 2017 e 2018, devido às eleições para os cargos de presidente, governador, senador e deputados federais e estaduais.

Essa filiação das instâncias política e cidadã ocorre por meio do uso estratégico da linguagem, pelo qual os grupos elaboram a(s) realidade(s) discursiva(s) que interage(m) com essa relação de força, de poder. Esse constitui-se um processo dinâmico que se caracteriza por ser um jogo “[...] em que há tentativas diversas de persuasão e de sedução, formuladas e reformuladas conforme a ação e a reação de determinados auditórios e das situações interativas nas quais os discursos são produzidos” (PALUMBO, 2013, p. 76).

Ao destacar essa dinamicidade do discurso, Palumbo (2013, p. 78) e também Castells (2017 [1999]) usam a metáfora da vida em sociedade como uma rede, que se apresenta repleta de conexões dos variados campos, como educação, mídia, entre outros. Assim, há o envolvimento entre a política no sentido macro (“o evento no seu estado bruto”) e as práticas discursivas. Estas últimas, por sua vez, estão em diálogo com as mudanças sociais e constituem a identidade do indivíduo e do grupo.

A realidade discursiva, na qual se faz presente a interface entre as instâncias políticas e cidadã, ocorre em ambientes diversos, entre eles, as novas mídias, em especial, o *Facebook*, visto que a internet, hoje, além de ser um meio de comunicação, também, se tornou “[...] uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana

explode numa cacofonia de sotaques” (CASTELLS, 2003, p. 115). Dessa maneira, temos o espaço propício para a disseminação do discurso político.

Em consonância com Castells (2003), Charaudeau (2011, p. 27) ressalta os efeitos da mídiatização. Um deles foi a abolição dos limites, das fronteiras entre o público e o privado; outro foi a presença dos mesmos interesses nas instâncias política e civil, dificultando a identificação da presença do “poder real”. Para o autor, a “sociedade mídiatizada” toma o controle cada vez mais do “espaço privado” e “[...] tudo o que diz respeito ao privado (doenças, catástrofes, escola, empresa, etc.) é tratado sob a ótica da responsabilidade civil”. Vivenciamos, no dia-a-dia, essa realidade, pois a discussão dos assuntos políticos se tornou presente, no *Facebook*, por meio da circulação rápida de informações e opiniões, transformando-o em um espaço importante para a manifestação identitária e ideológica dos indivíduos.

O mesmo autor entende que o discurso político circula, então, entre os diversos setores, promovendo uma “rede de contatos e de intersecções”, mas também de ramificações e de divergências. Nesse entrelaçar da rede, sofre constantes metamorfoses, como Charaudeau (2011, p. 31) destaca:

Tudo isso faz com que as fronteiras entre os diferentes setores de atividade, entre os espaços de decisão, de persuasão e de discussão, e entre espaço público e privado tornem-se mais e mais fluidas. Desse modo, é bastante difícil raciocinar em termos essencialistas e pressupor a existência de um espaço público e de um espaço privado acabados, de uma comunidade política e de uma comunidade civil claramente circunscritas.

Essa fluidez¹⁷ encontra-se presente nas redes sociais, onde as barreiras entre privado e público foram eliminadas. Nesse meio, o discurso político circula, com bastante intensidade, na atualidade, sofrendo sucessivas mudanças, em decorrência da modernidade. Uma palavra que resume “[...] o estágio presente da era moderna” e representa a ideia de leveza, mobilidade e inconstância na qual estamos imersos (BAUMAN, 2001, p. 8).

Para Bauman (2001, p. 13), um traço permanente da modernidade apresenta-se no “derretimento dos sólidos”, ou melhor, quebram-se e reconstroem-se paradigmas sob

¹⁷ “Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados” [...]”. Essa definição reforça a tese de que a mobilidade intensa dos fluidos reflete a leveza e a instabilidade (BAUMAN, 2001, p.8).

um novo olhar que representa a transitoriedade e o poder de mudança da sociedade atual.

Ele afirma:

Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de “quebrar a forma” na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar.

Assim, os moldes foram quebrados, mas substituídos sempre por outros adaptados à essa modernidade. Por isso, as novas mídias trouxeram a inovação, a instantaneidade, a possibilidade de remodelar o discurso político.

As novas mídias permitiram formas diferentes de o discurso político se manifestar. Miguel (2000, p. 28) afirma que a mídia promoveu mudanças na política, as quais se ampliam para além da percepção da população a respeito desse tema, alcançando até o comportamento dos políticos. O autor caracteriza o discurso político da seguinte forma:

O discurso político, embora se utilize do passado e o redesenhe permanentemente, se projeta com muito mais frequência em direção ao futuro. Mesmo quando fala sobre o passado, para resgatar uma tradição ou reverenciar a memória de um grande homem, está de olhos voltados para o porvir. A tradição é invocada na esperança de sua continuidade (ou daquilo que se apresenta como sendo sua continuidade) [...].

Todo discurso político refere-se ao futuro, mesmo que use o passado ou presente; o objetivo encontra-se na projeção de uma sociedade do futuro, muitas vezes até de forma utópica.

Além do foco no futuro, o discurso político busca uma unidade, mesmo que fictícia, e substitui uma multiplicidade natural e necessária a uma sociedade democrática.

Miguel (2000, p. 39) destaca:

Todo projeto político busca uma unidade capaz de levá-lo adiante, de implantá-lo. Para que ganhe viabilidade, ele precisa reunir uma multiplicidade de individualidades, interesses e ambições num projeto comum. Deve incorporar o particular num geral e, de maneira reversa, tornar o geral integrante dos particulares. Assim fazendo, ele muitas vezes redefine os interesses particulares, já que eles não são dados estanques, mas produtos do cruzamento entre as situações vividas, a consciência que se tem delas e as identidades compartilhadas. Essa é a tarefa criadora da política.

Essa tentativa de forçar uma falsa unidade gera muitos conflitos e nega a multiplicidade de indivíduos, ideias, crenças, ideologias, entre outros, que fazem parte de nosso cotidiano. Outro ponto importante, ressaltado pelo pesquisador, trata-se da relação entre o particular e o geral presente no discurso político, visto que temos as identidades individuais e coletivas, que vão sendo construídas, a partir dessas interações, que transforma o discurso político e a própria forma de se fazer a prática política.

Tendo em vista essa natureza do discurso político, podemos considerá-lo transformador, porque ele pode iniciar de uma maneira e finalizar o percurso de modo totalmente diferente de sua origem. Pinto (2006, p. 89-90) também destaca as mudanças pelas quais o discurso político está sujeito e declara que: “Ele sofre cotidianamente a desconstrução, ao mesmo tempo só se constrói pela desconstrução do outro. É, portanto, dinâmico, frágil e, facilmente, expõe sua condição provisória”. As mutações contínuas de um discurso político refletem, igualmente, as que um indivíduo passa ao longo de suas experiências. Nessa direção, a autora observa que:

O discurso político é o discurso do sujeito por excelência. A constituição do sujeito obedece às mesmas regras do discurso, ele não é anterior nem tampouco essencial, derivado de leis da história ou da própria natureza. Ao longo da nossa vida, temos várias posicionalidades como sujeitos. Somos sujeitos de múltiplos discursos.

Por refletir o discurso do sujeito em um *continuum* de mudança, o discurso político também assume essa característica de transformação constante, visto que “[...] ao mesmo tempo que constrói sujeitos, enfrenta-se com sujeitos já construídos” (PINTO, 2006, p. 90).

Podemos dizer que o discurso político se constitui, a partir das convergências e das divergências, em uma ágora moderna, chamada *Facebook*, acontecendo ali um embate ideológico. No próximo capítulo, tratamos da ideologia e de como ela se faz presente nessa sociedade em rede, a fim de compreendermos sua relação com o discurso político.

CAPÍTULO II

A IDEOLOGIA E AS MÍDIAS DIGITAIS

2 A IDEOLOGIA E AS MÍDIAS DIGITAIS

Para entendermos melhor o conceito de ideologia e a identificarmos no discurso das Páginas políticas no *Facebook*, procedemos à interface entre os ECD e algumas áreas das Ciências Sociais, como, Filosofia, Comunicação e Ciência Política. Embora esta pesquisa tenha como principal alicerce os ECD, utilizamos esses domínios afins para construir nossa discussão em uma base multidisciplinar.

Com base em Sader (1995), Giddens (1996), Eagleton (1997), Singer (2002, 2018), van Dijk (2011), Thompson (2011[1990]), Bobbio (2011[1995]), Mészáros (2014), Ardan (2018), entre outros, apresentamos o conceito de ideologia desses estudiosos, com o objetivo de compreender a polarização entre os eixos ideológicos, direita e esquerda, que se intensificou no Brasil na última década.

A presença do discurso político nas comunidades *online*, a rejeição ao Partido dos Trabalhadores (PT) e a expansão da Nova Direita (ND), conservadora nos costumes, mas liberal nas questões econômicas, motivou-nos a discutir como o discurso político se materializa no texto multimodal, no qual se apresenta uma composição das linguagens verbal e visual, revelando as concepções ideológicas e a construção identitária das Páginas do *Facebook*.

2.1 AS IDEOLOGIAS E SEUS PRINCIPAIS CONCEITOS

Os ECD interessam-se pela relação entre discurso e poder, devido ao engajamento social e político a favor da igualdade; permeando essa relação, temos as ideologias e, neste sentido, destacamos a afirmação de van Dijk (2011, p. 382, tradução nossa) que as “[...] ideologias são uma forma de cognição social, isto é, crenças compartilhadas e distribuídas pelas (mentes dos) membros do grupo”.¹⁸ Elas caracterizam-se por serem sistemas de representações mentais, partilhadas socialmente, exercendo o controle das práticas sociais dos indivíduos. Como o discurso se constitui uma prática social, logo as ideologias exercem influência sobre ele.

¹⁸ No original: “[...] ideologies are a form of social cognition, that is, beliefs shared by and distributed over (the minds of) group members”.

Van Dijk (2011, p. 380, tradução nossa) observa que as ideologias:

[...] são definidas informalmente como sistemas gerais de ideias básicas [...] que irão influenciar sua interpretação dos eventos sociais e situações e controlar seu discurso e outras práticas sociais como membros de um grupo.¹⁹

Para esse estudioso, as ideologias não são adquiridas ou sofrem modificação de forma repentina; na verdade, elas desenvolvem-se, adaptam-se, a partir de debates, discussões e outras formas de discurso - o autor exemplifica com o liberalismo, feminismo e socialismo. Ainda, refere-se às ideologias, afirmando que “[...] são definidas para os grupos, e não para membros individuais que ‘usarão’, ‘aplicarão’ ou ‘realizarão’ ideologias nos seus cotidianos [...]” (VAN DIJK, 2011, p.383, tradução nossa).²⁰

Dessa forma, qualquer alteração, mudança só ocorrerá se for aceita, compartilhada por todos do grupo. O autor ainda ressalta que as ideologias se constituem representações mentais, usadas e aplicadas pelos membros, como base para uma conduta ideológica, que se reflete na prática discursiva (apenas uma de muitas outras práticas).

A proposta que esse pesquisador apresenta quanto às categorias de estrutura das ideologias pode ser observada no seguinte quadro:

Quadro 3- Quadro das categorias de estrutura das ideologias

Identidade (Quem somos nós? Quem nos pertence? De onde nós viemos?)
Atividades (O que nós geralmente fazemos? Qual é nossa tarefa?)
Objetivos (O que nós queremos obter?)
Normas e valores (O que é bom/ruim, permitido/proibido para nós?)
Relações do grupo (Quem são nossos aliados e oponentes?)
Recursos (Qual é a base do nosso poder ou da nossa falta de poder?)

Fonte: VAN DIJK, 2011, p. 10904²¹(tradução nossa).

¹⁹ No original: “Ideologies, thus informally defined, are general systems of basic ideas shared by members of a social group, ideas that will influence their interpretation of social events and situations and control their discourse and other social practices as group members”.

²⁰ No original: “They defined for groups, and not for individual members who will ‘use’, ‘apply’ or ‘perform’ ideologies in their everyday lives, for which we must account in a different way, namely in terms of mental models”.

²¹ A citação foi retirada de um *e-book* que tem a indicação de posição e não de página.

No Quadro 3, van Dijk propõe a identificação de seis categorias que auxiliam na construção não só da identidade de uma comunidade, mas também de seu alinhamento ideológico e comenta que, apesar da longa tradição do pensamento político e filosófico, na discussão da natureza das ideologias pouca atenção se dá à natureza precisa das mesmas, assim como à reprodução discursiva. Van Dijk (2011, p. 386, tradução nossa) observa: “Estas categorias fundamentais de organização das ideologias formam um esquema geral que reflete como os grupos irão gradualmente desenvolver um conceito-próprio que é o resultado de suas experiências compartilhadas e coletivas na sociedade”.²²

Cada grupo desenvolve identidade, objetivos, valores que serão compartilhados, inclusive, com os novos membros. Estes aprenderão e reproduzirão as práticas ideológicas do grupo, opondo-se aos que não fazem parte dele. Na opinião de van Dijk (2011), a ideologia constitui a autoimagem de um grupo. No entanto, o autor acredita que, muitas vezes, os membros podem não estar conscientes das ideologias que influenciam opiniões e ações.

A ideologia está enraizada em toda a nossa sociedade, embora não consigamos perceber ou entendê-la e, além disso, ela influencia nossas práticas, dividindo-nos em grupos, seja de forma consciente ou não.

O conceito de ideologia apresenta um histórico sinuoso. Thompson (2011[1990], p. 43), com base na Teoria Social Crítica, destaca, de forma resumida, a trajetória tumultuada dessa definição:

O conceito de ideologia teve um parto difícil e, como se isso não bastasse, sua história de vida subsequente teve poucas alegrias. Tomado em diferentes acepções pelas ciências sociais emergentes do século XIX e começo do século XX, o conceito de ideologia foi puxado numa direção e empurrado para outra, e durante todo esse tempo ele se tornou um termo que desempenhou um papel nas batalhas políticas da vida cotidiana. Quando usamos, hoje, o termo ideologia, empregamos um conceito que carrega os traços, embora desbotados, dos muitos usos que caracterizam a sua história.

²² No original: “These fundamental categories of the organization of ideologies form a general schema that reflects how groups will gradually develop a self-concept that is the result of their collective, shared experiences in society”.

Dessa forma, o termo ocupou, em alguns momentos, a posição central, e em outros, recebeu o esvaziamento de ideias ou adquiriu um cunho negativo. Mesmo assim, ele sempre esteve presente no discurso em todos os contextos de discussões sociais e políticas. Hoje, no século XXI, o conceito de ideologia apresenta os traços que marcam, historicamente, esse caminho repleto de obstáculos.

O autor declara que a análise do conceito de ideologia se constitui um convite para o estudo das “[...] maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2011[1990], p. 76). Para ele, os fenômenos simbólicos ideológicos possuem significado, quando eles se tornam responsáveis por essas relações em contextos sócio-históricos diversos.

Esse sentido do qual o autor trata nessa citação materializa-se nas formas simbólicas, que se apresentam definidas como “[...] um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos [...]”. Ele ainda acrescenta que essas formas “[...] podem também ser não linguísticas ou quase-linguísticas em sua natureza (por exemplo, uma imagem visual ou um construto que combina imagens e palavras)” e que podem ser analisadas, considerando cinco aspectos principais: intencional, convencional, estrutural, referencial e contextual (THOMPSON, 2011[1990], p. 79).

Elas revelam a intenção do sujeito, as convenções sociais ou de qualquer ordem presentes no texto (verbal, imagético ou multimodal), a estrutura de um determinado gênero, o referente selecionado que remete a um signo linguístico e o contexto no qual aflora a realidade social, econômica e política.

2.1.1 Os modos de operação de formas simbólicas ideológicas

Thompson (2011[1990], p. 80) identifica os modos de operação das formas simbólicas ideológicas, que podem criar ou reforçar as relações de dominação: “legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação”. Para cada modo, ele identifica as estratégias usadas para a construção dessas formas.

No modo de operação, denominado legitimação, podem ser usadas as estratégias de: a) racionalização, na qual o indivíduo usa uma cadeia de pensamento racional para

justificar uma forma simbólica ideológica; b) universalização, quando os indivíduos estabelecem acordos institucionais que deixam de ter caráter individual e passam a servir à coletividade; c) narrativização, presente nos textos que tratam do passado, mas, ao mesmo tempo, abordam o presente.

O segundo modo de operação constitui a dissimulação, que usa a estratégia do deslocamento para transferir os conceitos positivos e negativos de um termo, que se refere a um determinado objeto, para outro. A outra denomina-se eufemização, na qual instituições, relações sociais, ações adquirem uma valoração positiva, quando são descritas. O tropo é a última desse modo de operação e possui, como principal característica, o uso das figuras de linguagem, como metáfora, sinédoque e metonímia, para revelar as relações de dominação.

A unificação apresenta-se como o terceiro modo, que se manifesta na construção de uma ligação coesa entre os indivíduos, procurando alcançar uma identidade coletiva, e usa as estratégias de standardização e de simbolização da unidade. O uso de símbolos nacionais para o estabelecimento desse elo torna-se o exemplo mais comum.

Define-se o modo seguinte como fragmentação; ele se opõe ao anterior e possui como estratégias a diferenciação e o expurgo do outro. A primeira refere-se à busca pela divisão dos grupos, enfatizando as diferenças; a segunda caracteriza-se pela construção da imagem de um inimigo, como uma ameaça interna ou externa.

A reificação constitui o quinto e último modo de operação da ideologia, no qual “[...] as relações de dominação podem ser estabelecidas ou sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se fosse uma situação permanente, natural [...]” (THOMPSON, 2011[1990], p. 87). Utilizam-se as estratégias de naturalização (transformação em um acontecimento natural), eternalização (fenômenos sócio-históricos apresentam-se com caráter de permanência e imutabilidade) e nominalização/passivização (uso de nomes e de voz passiva para atrair a atenção do ouvinte/leitor, para aquele determinado tema, estabelecendo uma forma de dominação).

A preocupação de Thompson (2011[1990]), ao estabelecer os modos de operação dos fenômenos ideológicos e suas estratégias, sustentadas pelas relações de dominação, coaduna-se com a proposta dos ECD ao estudar as formas de abuso do poder.

Identifica-se outro teórico a trabalhar com o conceito de ideologia, partindo da base filosófica - Eagleton (1997, p. 12-13, negrito do autor). Ele entende ideologia em um sentido abstrato, ou seja, como ideias que exercem influência sobre os homens de tal forma, tornando-os capazes de viver ou morrer por elas:

O que induz homens e mulheres a confundir-se, de tempos em tempos, com deuses ou vermes é a **ideologia**. Pode-se entender perfeitamente bem como os seres humanos são capazes de lutar e matar por razões materiais – razões relacionadas, por exemplo, com sua sobrevivência física. É muito mais difícil compreender por que chegam a fazer isso em nome de algo tão aparentemente abstrato como as ideias. No entanto, é em razão das ideias que homens e mulheres vivem e, às vezes, morrem.

Chauí (2012, p. 98) apresenta um posicionamento semelhante sobre a abstração desse conceito e destaca que “[...] o poder ou a eficácia da ideologia aumentam quanto maior for sua capacidade para ocultar a origem da divisão social em classes e a luta de classes”. O discurso ideológico “[...] não diz tudo e não pode dizer tudo[...]”, visto que “[...] é um instrumento de dominação”, de acordo com a pesquisadora (CHAUÍ, 2012, p. 133). Essa omissão no ato de dizer manifesta-se no discurso de formas diferentes, como no uso do silêncio, por exemplo. Essas atitudes manifestam a intencionalidade ideológica do indivíduo na escolha das estratégias discursivas.

Esse, também, constitui o entendimento de Mészáros (2014, p. 57) quando declara:

Isto pode ser surpresa para muitos. No entanto, a verdade é que em nossas sociedades tudo está “impregnado de ideologia”, quer a percebamos, quer não. Além disso, em nossa cultura liberal-conservadora o sistema ideológico socialmente estabelecido e dominante funciona de modo a apresentar – ou desvirtuar – suas próprias regras de seletividade, preconceito, discriminação e até distorção sistemática como “normalidade”, “objetividade” e “imparcialidade científica”.

Eagleton (1997), Chauí (2012) e Mészáros (2014), partindo da base filosófica, compartilham o conceito de ideologia como algo abstrato, porém, ela encontra-se presente no cotidiano e, sob sua influência, podemos alcançar os extremos, principalmente, quando há a radicalização do discurso ideológico. Todavia, os autores destacam a tentativa de neutralização de sua existência, que se revela em uma “falsa”

ideia de unidade, pois resulta do exercício de poder das elites no domínio das outras classes sociais.

Eagleton (1997, p.19) também apresenta essa ideia de dominação de uma classe ou de um grupo social dominante, como sendo a definição de “ideologia” mais aceita, como podemos observar na afirmação:

Um poder dominante pode legitimar-se promovendo crenças e valores compatíveis com ele; naturalizando e universalizando tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; denegrindo ideias que possam desafiá-lo; excluindo formas rivais de pensamento[...]; e obscurecendo a realidade social de modo a favorecê-lo.

No entanto, o autor identifica problemas nessa visão que poderiam ser resolvidos, segundo ele, ampliando a definição, a partir de uma “[...]intersecção entre sistemas de crença e poder político” (EAGLETON, 1997, p. 20). Para o teórico, ideologia e política não podem ser consideradas iguais, pois a política se refere “[...] aos processos de poder mediante os quais as ordens sociais são mantidas ou desafiadas[...]”, enquanto a ideologia “[...] diz respeito aos modos pelos quais esses processos de poder ficam presos[...] ao significado” (EAGLETON, 1997, p. 24). Quando o interlocutor lança um enunciado, na arena de discussões, há um valor ideológico, que revela, possivelmente, ideias contrárias à classe que se encontra no poder.

Além disso, Eagleton (1997, p.31) destaca que existe a presença de uma estreita ligação entre ideologia e identidade, pois esta última se constitui a partir da primeira, conforme constatamos pela citação:

Com bastante frequência parece ser uma miscelânea de refrãos ou provérbios impessoais, desprovidos de tema; no entanto, esses chavões batidos estão profundamente entrelaçados com as raízes de identidade pessoal que nos impele, de tempos em tempos, ao assassinato ou à tortura. Na esfera da ideologia, o particular concreto e a verdade universal deslizam sem parar para dentro e para fora um do outro, evitando a mediação da análise racional.

Entre a identidade e a ideologia, há uma inter-relação, pois uma alimenta a outra, muitas vezes, na ausência de uma base racional, porém, materializada no âmbito do discurso em um movimento incessante entre o “particular concreto” e a “verdade universal”, porque toda a realidade que nos cerca apresenta-se, sempre, em contínua mudança.

Esse movimento constante de transformação representa a razão para a existência de diferentes definições para o termo “ideologia”; dentre elas, destacamos a posição de filósofos, como Althusser (1980, p. 77) que revisita Marx e amplia o conceito de ideologia, propondo duas teses sobre sua estrutura e funcionamento: “Tese 1: A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as condições reais de existência. [...] Tese 2: A ideologia tem existência material”.

Desse modo, o autor defende, ao desenvolver sua teoria sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIEs)²³, que a ideologia resulta dessa relação entre a realidade e a representação imaginária desse mundo e torna-se presente, materializa-se nas práticas desses AIEs. Mais adiante, ele resume: “1- Só existe prática através e sob uma ideologia; 2- Só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos” (ALTHUSSER, 1980, p. 91). Com sua tese, Althusser (1980) afirma o caráter indispensável da ideologia, por estar vinculada às “práticas”, à vida social, à realidade.

Aron (2016, p. 184) compartilha dessa mesma ideia e discute a situação das ideologias de esquerda na década de 50, ao declarar:

As ideologias políticas sempre misturam, com maior ou menor habilidade, proposições de fato e julgamentos de valor. Expressam uma perspectiva com relação ao mundo e um querer voltado para o futuro. Não caem diretamente nas categorias de verdade ou mentira e tampouco pertencem à ordem do gosto e das cores.

Os dois autores concebem as ideologias, vinculando-as ao juízo de valor e à luta pelo poder, visto que se materializam em todas as formas de manifestação discursiva, revelando o contexto histórico, social, econômico e político, no qual as classes (que lutam por se manterem no domínio e aquelas que buscam a igualdade social) se encontram inseridas.

Boudon (1989, p. 33) apresenta uma resenha de vários autores que tratam do conceito das ideologias que se resume da seguinte forma: “[...] esta discussão sobre a definição da noção de ideologia gira, como se vê, em torno de uma única questão: é ou não necessário definir a ideologia em relação ao critério de verdade e do erro”. Destaca-

²³ “[...] um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1980, p. 43). O autor lista os AIEs: religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, da informação, cultural.

se que o entendimento do conceito de ideologia não constitui um ponto pacífico entre os diferentes autores.

Sobre isso, Eagleton (1997, p. 15) assegura:

A palavra “ideologia” é, por assim dizer, um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceptuais; é traçado por divergentes histórias, e mais importante, provavelmente, do que forçar essas linhagens a reunir-se em alguma Grande Teoria Global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado.

Essa “trama inteira de diferentes fios conceptuais” não nos permite escolher apenas uma definição de ideologia. Afinal, apresentam-se diferentes abordagens teóricas, a partir de disciplinas distintas, mas que se complementam de algum modo.

2.1.2 A abordagem multiparadigmática da ideologia

Ardalan (2018) parece coadunar-se com esse entendimento e apresenta uma abordagem multiparadigmática da concepção de ideologia, que resumimos aqui.

No paradigma funcionalista, concebe-se a sociedade como possuidora de uma existência concreta e seguidora de uma determinada ordem, com raízes na tradição positivista. Ardalan (2018, p. 5-6) destaca que os funcionalistas definiam ideologia da seguinte forma:

[...] é um sistema de crenças que é compartilhada pelos membros de uma coletividade, que pode ser a sociedade, ou a sub-coletividade da sociedade, incluindo um movimento distorcido da cultura principal da sociedade. Ideologia é um sistema de ideias cuja orientação é a integração avaliativa da coletividade.²⁴

Esse estudioso entende que a ideologia, com base no paradigma funcionalista, orienta-se na direção da integração da coletividade, proporcionando uma legitimação cognitiva dos “[...] padrões de orientação de valor”²⁵ (ARDALAN, 2018, p. 7).

²⁴ No original: “[...]is a system of beliefs is held in common by the members of a collectivity, which may be a society, or a sub-collectivity of a Society, including a moviment deviant from the main culture of the society. An ideology is a system of ideas whose orientation is the evaluative integration of the collectivity”.

²⁵ Ardalan (2018) usa, no texto, o termo “value-orientation patterns”.

Em seguida, o autor apresenta o paradigma interpretativo, o qual “[...] assume que a realidade social é o resultado das interpretações subjetivas dos indivíduos [...]” (ARDALAN, 2018, p. 7).²⁶ Imersa nesse paradigma, a ideologia é concebida, como “[...] um sistema ordenado de símbolos culturais, ou seja, um sistema de símbolos. Ele envolve uma concepção sofisticada do processo autônomo de formulação simbólica” (ARDALAN, 2018, p. 9).²⁷ Ele complementa, defendendo que o homem, dentro desse modelo, assume a identidade de um ser político, por meio da construção das ideologias que se tornam fontes cruciais de significados e atitudes sociopolíticas.

O próximo paradigma constitui-se o humanista radical, que “[...] promove críticas ao *status quo*, com a preocupação em articular, a partir de uma perspectiva subjetiva, a sociologia de mudança radical, modos de dominação, emancipação, privação e potencialidade”. Ardalan (2018, p.11) acrescenta que esse paradigma tende a ver a sociedade como anti-humana e “[...] a consciência dos seres humanos é dominada pelas superestruturas ideológicas do sistema social, que resulta na sua alienação e consciência falsa”.²⁸

O último paradigma denomina-se estruturalista radical e caracteriza-se por conceber “[...] a realidade como sendo objetiva e concreta e está enraizada na visão materialista do mundo natural e social. [...] Esse paradigma vê a sociedade como uma força potencialmente dominante”. Compreende a ideologia como “[...] um corpo de ideias que sistematicamente tendência em direção a um grupo social específico, seja ele uma classe, uma nação, uma profissão ou uma raça” (ARDALAN, 2018, p. 13-15).²⁹

Ardalan (2018) defende que a ideologia deveria ser considerada como as ideias dominantes em uma determinada sociedade, devido ao caráter hegemônico que possui. Por isso, a ideologia recebe o consentimento para a ordem social, unindo todos em torno dela e fazendo com que seja vivenciada no dia a dia.

²⁶ No original: “[...] assumes that social reality is the result of the subjective interpretations of individuals. It sees the social world as a process that is created by individuals.”

²⁷ No original: “[...] is an ordered system of cultural symbols, that is, a symbol-system. It involves a sophisticated conception of the autonomous processes of symbolic formulation”.

²⁸ No original: “[...] provides critiques of the status quo and is concerned to articulate, from a subjective standpoint, the sociology of radical change, modes of domination, emancipation, deprivation and potentiality”; “[...] the consciousness of human beings is dominated by the ideological superstructures of the social system, which results in their alienation and false consciousness”.

²⁹ No original: “[...] reality is objective and concrete, as it rooted in the materialist view of natural and social world. [...] This paradigm views society as a potentially dominating force”. “[...] is a body of ideas systematically biased towards a specific social group, be it a class, a nation, a profession or a race”.

Com base na abordagem multiparadigmática, apresentada pelo pesquisador, acreditamos que o paradigma interpretativo se alinha com nossa discussão sobre ideologia, identidade e discurso político no *Facebook*, porque entendemos o indivíduo como um ser político. Essa identidade revela-se na interação discursiva polarizada entre direita e esquerda, além de promover uma mobilização para discussão política nessa rede social, como discutimos no próximo item.

2.2 OS EIXOS IDEOLÓGICOS DIREITA E ESQUERDA: UMA DISTINÇÃO AINDA NECESSÁRIA

Diante dessa movimentação social, os eixos ideológicos materializam-se, principalmente, na ideologia da direita e na ideologia da esquerda. Essa polarização apresenta-se na seguinte observação de Ardalán (2018, p. 12) sobre ideologia: “[...] reflete a formação da classe em ascensão, a qual se baseia na generalização da ascensão da ideologia burguesa, como uma arma contra o feudalismo, e a ascensão do Marxismo como uma arma contra a ideologia burguesa”.³⁰

O autor acredita que a ideologia burguesa se torna dominante, ou seja, hegemônica, incorporando-se, assim, às instituições e às práticas sociais e usando diferentes meios, para esse discurso refletir o poder. Nesse sentido, há intelectuais que se preocupam em reforçar as ideologias, legitimando o sistema social existente e suprimindo a ideologia contrária.

Outro filósofo, Mészáros (2014, p. 327), apresenta a mesma opinião quanto à ideologia dominante e acrescenta que ela “[...] se interessa em preservar o *status quo* [...]”, por isso, há a aparência de um “consenso”, de uma “unidade” para dar ideia de representatividade à maioria da população, sufocando qualquer tipo de oposição. Na citação seguinte, ele corrobora a existência dessa aparente hegemonia:

O poder da ideologia predominante é indubitavelmente imenso, mas isso não ocorre simplesmente em razão da força material esmagadora e do correspondente arsenal político-cultural à disposição das classes dominantes. Tal poder ideológico só pode prevalecer graças à vantagem

³⁰ No original: “Theory of ideology reflects the formation of the ideology of a rising class, which is based on the generalization of the rise of the bourgeois ideology as a weapon against feudalism, and the rise of Marxism as a weapon against bourgeois society”.

da *mistificação*, por meio da qual as pessoas que sofrem as consequências da ordem estabelecida podem ser induzidas a endossar, “consensualmente”, valores e políticas práticas que são de fato absolutamente contrários a seus interesses vitais (MÉSZÁROS, 2014, p. 472, itálico do autor).

A ideologia dominante representa, então, uma força para a manutenção do sistema social vigente, usando a estratégia da “mistificação”, conseguindo a adesão dos indivíduos, até de forma inconsciente, pois sua consciência crítica é abafada pelas instituições, pelas práticas sociais instauradas historicamente.

Nesse sentido, Ardalán (2018, p. 16) concebe a existência de duas ideologias, a dominante e a subordinada, ou seja, uma díade. Além disso, os quatro paradigmas, que apresentamos, fornecem uma visão mais ampla da discussão em torno do termo “ideologia”. O autor declara que “[...] a classe dominante e a classe dominada são gêmeos históricos. Ambos crescem como cresce a classe dominada [...], que adquire um senso coeso de identidade e uma autoconsciência firme”.³¹ E conclui que a existência de uma ideologia dominante reflete e articula as ideias da elite, a fim de se perpetuar no poder, enquanto a ideologia subordinada expõe as concepções das outras classes.

Mészáros (2014, p. 57) parece coadunar-se com a ideia da díade. Ao buscar a definição dos termos “conservador” e “liberal” no dicionário, que deveria ser uma fonte de pesquisa isenta de presença ideológica, ele observa que:

[...] o “*Word Finder*” *Thesaurus* de um dos mais populares processadores de texto, o *WordStar Professional*, oferece-nos muito generosamente uma variedade tão surpreendente de características positivas para “conservador” e “liberal”, que nos perguntamos se os adjetivos “heróico” e “santo” não teriam sido omitidos por descuido. Ao mesmo tempo, o “revolucionário” recebe uma definição extremamente curta – que o qualifica apenas como objeto de atenção por parte do poder judiciário e das autoridades penitenciárias -, sendo caracterizado como “enfurecido, extremista, fanático, radical, ultra”.

Consideramos relevante a constatação do autor da não-isenção ideológica, em uma obra como um dicionário, que deveria, apenas, apresentar a significação das palavras. No entanto, as palavras “conservador” e “liberal” recebem uma caracterização positiva, enquanto que “revolucionário” se configura pela descrição, com base nos cinco

³¹ No original: “The dominant class and the dominated class are historical twins. They both grow. As it grows, the dominated class [...], acquires a cohesive sense of identity and a firm self-consciousness”.

adjetivos selecionados, como alguém dotado de atributos negativos. Até em um dicionário, verifica-se a presença da ideologia, ou seja, essa “normalidade”, essa “objetividade”, essa “imparcialidade científica” torna-se aparente. Na verdade, sempre há um direcionamento, de acordo com o autor, para a “cultura liberal-conservadora”, ou seja, “o sistema ideológico socialmente estabelecido e dominante”, por meio do uso intencional das estratégias discursivas para a manutenção das elites no poder (MÉSZÁROS, 2014, p. 57).

Mészáros (2014, p. 59) ressalta que alguns intelectuais do pós-guerra consideravam a divisão entre esquerda e direita incabível em uma sociedade avançada e classificavam-na como “antiquada”. Ele descreve que passaram a se referir aos representantes da direita como “moderados” e aos da esquerda como “extremistas”, “fanáticos”, “dogmáticos”, ou seja, para o autor, a díade continuava existindo, tendo ocorrido apenas uma mudança de terminologia.

Também, para Bobbio (2011[1995], p. 15), “[...] a distinção não está morta e sepultada, mas mais viva do que nunca”, principalmente, considerando a seguinte afirmação:

É precisamente a ativação desse jogo que continua a manter viva – numa vida em contínuo movimento – a distinção. Num universo conflitual como o da política, que exige continuamente a ideia do jogo das partes e do empenho para derrotar o adversário, a divisão do universo em dois hemisférios não é uma simplificação, mas uma fiel representação da realidade (BOBBIO, 2011 [1995], p. 11).

Em resumo, alguns autores consideraram ultrapassado os termos “direita” e “esquerda”, substituindo-os por “conservadores” e “liberais”, ou seja, a díade não deixou de existir, houve uma tentativa de alteração na nomenclatura. Bobbio (2011[1995]) representa um dos defensores do uso da terminologia direita-esquerda, que adotamos nesta pesquisa.

Em razão de a ideologia se encontrar presente em todas as práticas sociais; entendemos que o avanço tecnológico não tornou o meio digital “impessoal” e “não-ideológico”, pelo contrário, segundo Mészáros (2014, p. 265):

A afirmação de que nossa “sociedade tecnológica” é um “tipo totalmente novo de sociedade” em que “a ciência e a tecnologia ditam” o que acontece ao corpo social, abalando por sua própria conta as

instituições estabelecidas e “destruindo os fundamentos sociais dos valores mais prezados”, é uma completa mistificação.

A Era da Informação trouxe a dinamização do debate entre as classes sociais, o confronto entre as posturas ideológicas de uma forma mais contundente, principalmente no meio digital. Dada a importância de tratar de direita e esquerda em nossa tese, refletimos a esse respeito.

2.2.1 Direita e esquerda

Para entendermos essa distinção, apresentamos autores das áreas de Filosofia e de Ciência Política, a fim de buscarmos os elementos necessários para a compreensão do discurso político presente nas postagens do *Facebook*, que indicam o alinhamento com um ou outro viés ideológico.

Inicialmente, esquerda e direita referiam-se às localizações geográficas, que eram opostas entre si, entretanto, com a Revolução Francesa, adquiriram sentidos adicionais. Sader (1995, p. 21) ressalta a origem política dos termos, esquerda e direita, e explica que surgiram na Assembleia Constituinte, instalada após a tomada da Bastilha em 1789. Aqueles que eram “[...] partidários do antigo regime se sentavam à direita, enquanto os defensores da nova ordem ficavam à esquerda”.

Apesar de alguns classificarem como ultrapassada a distinção entre esquerda e direita, Bobbio (2011[1995], p.79), um dos teóricos da contemporaneidade, defende o uso dessas expressões e diz que “[...] continuam a ter pleno curso na linguagem política”. Ele, ainda, justifica, afirmando que o modo “mais natural” e “simples” constitui o uso da díade ou da dicotomia (BOBBIO, 2011[1995], p. 82) e trata, na citação seguinte, de seu surgimento:

[...] o uso dessas duas palavras remonta à Revolução Francesa, ao menos no que diz respeito à política interna. Trata-se de uma banal metáfora espacial, cuja origem foi inteiramente casual e cuja função tem sido apenas a de dar um nome, de dois séculos aos dias de hoje, à persistente porque essencial, composição dicotômica do universo político. O nome pode mudar. Mas a estrutura essencial e originariamente dicotômica do universo político permanece (BOBBIO, 2011[1995], p. 83).

Para o autor, o uso para os termos liberal e conservador, mantém a existência de uma díade, considerando que a dicotomia não representa uma simplificação das posições

ideológicas no universo político. Ele é categórico na defesa dessa origem dicotômica, conforme podemos observar na seguinte afirmação:

Os dois termos de uma díade governam-se um ao outro: onde não há direita não há mais esquerda, e vice-versa. Dito de outro modo, existe uma direita na medida em que existe uma esquerda, existe uma esquerda na medida em que existe uma direita (BOBBIO, 2011[1995], p. 61).

Essa oposição histórica entre os polos constitui-se necessária para a existência dos dois, porque um não se mantém sem o outro. Além disso, esse movimento antagônico dinamiza o discurso político, principalmente, nas redes sociais.

Dessa forma, Bobbio (2011[1995], p. 53) resume as características básicas, que opõem as ideologias: a direita mantém as tradições, porém é a favor da não-intervenção do Estado na economia, enquanto a esquerda defende o contrário. O autor conclui que, se existe o eixo esquerda–direita, torna-se possível a existência do “centro”. Observa, ainda, que entre a direita e a esquerda existem as “[...] posições intermediárias que ocupam o espaço central entre os dois extremos”.

“Posições intermediárias” constitui um dos termos utilizados pelos estudiosos para se referir aos partidos ou grupos, que se identificam com a posição, caracterizada por não ser direita e esquerda, ou seja, definem-se como centro. Bobbio (2011[1995], p. 55-56) acrescenta que a presença de uma posição central reforça a existência da díade:

De resto, não há melhor confirmação da persistência do modelo dicotômico do que a presença, em um universo pluralista, de uma esquerda que tende a ver o centro como uma direita camuflada, ou de uma direita que tende a ver o mesmo centro como o disfarce de uma esquerda que não deseja declarar-se enquanto tal.

De qualquer forma, para ele, essa posição central representa uma terceira opção, denominada “Terceiro Incluído” (BOBBIO, 2011[1995], p. 54), que se localiza em um espaço entre as duas ideologias antagônicas. Bobbio (2011[1995]) ainda detalha: “[...]o próprio centro, ao se definir nem como direita nem como esquerda e não podendo se definir de outro modo, pressupõe a antítese e extrai da existência dela sua própria razão de existir”.

Entende-se que o centro se compõe, também, a partir da díade, ou melhor, o centro-esquerda possui uma proximidade maior com a esquerda, enquanto o centro-

direita terá maior semelhança com a direita. Dessa forma, podemos ter, em uma democracia, uma multíade, ou seja, diversas posições existentes entre um extremo e outro, resultando em um sistema pluripartidário, vigente na realidade brasileira.

Bobbio (2011[1995], p. 56) utiliza-se da digressão para afirmar que existe uma terceira via, diferente da direita e da esquerda, nomeada “Terceiro Inclusivo”: “[...] o resultado da síntese das duas partes opostas, das quais uma é a afirmação ou tese e a outra é a negação ou antítese; a terceira parte, como negação da negação, é um *quid novum*³², não como composto, mas como síntese”.

Para ele, o “Terceiro Incluído” representa a “fórmula nem-nem”, nega a direita e a esquerda, enquanto o “Terceiro Inclusivo” se resume na “fórmula e-e”, ou melhor, possui semelhanças tanto com a direita quanto com a esquerda. Os dois constituem-se em alternativas de posicionamento do centro que vão além da visão diática, direita-esquerda, superando os pontos opostos do eixo axiológico. Ele cita o surgimento do “socialismo liberal ou liberal-socialismo”, como uma expressão do “Terceiro Inclusivo”.

A partir dessa identificação, o autor resume as vias do pensamento político em uma combinação triádica e afirma que essa “[...] nasce sempre no meio de uma crise, como reação ao temido esgotamento da vitalidade histórica de uma antítese” (BOBBIO, 2011[1995], p. 57). A crise manifesta-se, atualmente, nas interações discursivas multimodais no *Facebook*, quando ocorre a polarização dos grupos que apresentam ideologias antagônicas.

Com base nesse ambiente polarizado, discutimos, em seguida, como se concebe a igualdade e a liberdade na díade, a fim de melhor compreendermos a intensidade das divergências.

2.2.2 A díade e os ideais de igualdade e liberdade

Bobbio (2011[1995], p. 23), por meio do ideal de igualdade, que se apresenta de modo diferente nas duas ideologias, esclarece:

³² *quid novum*: o que é novo. In: <<https://mymemory.translated.net>>. Acesso em 22 jun. 2018

Partindo do pressuposto [...] de que a pessoa de esquerda é aquela que considera mais o que os homens têm em comum do que o que os divide, e de que a pessoa de direita, ao contrário, dá maior relevância política ao que diferencia um homem do outro do que ao que os une, a diferença entre direita e esquerda revela-se no fato de que, para a pessoa de esquerda, a igualdade é a regra e a desigualdade, a exceção. [...] ao passo que, para o indivíduo de direita, vale exatamente o contrário, ou seja, que a desigualdade é a regra e que, se alguma relação de igualdade deve ser acolhida, ela precisa ser devidamente justificada.

Entendemos que, para a ideologia de esquerda, a inclusão de todos nesse processo torna-se relevante, enquanto a direita não possui nenhum interesse em promover a igualdade, pois, para os que acreditam nessa ideologia, a exclusão constitui-se a regra, caracteriza-se como algo normal.

Para o indivíduo pertencente à esquerda, as desigualdades causam indignação, ou seja, ele mobiliza-se pelas questões sociais, porque seu desejo maior se baseia na eliminação das diferenças e das injustiças. No entanto, para o seguidor da direita, as desigualdades existentes fazem parte da natureza, portanto, acredita que não pode eliminá-las e, assim, não empreende muito esforço para mudar essa realidade (BOBBIO, 2011[1995]).

O autor também identifica outra característica distintiva entre elas. Enquanto a direita se encontra sempre preocupada em respeitar e manter a tradição, a esquerda, ao contrário, apresenta-se como defensora da emancipação, da liberação dos indivíduos de qualquer prisão aos costumes, raça, classe social, entre outros, conforme salienta Bobbio (2011[1995], p. 97, *itálico do autor*). Ele esclarece a diferença na seguinte citação:

[...] o homem de direita é aquele que se preocupa, acima de tudo, em salvaguardar a *tradição*; o homem de esquerda, ao contrário, é aquele que pretende, acima de qualquer outra coisa, *libertar* seus semelhantes das cadeias a eles impostas pelos privilégios de raça, casta, classe, etc.

“Tradição” representa a palavra-chave que diferencia a díade - enquanto a direita defende-a, a esquerda rejeita-a. Para esta última, torna-se importante quebrar todas as amarras com o tradicional, libertar-se, em todos os níveis e sentidos, morais, religiosos e sociais. No entanto, a direita fundamenta-se no respeito aos costumes, reforçando seu conservadorismo, como característica principal.

Giddens (1996, p. 38) explica que as tradições se referem “[...] aos costumes e cerimoniais por meio dos quais o passado fala com o presente”. Para os indivíduos da direita, a existência social depende muito das tradições, pois elas preservam as instituições, como a família e a igreja, onde os valores morais são considerados bens preciosos.

Sader (1995, p. 17), também, coaduna-se com Bobbio (2011[1995]), quando afirma que a direita se preocupa com o comércio sem interferência do governo, enquanto a esquerda defende, com ardor, a justiça social: “[...] os que acreditam que o mercado supostamente livre define o destino de cada um são à direita. Os que acreditam, ao contrário, na justiça social e norteiam suas crenças, sua palavra e sua ação nesse sentido são à esquerda”. O pesquisador reitera que a esquerda se compromete com a justiça social desde seu nascimento, conforme citação:

A esquerda nasceu com a Revolução Francesa, que deu sentido a essa qualificação. Tratava-se ali de tornar real a liberdade, a igualdade e a fraternidade. De não permanecer na igualdade e na liberdade formais, mas de permeá-las intrinsecamente da fraternidade. A reivindicação da justiça social definiu a esquerda desde suas origens (SADER, 1995, p. 193).

Ao defender a justiça social, a igualdade representa a prioridade de conquista para a esquerda; entretanto, para a direita, torna-se confortável manter o *status quo*, por meio de uma intervenção mínima do estado no mercado, intensificando as desigualdades. Ele resume as ideologias da seguinte maneira: “[...] a direita se compõe dos conservadores, daqueles que se interessam pela reprodução e manutenção do sistema vigente, o capitalismo; e a esquerda se caracteriza por integrar aqueles que desejam a evolução e a superação de tal sistema” (SADER, 1995, p. 21).

A pesquisa realizada por Singer (2002, p. 146) indica que os eleitores no Brasil, independentemente de sua corrente ideológica, posicionam-se a favor da igualdade. Entretanto, “[...] a grande divisão entre direita e esquerda se dá em torno da questão da ordem [...]”, ou seja, “[...] como mudar”. Ele apresenta a seguinte diferenciação:

A divisão, na realidade, se dá em torno da mudança dentro da ordem ou contra a ordem, resultando em instabilidade. O público da direita pretende uma mudança por intermédio da autoridade do Estado, e por isso quer reforçá-la, ao passo que o público que se coloca à esquerda está ligado à ideia de mudança a partir da mobilização social, e por isso

contesta a autoridade repressiva do Estado sobre os movimentos sociais (SINGER, 2002, p. 149-150).

Dessa forma, a esquerda mostra uma postura mais defensora da igualdade do que a direita, ou melhor, para os que se alinham à esquerda, a igualdade deve ser conquistada, via movimentos sociais, para todos. No entanto, a direita demonstra, atualmente, uma aceitação das mudanças, porém preocupa-se em controlá-las, para manter a estabilidade social. Essas características revelam-se nas estratégias discursivas, usadas pelos membros que defendem essas posturas ideológicas, em uma combinação dinâmica de linguagens verbal e visual.

Com posição semelhante à de Singer (2002), Giddens (1996, p. 285) também constata que a direita revela uma adaptação às mudanças, por causa da política neoliberal e afirma que “[...] os neoliberais atacaram as formas tradicionais de privilégio com mais ênfase do que os socialistas dos últimos tempos”. Essas “formas tradicionais de privilégio” representam o poder devidamente enraizado nas instituições o que torna difícil a transformação dessa realidade. Ainda sobre essa visão da desigualdade existente na década, Giddens (1996, p. 284-285) esclarece:

No todo, a direita aceita melhor a existência de desigualdades do que a esquerda, e está mais propensa a apoiar os poderosos do que os desprovidos de poder. Esse contraste é real e continua sendo importante. Mas seria difícil levá-lo muito longe, ou fazer dele um princípio dominante. Na verdade, nenhum conservador, hoje em dia, defende a desigualdade e a hierarquia à maneira do Velho Conservadorismo. Os neoliberais aceitam a importância da desigualdade e, até certo ponto, a veem como um princípio motivador da eficiência econômica.

Esse torna-se um ponto importante: os indivíduos situados ideologicamente à direita caracterizam-se como capazes de aceitar mudanças, desde que não haja ameaça ao controle da sociedade, ao ordenamento social e, principalmente, à “eficiência econômica”.

Outra distinção entre as ideologias, apontada por Bobbio (2011[1995]), constitui a relação delas com a liberdade e a autoridade. A partir disso, classificam-se as doutrinas e movimentos políticos em quatro partes: a) extrema-esquerda: movimentos, simultaneamente, igualitários e autoritários; b) centro-esquerda: ao mesmo tempo,

igualitários e libertários (os partidos social-democratas); c) centro-direita: igualmente, libertários e inigualitários (os partidos conservadores e as direitas reacionárias); d) extrema-direita: os antiliberais e anti-igualitários (o fascismo e o nazismo). O autor ressalta que essa separação não é absoluta, mas sim relativa, pois muda a partir das influências externas, acompanhando as mudanças da modernidade.

Singer (2002, p. 24) identifica a existência da díade e, também, parece alinhar-se com o posicionamento de Bobbio (2011[1995]), ao tratar daqueles que são a favor e os que são contra a igualdade, ao afirmar que “[...] a ideologia é uma linguagem comum aos partidos e aos eleitores. Nessa gramática, estar à esquerda significa favorecer mudanças em direção à igualdade e estar à direita significa recusá-las em nome da ordem”.

Giddens (1996, p. 106) apresenta posição semelhante ao Singer (2002), ao entender que estar à esquerda é defender a ideia de emancipação, ou seja, ser favorável às mudanças, conforme a seguinte citação:

A perspectiva política da esquerda – e, em reação, portanto, contrária à da direita – esteve sempre centrada em uma ideia de emancipação. Emancipação significa liberdade, ou melhor, liberdades de vários tipos: liberdade em relação à tradição, em relação aos grilhões do passado, liberdade em relação ao poder arbitrário; e liberdade das restrições da pobreza ou privação material. A política emancipatória é uma política de oportunidades de vida. Ela está relacionada à autonomia de ação.

Sader (1995), Giddens (1996), Singer (2002), Bobbio (2011[1995]) compreendem que a opção pela ideologia da esquerda indica o anseio por alterações no sistema socioeconômico tão desigual e a ruptura com as tradições, com o *status quo* que os defensores tanto desejam manter a qualquer custo.

A ideologia representa, então, um papel importante no cenário político, pois simboliza o aspecto dinamizador para as discussões entre os grupos, os partidos, os movimentos, além de ser o estopim para as polêmicas que se manifestam e se disseminam rapidamente pelas redes sociais.

Diante do que discutimos, ressalta-se a proximidade da esquerda com os ideais de igualdade e de liberdade, enquanto a direita pende para a manutenção da tradição e não se preocupa com a disseminação da desigualdade.

2.2.3 Direita e esquerda no contexto brasileiro

Nosso objetivo não é discutir com profundidade o caminho das ideologias de direita e esquerda no Brasil. Realizamos uma descrição do panorama geral dessa díade, usando autores de Ciência Política, Comunicação e Filosofia, com a finalidade de darmos suporte para o entendimento do contexto sociopolítico, no qual as Páginas do *Facebook* analisadas foram construídas.

O Brasil não possuía “tradição de esquerda”, pois os políticos de grande destaque nacional, como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, embora tenham sido apoiados pelo Partido Comunista, não pertenciam à esquerda, e Jânio Quadros, apesar de sua popularidade, apresentava posições conservadoras. Luís Carlos Prestes, dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB), constitui-se uma figura importante da esquerda na política brasileira (SADER, 1995, p. 63).

Reis Filho (2005) entende que há no Brasil não apenas uma esquerda, no singular, como costumamos usar, mas sim várias esquerdas formadas a partir de diferentes tradições. Ele identifica quatro tradições de esquerda, que são discutidas no próximo item.

2.2.3.1 As quatro tradições na esquerda brasileira

A primeira geração representa-se pelos comunistas, anarquistas e socialistas e encontrava-se ligada à tradição da esquerda europeia, principalmente, porque a maioria dos militantes políticos era constituída de imigrantes italianos, espanhóis e portugueses. Já Reis Filho (2005, p. 174) denomina esse primeiro momento como a tradição comunista, “[...] parece que o comunismo e os comunistas detêm uma espécie de monopólio de ser de esquerda no Brasil”. Muitos erroneamente, segundo o autor, acreditam que esquerda e comunista se constituem sinônimos e isso acontece até a atualidade.

A segunda geração desenvolveu-se nos anos 60 e início dos anos 70 e organizou-se em movimentos ligados à luta armada no Brasil. Reis Filho (2005, p. 174) denomina

de tradição anarquista, observando que resistiu, por muitos anos, em pequenos grupos de intelectuais e trabalhadores, mas “[...] apresenta nos dias que correm sinais inesperados de vitalidade”. Podemos identificar essa “vitalidade” dos grupos anarquistas, que formam comunidades *online*, principalmente no *Facebook*.

A terceira geração originou-se da resistência à ditadura nos anos 70 e início dos anos 80 e consolidou-se, resultando na esquerda brasileira da atualidade, ou seja, no socialismo democrático, que se estruturou no Partido Socialista Brasileiro depois de 1945, “[...] chegou a alcançar uma certa expressão política e social” e renovou “[...] o pensamento e as práticas das esquerdas”, obtendo uma aceitação grande no interior do PT (REIS FILHO, 2005, p. 174).

O pesquisador identifica, ainda, mais uma geração, a nacional-estatista, que surgiu a partir do Estado Novo e “[...] permanece ativa, impregnando as esquerdas brasileiras”. De acordo com ele, essa última tradição não pode ser desconsiderada, pois ela se apresenta “[...] com força renovada, no âmbito dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)” (REIS FILHO, 2005, p. 178).

Sader (1995, p. 144) ressalta que, das ações de resistência e dos movimentos sociais contra a ditadura, surgiu o PT, classificado como “[...] uma força *sui generis* até mesmo em termos dos padrões conhecidos de forças de esquerda no mundo”. Esse novo partido assumiu o socialismo democrático desde o início e representava “[...] uma nova forma de ser ‘de esquerda’” e isso o faria tornar-se “[...] o principal protagonista desta terceira geração da esquerda brasileira” (SADER, 1995, p. 145-147).

Outro pesquisador de Ciência Política, Singer (2002, p. 18), reporta a existência de estudos eleitorais desenvolvidos antes de 1964, que apontavam a presença da dicotomia direita-esquerda nas eleições brasileiras. No entanto, “[...] a inexistência de uma esquerda ideologicamente definida e nacionalmente competitiva antes de 1964 tornava a distinção ideológica das forças políticas menos inteligível ao eleitorado”.

O estudioso ressalta que, antes do golpe de 64, a díade não representava o “eixo central da disputa política” (SINGER, 2002, p. 19). Ele enfatiza que, depois desse período, devido à “[...] dissolução dos antigos partidos e a repressão à esquerda, as categorias ideológicas entraram em baixa, deixando de estar presentes nas comunicações entre partidos e eleitores” (SINGER, 2002, p. 18).

Ele identifica que nas eleições de 1945 e 1964 não havia presença de candidato de esquerda; entretanto, a partir de 1989, o cenário mudou, como observa:

A direita posiciona-se, ou melhor “(o)posiciona-se”, como tal, em reação à esquerda. É nesse sentido que, a nosso ver, a presença competitiva do PT, tanto em 1989 como em 1994, estruturou a disputa partidária em torno do campo ideológico-eleitoral (SINGER, 2002, p. 19).

Os partidos, os candidatos, os eleitores assumiram posições ideológicas nos discursos, dentro do eixo axiológico direita-centro-esquerda, dinamizando o discurso político e solidificando a democracia. Singer (2002, p. 20) enfatiza a diferença entre esquerda e direita, quando conclui:

Os dados que analisamos mostram que o principal corte entre o eleitorado de esquerda e direita no Brasil não é o mesmo que nos países capitalistas centrais. [...] Aqui não é a igualdade em si, porém o modo de atingir a igualdade, que divide o eleitorado entre esquerda e direita. Enquanto a localização à direita está associada à ideia de reforço de autoridade do Estado para promover mudanças igualitárias, de modo que elas ocorram sem prejuízo da ordem (e talvez até com a exarcebção da ordem), a localização à esquerda está vinculada a uma contestação da autoridade do Estado na sua função repressiva em relação aos movimentos sociais que visam produzir transformações na direção da igualdade.

O estudioso resumiu a disputa da década no cenário nacional. A esquerda procura promover mudanças, por meio da mobilização de toda sociedade, entretanto, a direita demonstra-se contra, pois, para ela, isso representa uma forte possibilidade de ameaçar a ordem.

Para Sader (1995, p. 195), pertencer à esquerda no Brasil baseia-se na contraposição ao neoliberalismo, defendendo a priorização das políticas sociais e a distribuição de renda para as massas que se encontram à margem na sociedade, como podemos observar na seguinte afirmação:

Ser de esquerda no mundo de hoje significa participar da reinvenção concreta de uma nova sociedade, baseada na justiça social e na solidariedade, na realização prática dos direitos de cidadania sem qualquer tipo de exclusão. Significa lutar e concretizar um mundo de

educação, de cultura, de autonomia individual e realização social. Significa realizar o sonho desses *anjos tortos* que acalentam os desejos de felicidade perseguidos pelos homens e mulheres ao longo da história.

Enquanto, para a direita, o neoliberalismo representa a possibilidade de perpetuação de poder, para a esquerda, a ideologia neoliberal significa uma segregação social, na qual os direitos ficam restritos ao grupo que sempre se beneficiou historicamente do poder.

Por isso, Sader (1995) chama de “anjos tortos”, aqueles que lutam, desde a Revolução Francesa, pela possibilidade de tornar realidade os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Considerando esse cenário, observamos que a direita assume novas características.

2.2.3.2 A Nova Direita

O surgimento de grupos de direita conservadores, nacionalistas, entre outros aspectos, configura-se uma reação à esquerda e contra os paradigmas. Assim, o universo político apresenta-se, sempre, em conflito, pois “[...] a conotação positiva de um implica necessariamente a conotação negativa do outro” (BOBBIO, 2011[1995], p. 86). Considerando o aparecimento da Nova Direita (ND) e a existência da dicotomia, Bobbio (2011[1995], p. 106) apresenta a seguinte explicação: “Na realidade, o nascimento de uma nova direita era por si mesmo uma confirmação da velha díade; o termo “direita” designa a parte de uma dupla que tem como contraparte o termo “esquerda”.

Bobbio (2011[1995], p. 87) destaca, em vários momentos, a força dessa “conotação axiológica”, ao explicar: “[...] quem pertence a um dos alinhamentos tenderá a definir a própria parte com palavras axiologicamente positivas e a outra, ao contrário, com palavras axiologicamente negativas”.

No Brasil, ND fortaleceu-se, principalmente, nas redes sociais. Constitui um fenômeno que ocorreu nas últimas décadas em vários países, incluindo os latino-americanos (ROEDER, 2016). Para a autora, subdividem-se em dois grupos: o “neoconservador”, que defende a “[...] intervenção estatal limitada e é conservador

moral”; e o “neoliberal”, a favor da “[...] intervenção mínima do estado na economia” e possuem “[...] pensamento libertário em relação ao indivíduo e às questões morais” (ROEDER, 2016, p. 4).

Sader (1995, p. 181) entende que, por influência da ideologia do neoliberalismo³³, a ND passou por uma redefinição, conforme a citação:

Na realidade, quem mais se redefiniu neste final de século foi a direita. Tratou de abandonar seu caráter conservador, buscando dar um tom evolucionista a suas teses, conforme se opõe ao Estado de bem-estar social e ao socialismo.

Com essa redefinição, a direita objetivou “descaracterizar a polarização” e deixou de se assumir como direita, provocando, também, a necessidade de uma nova definição da esquerda. Nos anos 90, o pesquisador caracteriza o que é ser de direita no Brasil:

A ação da direita começa por desqualificar suas divergências com a esquerda. Faz parte do pensamento de direita dizer que direita e esquerda não existem mais. Porque se sabe que a direita está historicamente identificada com o conservadorismo, com a elite, com a desigualdade social (SADER, 1995, p. 193).

Ao considerar, também, o aspecto conservador, Codato, Bolognesi e Roeder (2015, p. 115-116) diferenciam a velha da nova direita e afirmam:

O objetivo [...] é evidenciar o surgimento da “nova direita” no Brasil. Em alguns pontos, como no caso do conservantismo em relação aos costumes e das limitações impostas à liberdade pessoal, ela se alinha com a velha direita, herdeira direta da ARENA/PDS³⁴, e que serviu de sustentação política ao regime ditatorial-militar. Mas, em outros pontos fundamentais, não. A nova direita brasileira está orientada para

³³ “O neoliberalismo foi uma contraofensiva dos setores dominantes no capitalismo, na direção de uma política alternativa. Seus fundamentos são a desregulamentação da economia, a privatização e o corte no déficit público” (SADER, 1995, p. 188).

³⁴ PDS: Partido Democrático Social, criado em 1980 para substituir a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido governista extinto com o fim do bipartidarismo em 1979. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/>> Acesso em 26 jun. 2018.

conviver com governos de esquerda, fazendo parte de suas coalizões de apoio, e admitir a existência de programas sociais.

ND apresenta-se como uma ideologia, baseada no conservadorismo, por causa de sua origem histórica na direita tradicional, mas tornou-se capaz de desenvolver uma “nova concepção de mundo”, originada a partir das “[...]críticas às reformas sociais e aos direitos das minorias garantidos pelos governos de esquerda” (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER, 2015, p. 118). Apesar da base histórica em regimes mais ditatoriais, apresenta, no novo arcabouço, a possibilidade de aceitar algumas políticas desenvolvidas pela esquerda, bem como até fazer alianças com a oposição. Com base em Codato, Bolognesi e Roeder (2015, p. 121), a nova direita define-se como:

[...] uma postura política que conserva elementos da velha direita – o (neo)liberalismo como modelo econômico e preceitos morais tradicionais. Por outro lado, essa direita ideologicamente renovada reconhece e aceita as vantagens políticas das políticas sociais implementadas pela esquerda na região, ao mesmo tempo em que procura se desvincular dos regimes ditatoriais militares apoiados pelos partidos da velha direita.

Ela surge no cenário mundial, especialmente na América Latina e precisamente no Brasil, como uma força dinâmica, bem organizada e conectada às novas formas de comunicação midiática.

De acordo com Negrisoli (2018), há pelo menos trinta organizações que se propõem a difundir o pensamento liberal e o estado mínimo. O jornalista aponta alguns dos “atores da nova cena conservadora”, entre eles está o Movimento Brasil Livre (MBL), *Instituto Mises Brasil*, *Students For Liberty* (SFL), Movimento Livres, que defendem a liberdade de mercado e a interferência mínima do estado na economia. No entanto, com relação aos costumes, uma parte dos liberais defende a liberdade individual, enquanto a outra parte possui uma visão mais conservadora. Eles movimentam suas ideias com força nas redes sociais, mobilizam capital e pessoas para divulgar suas propostas.

Dessa forma, caracteriza-se essa ND, que surgiu como resposta à velha direita e, também, à ascensão da esquerda. Os participantes possuem entre 18 e 40 anos. Há entre eles monarquistas e libertários que tentam “[...] conciliar o liberalismo econômico com o conservadorismo em termos morais [...]” e essa tarefa se apresenta como um “[...] desafio

dos que pretendem encarnar o espírito da direita rejuvenescida” (NEGRISOLI, 2018, p. 2).

Roeder (2016, p. 25) realiza uma pesquisa dos partidos ligados à ND, à velha direita e aos chamados partidos fisiológicos³⁵ e resume:

A nova direita é composta sobretudo por empresários e novas lideranças, os fisiológicos distribuem suas candidaturas em empresários, novas lideranças e trabalhadores. [...] A nova direita tem sua força eleitoral calcada no espaço dado para empresários e novas lideranças e os fisiológicos para esses mesmos grupos, com acréscimo dos trabalhadores [...].

Ressalta-se a importância de compreendermos como a ND organiza-se para conquistar cada vez mais espaço no cenário político nacional, como se mobiliza por meio dos institutos e, principalmente, das redes sociais, fortalecendo-se.

Pierucci (1987, p. 26) apresenta os principais pontos do discurso da ND. O primeiro deles constitui a defesa, ou melhor, a legítima defesa, visando a manutenção dos costumes, da honra, dos valores, entre outros, conforme podemos observar na afirmação:

Abandonados e desorientados em meio a uma crise complexa, geral, persistente, que além de econômica e política é cultural, eles se crispam sobre o que resta de sua identidade em perdição, e tudo se passa como se tivessem decidido jogar todos os trunfos na autodefesa. “Legítima defesa” é, assim, um termo-chave em seu vocabulário. Esta autodefesa, que é *prima facie* a proteção de suas vidas, de suas casas e bens, da vida e honra de seus filhos (suas filhas!), sua família, é também a defesa de seus valores enquanto defesa de si.

A crise cultural, econômica e política estimula, de acordo com Pierucci (1987), o surgimento da ND, tornando-se a justificativa para a preocupação excessiva com a defesa, ou ainda, de forma mais precisa, a legítima defesa. Para seus integrantes, configura-se uma obrigação proteger a família, os costumes e os bens.

³⁵ Segundo Roeder (2016, p. 3), os partidos fisiológicos “[...] não apresentam posicionamentos programáticos firmes sobre nenhum dos temas analisados (neoliberalismo e conservadorismo), logo, fazem parte de uma categoria distinta [...]”.

Pierucci (1987, p. 27) questiona, até que ponto, constitui uma direita nova e, além disso, ele identifica a presença de agressividade em relação aos que não são do grupo - esse é o segundo ponto do discurso da ND:

O medo e a agressividade em relação aos *outgroup*, como se sabe, não têm nada de novo como ingredientes de síndromes de extrema direita. Não tem nada de novo, é verdade, mas por outro lado conseguem orientar com segurança o diagnóstico, apontando na direção da extremidade direita do leque político: estamos às voltas com indivíduos arregimentáveis para causas anti-igualitárias radicais e soluções autoritárias de direita.

Ao tratar da díade, coadunando-se com Bobbio (2011[1995]), Pierucci (1987) afirma que os indivíduos pertencentes ao eixo axiológico da direita não estão a favor das causas igualitárias. Também, na direita, percebe-se uma recorrência às soluções mais autoritárias, historicamente, comprovadas, como o fascismo e o nazismo.

Além disso, Pierucci (1987, p. 27) constata: “Do comunismo como fantasma assustador, velho pânico das direitas em geral, do sobressalto ante a revolução socialista ali ao dobrar a esquina, nem sombra”. Para o autor, o sentimento de anticomunismo origina-se na cúpula, nos chefes, não nas bases.

Apresenta-se o terceiro ponto presente no discurso dos adeptos da ND, a rejeição aos direitos humanos, que causa, segundo Pierucci (1987, p. 28), fúria e discursos inflamados, contra o que eles denominam de “[...] mordomia para presos”.

Um outro ponto identificado pelo pesquisador constitui o anticleritismo presente nos adeptos da ND, porque acreditam que a igreja católica defende os direitos humanos, por isso, a rejeição aos integrantes dela, mas isso não significa que eles sejam anti-religiosos, pelo contrário. A afirmação, a seguir, confirma isso: “São bastante religiosos, desses de ir declarando a religião antes de serem perguntados; e a grande maioria é, obrigatoriamente, de católicos, mas católicos que professam, o que não os impede de ser anticlericais explícitos” (PIERUCCI, 1987, p. 28).

Provavelmente, hoje, a ND apresenta um número significativo de indivíduos ligados às igrejas evangélicas, pelo interesse na manutenção dos costumes conservadores. Pierucci (1987, p. 44) constata:

Hoje, sob a designação de “evangélicos”, eles formam um bloco bem barulhento no Congresso Constituinte, na defesa intransigente dos pontos de vista mais reacionários em matéria de moralidade familiar e sexual. [...] Numa era em que a própria igreja católica assiste internamente a um verdadeiro *boom* de movimentos pentecostais [...], numa era de igrejas eletrônicas e extrema direita midiática, a extrema direita política tem nos televangélicos fundamentalistas um aporte de *know-how* e recursos materiais nada desprezível.

Dessa forma, podemos identificar, de acordo com o pesquisador, que os membros da ND são, muitas vezes, religiosos, ligados às igrejas católicas ou evangélicas, e defensores das tradições e valores morais e utilizem-se da mídia para divulgar suas ideias conservadoras. O “aporte de *know-how*”, os “recursos materiais” e a presença massiva em vários meios de comunicação os tornam cada vez mais influentes. A ND apresenta-se “[...] no *front* da cultura de massa” (PIERUCCI, 1987, p. 45).

Tal como Bobbio (2011[1995]), Pierucci (1987, p. 29) também identificou o “elogio das diferenças” na ND: “No geral, mostram-se abundantemente preconceituosos, convictos de que as diferenças entre as pessoas são diferenças de fundo, muitas delas incontornáveis”. Além disso, eles “[...] querem mais autoridade e menos permissividade, por essa razão, caracterizam-se como defensores da censura, a fim de preservar a família, os valores tradicionalistas, que o pesquisador chama de “autodefesa cultural”.

O discurso da intolerância apresenta-se na extrema direita, pois realça as diferenças de cor de pele, sociais, entre outras, com o objetivo de manter a desigualdade, não de resolvê-la. Pierucci (1987, p. 34-5) acredita que:

[...] a dúplíce deriva ideológica – racista e moralista, é evidente, é imediata já no nível da retórica, onde a busca dos bodes expiatórios se dá exasperada, uma retórica que se compraz em afirmar a obviedade (sic) das diferenças, em aceitar sua naturalidade.

O discurso materializado pela ND apresenta-se com contornos moralistas e racistas, no qual se destacam as diferenças e culpabilizam pela decadência dos costumes, das tradições. Além disso, utiliza, como estratégia discursiva, a desqualificação da oposição, considerando-os como inimigos.

Esquerda e direita constituem-se duas forças em constante luta na história política contemporânea, e esse discurso político torna-se presente nas postagens do

Facebook, realçando um cenário de polarização que possibilita a ascensão do PT ao poder.

2.2.3.3 *A esquerda brasileira no poder*

Com base em seu estudo sobre as eleições de 1989, no qual procura correlacionar a auto localização do eleitor na escala ideológica esquerda-direita com o voto, Singer (2002, p. 60) realiza uma descrição dessa direita, contrapondo-a à esquerda:

Vale notar o fato de que em países de forte desigualdade social, como o Brasil, há sempre um espaço aberto para o surgimento de uma direita populista, a qual não possui as mesmas características da direita conservadora clássica. A direita populista prega mudanças e, nesse sentido, não é conservadora, isto é, não tem um discurso contrário às transformações sociais. Distingue-se da esquerda pelo modo de mudar. Enquanto a direita populista quer reforçar a autoridade do Estado, na expectativa de que as mudanças se deem de cima para baixo, sem risco de instabilidade social, a esquerda prega uma mudança participativa, de baixo para cima, ainda que sob o risco de instabilidade.

Por causa dessa estratégia discursiva de apelo popular, a direita conseguiu a vitória em vários pleitos eleitorais, como nas eleições de 1989, que foram consideradas: “[...] o primeiro grande confronto nacional polarizado entre esquerda e direita no Brasil, no qual a coalizão à direita foi vencedora por uma pequena margem de votos” (SINGER, 2002, p. 66).

Ao continuar a análise do pleito eleitoral de 1994, Singer (2002, p. 90) conclui que “[...] o eleitorado continuou majoritariamente centrista e à direita” e “[...] superava em cerca de duas vezes os que se colocavam à esquerda”. O pesquisador reforça a importância do reconhecimento do eixo esquerda-direita, como influenciador para os eleitores, e acrescenta que eles se apresentam capazes de identificar seu posicionamento ideológico, considerando a díade. No entanto, eles não conseguem explicar o que significa esquerda e direita. Assim, para Singer (2002, p. 156), “[...] o entendimento dessas categorias é intuitivo e não está cognitivamente estruturado”.

Miguel (2000, p. 109) apresenta a mesma posição que Singer, identificar a polarização entre Lula e “anti-Lula”. Ele afirma que “[...] o favoritismo de Lula agitava

aqueles que julgavam que um eventual governo petista iria mexer com seus privilégios”, levando a uma composição entre centro e direita, para combater a esquerda. O pesquisador ressalta a presença da figura de Enéas que, em 1994, chegou ao terceiro lugar na votação nacional. Os óculos, a barba e o bordão continuavam os mesmos, entretanto, seu discurso tornou-se:

[...] fortemente direitista, que combinava nacionalismo exacerbado, defesa da “ordem” e exaltação da figura do líder (ele próprio). Alguns podem ter votado na memória do Enéas folclórico da eleição anterior. Mas sua votação surpreendente é indício de que esse discurso cativou uma parcela significativa do eleitorado (MIGUEL, 2000, p. 112).

Considera-se importante essa constatação do pesquisador, ao apontar o interesse cada vez mais crescente no discurso nacionalista, favorável à ordem, ou melhor, com características fortemente conservadoras, como uma resposta ao crescimento da esquerda.

Singer (2002) identifica o crescimento do PT nas eleições de 89 e 94, e Miguel (2000, p. 160) enfatiza o destaque do partido no cenário político nacional, porém, alerta para a origem sindical do partido que considerava “[...] a espinha dorsal da identidade do candidato do PT enquanto personalidade pública” e sugeria o investimento em um discurso contra os preconceitos.

Em 2002, a esquerda chega ao poder por meio do PT. Sobre o aumento dessa popularidade, Sader (2004, p. 68) ressalta que:

O PT experimenta uma situação nova: relaciona-se com o governo como força de situação, não mais de oposição, com o agravante de ter alterado suas posições históricas e adotado uma política econômica de continuidade em relação ao governo anterior.

Vários estudiosos, entre eles Sader (2004, p. 69), entenderam que o governo do PT passou a adotar uma postura em que se deslocava da esquerda, indo para o centro ou, até mesmo, para a direita. Isso foi necessário para adquirir uma aceitação maior por parte do mercado financeiro e das indústrias. Por mais paradoxal que pareça, o governo de esquerda encontrou bastante resistência na própria esquerda. Houve uma oposição ativa ao governo dentro dos próprios movimentos sociais, além dos sindicatos de funcionários públicos e agremiações estudantis (SADER, 2004).

Com o mesmo ponto de vista de Sader (2004), Chauí (2006, p. 38) também afirmou que muitos integrantes do PT partiram para a oposição. Ressaltando as características do neoliberalismo, ela conclui que chamar o governo Lula de neoliberal “[...] é um *slogan*”. No entanto, Chauí (2006, p. 40) afirma: “[...] não podemos tapar o sol com a peneira. Se existe a opinião de que esse governo é neoliberal é porque há motivos para isso”.

Ao considerarmos as questões sociais, históricas e políticas, para compreendermos os impasses que existiam nesse período e continuaram presentes, acirrando a polarização ideológica, principalmente no discurso, entendemos ser necessário tratar do golpe parlamentar em 2016 e das eleições de 2018.

2.2.4 O cenário do golpe parlamentar e das eleições de 2018

A primeira crise no governo Lula foi desencadeada pelas denúncias de corrupção, envolvendo o assessor parlamentar do ministro da Casa Civil, José Dirceu. Diante dessa crise, Sader (2004, p. 99) destacou:

A crise moral não será um chamado de atenção sobre o terreno percorrido pelo PT, caso sua compreensão não seja inserida no marco da evolução ideológica e política do partido e do governo. Toda crise moral é uma crise política, no sentido de refletir as opções políticas realizadas, de que o comportamento moral é uma dimensão indissolúvel.

Para o estudioso, uma das principais consequências dessa crise “moral” e “política” constitui o enfraquecimento, resultando no desgaste. Essas denúncias marcaram o desenvolvimento de um sentimento de rejeição ao PT e à Lula, que se intensificou nos movimentos das ruas e das redes sociais.

Singer (2018, p. 18) cunha o termo lulismo, que se refere ao político Lula, declarado como o político mais popular, e apresenta a seguinte explicação:

[...] a partir de 2002, é uma direção que, embora forjada desde a fração organizada da classe trabalhadora, se dirige sobretudo aos “pobres”. Ao fazê-lo, abriu mão do avanço representado pela orientação de classe [...] mas tocou em um nervo da formação periférica. O lulismo é, portanto, profundamente contraditório e se presta a inúmeros gêneros de mistificação, por ser regressivo e progressivo ao mesmo tempo.

A consagração do lulismo ocorre no final do mandato Lula, em dezembro de 2010, quando obteve 83% de aprovação popular, de acordo com o Datafolha (SINGER, 2018). Assim, com a indicação de Lula e com o apoio do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Dilma Rousseff chega à presidência da República em 2010 e candidata-se à reeleição em 2014.

Dilma Rousseff venceu com 51,64 % dos votos válidos o outro candidato, Aécio Neves³⁶. Dessa forma, o Brasil mostrou-se dividido e, desde a posse de Dilma, os opositores ao governo continuaram questionando o resultado das eleições, acirrando a divisão entre os grupos pró e contra sua reeleição, culminando com o *impeachment*.

Singer (2018, p. 12-13) afirma “[...] o sonho se convertera em pesadelo” e realiza a seguinte descrição do cenário brasileiro na época:

Em 2015, [...] 2,7 milhões de brasileiros tinham voltado à miséria e quase 3,6 milhões à pobreza. Dilma, com rejeição de 70%, criticada pela esquerda e por setores populares, odiada pela direita e pela classe média, desprezada pelos empresários, abandonada pela base parlamentar [...] Líderes petistas, supostamente envolvidos em desvios descobertos pela Operação Lava Jato, estavam presos. Lula, denunciado em diversos processos criminais, procurava organizar a própria defesa. O PT perdera quase dois terços do apoio que tinha até março de 2013. O lulismo estava despedaçado.

O período de intensa turbulência tomou todos os setores da sociedade, principalmente, no ambiente digital. A rejeição ao PT disseminou-se rapidamente, ao mesmo tempo em que cresceram aqueles que defendiam Dilma e Lula.

A partir da eleição presidencial de 2014, houve uma divisão clara do Brasil retratada nos votos das urnas, que se estendeu para as redes sociais e se constituiu no grupo pró Aécio e outro pró Dilma, com postagens apresentando uma disputa acirrada *online*. Mais tarde, surgem grupos que se auto intitulam “apartidários” e defendem o fim da

³⁶ **Eleições 2014**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

corrupção. Durante o período do *impeachment*, eles apareceram a partir dos posicionamentos e da possibilidade de uma futura candidatura à presidência.

Em 2018, outros grupos foram organizados, alguns radicalmente a favor de Bolsonaro, outros de Lula, e outros de Ciro Gomes, que representavam os principais candidatos à presidência da República. Dessa forma, as redes sociais possibilitaram a divulgação de notícias mais rápida e eficaz, de posicionamentos contra ou a favor de um grupo, entre outros.

Com base em Singer (2018, p. 17), a descrição da realidade pós-golpe confirma a manobra política do PMDB e do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) para retirar o PT do poder executivo. O pesquisador afirma que autores identificam o *impeachment* como uma nova forma de golpe na América Latina, chamado de parlamentar, substituindo os antigos golpes militares. O objetivo principal dessa manobra política constitui-se a contenção do avanço dos governos com características progressivas, devido às pressões das elites e, no Brasil, “[...] a instabilidade criada com o golpe parlamentar colocou a democracia sob ameaça, mas não a dissolveu”.

A polarização desse cenário eleitoral contaminou o ambiente virtual, que se apresentou tenso. Além das comunidades que se organizavam na defesa dos políticos, envolvidos no processo eleitoral, surgiram outros grupos antiesquerda e com rejeição radical ao comunismo. Estes últimos não apresentavam ligação partidária definida de forma explícita.

Em resumo, o período das eleições de 2018 ativou um campo de batalha virtual, no *Facebook*, no *Whatsapp*, na mídia tradicional, resultando em um segundo turno eleitoral, que consagrou o ambiente polarizado entre esquerda (Fernando Haddad – PT) e direita (Jair Bolsonaro -PSL³⁷), culminando na vitória da direita conservadora e nacionalista.

Devemos ressaltar que o posicionamento ideológico das comunidades que discutem política no *Facebook* constitui-se a mola propulsora para as postagens, nas quais as escolhas lexicais e/ou imagéticas materializam esse discurso político. Por isso, não se pode dissociar o discurso da ideologia e, por sua vez, da identidade. Os três apresentam-

³⁷ Partido Social Liberal.

se em constante movimento, alimentando-se mutuamente das experiências, das polêmicas, etc., imersos na inconstância e rapidez do meio digital.

A discussão realizada neste item permite entender o contexto sociopolítico, no qual observamos a presença dos discursos da ND e da esquerda nas redes sociais, com estratégias discursivas que enfatizam uma autoimagem positiva, em oposição à imagem negativa do Outro, evidenciando a polarização.

Entendemos que ideologia e identidade se apresentam interligadas, por isso, no capítulo seguinte, apresentamos uma discussão sobre o caráter identitário presente no discurso político, com o objetivo de compreendermos a relação discurso político – ideologia – identidade no meio midiático.

CAPÍTULO III

AS IDENTIDADES E O DISCURSO POLÍTICO NA ERA DA INFORMAÇÃO

3 AS IDENTIDADES E O DISCURSO POLÍTICO NA ERA DA INFORMAÇÃO

Neste capítulo, discutimos o conceito de identidade; para isso, destacamos o aspecto multidisciplinar presente nos ECD, trazendo, para nossa arena, discussões das áreas de Filosofia, Comunicação e Sociologia, para compreendermos a inter-relação entre identidade, ideologia e discurso político, materializadas no texto multimodal das postagens no *Facebook*. Nesse sentido, recorreremos a autores, como Giddens (1991a, 2002), Aquino (1997), Bauman (2001, 2005), Hall (2000, 2006), Rajagopalan (2003), De Fina (2011), Pavloski (2012), Aquino e Palumbo (2016), Charaudeau (2016), Castells (2017 [1999], 2018 [1999]), entre outros.

3.1 GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE

Na discussão sobre identidade, Bauman (2005, p. 18) destaca a influência da globalização na sucessão de transformações, na resignificação do espaço/tempo, resultando em uma sociedade “líquido-moderna”. Por isso, o conceito de identidade reflete a diversidade, o multiculturalismo e a instantaneidade, característicos desse novo mundo.

O autor declara que nós, “[...] habitantes do líquido mundo moderno” (BAUMAN, 2005, p. 32), procuramos construir e manter as referências de nossas identidades, que sempre se encontram em movimento de forma veloz, promovendo a constituição de grupos, cuja característica principal constitui a transitoriedade, porque a união dos indivíduos ocorre devido a um objetivo em comum. Quando ele deixa de existir, o grupo também pode se desfazer, por isso, o autor denomina de “comunidade guarda-roupa” e define-a como aquela, na qual os indivíduos se reúnem “[...] enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham seus casacos nos cabides” (BAUMAN, 2005, p. 37).

A fluidez das identidades reflete a transitoriedade do mundo moderno e os conflitos identitários e ideológicos. No capítulo anterior, discutimos a polarização ideológica, que ocorre, principalmente no Brasil, na qual a ideologia de direita se opõe à

de esquerda. Bauman (2005, p. 45) constata a existência de duas frentes nessa guerra ideológica:

As guerras pelo reconhecimento, quer travadas individual ou coletivamente, em geral se desenrolam em duas frentes, [...] dependendo da posição conquistada ou atribuída segundo a hierarquia de poder. Numa das frentes, a identidade escolhida e preferida é contraposta, principalmente, às obstinadas sobras das identidades antigas, abandonadas e abominadas, escolhidas ou impostas no passado. Na outra frente, as pressões de outras identidades, maquinada e impostas (estereótipos, estigmas, rótulos), promovidas por “forças inimigas”, são enfrentadas e -caso se vença a batalha – repelidas.

Os indivíduos do mundo líquido moderno vivem, então, em uma intensa batalha ideológica e identitária, na qual se encontra latente a presença do poder. Essa arena que o pesquisador descreve, materializa-se no discurso, resultando no enfrentamento da ideologia opositora.

Enfim, entendemos que não há neutralidade; ao se falar de ideologia e/ou de identidade, sempre haverá a necessidade imperiosa de se realizarem escolhas, embora sejam inconstantes, voláteis, porque há uma fragilidade nas relações humanas, que se conectam, visando apenas os interesses, os objetivos existentes naquele instante.

Bauman (2005, p. 83-84) reforça a existência de uma batalha na construção identitária, quando diz: “O campo de batalha é o lar natural da identidade [...]” ou ainda “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação [...]”. A postura de alerta constante, por causa dessa arena de conflitos, que se alimenta continuamente das divergências, dos antagonismos existentes nos diferentes campos social, religioso, político, etc., transforma-se em uma ameaça à integração dos indivíduos de forma mais duradoura.

Assim, devido às divergências, surge, segundo Bauman (2005, p. 89), uma necessidade de criação de inimigos comuns:

Há uma demanda constante por inimigos públicos (os “comunistas debaixo da cama”, a “subclasse”, ou simplesmente “os que nos odeiam” ou “os que odeiam nosso modo de vida”) contra os quais indivíduos fragmentados, zelosos de sua privacidade e mutuamente desconfiados[...]. O patriotismo, em sua forma “constitucional”, pode tornar-se, ao que parecem um assunto violento, cheio de som e fúria. A lealdade à lei do país exige ser suplementada pelo ódio ou pelos temores compartilhados.

Nesse processo, a constituição da identidade ocorre imersa nas relações frágeis, inseguras, fugazes, nas quais afloram os sentimentos de desconfiança e de oposição, cada vez mais intensos e acompanhados de outros, como a fúria, a indignação. As redes sociais tornam-se o espaço perfeito para a propagação dos discursos, que revelam essas emoções, suscitadas pela manifestação do posicionamento ideológico e identitário e apresentadas ao público, sendo passíveis de contestação, de reação. Por meio do discurso verbal em combinação com o imagético, disseminam-se as ideias com determinado viés ideológico, principalmente as que demonstram possuir um caráter nacionalista.

Ao considerarmos que a sociedade possui como base relações instáveis, com possibilidade de mudança contínua, a construção identitária também se baseia na ideia de transformação constante. Nesse sentido, no próximo item discutimos sobre a concepção construcionista da identidade.

3.1.1 A visão construcionista da identidade

O cenário de mudanças contínuas do mundo líquido moderno e a revolução da tecnologia da informação influenciaram diferentes áreas e trouxeram um interesse especial pelo conceito do termo identidade. “Meio inconscientemente, a revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura mais significativa de nossas sociedades o espírito libertário dos movimentos dos anos 1960” (CASTELLS, 2017[1999], p. 65). No entanto, sua difusão por diferentes países e culturas pode ter minimizado esse espírito inicial, apesar de que a velocidade das transformações e a interatividade tornaram-se cada vez mais fortes.

Imersos nesse processo revolucionário, Castells (2017[1999], p. 82) revela a convicção de que “[...] entramos em um mundo realmente multicultural e interdependente, que só pode ser entendido e transformado a partir de uma perspectiva múltipla que reúna identidade cultural, sistemas de redes globais e políticas multidimensionais”. Por isso, a identidade coloca-se no centro das discussões, para contemplar essa ótica moderna.

Dentro dessa arena, Hobsbawm (1996) destaca o uso dos termos novos como “identidade coletiva”, “política identitária”, que surgiram a partir da década de 1960 e

passaram a compor o vocabulário do discurso político. Hall (2000) usa a expressão “explosão discursiva”, enquanto Charaudeau e Maingueneau (2004) ressaltam a dificuldade em defini-lo, porém reconhecem a relevância desse conceito para boa parte das ciências humanas e sociais.

De Fina (2011), com base nas Humanidades e nos ECD, vislumbra que, a partir desse debate, um novo paradigma emerge e se baseia no Construtivismo Social³⁸, orientando em direção à prática e à interação. Vale ressaltar que a pesquisadora, também, observa os construtos identitários, classificando-os em individuais ou coletivos; pessoais ou sociais; e, até mesmo, situacionais, considerando que essas relações não se excluem, mas se integram, tendo como alicerce a interação.

Ao levar em conta o aspecto interacional, Giddens (1991a) apresenta alguns dilemas, originados pela modernidade. Destacamos, nesta pesquisa, o primeiro deles: a unificação *versus* a fragmentação. Ao mesmo tempo, ocorrem a separação e a conexão. Constituem-se forças contrárias, mas que coexistem e, possivelmente, complementam-se. Os outros são: impotência *versus* apropriação; autoridade *versus* incerteza; experiência personalizada *versus* experiência mercantilizada. Todos eles representam a contradição existente na modernidade. A identidade constrói-se a partir do embate dessas forças antagônicas que, embora se oponham, completam-se.

Por isso, Bauman (2001, p. 97) compara a identidade a uma “obra de arte” e ressalta:

Essa obra de arte que queremos moldar a partir do estofado quebradiço da vida chama-se “identidade”. Quando falamos de identidade há, no fundo de nossas mentes, uma tênue imagem de harmonia, lógica, consistência: todas as coisas que parecem – para nosso desespero eterno – falar tanto e tão abominavelmente ao fluxo de nossa experiência. A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme [...].

A comparação do autor reflete esse interesse em entender a identidade. A solidez e a “consistência” constituem-se apenas tentativas de caracterização que procuramos

³⁸ Carmo (2012, p. 121) define Construtivismo Social como “[...] uma teoria radical do significado, pois prevê que a atribuição legítima de significado depende exclusivamente da aceitação mecânica da aplicação de palavras entre indivíduos de uma sociedade”.

impor a ela. No entanto, ela encontra-se no fluxo da corrente transformadora da modernidade, que proporciona à identidade o estado de inconstância, de fluidez.

Com uma concepção de mudança constante semelhante à de Bauman (2001), porém considerando o período atual como pós-modernidade, Hall (2006, p. 38) entende que o sujeito não possui uma identidade fixa, única, estável, mas sim, uma multiplicidade de identidades assumidas pelo indivíduo em diferentes momentos, chegando até a serem contraditórias e empurrando para diferentes direções, atitudes, em uma mudança constante, dinâmica. Ele explica:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

Dessa forma, o indivíduo tem sua identidade construída ao longo da vida, cuja transformação se dinamiza pelo conjunto de situações políticas, sociais, históricas, culturais da sociedade moderna.

Rajagopalan (2003, p. 59), ao tratar das identidades linguísticas no mundo globalizado, destaca a “volatilidade e instabilidade” que as marcam nessa modernidade. Os dois adjetivos usados pelo pesquisador destacam o poder de mudança constante, proporcionadas pelas transformações sócio-históricas. Ele ressalta a velocidade e a quantidade de informações a que estamos expostos atualmente, na seguinte afirmação:

Estamos vivendo a era da informação – hoje somos o que sabemos. E a linguagem está no epicentro deste verdadeiro abalo sísmico que está em curso na maneira de lidar com as nossas vidas e as nossas identidades. Se a identidade linguística está em crise, isso se deve, de um lado, ao excesso de informações que nos circunda e, por outro lado, às instabilidades e contradições que caracterizam tanto a linguagem na era da informação como as próprias relações entre os povos e as pessoas.

O autor coloca em destaque a crise da identidade linguística. No entanto, podemos acrescentar a crise em todas as formas de identidade, seja individual ou coletiva, porque estamos nesse “epicentro”, nesse grande volume de transformações que promovem esse processo de construção e reconstrução constante. “Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão

surgindo” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71). O autor afirma que os estudos sobre identidades enfatizam a ideia de que nunca estão prontas ou acabadas.

Griswold (2004) apresenta a visão construcionista da identidade, compartilhando da mesma ideia proposta por Bauman (2001) e Hall (2006), ou melhor, do entendimento de que ela se constitui em algo maleável, fluido, pois os sujeitos podem mudar as comunidades a que pertencem, as causas que apoiam, as pessoas a quem dão apoio.

Aquino e Palumbo (2016, p. 77), coadunando-se com a ideia da construção, entendem que a identidade não se encontra pronta, concluída. Como Hall (2006), elas afirmam:

Por ser produto das relações sociais e objeto de discurso, ela é passível de transformações e de ajustes em interações diversas de épocas distintas, nas quais entidades constituem-se por valores e crenças a que recorrem os sujeitos em busca de uma consciência de si.

A concepção construcionista da identidade define-se a partir desse processo contínuo de “transformações”, de “ajustes”, que ocorrem ao longo da existência do indivíduo, porque procura a “consciência de si” nas interações com o outro.

Pavloski (2012, p. 13), também como Bauman (2001) e Hall (2006), apresenta a ideia da identidade múltipla, fragmentada, instável: “Tanto na esfera pública quanto privada, as transfigurações dos paradigmas identitários substituíram a unicidade pela multiplicidade e a solidez pela desconstrução”. O estudioso afirma que o indivíduo moderno “[...] encontra na fragmentação e na instabilidade os signos indelévels de sua identidade” (PAVLOSKI, 2012, p. 28). Portanto, a principal característica do indivíduo moderno baseia-se na possibilidade de transformar-se continuamente, devido à imersão, em um contexto social multifacetado e complexo.

De Fina (2011) coaduna-se com essa ideia de complexidade e destaca as identidades como sendo propriedades individuais ou como resultados que emergem da interação social e encontram-se ancoradas no individual ou no grupal. Por isso, elas apresentam-se como plurais e complexas, visto que envolvem diferentes tipos de agentes e processos de comunicação.

Outro ponto importante ressaltado por Hall (2006, p. 41) constitui-se a relação entre língua e identidade, que podemos ampliar para discurso e identidade, conforme a citação:

As palavras são “multimoduladas”. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado [...] Tudo o que dizemos tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” na qual as outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença).

O discurso materializa nossas crenças, nossas ideias, nossas experiências passadas e/ou presentes e até o que pretendemos em relação ao futuro. Assim, as palavras caracterizam-se por serem “multimoduladas”, permitindo uma variedade de significados, a depender das situações interacionais.

Pavloski (2012, p. 21) apresenta posição próxima à de Hall (2006) sobre a relação entre língua e identidade, conforme podemos observar na afirmação:

[...] há uma cisão entre a verdadeira identidade do sujeito (Eu) e aquela imposta pela sociedade e suas instituições (Não-eu) [...] Consequentemente, a supremacia do Não-eu sobre o Eu cria a ilusão de que o mundo é externo ao sujeito quando, na verdade, o universo material se constrói a partir dele e por meio da linguagem.

Dessa forma, essas identidades múltiplas e em constante mudança projetam-se no discurso e nas interações em todas as esferas. O Eu apresenta-se sujeito às ideologias impostas pelas classes pertencentes ao poder que representam sua negação e, muitas vezes, encontra-se imerso em conflitos entre o individual e o social. Pavloski (2012, p. 23) entende que esse processo resulta do “fluxo da modernidade”, trazendo para o indivíduo “[...] um conjunto maior de possibilidades individuais e sociais”. Ao considerar a relação entre o Eu e o Outro, passamos à discussão sobre identidades pessoal e coletiva, para compreender sua inter-relação.

3.1.2 As identidades: pessoal e coletiva

Chaves (2009, p. 50) recorre à etimologia da palavra e constrói sua definição, ao afirmar que a identidade “[...]remete ao que é semelhante, análogo ou idêntico, mas exprime tanto conformidade do sujeito consigo mesmo quanto o compartilhar com características de outros indivíduos ou grupos sociais”. Ressalta, também, que a identidade de um indivíduo se compõe na relação com o outro, ou seja, na relação dicotômica entre identidade e alteridade. Dessa forma, possibilita não só analisar as semelhanças, mas também as diferenças, as contradições que se estabelecem na interação do indivíduo com a sociedade. Assim, segundo a autora, tem-se a “identidade pessoal” e a “identidade social”.

Giddens (2002, p. 22) usou o termo “auto-identidade” para referir-se à “trajetória”, percorrida nas diferentes situações da modernidade, entendida pelo autor como semelhante ao “mundo industrializado”, que se caracteriza por uma dinamicidade que afeta tanto as relações pessoais como as sociais, como verificamos na afirmação:

Uma das características mais óbvias que separa a era moderna de qualquer período anterior é seu extremo dinamismo. O mundo moderno é um “mundo em disparada”: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamentos preexistentes são maiores.

Esse aspecto dinâmico da modernidade encontra-se presente nas relações dos indivíduos, mas, principalmente, das comunidades. Giddens (2002, p. 27) afirma que a dinâmica existente na modernidade trouxe, de forma inerente, a globalização, que “[...] diz respeito à interseção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais “a distância” com contextualidades locais”. Para ele, há uma relação entre o local e o global, por isso a “auto-identidade” se inter-relaciona, dialeticamente, com o meio social em um sentido global, de acordo com a seguinte citação:

As transformações na auto-identidade e a globalização, como quero propor, são os dois pólos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade. Em outras palavras, mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude (GIDDENS, 2002, p. 36).

Ele usa o termo “projeto reflexivo”, ou seja, o Eu passa por um *continuum* de mudanças, por conta da modernidade, em uma relação de dupla mão com o social. O local e global complementam-se, inter-relacionam-se com a realidade, ou melhor, constitui-se a dialética entre o local e o global, onde as identidades se (re)constróem, a partir das experiências pessoais e coletivas e da reação de cada indivíduo ou grupo. Com base nessa concepção, o autor afirma:

Todo mundo ainda continua a viver uma vida local, e as limitações do corpo asseguram que todos os indivíduos, a todo momento, estão contextualmente situados no tempo e no espaço. E, no entanto, as transformações do lugar, e a intrusão da distância nas atividades locais, combinada com a centralidade da experiência transmitida pela mídia, mudam radicalmente o que “o mundo” é na realidade [...]. Embora todo mundo viva uma vida local os mundos fenomênicos da maioria são verdadeiramente globais (GIDDENS, 2002, p. 174).

Giddens (2002, p. 174-175) entende que as localidades se influenciam pelos acontecimentos no nível global e os indivíduos “[...] incorporam seletivamente, de maneira ativa, ainda que nem sempre de maneira consciente, muitos elementos da experiência transmitida pela mídia à sua conduta no dia-a-dia”. Assim, ele identifica um dos dilemas que surgiu com a “modernidade tardia”, na seguinte citação:

A modernidade fragmenta; e, também, une. Desde o nível do indivíduo até o dos sistemas planetários completos, tendências à dispersão competem com as que promovem a integração. Em relação ao eu, o problema da unificação refere-se à proteção e à reconstrução da narrativa da auto-identidade diante das intensas e extensas mudanças que a modernização provoca.

Com a vida moderna, temos uma eterna contradição entre a unidade e a fragmentação. Ao mesmo tempo, estamos próximos, mas distantes. A relação dialética entre o local e global, entre o que está próximo e o que está distante se constitui um paradoxo. Hall (2006, p. 76) trata da tensão entre o global e o local no processo de construção das identidades, por causa da ideia de pertencimento, proveniente das identidades nacionais, pois essas “[...] representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares”.

Arsenault e Castells (2008) não discutem sobre tensão como Hall (2006), porém afirmam que o capital é global e as identidades são locais. Eles entendem que a comunicação *online* propiciou uma diversificação dos conteúdos e de novas formas de expressão midiática na rede, caracterizando-se por ser, ao mesmo tempo, global e local. Estes últimos podem até se opor, porém eles integram-se, inter-relacionam-se.

Por se constituir na relação com o outro, as identidades não podem representar a unidade, pois, de acordo com Hall (2000, p. 108), na modernidade, elas encontram-se “[...] cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos”. O pesquisador ressalta a pluralidade de identidades em decorrência da globalização:

Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (HALL, 2006, p. 87).

Assim, as identidades, sejam individuais ou sociais, constroem-se continuamente e encontram-se sempre em processo de transformação, inseridas em uma sociedade moderna complexa e plural. Elas conectam-se com “[...] a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2000, p. 109).

Posição semelhante à de Hall (2000) apresenta-se em Castells (2018 [1999], p. 55), quando afirma:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais [...].

Essa ampla “matéria-prima” permite a pluralidade de identidades, pois são ressignificadas constantemente, a partir de influências das transformações da sociedade moderna, nas quais indivíduos e comunidades encontram-se imersos. Desse modo, entendemos que a construção identitária ocorre na relação dinâmica da modernidade, ideologia, tempo e espaço em um meio fluido e instável.

Na década de 1990, os pesquisadores, entre eles Hobsbawm (1996), destacavam a necessidade, que os indivíduos incertos com relação ao futuro sentiram de reunirem-se em grupos identitários. Isso reforça a existência dos binômios singularidade/pluralidade; Eu/Outro; individual/coletivo. Não um em contraposição ao outro, mas sim em uma relação de complementaridade, trazida pela sobrevivência imprescindível na atualidade.

A sociedade moderna trouxe o forte sentimento de busca pela identidade que a torna “[...]tão poderosa quanto a transformação econômica e tecnológica no registro da nova história” (CASTELLS, 2017 [1999], p. 64). Com base nas transformações provocadas pelos novos tempos, Castells (2017 [1999], p. 63) destaca:

[...] a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são.

As transformações tecnológicas remodelaram-nos em uma sociedade em rede, como chama Castells (2017 [1999]), e com uma diversidade de comunidades virtuais. No entanto, esse ritmo acelerado de mudanças trouxe a fragmentação, em vez de possibilitar apenas a unidade, por isso acontece a busca pelas identidades, que se (re)constroem a todo instante em um processo interativo, dinâmico, difícil de ser acompanhado. “Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser” (CASTELLS, 2017 [1999], p. 63). A vida entrelaçada em redes intensifica essa oposição bipolar identificada pelo autor, que representa globalização como Rede e identidade como Ser.³⁹ Alicerçados nessa concepção, discutimos essa relação entre Ser e Rede, individual e coletivo.

3.1.2.1 O Ser na Rede: do individual para o coletivo

O novo sistema global pode explicar essa necessidade crescente da busca pela identidade, ofuscada pelas transformações institucionais. Castells (2017 [1999], p. 80) entende que:

³⁹ CASTELLS, 2017, p. 78.

Quando a Rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global: o processo de desconexão torna-se recíproco após a recusa, pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social.

Hoje, o Ser vincula-se à Rede, ou melhor, liga-se em uma referência global. Quando se desconecta, perde o vínculo com o global, porque, para um mundo em rede, é importante estar conectado, caso não, ocorre a exclusão.

Dessa maneira, entendemos que a construção das identidades individuais e coletivas acontece nessa dinâmica relação com a Rede. A existência do Ser torna-se vinculada à Rede. Caso isso não aconteça, o Ser sofre a recusa da sociedade que gira em torno do ambiente digital. Aqueles que não possuem conhecimento digital não se tornam membros dessa sociedade em rede.

As identidades individuais e coletivas revelam o ambiente social, discursivo, político e econômico no qual o(s) indivíduo(s) se encontra(m). Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 267) afirmam que as identidades se constroem de duas maneiras distintas, porém complementares. Segundo eles, temos, então, uma identidade pessoal e outra de posicionamento e destacam:

[...] a identidade resulta, ao mesmo tempo, das condições de produção que exercem coerções sobre o sujeito, condições que estão inscritas na situação de comunicação e/ou no pré-construído discursivo, e das estratégias que ele põe em funcionamento de maneira mais ou menos consciente.

Elas formam-se a partir da interação entre os interlocutores e sofrem as influências do meio, pois exerce um poder coercitivo, resultante das ideologias, crenças, etc., que se materializam, de forma consciente ou não.

Possivelmente, considerando essa relação do Eu com o Outro, Hobsbawm (1996) elenca quatro pontos relevantes sobre a noção de identidade coletiva. No primeiro ponto, apresenta-se a noção que ela não se baseia no que seus membros possuem em comum. Eles reconhecem-se como “nós”, porque eles diferenciam-se dos “outros”. Em segundo lugar, compreendem-se as identidades como permutáveis, visto que podem existir em diferentes combinações. O terceiro trata da concepção de que as identidades não são fixas, mudam sempre, assemelhando-se ao que Hall (2006) adotou. No quarto e

último, ressalta-se a mudança provocada pelo contexto no qual os indivíduos estão inseridos.

Griswold (2004) apresenta a ideia da identidade coletiva ligada aos problemas e movimentos sociais, a qual, quando ativada, leva ao compartilhamento de pensamentos relacionados a determinada situação-problema, desencadeando uma ação. A autora exemplifica usando as noções de raça e etnicidade, que podem compor a construção de identidades muito poderosas no sentido da tomada de atitude pelos movimentos de direitos humanos.

Destaca-se um exemplo ocorrido no Brasil; trata-se do caso do assassinato da vereadora Marielle Franco, envolvida na luta pelos direitos dos negros, das comunidades mais pobres e, que até o momento, não foi elucidado (BETIM, 2018). O fato ativou a formação de grupos, de movimentos sociais que se uniram para protestar contra a demora no resultado das investigações. Mais de 45 páginas no *Facebook* foram criadas para acompanhar, mobilizar, denunciar o assassinato da vereadora. Os grupos, unidos por um interesse comum, saíram das redes sociais e alcançaram as ruas, originando grandes manifestações. Podemos verificar, nas figuras a seguir, alguns exemplos de Páginas criadas sobre esse assunto:

Figura 8- Páginas do Facebook sobre Marielle Franco



Fonte: https://www.facebook.com/search/str/marielle+franco/keywords_pages.

Na Figura 8, observamos algumas Páginas criadas depois que a vereadora foi assassinada. Nelas, encontramos o ponto de partida da mobilização. As categorias das páginas classificam-se de forma diferente (organização política, comunidade, causa, etc.). Em cada uma delas, há um grupo de pessoas interagindo, compartilhando informações. Com base em Castells (2017 [1999], p. 442), entendemos que há sociabilidade, com discussões em um meio que permite um “modelo igualitário de interação”. A interação ocorre internamente, mas também há entre as páginas, porque existe um elo identificado nesse exemplo: a indignação com o assassinato da Marielle Franco, que resultou na ação apresentada na figura seguinte:

Figura 9- Grupo de manifestantes



Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/15/politica/1526419633_470098.html.

Na Figura 9, observamos a indignação, marcada no enunciado via mundo virtual, materializando-se nos atos, pressionando pela solução do crime. Esse ativamento da mobilização na Rede permitiu o compartilhamento dos objetivos, dos interesses semelhantes dentro de grupos e desencadeou ações para lutar. Por isso, podemos dizer que ele motivou a formação de comunidades nas quais os indivíduos se uniram em torno de algo comum.

Concordamos com Castells (2017 [1999]), quando trata da relação Ser e Rede, como ativador da transformação social. Podemos entender o Ser e a Rede como o

individual e o coletivo, que se constroem processualmente. O primeiro pode desenvolver identidades múltiplas por causa do segundo, originando uma “pluralidade”, que constitui “[...] fonte de tensão e contradição tanto na autorrepresentação quanto na ação social” (CASTELLS, 2018 [1999], p. 54). Dessa forma, o consenso nem sempre existe nessa relação, porque pode ser iminente um choque entre o Eu, que se caracteriza como plural, e o coletivo.

Griswold (2004) define comunidade, a partir de dois sentidos. O primeiro baseia-se no conceito territorial, algo que pode ser localizado no mapa. Já o segundo sentido fundamenta-se no relacional, ou melhor, refere-se às pessoas unidas pelas redes de comunicação, amizade, associação ou apoio mútuo. Podem estar em locais diferentes e nem se conheceram. Para a autora, nos dois, a comunidade apresenta-se repleta de significado e constituída por uma identidade coletiva, pois se encontram, essencialmente, imersas em uma realidade socio-político-histórica.

Detecta-se a concepção de união, também, na discussão de Miranda (2006, p. 30) sobre identidades coletivas, as quais define como a comunhão “[...] de interesse e vontades”, que “[...] coexiste com interesses individuais”. Além disso, ele acrescenta:

O processo dialógico buscaria o consenso que deve ser entendido como a situação em que se forma a consciência coletiva (definindo necessidades e ações possíveis e convenientes diante de uma questão qualquer) com a preservação e/ou atendimento máximo dos interesses individuais envolvidos.

O pesquisador vê a coletividade com base nos objetivos comuns, porém observa a tentativa de manutenção de alguns interesses individuais que poderiam ser solucionados a partir do diálogo. O encontro entre o individual e o coletivo caracteriza-se pela presença do conflito, que pode se pacificar por meio do processo interacional.

A identidade coletiva concebida como o “[...] entrecruzamento de uma multiplicidade de olhares”⁴⁰, na busca daquilo que aparenta ser consensual. Seguindo uma linha de pensamento semelhante ao de Miranda (2006), Charaudeau (2016, p. 27) destaca:

Então, de que é feita a identidade de um grupo? Daquilo que os membros do grupo compartilham: suas opiniões, conhecimentos, valores, gostos (em família, no trabalho, enquanto mulher, homem, jovem ou idoso etc.), que constituem um vínculo social, o espelho no qual os indivíduos se reconhecem como pertencentes a um mesmo

⁴⁰ CHARAUDEAU, 2016, p. 62.

conjunto, a uma mesma entidade, e que norteiam sua conduta na vida em sociedade.

As concepções de Miranda (2006), Charaudeau (2016) e Castells (2018 [1999]) coadunam-se com a ideia de que a base para a consciência coletiva se encontra naquilo que simboliza a ligação entre os membros do grupo. Por isso, podemos entender essa busca pelo consenso, que se caracteriza como instável, devido à dinamicidade das relações em uma comunidade.

Hall (2000, p. 109) destaca a inserção das identidades coletivas no meio histórico-sócio-discursivo e indica que, por esse motivo, estão em *continuum* de mudança:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica[...].

Imersas nesse ambiente, elas constituem-se pela interação discursiva, ou seja, pela interdependência entre o Eu e o Outro que se revela discursivamente. As relações de poder, os confrontos ideológicos concretizam-se no ato discursivo e fazem parte da constituição identitária, por isso imprime-se a marca da heterogenia.

Castells (2018 [1999]), considerando a construção identitária, como oriunda de um contexto, no qual se apresentam as relações de poder, propõe três tipos de identidade coletivas: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto. As identidades legitimadoras originam-se nas instituições dominantes. As de resistência formam-se “[...] pelo uso de materiais herdados da história (deus, nação, etnicidade, localidade)” e possuem grande importância nos conflitos sociais, porque resultam da reação diante da opressão (CASTELLS, 2018[1999], p. 20). As de projeto apresentam como objetivo principal a introdução de “[...] novos conjuntos de valores[...].” (CASTELLS, 2018[1999], p. 20), para transformar a sociedade e originam-se, “[...] a partir da resistência comunal” (CASTELLS, 2018[1999], p. 59).

As identidades das comunidades desenvolvem-se não em torno de si, mas na relação com o grupo opositor. Há uma aparente unidade em cada grupo, pois ela surge a partir da diferença do outro, da exclusão, conforme a seguinte afirmação:

A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” - mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado (HALL, 2000, p. 110).

O autor assume que as identidades constituem “representações” construídas, a partir das diferenças, por isso, o que “lhes falta” se torna imprescindível nesse processo. Dessa maneira, as identidades constroem-se na relação entre a identidade e a alteridade, na relação entre as semelhanças e as diferenças, sendo que as últimas constituem a força maior nesse processo.

Charaudeau (2016, p. 24-25), em consonância com Hall (2000), entende que a identidade individual constitui-se na interação com o outro e afirma que “[...] somos, simultaneamente, o que não é o outro e o que ele é”, ou melhor, tanto o que é semelhante quanto o que não é fazem parte da construção identitária, “[...] ao mesmo tempo individual e coletiva”.

O autor observa que a identidade coletiva deve ser preservada e reforçada, pois se caracteriza como frágil e há a tendência a exaurir-se com o decorrer do tempo. Ao discutir sobre contato entre as comunidades, Charaudeau (2016, p. 29) afirma:

[...] os grupos, ao se confrontarem, estabelecem entre si relações de força ao fim das quais acontecem dominações, exclusões, misturas ou fusões. Todo grupo se constitui e vive ao sabor de um duplo movimento de fechamento sobre si (força centrípeta) e/ou de abertura para o outro (força centrífuga).

Assim, ele compreende que a presença da força centrípeta conduz a um “processo de diferenciação”, quando um grupo deseja se afirmar em relação ao outro, por conta de ameaça à identidade, enquanto a força centrífuga resulta em um “processo de assimilação”, ou seja, um grupo pode dialogar com outro, coexistindo ou fundindo-se, ao considerar que possui uma identidade forte (CHARAUDEAU, 2016, p. 29-30).

Aquino e Palumbo (2016), ao analisarem a Carta Testamento de Getúlio Vargas, identificam a construção do eu-herói e do outro como anti-herói, a ênfase do Eu, que

realiza ações positivas e do Outro, a quem é dada a autoria das ações negativas. Dessa maneira, ocorre a construção da identidade que desperta para a competição existente nos diferentes campos, principalmente no político. As autoras destacam:

É por tal razão que a disputa entre identidades revela-se como elemento constitutivo de nossa sociedade, sobretudo no campo político, em que os posicionamentos opostos são frequentes. Nesse sentido, convencer os interlocutores de que um é melhor do que o outro, em uma busca constante por legitimidade, torna-se essencial para a argumentação política (AQUINO; PALUMBO, 2016, p. 77).

De acordo com as autoras, nesse processo de construção identitária, torna-se possível “[...] posicionamentos de alinhamento ou repulsa” (AQUINO; PALUMBO, 2016, p. 79) na relação do Eu com o Outro e na busca pela legitimidade, essencial para aquele que atua no discurso político. Nesse sentido, observa-se a presença de conexão entre identidade e ideologia, a ser discutida no item seguinte.

3.2 A INTER-RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E IDEOLOGIA

Um outro ponto importante que não podemos esquecer apresenta-se na estreita ligação entre ideologia e identidade, visto que a última se constitui da primeira, como já destacamos no capítulo anterior. A ideologia pertencente ao poder com o objetivo de manter seu *status quo* sempre procura normatizar as identidades e distinguir aquelas que se desviam do padrão determinado. Pavloski (2012, p. 30) afirma:

[...] percebemos nas sociedades contemporâneas a existência de dois discursos claramente antiéticos: aquele que defende o reconhecimento da diversidade e da pluralidade identitária; e aquele que, diante da assustadora fluidez da modernidade, anseia pelo retorno de uma matriz conceitual estável e redentora. O conflito ideológico e ético entre essas duas perspectivas compõe o atual capítulo da dialética que, desde o Renascimento, define o pensamento sobre a formação das identidades sociais.

Essa conexão entre ideologia e identidade encontra-se, também, destacada em Chilton (2004), quando ele trata dos comportamentos relacionados ao discurso político em dois níveis: a) micro, no qual se encontram presentes os conflitos de interesse, as lutas por alguma forma de dominação e até os esforços por cooperação entre indivíduos ou

grupos sociais de diferentes tipos; b) macro, onde estão as instituições políticas do estado que podem solucionar conflitos de interesse e assegurar o poder de dominação de um indivíduo ou de um grupo. Essa inter-relação concretiza-se no discurso político no ambiente virtual, como apresentamos no próximo item.

3.2.1 A relação identitária e ideológica e as comunidades *online*

Constituídas basicamente pela resistência a algum tipo de opressão, as comunidades que surgem nas redes sociais encontram-se unidas, mesmo que temporariamente, em torno de um objetivo em comum. Algumas delas resultaram em movimentos sociais, na defesa de questões relacionadas à justiça e igualdade social, contra a globalização. Para Castells (2018 [1999], p. 200):

O movimento antiglobalização, conseqüentemente, não pode ser reduzido às grandes manifestações realizadas por jovens ativistas de países desenvolvidos. Ele é formado por uma pluralidade de lutas sociais pelo mundo todo. Essas lutas estão inter-relacionadas e se comunicavam através de uma combinação de redes de internet, difusão midiática, fóruns de discussão e convergência em eventos de protestos que circulam pelo globo [...].

Nem toda comunidade oriunda da rede resulta em movimento social. No entanto, a mobilização intensifica-se, cada vez mais, em várias partes do globo. Castells (2018 [1999]) analisa cinco movimentos sociais: os zapatistas, movimento de guerrilha no México; movimento patriótico nos Estados Unidos; Verdade Suprema no Japão e Al-Qaeda, rede fundamentalista terrorista global, no Afeganistão. O pesquisador identifica-os como movimentos completamente diferentes, pois uns apoiam a luta armada, outros não. Apesar das diferenças no que se refere aos valores e objetivos, eles apresentam o inimigo em comum, o neoliberalismo, mesmo que o sentido não seja igual para todos. Ele acrescenta:

O que começou como uma resistência, baseada na identidade e na preservação do *status quo* econômico, evoluiu para uma multiplicidade de projetos, nos quais identidade cultural, interesses econômicos e estratégias políticas se combinavam num modelo cada vez mais complexo: o quadro dos movimentos sociais na sociedade em rede (CASTELLS, 2018 [1999], p. 216).

Esse movimento apresenta sua essência no estabelecimento de redes na internet. A organização dos grupos nas redes não precisa de uma “[...] estrutura de comando centralizada investida de autoridade e poder decisório”, podendo externar suas opiniões, seus conflitos para todos, ativando uma mobilização não só local, mas também global (CASTELLS, 2018 [1999], p. 203). Dessa forma, o pesquisador acredita que a internet se tornou uma “ágora permanente”, possibilitando um amplo debate (CASTELLS, 2018 [1999], p. 204).

Ao analisar os movimentos citados anteriormente, Castells compreendeu que a internet auxiliou no sucesso de alguns movimentos isolados, quando permitiu a construção de suas “redes globais de solidariedade e assistência”, postando “informações em tempo real” e “tornando-se menos vulneráveis à repressão em suas regiões” (2018 [1999], p. 204). Assim, a era da informação oportunizou aos indivíduos usarem imagens, sons, palavras, etc., para divulgar ideias, opiniões, instituindo a internet como um meio político. De acordo com Castells (2018 [1999], p. 205):

Embora essas construções estejam claramente em processo de experimentação social, o que é analiticamente importante sublinhar é que o estabelecimento de redes, em especial de redes baseadas na internet, não é só um instrumento de organização e de luta, mas também uma nova forma de interação social, mobilização e tomada de decisão. É uma nova cultura política [...].

O pesquisador acredita ser “uma nova forma de interação social” que se encontra em fase de experimentação, mas se mostra eficiente, no sentido de se manifestar para a sociedade como um todo, saindo do local e alcançando o âmbito global. Por isso, ele a denomina como “nova cultura política”, pois se apresenta, possivelmente, livre das amarras da mídia tradicional, tendo, como principais características, a instantaneidade e dinamicidade, como acrescenta o autor:

[...] Isso representa um relacionamento instantâneo entre o local e o global, de modo que o movimento possa pensar localmente, ancorado em sua identidade e em seus interesses, e agir globalmente, onde as fontes de poder estão. Isso também quer dizer que todos os nós na rede podem e devem contribuir para os seus objetivos, assim fortalecendo-a por sua incessante expansão (CASTELLS, 2018[1999], p. 205).

Essa construção da identidade de resistência, resultante do movimento contra a globalização que se origina no local, adquire, porém, dimensões globais, alimenta-se da

vitalidade, proporcionada pela rede. Para Castells (2018 [1999], p. 214), a internet constitui um meio de mobilização, uma “[...] forma de organização e debate” e “[...] um modelo de sociedade democrática, aberta, de base popular [...]”.

Apresenta-se como ágora, por permitir a exposição de pensamentos, ideologias, posicionamentos de toda ordem. Uma das manifestações presentes constitui o surgimento de uma mobilização no discurso político em torno do sentimento de nacionalismo, ou seja, da identidade nacional, que se constrói nessa inter-relação.

3.2.2 Construção da identidade nacional no discurso político digital

O nacionalismo reapareceu com grande força em vários países no final do século XX. Essa identidade nacional apresenta-se como oposição ao estrangeiro e como um forte sentimento antiglobalização. Castells (2018 [1999], p. 76-77) destaca:

Essa tendência histórica tem surpreendido alguns observadores, após a morte do nacionalismo ter sido anunciada por uma causa tripla: a globalização da economia e a internacionalização das instituições políticas; o universalismo de uma cultura compartilhada [...] e os ataques desfechados por acadêmicos contra o conceito de nações, consideradas “comunidades imaginadas” [...].⁴¹

O pesquisador identifica a ampliação dos movimentos nacionalistas, que disseminam suas ideias nas propagandas políticas, como reação contrária à globalização. Castells (2018 [1999], p. 7-80) ressalta que, para compreender o nacionalismo contemporâneo, deve-se considerar sua construção cultural e política e o fato de não estar restrito às elites, podendo ser também uma reação das massas. No entanto, é importante destacar o interesse das primeiras em controlar as últimas, por meio de um apelo ao sentimento nacional.

O nacionalismo constitui uma das reações defensivas contra três ameaças, identificadas pela sociedade moderna, conforme a seguinte afirmação de Castells (2018 [1999], p. 115):

⁴¹ Castells (2018, p. 100) define nações como “[...] comunidades culturais construídas nas mentes e na memória coletiva das pessoas por meio de uma história e de projetos políticos compartilhados”.

[...] à globalização, que dissolve a autonomia das instituições, organizações e sistemas de comunicação nos locais onde vivem as pessoas; à formação de redes e à flexibilidade, que tornaram praticamente indistintas as fronteiras de participação e de envolvimento, individualizam as relações sociais de produção e provocam a instabilidade estrutural do trabalho, do tempo e do espaço; e à crise da família patriarcal, ocorrida nas bases de transformação dos mecanismos de criação de segurança, socialização, sexualidade e, conseqüentemente, de personalidades.

A explosão dos movimentos nacionalistas não ocorreu de forma arbitrária, mas como uma resistência organizada contra essa sociedade moderna, na qual as mudanças ocorrem de forma rápida, dinâmica e que não os agrada. Castells (2018[1999], p. 115) destaca:

Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica. Quando o sustentáculo patriarcal da personalidade desmorona, as pessoas passam a reafirmar o valor transcendental da família e da comunidade como sendo a vontade de Deus.

Definem-se como reações defensivas que ativam as ideologias nacionalistas, cujo vigor se mostra presente em várias regiões do mundo e reflete, segundo Castells (2018 [1999]), o Estado-Nação⁴² que se encontra em crise, completamente, enfraquecido.

Esse cenário incentiva a expansão do nacionalismo. A rejeição à globalização, por causa da dificuldade das elites e dos Estados-Nações em abrir mão, respectivamente, dos privilégios e da soberania, em favor de um governo global. Dessa forma, o autor enfatiza que, por vivermos na sociedade em rede, “[...] a transformação política e dos processos democráticos” acontece de maneira mais profunda, trazendo conseqüências para o “[...] debate político e as estratégias de busca do poder” (CASTELLS, 2018 [1999], p. 436). Ele observa:

Essa dimensão tecnológica interage com as tendências mais abrangentes, características da sociedade em rede, como também com as reações comunais aos processos dominantes criados a partir dessa estrutura social. Exerce ainda poderosa influência sobre essa

⁴² Os Estados-Nações têm sua formação histórica na era moderna, tendo como objetivo o envolvimento em “[...] redes de governança global para gerir a dimensão global de tudo, às custas de representar os interesses da nação” (CASTELLS, 2018 [1999], p. 18).

transformação, levando ao que chamo de política informacional (CASTELLS, 2018 [1999], p. 436).

O pesquisador entende que o uso da tecnologia proporciona a criação de novas regras no contexto de transformações intensas no qual vivemos, interferindo na “essência da política” (CASTELLS, 2018[1999], p. 437). Ele destaca sua concordância com Bobbio (2011[1995]), quando o último elenca as diferenças entre a direita e a esquerda política e, também, caracteriza o centro. Entretanto, aponta para a necessidade de usarem estratégias para atingir um maior número de indivíduos por meio tecnológico; assim, a mídia eletrônica, abrangendo até as redes sociais, tornou-se “espaço privilegiado da política”. “Não que toda a política possa ser reduzida a imagens, sons ou manipulações simbólicas. Contudo, sem a mídia, não há meios de adquirir ou exercer o poder” (BOBBIO, 2011[1995], p. 437). Com base na importância transformadora do meio digital, discutimos sobre a presença intensa do discurso político nas redes sociais, a fim de compreender como ele se materializa.

3.2.2.1 O discurso político nas redes sociais

Entendemos que existe, nas redes sociais, uma força de inter-relação dinâmica e complexa entre ideologia e identidade, imersa em um jogo de poder, que se exterioriza por meio do texto multimodal, revelando a fugacidade, a transitoriedade das interações. A tríade identidade-ideologia-poder constitui-se a partir de uma relação de forças que ora se atraem ora se opõem, instaurando os conflitos. No momento de atração, temos a formação das comunidades unidas por um objetivo em comum, porém, a ocorrência da oposição pode originar o confronto.

Ao analisar o uso da mídia como espaço para a discussão política, Castells (2018[1999], p. 438) sustenta a ideia:

[...] de que tal “inserção” da política por sua “captura” no espaço da mídia (tendência característica da era da informação) causa um impacto não só nas eleições, mas na organização política, processos decisórios e métodos de governo, em última análise alterando a natureza da relação entre Estado e sociedade.

A política informacional tornou-se uma realidade e possui uma grande força de expansão que pode ser usada para alcançar o poder. Um exemplo é a realidade brasileira nas eleições presidenciais de 2018, na qual se verifica o uso intenso das redes sociais, principalmente *Facebook* e *Whatsapp*. Por isso, podemos estender a concepção de política informacional, também, para essa utilização intensa das redes sociais na captação de adesão dos usuários. No entanto, Castells (2018 [1999], p. 443) alerta:

Nem a televisão nem quaisquer outros meios de comunicação determinam resultados políticos por si próprios, justamente porque a política da mídia representa um espaço contraditório, em que atuam diferentes atores e estratégias, com diversas técnicas e resultados distintos, o que por vezes resulta em consequências inesperadas. A midiocracia não entra em choque com a democracia – ou melhor, nem tanto – porque sua natureza é tão plural e competitiva quanto o sistema político.

Essa discussão leva-nos a entender que não há mais como voltar atrás, pois a política encontra-se imersa na nova mídia eletrônica, que se tornou o espaço para divulgação das ideias, propostas políticas, na ânsia da obtenção de um amplo apoio. Assim, a midiocracia e a democracia entrelaçam-se de forma intensa, “plural” e dinâmica, caracterizando-se como um terreno fértil para a disseminação de ideias.

A Era da informação trouxe a interatividade e a ressignificação do tempo e espaço. E, por ser um meio favorável às discussões democráticas, incorporou a política em seu ambiente digital. Além disso, ao se expandir pelas redes sociais, passou a ser um meio importante para expressão do discurso político.

Charaudeau (2016, p. 89), considerando também o discurso político, observa que “[...] a força dos argumentos empregados depende mais de sua carga emocional do que de seu rigor lógico”. O apelo aos sentimentos encontra-se inerente, como ele destaca, lembrando que os filósofos, como Aristóteles, já constatavam essa estratégia do uso das paixões, ou melhor, a “subjetivação” desse discurso, “[...] que obriga a levar em conta o afeto que acompanha a experiência dos homens e que se mistura à racionalização das representações sociais” (CHARAUDEAU, 2016, p.89).

Assim, o discurso que circula nas instâncias cidadã e política do mundo digital reflete as opiniões, os interesses, os sentimentos, as ideologias, etc. em um processo contínuo de construção da identidade individual e coletiva e, por sua vez, situa-se em um campo de batalha no qual os conflitos se mostram sempre presentes.

Mesmo no ambiente digital, podemos identificar a cena política, ou melhor, a encenação do drama político, como Charaudeau (2016, p. 90-91) observa na seguinte afirmação:

[...] pode-se ver que a ação política se desenrola segundo as três fases clássicas do drama: a) uma situação de crise que se caracteriza, aqui, pela existência de uma desordem social de que os cidadãos (ou uma parte da coletividade) são as vítimas; b) uma fonte do mal, razão de ser da desordem, que pode encarnar-se numa pessoa, que deve ser achada e denunciada; c) uma possível solução salvadora, que pode encarnar-se na figura de um salvador que proporá reparar a situação de desordem. Trata-se, então, do velho esquema cristão da Redenção, que tem suas raízes em mitos sacrificiais muito antigos (o bode expiatório) [...].

No mundo virtual, a encenação, cujas fases foram identificadas pelo autor, ocorre da mesma forma que na realidade. No ato de “descrever a desordem social”, há o objetivo de suscitar, na audiência, vítima desse processo, os sentimentos de indignação, compaixão, angústia, desejo de mudança, que se tornam a base para a construção da identidade de resistência. No momento seguinte, há a busca da causa dessa desordem que se materializa em um inimigo a ser combatido e desqualificado e usa, basicamente, o discurso de denúncia e acusação, podendo chegar até a “satanização dos culpados”⁴³ como ocorre em um discurso populista (CHARAUDEAU, 2016, p. 111). A desqualificação do inimigo pode ocorrer por meio de vários procedimentos, como:

[...] consiste em rejeitar as ideias e a ação do adversário evocando a ameaça que ele representa [...]; [...] usar de ironia [...]; [...] destacar as contradições do adversário [...]; [...] fazer pairar a sombra da manipulação por parte do adversário [...]; [...] atacar a pessoa, seja de maneira direta, chamando-a pelo nome, seja de maneira indireta, mencionando o *status*, o cargo ou função da pessoa [...] (CHARAUDEAU, 2016, p. 93-94).

Por meio do discurso, constrói-se a imagem negativa do opositor, gerando o conflito, que pode se intensificar e culminar no discurso de ódio, como podemos observar nas redes sociais, quando há alguma referência à esquerda, ao PT ou aos apoiadores de Jair Bolsonaro.

⁴³ “A satanização dos culpados se faz pela figura do ‘bode expiatório’ [...] O bode expiatório permite, então, à coletividade libertar-se de seus próprios erros ou de seu mal: ele tem uma função de catarse. Mas, para que essa catarse desempenhe plenamente seu papel, é necessário um paradoxo: a coletividade deve ser persuadida de que o bode expiatório que, na verdade, ele seja inocente (CHARAUDEAU, 2016, p. 111).

O terceiro ato, segundo Charaudeau (2016, p. 95-96), direciona-se à produção de um discurso, objetivando a reparação “do mal existente”, evocando uma identidade coletiva, usando um “Nós” inclusivo, ou uma identidade de resistência, para agir “contra o que está na origem da ameaça”. Constrói-se, então, a identidade de um “salvador” que possui um vínculo afetivo com seu povo. Com base nisso, o pesquisador afirma:

Os grandes líderes, qualquer que seja sua dimensão histórica, qualquer que seja seu projeto político (aí se incluem infelizmente ditadores e populistas), utilizaram esse tipo de palavra para tentar criar uma simbiose entre eles e o povo. O sentimento identitário passa aqui por intermédio de uma figura carismática que desempenha a função de porta-bandeira da coletividade (CHARAUDEAU, 2016, p. 96).

Como porta-voz do coletivo, “os grandes líderes” e seus seguidores, por meio do discurso, criam esse vínculo afetivo para, por fim, legitimar seu projeto político. Além disso, há a possibilidade de usar a exaltação dos valores, entendendo que a noção de valor, como é discutível, pode mudar de acordo com o contexto sociopolítico. Charaudeau (2016, p. 96) destaca:

Todos os políticos, homens e mulheres, declaram defender os valores da nação, da democracia ou da República: uns evocando a laicidade, outros incitando o povo a tomar o poder, outros apelando para a identidade nacional, outros ainda fustigando as Finanças ou reivindicando a probidade política.

O uso dos valores apela para a emoção que cria um envolvimento, facilitando a adesão às ideias apresentadas. O político que o adota caracteriza-se por ser um líder populista e usa a identidade nacional de forma tática, para incentivar o sentimento de coletividade, de amor à nação e, dessa forma, pode usar isso a seu favor. Charaudeau (2016, p. 145) declara que “[...] toda sociedade precisa gerir as relações de força que se instauram na vida coletiva à custa de discursos persuasivos cuja finalidade não é o ‘verdadeiro’, mas o ‘crer verdadeiro’”. Para ele, os discursos persuasivos podem estar se direcionando para uma massificação da informação e da forma como cada indivíduo reage a ela.

Dessa forma, o autor destaca que nem todos os indivíduos podem “cair na armadilha” da dominação, dependendo do quão influenciáveis são para acreditar nas “falsas aparências”. Ele também observa que, por vivermos na Era da Informação, na qual há um emaranhado de redes onde circula a palavra, torna-se difícil identificar os

responsáveis pelo discurso e os “verdadeiros destinatários” (CHARAUDEAU, 2016, p. 146).

Com base na construção dessas identidades no meio de interações conflituosas, sujeitas a toda forma de dominação, discutimos o conceito de conflito no próximo item.

3.2.2.2 *Conflito no discurso político midiático*

As interações na sociedade em rede encontram-se marcadas pela possibilidade de conflitos, como ocorre no mundo real. A partir da busca do termo conflito em diferentes obras de referência, Aquino (1997, p. 117) entende:

[...] as denominações *conflito*, *polêmica*, *discussão*, *debate*, *disputa*, como sinônimas dessa conversação em que ocorre controvérsia, em que se tenta convencer o interlocutor de forma diferenciada de uma argumentação “normal”.

Assim, concordamos com a pesquisadora que elenca conflito e polêmica como termos correlatos e, por isso, ao longo da discussão usaremos os dois como sinônimos. Para ela, o conflito instaura-se, podendo ter como ponto de partida a questão da significação e, além disso, nem sempre se apresentam características explícitas. O início, o andamento e o modo como o conflito é concluído depende das relações de poder e das emoções dos interlocutores envolvidos (AQUINO, 1997). De acordo com a pesquisadora:

Há que se considerar, também, as artimanhas, os subterfúgios, as estratégias discursivas selecionadas, as quais possibilitarão a instauração do conflito de forma mais sutil ou mais drástica, sem que se deixe de lado a questão de ser ou não o indivíduo autorizado a desencadear ou solucionar um conflito de acordo com seu *status* de participação. Estar ou não autorizado a dizer tal coisa pode desencadear um conflito [...] (AQUINO, 1997, p. 119-120).

Quando o conflito se instaura, os indivíduos recorrem às estratégias discursivas para manutenção ou solução. Com o advento da Era da Informação, as redes sociais e, em destaque, o *Facebook*, refletem os confrontos que ocorrem na realidade. Dessa forma, as comunidades reúnem-se nas Páginas do *Facebook*, em torno de um objetivo em comum

e, neste espaço “democrático”, as polêmicas são geradas. Aquino (1997, p. 123) observa que:

[...] o conflito assume um papel centralizador em relação a toda a atividade enunciativa. Mais energias são concentradas, atinge-se o ápice em relação ao envolvimento, o que pode possibilitar a busca de estratégias adequadas bem selecionadas para os propósitos que se determinam pelos interlocutores.

Destacamos, com base na afirmação, a presença do conflito no cotidiano, nas práticas discursivas de toda ordem, revelando seu aspecto “centralizador” nas interações, principalmente as que ocorrem no meio digital.

Amossy (2017, p. 8) acredita que vivemos na “sociedade do espetáculo”, na qual há uma ânsia na geração de polêmicas, possivelmente, pelo aspecto lúdico, como ela aponta:

Evidentemente, pode-se explicar o fenômeno pela incapacidade dos cidadãos, como pessoas políticas, de seguir as regras do debate racional, ou ainda pela curiosidade insana que o público das mídias tem pelo espetáculo da violência verbal. No primeiro caso, deplora-se a degradação dos costumes e a influência nefasta das novas mídias, que suscitam uma degeneração perigosa da discussão pública e substituem o diálogo pela troca de insultos.

A pesquisadora, considerando a polêmica como embate de ideias opostas, destaca que ela “[...] preenche, por esse motivo, funções importantes que vão da possibilidade do confronto público no seio de tensões e de conflitos insolúveis à formação de comunidades de protesto e de ação pública” (AMOSSY, 2017, p. 13). Assim, compreendemos que a polêmica exerce uma função social relevante no processo interacional, visto que vivemos em uma sociedade em rede e encontramos-nos inseridos em um espaço democrático, no qual deve haver o respeito à exposição livre do pensamento e, por isso, vivemos, na atualidade, uma “apologia” à polêmica (AMOSSY, 2017).

A ideia de que se vive em um completo consenso em uma sociedade democrática caracteriza-se como uma ilusão; pelo contrário, o dissenso, que é compreendido como uma “discordância”, “divisão de opiniões no espaço público”, torna-se necessário, como um “motor incontestado da democracia”, porém, deve ser considerado como uma etapa a

ser vencida, por meio da negociação, da mediação, prevalecendo sempre o respeito à pluralidade de opiniões (AMOSSY, 2017, p.18-19).

A presença do conflito representa um elemento importante no processo de construção identitária individual e coletiva, na qual se faz presente a relação com a alteridade. Amossy (2017), com base em Mouffe (2000), destaca que esse antagonismo compõe a construção da identidade e emerge quando o “nós” se coloca em oposição a “eles”, definindo-os como inimigos a serem vencidos. Essa posição coaduna-se com a de Charaudeau (2016), que identifica o uso da desqualificação do adversário, por meio do discurso político, como gerador de conflitos.

Aquino (1997), Charaudeau (2011, 2016) e Amossy (2017) veem no discurso político um elemento importante - o conflito, que irá alimentar, dinamizar o debate de pontos controversos. Na atualidade, há uma efervescência de questões dessa ordem, que se caracterizam como passageiras. Segundo Amossy (2017, p. 48), podemos caracterizar a polêmica como:

[...]efêmera e, muitas vezes, é tão rapidamente esquecida quanto inflamada na hora em que eclode. É por isso que seu sentido e seus anseios deixam de ser perceptíveis para além de sua duração, assim como, por outro lado, do espaço cultural no qual ela emergiu.

A efemeridade é constitutiva da “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), pois os assuntos polêmicos desaparecem tão rápido como surgem, refletindo a dinamicidade social, na qual nos encontramos inseridos. Desse modo, consolidam-se entre dois polos, estabelecendo “[...] posições dicotômicas de contextos sociodiscursivos, institucionais e culturais” e autorizando a confrontação em um espaço público (AMOSSY, 2017, p. 61).

Aquino (1997) e Amossy (2017) identificam a presença da subjetividade em uma interação polêmica, destacam o envolvimento emocional dos interlocutores e o uso de apelo à emoção para mobilizar o apoio à tese defendida por eles. Dessa forma, essas três características podem compor o texto, que materializa o discurso político no ambiente virtual.

No discurso político, a emoção revela-se por meio da indignação que, de acordo com Amossy (2017, p. 149), constitui-se “[...] um sentimento universal que atravessa todas as épocas e uma emoção que só nasce concretamente em sua ligação com um julgamento concreto situado em dado espaço e em dado tempo”. Há uma força de

aglutinação em torno de um objetivo comum, como lembra também Castells (2017; 2018 [1999]), quando trata da identidade de resistência, enfatizando que a indignação se torna um dos elementos constituintes de sua construção.

Destacamos o conflito como parte integrante do discurso político, que se origina da indignação diante de algum fato e resulta na mobilização nas redes sociais. Nesse sentido, buscamos compreender como as identidades se exteriorizam no processo interacional.

3.2.2.3 *Processos de exteriorização das identidades*

A partir de diálogos registrados em situações reais, De Fina (2011) classifica os processos pelos quais se apresentam exteriorizadas as identidades, de forma direta ou não, mas sempre simbólica, usando estratégias linguístico-discursivas.

O primeiro processo que a autora indica corresponde à indexicalidade, que ocorre por meio da associação de significados. De Fina (2011, p. 7668⁴⁴) cita o exemplo de alguém que se define como uma “boa mãe” ou alguém que se autoproclama conservador; ela observa que os indivíduos estão assumindo, abertamente, essas identidades. Entretanto, para a pesquisadora, a maior parte do processo ocorre de forma indireta, usando: “Sons, palavras, expressões de uma língua e estilos que continuamente se associam às qualidades, ideias, situações, representações sociais e sistemas ideológicos inteiros”⁴⁵ Tudo isso se relaciona com as categorias e grupos sociais que se encontram representados nesse processo de criação de significados. A autora ainda destaca a possibilidade de construção e comunicação das identidades adquirirem uma associação tipicamente estereotipada. Explora-se esse recurso, principalmente, no discurso político.

O segundo processo constitui o de evento local. De acordo com De Fina (2011), os pesquisadores entendem que se revelam e se negociam as identidades, por meio de processos comunicativos presentes em situações concretas. Nesse processo, há uma grande ênfase na dependência do contexto nessa construção identitária, revelando sua

⁴⁴ A citação foi retirada de um *e-book* que tem a indicação de posição e não de página.

⁴⁵ No original: “Sounds, words, expressions of a language and styles are continuously associated with qualities, ideas, situations, social representations, and entire ideological systems”.

dinamicidade, sua fluidez, pois varia a partir de alterações das circunstâncias e dos participantes.

Para De Fina (2011), esses dois processos nos auxiliam no entendimento de como as identidades são retratadas, comunicadas por meio do comportamento linguístico contextualizado de diferentes formas, reforçando a conexão entre língua e identidade. A pesquisadora afirma que a natureza social define e reflete uma visão de identidade que se apresenta por meio de mais dois processos relacionais: posicionamento e dialogismo. Esses processos exteriorizam as identidades individuais e coletivas, negociadas nas interações verbais, nas quais ocorre oposição, mas também complementaridade. Ela acrescenta que antagonismo e/ou convergência ocorrem com frequência na construção das identidades no discurso político.

O processo de posicionamento apresenta-se escrito como aquele no qual o discurso limita a construção identitária, havendo um reenquadramento dinâmico e constante a partir das interações sociodiscursivas. Também, define-se como relacional, pois os indivíduos assumem posições continuamente e, além disso, recebem influência para mudarem ou auxiliam os demais a alterarem sua perspectiva identitária, envolvendo posições sociais e morais que se tornam mais evidentes na ocorrência de conflitos e debates (DE FINA, 2011).

A autora acredita que os indivíduos estão em constante negociação com suas identidades, sendo ora assumidas ora rejeitadas, dependendo dos atores sociais envolvidos e das relações de poder; por isso, esse processo permite capturar a flexibilidade ou a inflexibilidade na constituição da identidade (DE FINA, 2008). Ela destaca a natureza dialógica da identidade na seguinte afirmação:

Não somente os usuários da língua expressam suas identidades por meio das atividades linguísticas que envolvem a interação concreta ou virtual com outros, mas também discursos que podem ser vistos como polifônicos e incluir uma multicamada de vozes, representando identidades diferentes (DE FINA, 2011, p. 7765).⁴⁶

Outro processo discutido por De Fina (2008; 2011) constitui-se a categorização, considerada central para a constituição, a negociação e a comunicação identitária, que

⁴⁶ No original: “Not only do language users express their identities within linguistic activities that involve a concrete or virtual interaction with others, but also discourses can be seen as polyphonic and including a multi-layering of voices representing diferente identities”.

reflete discursivamente os diferentes tipos de construtos sociais usados nas diversas situações históricas em uma dada sociedade. Ela cita o exemplo da categorização étnica, realizada nos Estados Unidos, em brancos, negros, hispânicos e asiáticos, e que se caracteriza como um mecanismo usado para rotular os indivíduos no discurso. Dessa forma, esse processo torna-se relevante na compreensão das identidades locais de indivíduos e grupos, que se concretizam nos eventos interacionais e trazem na formação as representações, as crenças, as ideologias e os contextos sociopolíticos nos quais estão inseridos.

De acordo com De Fina (2011, p. 7821), os analistas de discurso enfrentam dificuldades para encontrar um ponto de equilíbrio entre “[...] uma visão das identidades como simples reflexos de categorias sociais e mentais pré-existentes e uma visão das identidades como produções criativas e contextualizadas localmente”.⁴⁷ Ao alcançar esse ponto, eles concentram o estudo do discurso das identidades na análise do comportamento linguístico e das práticas sociais.

A autora defende que os analistas precisam considerar a construção e a apresentação da identidade como um processo em constante desenvolvimento e que a base essencial para o estabelecimento da negociação constitui-se a interação, onde estão presentes categorias, crenças e ideologias compartilhadas (DE FINA, 2008). Assim, o meio digital transforma-se, na atualidade, em um ambiente propício para expressão, negociação, formulação das identidades individuais e coletivas, visto que nele ocorrem as interações, as polêmicas, etc., por meio das postagens e dos comentários.

Ao discutirmos sobre identidades, observamos a relevância de destacá-las como produtos das práticas sociodiscursivas que emergem de contextualizações múltiplas, nas quais ocorre a possibilidade de identificar os eixos ideológicos presentes na materialização discursiva dos textos multimodais, principalmente nas redes sociais. Por isso, nossa discussão no próximo capítulo direciona-se à multimodalidade, para compreendermos a relação entre ideologia, identidade e poder, revelada nesse tipo de texto.

⁴⁷ No original: “[...] a view of identities as simple reflections of pre-existing social and mental categories and a vision of identities as creative and locally contextualized productions”.

CAPÍTULO IV

O TEXTO MULTIMODAL E O DISCURSO POLÍTICO

4 O TEXTO MULTIMODAL E O DISCURSO POLÍTICO

Neste capítulo, discutimos a dominância da imagem e da tela em grande parte dos meios de comunicação, acompanhada da diversificação dos modos semióticos. Esse redirecionamento de ênfase da linguagem escrita para a multimodal, na qual pode haver a presença da imagem, som, entre outros, também produziu efeitos nas relações de poder. Por isso, a discussão da interface entre os ECD e a ADM torna-se relevante com base nas pesquisas de Kress (1998; 2003), van Leeuwen (2001; 2004), Kress e van Leeuwen (2001; 2006 [1996]), Saint-Georges (2004), entre outros. No próximo item, discutimos a multimodalidade e a reflexividade, a fim de compreendermos as relações verbo-visuais nas postagens do *Facebook*.

4.1 MULTIMODALIDADE E A QUESTÃO DA REFLEXIVIDADE

Discutimos no capítulo I, com base em Castells (2017[1999]), o surgimento da sociedade em rede, que trouxe também consigo a cultura da virtualidade do real. Essas mudanças trouxeram maior interatividade nas relações *offline* e *online* e intensificou a necessidade de combinar os modos semióticos, inserindo, com maior profundidade no cotidiano, a linguagem visual em composição com a verbal. Essa urgência em dinamizar as interações nas novas mídias colocou-nos diante do uso da multimodalidade que transformou o processo comunicacional.

Considera-se a multimodalidade uma característica inerente a todos os aspectos da vida humana. Essa ideia apresenta-se defendida em Matthiessen (2007), que afirma estar presente na história humana o potencial multimodal próprio da linguagem e cita como exemplo Mesopotâmia, Egito e China, pois os sistemas semióticos pictóricos existiam centenas ou milhares de gerações antes de a escrita dominar o desenho. O autor destaca que ela se encontra presente já no uso das crianças como uma tendência de relação natural de associar expressão oral na língua materna que estão adquirindo e os gestos. Podemos, assim, dizer que as expressões faciais e os gestos constituem recursos expressivos da linguagem corporal. Por isso, desde a mais tenra idade, usamos mais de

um modo semiótico para nos comunicarmos, uma vez que a linguagem se caracteriza, de maneira intrínseca, como multimodal.

Com as novas mídias, a consolidação do uso dos meios de comunicação visual ocorreu, principalmente, pela maior facilidade na transmissão de grandes quantidades de informação. Bateman (2014) acredita que não se deve considerar a simples afirmação de que a sociedade se tornou mais visual, mas sim, que uma variedade mais rica de combinações de diferentes formas de construir significados foi encontrada, levando a algo completamente novo.

Por isso, o pesquisador defende a existência de uma estreita relação entre os modos de expressão verbal e visual, que resulta no uso de sistemas semióticos, constituídos por um todo coerente e coeso que se torna a base para a realização do ato comunicativo multimodal. Para ele, um texto multimodal forma uma única unidade textual, por causa da ideia de coesão, devido à composição das linguagens visual e verbal. As duas operam juntas, uma auxiliando na construção do significado da outra, principalmente no meio digital, no qual se destaca essa dinamicidade da relação texto-imagem.

Ao levar em consideração esse contexto, Kress (2003, p. 140) entende que as novas tecnologias de comunicação proporcionaram uma mudança social radical na distribuição da informação do poder semiótico e no poder da construção de disseminação de significados, possibilitando um acesso público à informação. Essa mudança proporciona a reflexividade, como declaram Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011, p. 359, tradução nossa):

Esta construção reflexiva e reconstrução de si próprio é uma característica normal da vida cotidiana e continuamente está tomando novas formas. Por exemplo, a tendência popular atual da ‘rede social’ criar práticas discursivas reflexivas (por exemplo, Facebook, MySpace, Twitter), construindo identidades sociais, relações, protesto político, luta social, consumo e entretenimento.⁴⁸

⁴⁸ No original: “This reflexive construction and reconstruction of the self is a normal feature of everyday life, and is continually taking new forms. For example, the currently popular trend of ‘social networking’ creates reflexive discourse practices (e.g. Facebook, MySpace, Twitter), constructing social identities, relationships, political protest, social struggle, consumption, and entertainment”.

Os autores destacam o discurso reflexivo que circula nas redes sociais, permitindo uma interatividade maior, mas, ao mesmo tempo, proporcionando a construção de identidades mais fluidas, dinâmicas, inseridas nesse contexto de transformações contínuas.

Barton e Lee (2015, p. 162) também tratam da reflexividade quando afirmam que ela “[...] é uma propriedade fundamental da linguagem humana. Os usuários da língua são capazes de usá-la para refletir sobre ela e seu uso na vida cotidiana”. Portanto, a combinação do verbal e do visual torna esse processo mais poderoso, de acordo com os pesquisadores.

Em consonância com a ideia apresentada por Barton e Lee (2015), Gonçalves Segundo (2011, p. 11, 37) compreende a reflexividade como uma “[...] atividade de autoconfrontação identitária característica da contemporaneidade”, que permite aos atores sociais, inseridos em um contexto globalizado, o uso do “poder causal” para construir e mudar a realidade ao redor, além de motivar a construção identitária desses indivíduos de maneira reflexiva, dinâmica e fluida.

Para o autor, esse processo proporcionou a colocação dos discursos e das ações individuais como “[...] peças centrais da dinâmica global” (GONÇALVES SEGUNDO, 2011, p. 35) e relaciona-se com a identidade e as ideologias. Por isso, possibilita o confronto, o embate de posições diferentes, características de uma sociedade plural. Assim, a polêmica emerge de forma reflexiva nas postagens no *Facebook*, pela composição de modos semióticos, priorizando a combinação entre verbal e imagem, resultando na dinamicidade da interação, da reação, da mobilização dos atores sociais envolvidos.

Como consequência do processo reflexivo, Gonçalves Segundo (2011, p. 139) destaca uma possível presença do conflito nas relações, quando afirma:

Garantido pela reflexividade, pela democracia, pela tecnologia de transporte e comunicação, pela mobilidade social, tal dinamismo decorre de um complexo conflito que envolve disputas entre discursos, estilos e gêneros hegemônicos, alternativos e contra-hegemônicos.

A interatividade possibilitou a reflexividade nas relações, no entanto, ao considerarmos a velocidade das mudanças, também, intensificou a existência de conflitos, principalmente, em uma sociedade plural.

Outro pesquisador que trata da reflexividade é Giddens (1991b, p. 47; 2001), quando afirma que ela corresponde a “[...] uma característica definidora de toda ação humana”. Ele acredita que a reflexividade se constitui uma das consequências do processo de globalização, trazendo alteração no equilíbrio entre tradição e modernidade, visto que os atores sociais podem externar opiniões, crenças, concepções ideológicas e tudo isso se torna passível de discussão e mudança, principalmente, quando consideramos as interações *online*.

Para o autor, ela muda sua condição com a modernidade. Antes estava ligada de forma restrita à tradição, sua reinterpretação e seu esclarecimento, entretanto, a modernidade trouxe uma nova condição para ela, inserindo-a “[...] na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si” (GIDDENS, 1991b, p. 48). Ele considera a presença de renovação constante das práticas sociais, pois elas se apresentam avaliadas, reformuladas com uma certa constância, refletindo esse processo dinâmico da reflexividade.

Além disso, Kress (2003, p. 140, tradução nossa) destaca outra consequência desse processo, que é a organização e a formatação da escrita pela lógica da imagem-espaco na tela. Esse novo cenário pode ser caracterizado, segundo ele, por meio da “[...] metáfora de mudança de *contar o mundo para mostrar o mundo*”⁴⁹.

Essa nova lógica, ou melhor, essa mudança do tempo e do espaço, já discutida no capítulo I, com base em Castells (2017[1999]), traz, segundo Kress (2003), consequências para o planejamento e recepção da informação, bem como oferece o uso potencial de recursos complementares para dar significação ao texto. Assim, para ele, o significado representa o resultado do trabalho semiótico na leitura e na escrita, ou melhor, depende da intencionalidade e da interpretação dos interlocutores envolvidos na interação, visto ressaltar a dependência de interesses, perspectivas, valores, crenças, posições sociais e políticas, etc.

Kress e van Leeuwen (2001) destacam que, apesar de a imagem sempre estar presente na comunicação, houve o domínio do texto monomodal durante muitos séculos. Os romances, os documentos oficiais, os relatórios, entre outros não possuíam nenhuma ilustração. A monomodalidade era característica da cultura ocidental que se apresentava como coerente, integrada, coesa, estável. No entanto, essa supremacia da

⁴⁹ No original: “[...] the metaphor of the move from *telling the world to showing the world*”.

monomodalidade, recentemente, começou a decrescer de forma rápida, como pode ser constatado nas páginas de revistas, nos quadrinhos, na mídia de massa, etc., que adquiriram, além das imagens coloridas, *layout* e tipografia mais modernos. Os pesquisadores procuram explorar os princípios comuns nos diferentes textos multimodais, com o objetivo de contemplar a prática semiótica contemporânea.

Kress (1998, p. 55, tradução nossa) acredita que essa expansão da ênfase aos elementos visuais aconteceu nas economias da era pós-industrial que possuíam como base a informação. Essa última era considerada a matéria prima, que precisaria de aspectos visuais para possibilitar um processamento mais eficaz no momento da interação. O pesquisador destaca ainda a dominância dos aspectos visuais no processo comunicacional nessa sociedade moderna, quando trata da visualização, como “[...] um tipo de tradução sem problema de um modo semiótico para outro – como um tipo simplista de tradução de uma língua para outra”.^{50 51}

Sobre a relevância dos elementos visuais, o autor elenca alguns comentários: a) o primeiro refere-se à questão de que o visual está na tela do computador para onde o indivíduo olha, possibilitando a produção de textos escritos com ênfase no visual, como a adição de tamanhos e tipos de letras, *layout*, entre outros, ao texto linguístico; b) já no segundo, destaca-se a facilidade de combinar diferentes modos de representação (som, imagem, vídeos, etc.) com a linguagem verbal, devido às tecnologias atuais de produção de texto; c) no terceiro, ele afirma que todo esse contexto de desenvolvimento tecnológico encontra-se mais propenso a produzir convergência do que divergência entre as diferentes tecnologias; d) no último comentário, ressalta que isso tudo se constitui o resultado da globalização e internacionalização (KRESS, 1998).

O pesquisador, desde a década de 90, detectava a expansão do uso de diferentes modos de composição do texto, unindo elementos verbais e visuais, como se constata:

A produção de multimídia requer níveis altos de competência multimodal, com base no conhecimento da operação de modos diferentes e habilidades de design altamente desenvolvidas para

⁵⁰ No original: “Visualization is seen as an unproblematic kind of ‘translation’ from one semiotic mode into another – as a simplistic kind of translation from one language to another”.

⁵¹ Jewitt, Bezemer e O’Halloran (2016, p. 71) definem modo como um conjunto de recursos semióticos organizados socialmente para construir o significado. Imagem, escrita, *layout* e fala são exemplos de modos (no original: “A mode is a socially organized set of semiotic resources for making meaning. For instance, image, writing, layout, and speech are examples of modes).

produzir ‘textos’ semióticos complexos (KRESS, 1998, p. 56-57, tradução nossa).⁵²

Dessa maneira, a multimodalidade inseriu-se em nossas vidas, por causa desse contexto de mudanças que nos permitiram chegar até a identificação da competência multimodal, trazendo diferentes combinações na composição semiótica de um texto. Para Kress (1998), a comunicação sempre se caracterizou por ser multisemiótica, pois entende que a presença da escrita, da imagem e/ou da cor conduzem a diferentes tipos de trabalho semiótico. Esse seria um argumento para entender “[...] a ‘multimodalidade’ como um estado normal da comunicação humana” (KRESS, 2010, p. 1).

Jewitt, Bezemer e O’Halloran (2016) formulam três premissas da multimodalidade, destacando a importância da produção do significado, do sentido, a partir do uso de recursos semióticos diversos, compondo um todo que deve ser levado em consideração. Os autores ressaltam que, em uma perspectiva multimodal, a língua tem potenciais diferentes para compor o significado, direcionando a atenção tanto para o geral quanto para o particular. Eles ainda destacam o desenvolvimento da Semiótica Social (SS) com ênfase no pesquisador Theo van Leeuwen que trouxe contribuições da Linguística hallidyana, da Semiótica e dos ECD, a partir do final da década de 1990. Nesse sentido, discutimos a Gramática do *Design Visual* (GDV), a fim de compreender a composição do texto multimodal.

4.2 GRAMÁTICA DO *DESIGN VISUAL* E TEXTO MULTIMODAL

Os pesquisadores enfatizam a semelhança dos objetivos dos ECD e da SS que se concentram no entendimento de como o poder e a ideologia, que representam conceitos centrais, operam por meio dos diferentes modos dos atos comunicativos. E, assim, a pesquisa da SS alcançou a abordagem para a multimodalidade, a partir da publicação da GDV por Kress e van Leeuwen (2006 [1996]). Segundo Jewitt, Bezemer e O’Halloran

⁵² No original: “Multimedia production requires high levels of multi-modal competence based on knowledge of the operation of different modes and highly developed design abilities to produce complex semiotic ‘texts’.”

(2016), os autores da GDV escolheram esse nome para se referirem ao uso social da linguagem visual materializada nos textos multimodais.

A emergência do visual não pode ser classificada como algo novo, porém representa, inegavelmente, uma grande mudança. Kress (1998) ainda sugere que a interação entre dois ou mais modos semióticos, como, por exemplo, o visual e o verbal, oferece uma diversidade de possibilidades de representação do mundo. Além disso, os efeitos semióticos podem ser reconhecidos em diferentes domínios e em vários níveis, como, por exemplo: se considerarmos o nível da mídia e a disseminação de mensagens, temos a alternativa da informação presente, predominantemente, na página de um livro para a tela de computador, *smartphones*, *tablets*, etc.; se levarmos em conta o nível de produção semiótica, teremos a evolução das tecnologias antigas de impressão para o uso de meios eletrônicos, digitais; também, sem deixarmos de ressaltar que, no nível da representação, a predominância do texto escrito foi sendo suplantado cada vez mais pela presença da imagem. Essas transformações encontram-se associadas pelo pesquisador aos efeitos da globalização (KRESS, 2010).

O autor acredita que, para compreender o potencial semiótico da língua, é preciso ter a percepção das manifestações materiais, como fala, som e/ou escrita, considerando suas diferentes organizações e aspectos. E, nessa infinitude de combinações, o visual destaca-se pela organização que se constitui, ao mesmo tempo, simultânea e espacial, na qual emerge uma lógica, cujas características essenciais se baseiam na exibição e na disposição dos elementos (KRESS, 2010).

Os pesquisadores, na busca pelo estabelecimento de princípios comuns aos diferentes modos semióticos, identificam o enquadramento em primeiro lugar e o conceituam como a(s) maneira(s) dos elementos de a composição estar(em) conectado(s) um ao outro, por meio da ausência de dispositivos de desconexão, por meio de vetores, ou por meio de continuidades e semelhanças entre cores, formas visuais, entre outros (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001).

Ao considerar a presença de vetores, Bateman (2014) acredita que os eventos presentes em uma imagem não se apresentam completamente estáticos, pois os vetores visuais resultam das linhas implícitas ou explícitas, criadas a partir de uma determinada imagem. Eles permitem dinamizar as interpretações, estabelecendo uma dependência das

concepções identitárias e ideológicas dos interlocutores, envolvidos na produção e na leitura das mesmas.

Outro autor que vislumbra essa dependência denomina-se Kress (1998). Ele defende que as imagens representam construtos ideológicos, da mesma forma que os textos com predominância da linguagem verbal e, além disso, observa que os modos semióticos possuem potenciais diferentes para revelar a expressão humana e o contexto sociopolítico em que se encontram imersos.

4.2.1 Os domínios do texto multimodal

Kress e van Leeuwen (2001), considerando os textos multimodais, estabelecem quatro domínios, nos quais o significado emerge com base na teoria de comunicação multimodal: discurso, *design*, produção e distribuição, que se constituem em uma unidade. Há uma inter-relação entre esses domínios, revelando a presença de aspectos ideológicos, identitários e culturais.

O discurso representa o primeiro domínio. Os autores consideram os discursos como conhecimentos socialmente construídos, a partir de algum aspecto da realidade e desenvolvidos em contextos sociais específicos, de acordo com os interesses dos interlocutores envolvidos. Para Kress (2010, p. 110, tradução nossa), o discurso pode ser encontrado nos objetos semióticos e, também, por meio deles, como, por exemplo, edifícios, textos, rituais. Neles vão emergir vários discursos. O pesquisador afirma que “[...] discurso lida com a produção e organização do significado sobre o mundo de uma posição institucional”⁵³. Dessa forma, entendemos que o discurso, materializado em diferentes modos semióticos, reflete o meio histórico, político, econômico, social e cultural no qual os interlocutores estão imersos, por isso, ocorre sua indissociabilidade com os aspectos identitários e ideológicos.

⁵³ No original: “[...] discourse deals with the production and organization of meaning about the world from an institutional position”.

O segundo denomina-se *design*, que se encontra entre o conteúdo e a expressão e representa os usos dos recursos semióticos. De acordo com Kress e van Leeuwen (2001, p. 5, tradução nossa):

Designs são meios de materializar discursos no contexto de uma dada situação comunicativa. Entretanto, os *designs* também acrescentam algo novo: eles materializam a situação comunicativa que altera o conhecimento construído socialmente para uma (inter)ação social⁵⁴.

Esse se constitui um domínio que permite o acréscimo do novo na relação entre conteúdo e expressão, concretizado por meio do discurso. Além disso, ele necessita de um conhecimento da relação entre a linguagem verbal e as imagens, pois ele remodela, transforma os diferentes modos semióticos em discurso. A cor caracteriza-se por ser um dispositivo semiótico formal e possui uma função importante nesse domínio, que se baseia em fornecer coesão e coerência (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001).

Kress (2003; 2010, p. 139, tradução nossa) afirma que o *design* se configura como prospectivo, construtivo e transformativo, ou melhor, responde de forma imediata às mudanças e, por isso, encontra-se em renovação constante. O pesquisador acrescenta que ele representa uma projeção imaginada, que se insere em um conjunto de aspectos sociais complexos, inter-relacionados, produzindo significados e contribuindo na transformação das identidades individuais e coletivas dos interlocutores, envolvidos nos atos de interação. Além dessas características, ele destaca que “[...] o *design* realiza e projeta a organização social e é afetado pelas mudanças sociais e tecnológicas”⁵⁵.

A produção representa o terceiro domínio, definida como o uso comunicativo da mídia e dos recursos materiais e conecta-se diretamente ao discurso. Além disso, refere-se à organização da expressão, à articulação material do evento semiótico ou à produção material do artefato semiótico, envolvendo um conjunto de habilidades.

O quarto denomina-se a distribuição. Segundo Kress e van Leeuwen (2001), a camada da expressão precisa também ser estratificada, por isso a relevância do último domínio, mesmo que, muitas vezes, ele nem seja entendido como sendo semiótico. Há,

⁵⁴ No original: “Designs are means to realise discourses in the context of a given communication situation. But designs also add something new: they realise the communication situation which changes socially constructed knowledge into social (inter-) action”.

⁵⁵ No original: “[...] design realizes and projects social organization and is affected by social and technological change”.

ainda, dois aspectos a serem considerados que são: ‘recodificar’ e ‘transmitir’. Eles podem estar separados a princípio ou podem estar combinados.

Dessa forma, esse último representa a possibilidade do uso das tecnologias para a preservação e difusão, tanto quanto a transformação do que é gravado ou transmitido ou, ainda, a viabilidade de criar novas representações e interações, no lugar de manter as existentes. Esse domínio caracteriza-se pela dinamicidade, pela velocidade na produção e publicação dos textos multimodais, principalmente na sociedade em rede na qual nos encontramos inseridos.

Ao conceber esses domínios como interdependentes e complementares, van Leeuwen (2001) retoma a concepção de Barthes (1982) sobre as camadas de significado na Semiótica Visual. A primeira delas denomina-se denotação, que se constitui na ação de reconhecer o que ou quem está sendo descrito, o que está fazendo e assim por diante.

O pesquisador ressalta a existência de contextos, nos quais há uma multiplicidade de leituras permitidas. No entanto, há outras situações nas quais os produtores do texto possuem um interesse em direcionar uma mensagem particular para um determinado público e que, em alguns casos, poderá levar a um determinado nível de generalização. Isso pode ocorrer a partir de diversas combinações: a) categorização: uso de títulos, que pode indicar um nível preferencial de generalização ou da tipificação, a qual se caracteriza pela presença de estereótipos visuais, vinculados às questões culturais. Tradições de representação permitem a criação de estereótipos fisionômicos, que podem ser exagerados, representando uma pessoa como um “tipo”, não como um indivíduo; b) grupos x indivíduo: caracterização de grupos no lugar de indivíduos pode também causar um efeito de generalização; c) distanciamento: mostrar pessoas a uma certa distância (em um plano geral) pode diminuir sua individualidade e transformá-la em mais um tipo; d) texto circundante (ou imagens adjacentes): pode também fornecer indicadores (VAN LEEUWEN, 2001, p. 95-96).

Apresenta-se a conotação como a segunda camada de significado, dos conceitos, das ideias e dos valores mais amplos (que representam pessoas, lugares, coisas, entre outros) e também as concepções ideológicas (VAN LEEUWEN, 2001, p. 96).

Além da Semiótica Visual, o pesquisador esclarece sobre a Iconografia, a qual se divide em três camadas de significado pictórico: significado representacional, simbolismo iconográfico e simbolismo iconológico. A primeira aproxima-se da denotação, na qual

uma determinada imagem representa uma determinada pessoa, lugar ou objeto. Na seguinte, podem ser usados símbolos abstratos (formas abstratas com valor simbólico, como a cruz) ou figurativos (representa pessoas, lugares ou objetos com valor simbólico, como as analogias com o mundo natural). Assim, o uso de símbolos permite a interpretação textual, contextual e intertextual das imagens. Na última camada, em que se apresenta o simbolismo iconológico, há uma exigência maior do poder interpretativo, pois sua análise deve reunir, de forma coerente, os símbolos iconográficos e as características estilísticas de uma imagem ou sua tradição representacional (VAN LEEUWEN, 2001, p. 102- 116).

Nesse sentido, o pesquisador divulga, por meio da Semiótica Visual e Iconografia, procedimentos gerais para interpretação de uma representação, de uma imagem. Além disso, destaca a necessidade de se considerar o contexto cultural, ideológico e identitário, a questão da intertextualidade e do simbolismo. Para ele, um ato comunicativo pode reunir, coerentemente e estilisticamente, imagem, linguagem verbal, tipografia, por isso, torna-se imprescindível compreender a estrutura multimodal.

Van Leeuwen (2004, p. 15, tradução nossa) ressalta a importância de Comunicação Visual para os ECD e, na lista de dez razões para os linguistas lhe prestarem atenção, destacamos a sétima justificativa, na qual ele afirma:

VII. Análise Crítica do Discurso precisa levar em conta o discurso e os aspectos do discurso não-verbais tanto quanto os verbais e a imagem tanto quanto o texto, porque esses produzem significados bem diferentes, algumas vezes, até contrastantes.⁵⁶

Dessa forma, van Leeuwen (2004) promove uma interface entre a análise multimodal e os ECD, principalmente nas postagens realizadas nas redes sociais, nas quais há o uso de diferentes modos semióticos para materializar uma mensagem. O autor acrescenta que o visual e o verbal podem se constituir uma única unidade sintagmática. Por isso, essa integração do verbo-visual surge no discurso político do ambiente midiático como uma maneira eficaz de disseminar ideias, informações, denúncias, etc.

Saint-Georges (2004, p. 72, tradução nossa) estuda as inter-relações entre a materialidade do discurso e os processos semióticos, em especial o espaço e as interações

⁵⁶ No original: “VII. Critical discourse analysis needs to take account of nonverbal as well as verbally realized discourses and aspects of discourse, and of image as well as text because these often realize quite different, sometimes even contrasting meanings”.

que nele ocorrem, e destaca que, recentemente, a Análise do Discurso (AD) demonstrou interesse no estudo do texto multimodal, investigando a relação existente entre sistemas semióticos diferentes, como gestos, língua, ações, espaço, tempo, *layout*, imagens, etc. “A posição multimodal procura desenvolver novos conceitos e ideias para abordar o antigo assunto da comunicação, um processo global que integra modos diferentes de construir significado [...]”.⁵⁷ Assim, a autora conclui, com seu estudo, que a produção e a interpretação do significado emergem das inter-relações entre agência, discurso, espaço, tempo, além dos processos semióticos que se fazem presentes nas interações em diversas situações e ambientes.

Outro pesquisador que propõe uma atenção maior ao texto multimodal é Norris (2004). O autor analisa as interações face-a-face e constrói uma estrutura conceitual da ADM. Ele argumenta que os modos de comunicação se encontram entrelaçados, não são facilmente separáveis, quando concebidos de forma heurística. Por isso, qualquer evento interacional consiste em uma relação dinâmica e dialética entre uma multiplicidade de modos comunicativos.

Ao considerar que a multimodalidade amplia o potencial de estudo dos signos que se classificam como naturais e motivados pelo contexto, Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) desenvolvem a GDV, permitindo um estudo da linguagem visual, mas sem desconsiderar a linguagem verbal. Os autores ressaltam que os recursos visuais também auxiliam nas interações sociais e a escolha da forma visual ou verbal afeta o significado, ou seja, há diferença quando se opta por uma linguagem ou pela outra. Kress e van Leeuwen (2006 [1996], p. 2, tradução nossa) explicam a importância da GDV:

Como as estruturas linguísticas, as estruturas visuais apontam para interpretações particulares da experiência e formas de interação social. Até certo ponto elas também podem ser expressas linguisticamente. Os significados pertencem à cultura, em vez dos modos semióticos específicos. E a maneira como os significados são mapeados por meio de modos semióticos diferentes, as formas como as coisas podem, por exemplo, ser ditas ou visualmente ou verbalmente, outras apenas visualmente e outras somente verbalmente, é também culturalmente e historicamente específica.⁵⁸

⁵⁷ No original: “The multimodal position seeks to develop new concepts and ideas to approach the old issue of communication, a global process that integrates different modes of making meaning [...]”.

⁵⁸ No original: Like linguistic structures, visual structures point to particular interpretations of experience and forms of social interaction. To some degree these can also be expressed linguistically. Meanings belong to culture, rather than to specific semiotic modes. And the way meanings are mapped across different

A linguagem visual tornou-se muito relevante para o mundo moderno, para a tecnologia computacional, por refletir as questões culturais, sociais, políticas, entre outras. Kress e van Leeuwen (2006 [1996], p. 5, tradução nossa) constataam:

A linguagem visual dominante é agora controlada pelos impérios culturais/ tecnológicos globais da mídia de massa, que dissemina os exemplos estabelecidos pelos designers exemplares e por meio da divulgação de bancos de imagens e a tecnologia da imagem computacional, exerce uma ‘normalização’ em vez de uma explícita influência ‘normativa’ na comunicação visual ao redor do mundo.⁵⁹

Um dos objetivos primários dos autores constitui-se a associação da linguagem visual com os aspectos socioculturais. Eles afirmam que a GDV fundamenta-se em uma abordagem da Semiótica que se baseia: na comunicação, que requer dos interlocutores a elaboração de mensagens (tornam-se possíveis de serem compreendidas em determinado contexto); na representação, que exige dos criadores dos signos a forma do que eles desejam expressar (de maneira, plausível) (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]). Tendo em vista seu funcionamento, passamos à discussão do texto multimodal.

4.2.2 Texto multimodal: construção do significado no uso da escrita e da imagem nas postagens do *Facebook*

A era das novas tecnologias de informação possibilitou, tanto no meio impresso quanto no digital, uma variedade de configurações de textos multimodais, que combinam linguagem escrita, elementos de *design* e imagens visuais com o objetivo de transmitir e representar ideias. A transformação do panorama da comunicação na sociedade de rede potencializou o foco na multimodalidade, tornando o modo e a escolha do modo como assuntos relevantes. Kress (2003, p. 45, tradução nossa) entende modo⁶⁰ “[...] como um

semiotic modes, the way some things can, for instance, be ‘said’ either visually or verbally, others only visually, again others only verbally, is also culturally and historically specific.

⁵⁹ No original: “The dominant visual language is now controlled by the global cultural/technological empires of the mass media, which disseminate the examples set by exemplary designers and, through the spread of image banks and computer-imaging technology, exert a ‘normalizing’ rather than explicitly ‘normative’ influence on visual communication across the world.”

⁶⁰ Kress (2003) quando usa o termo modo, sempre está se referindo ao modo semiótico.

recurso moldado socialmente e culturalmente para representação e comunicação”.⁶¹ Por isso, a ênfase no multimodal ocorre na construção de um texto com base na mistura de diferentes lógicas e modos. Essa se constitui, portanto, a característica principal de um texto multimodal.

Kress (2003) concebe o texto como resultado de ação social, de trabalho, utilizando recursos representacionais que materializam as questões sociais. Esse entendimento remete-nos ao discurso, definido por van Dijk (2011) como prática social. Dessa forma, o texto multimodal representa a interface entre ADM e ECD, porque nele é revelado o contexto histórico, social, político e econômico dos interlocutores envolvidos no processo interacional.

Kress e van Leeuwen (2006 [1996], p. 17, tradução nossa) promovem uma discussão sobre a crescente importância das imagens, ou melhor, dos textos multimodais⁶² em todas as mídias impressas ou eletrônicas na sociedade contemporânea e propõem:

Nós queremos tratar as formas de comunicação empregando imagens tão seriamente como as formas linguísticas têm sido empregadas. Nós chegamos à essa posição, por causa da grande evidência da importância da comunicação visual e agora a problemática ausência de meios para discutir e pensar o que de fato tem sido comunicado pelas imagens e *design* visual.⁶³

Nas redes sociais, predomina não somente a linguagem verbal, mas, principalmente a linguagem visual. Elas complementam-se para compor o significado do que se deseja transmitir de forma dinâmica e rápida. Kress (2003) afirma que os dois modos semióticos, de escrita e imagem, apresentam-se governados por lógicas distintas, porém integradas. Ele destaca que a lógica da escrita se apoia na da fala e as duas são governadas pela lógica do tempo. No entanto, considerando a tela (de computador, de celular, de *tablet*, etc.) como local no qual aparece o texto, há a presença forte da lógica

⁶¹ No original: “[...] a culturally and socially fashioned resource for representation and communication”.

⁶² Kress e van LEEUWEN (2006[1996], p. 177) definem texto multimodal como sendo um texto cujo significados são realizados por mais de um código semiótico.

⁶³ No original: “We want to treat forms of communication employing images as seriously as linguistic forms have been. We have come to this position because of the now overwhelming evidence of the importance of visual communication, and the now problematic absence of the means for talking and thinking about what is actually communicated by images and by visual design”.

da imagem. Ela ordena o aparecimento dos textos na tela, bem como os modos semióticos usados. Além disso, por causa do predomínio da lógica da tela, da lógica espacial da imagem, a escrita encontra-se subordinada à imagem, sendo moldada por ela.

Essa subjugação da escrita em relação à imagem promove mudanças tanto na construção quanto na leitura do texto multimodal. Para Kress (2003), o uso da imagem como um dos modos representacionais traz consequências para a linguagem verbal. Ele explica que uma delas se constitui a necessidade de complexidade sintática e conceitual da parte escrita do texto que diminui, ou melhor, a leitura do texto torna-se mais simples. No entanto, a leitura do texto multimodal adquire um grau crescente de complexidade.

Os autores verificam que a linguagem verbal e a representação visual podem ser analisadas tanto subjetivamente como objetivamente, além disso, as duas expressam significados que pertencem ou são estruturados pelas culturas em uma determinada sociedade (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 19). Os autores consideram que os significados expressos nas mensagens, sejam com linguagem verbal ou visual ou as duas, ao mesmo tempo, têm como base o aspecto social, representam, antes de tudo, “significados sociais”. Kress e van Leeuwen (2006 [1996], p. 32-34, tradução nossa) resumem essa posição da seguinte forma:

A comunicação visual é sempre codificada. Ela parece transparente somente porque nós já sabemos o código, pelo menos, implicitamente – mas sem saber que nós sabemos, sem ter os meios para conversar sobre o que fazemos quando lemos uma imagem [...].

As sociedades tendem a desenvolver formas explícitas para falar somente sobre aqueles recursos semióticos que elas mais valorizam e que exercem um papel importante no controle dos entendimentos comuns que eles necessitam para funcionar[...]⁶⁴

Os autores ressaltam que a linguagem e a comunicação visual expressam significados que se relacionam com os aspectos culturais das sociedades, por isso a linguagem visual torna-se valorizada e sempre presente nos eventos interacionais, principalmente no meio tecnológico. Eles ainda consideram a linguagem visual como

⁶⁴ No original: “Visual communication is always coded. It seems transparent only because we know the code already, at least implicitly – but without knowing what it is we know, without having the means for talking about what it is we do when we read an image [...].”

Societies tend to develop explicit ways for talking only about those semiotic resources which they value most highly, and which play the most important role in controlling the common understandings they need in order to function. Until now, language, especially written language, has been the most highly valued[...].

sendo transparente, na qual formas e cores têm um impacto mais imediato, mais direto, na questão psicológica, emocional dos interlocutores envolvidos na interação (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]).

Os dois pesquisadores renomeiam as três “metafunções” hallidayanas: a ideacional resulta em representacional, a interpessoal torna-se interativa e a textual recebe o nome de composicional. A primeira representa aspectos do mundo vivenciados pelos indivíduos. Já a segunda reproduz qualquer modelo semiótico que projeta as relações sociais entre quem produz, quem vê e o objeto representado. E a última equivale à capacidade de construir textos, compostos por uma complexidade de signos, coerentes entre eles internamente e, também, externamente na relação com o contexto. Os autores afirmam que o foco se encontra na descrição de como essas metafunções são percebidas no modo visual.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006 [1996], p. 47, tradução nossa), os modos semióticos de comunicação escrita e visual têm os meios próprios de realização, mas completam-se. Eles entendem que todas as relações podem ser exercidas linguisticamente, mas também visualmente ou, até mesmo, podem ocorrer as duas formas simultaneamente, compondo um texto multimodal. E, sobre as estruturas visuais, eles reconhecem que:

[...] não reproduzem simplesmente as estruturas da “realidade”. Pelo contrário, elas produzem imagens da realidade que estão vinculadas com os interesses das instituições sociais dentro das quais as imagens são produzidas, são lidas e circulam. Elas são ideológicas. As estruturas visuais não são meramente formais: elas têm dimensão semântica profundamente importante.⁶⁵

Com base na afirmação dos autores, as imagens reproduzem as concepções ideológicas e, por isso, trazem nelas uma importante carga semântica. A presença da ideologia ocorre por meio da intencionalidade dos interlocutores, ou melhor, dos participantes do ato semiótico. Os dois pesquisadores classificam dois tipos de participantes: um que é interativo, porque participa ativamente da ação comunicativa,

⁶⁵ No original: “Visual structures do not simply reproduce the structures of ‘reality’. On the contrary, they produce images of reality which are bound up with the interests of the social institutions within which the images are produced, circulated and read. They are ideological. Visual structures are never merely formal: they have a deeply important semantic dimension.”

escrevendo, lendo, falando, desenhando, e o segundo constitui-se o representado, ou seja, pessoas, animais, objetos, entre outros. sobre os quais se fala, escreve ou desenha. Para eles, há uma interação entre quem produz o texto multimodal e quem o visualiza, com o compartilhamento das competências, a fim de haver a decodificação dos significados existentes no modo semiótico usado no ato comunicacional.

Dessa forma, há uma construção das identidades dos participantes, sejam eles interativos ou representados, e aqueles que visualizam as postagens. Ela ocorre via texto multimodal, no qual o(s) participante(s), ou melhor, o(s) autor(es) da página estabelecem o contato com o(s) leitor(es)/visualizador(es) do texto por meio de vetor(es), mesmo que seja apenas de maneira imaginária.

Kress e van Leeuwen (2006 [1996], p. 117, tradução nossa) consideram que essa configuração visual apresenta dois tipos de funções. A primeira cria um endereçamento direto entre os envolvidos na interação, ou melhor, há uma referência explícita aos interlocutores da mensagem. Na segunda, ocorre a criação do “ato de imagem”⁶⁶, na qual o produtor da postagem a utiliza para causar algum efeito naquele que a olha, suscitando, naquele que visualiza, efeitos emocionais, como indignação, discordância, etc., originando a possibilidade de construção de uma identidade de resistência, como já foi discutido no capítulo III. Percebemos, então, a relevância do papel de quem visualiza o texto multimodal, porque, nas duas funções, exige-se algo desse interlocutor que constrói o significado, que pode ser a simples compreensão da mensagem ou até uma tomada de postura diante da realidade, conforme buscamos analisar no capítulo V.

Os pesquisadores destacam a existência de imagens que nos são endereçadas indiretamente, ou melhor, aquelas que não contêm participantes humanos ou quase humanos. Nessa situação, o visualizador do texto adquire a função de espectador invisível, pois ele não é o objeto, mas sim, o sujeito desse olhar, ao mesmo tempo em que os participantes representados recebem a função de ser o objeto daquele que visualiza a imagem e, por sua vez, atrelam-se às questões culturais, históricas, políticas, etc.

A constituição de uma imagem ocorre por meio da seleção de um *frame*⁶⁷, um ângulo, um ponto de vista, uma perspectiva, que resulta na tomada de uma atitude subjetiva ou objetiva de quem visualiza a imagem. A atitude objetiva ocorre, apenas, com

⁶⁶ No original: “image act”.

⁶⁷ moldura, quadro.

as imagens técnicas ou científicas, como diagramas, mapas, gráficos, entre outros. Mesmo que consideremos o endereçamento direto ou indireto das imagens, elas dependem de quem as visualiza, para que haja a conclusão do ato interacional.

No caso de uma postagem em uma Página no *Facebook*, haverá, da parte do leitor, uma reação, que pode ser clicar no *emoji* de: curtida, amei, raiva, surpresa ou tristeza. Além disso, a interação pode ocorrer com um comentário ou, ainda, com o compartilhamento da postagem. O resultado de toda essa interação com o texto multimodal pode envolver uma atitude subjetiva no caso de um tema político, pois envolve a questão emocional, ideológica, etc.

Outra característica da SS usada pelos pesquisadores na GDV constitui-se a modalidade, que se refere ao valor de verdade, à confiabilidade das mensagens. Durante o ato interacional, os grupos, sustentados nas crenças, valores e necessidades sociais, estabelecem marcadores linguísticos (como adjetivos, advérbios) ou visuais, que vão guiar à verdade ou à realidade do conteúdo na interação. As pistas escolhidas pelo interlocutor na composição da mensagem expressam significados relacionados à verdade ou à mentira, fato ou ficção, certeza ou dúvida, credibilidade ou não confiabilidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]).

Os autores afirmam que o uso da modalidade fornece à interação um caráter interpessoal, pois permite que o grupo se alinhe com algumas verdades compartilhadas e se distancie de outras afirmações por discordância. Eles acrescentam que essa atitude “[...] serve para criar um “nós” imaginário” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 155, tradução nossa).⁶⁸ Podemos, com base, na concepção de Castells (2018 [1999]) (discutida no capítulo III), entender que esse “nós” se constitui na identidade coletiva. A modalidade torna-se um recurso relevante para a construção dessa concepção de grupo, visto que a união será feita a partir das concordâncias, dos objetivos comuns.

O uso da comunicação visual para expressão da concepção de modalidade envolve a representação de pessoas, lugares, objetos, etc., que podem ser reais, imaginários ou caricaturas. Além disso, os julgamentos dependem do que se considera real, sagrado, verdadeiro, pelo grupo social, ou melhor, eles apresentam-se calcados nas

⁶⁸ No original: “[...] serves to create an imaginary ‘we’ ”.

crenças, nos valores, nas ideologias que formam a base para a identidade coletiva de um determinado grupo (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]).

Os marcadores de modalidades na linguagem visual baseiam-se nas cores, considerando, em termos de saturação, diferenciação e modulação⁶⁹, a contextualização, a representação, a profundidade, a iluminação e o brilho. O uso desses marcadores permite uma combinação, para que o interlocutor possa materializar, no texto, seu julgamento do que considera real, verdadeiro. A identidade individual desse interlocutor compõe a identidade coletiva de um grupo, e, assim, uma alimenta a outra (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]).

A modalidade constitui-se interativa e social, porque algo verdadeiro para um grupo pode não ser entendido da mesma forma por outros. Por isso, ela produz uma afinidade, por meio do alinhamento de pensamentos, opiniões dos membros de um grupo, que podem se manifestar linguisticamente ou visualmente, auxiliando no processo de construção da identidade individual e, também, da identidade coletiva. Dependendo do envolvimento dos membros na tentativa de intervenção na realidade, podemos ter a identidade de resistência. Enfim, a subjetividade do interlocutor na composição e interpretação semiótica da imagem exerce um papel relevante na constituição da identidade, que resulta da inter-relação dos sistemas que compõem o texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]).

4.2.3 Os sistemas da GDV

Kress e van Leeuwen (2006[1996], p. 177, tradução nossa) apresentam o elemento da composição, ou seja, o modo no qual os elementos representacionais e interacionais relacionam-se uns com os outros, construindo significação. A composição combina os significados interacionais e representativos por meio de três sistemas inter-relacionados:

⁶⁹ Kress e van Leeuwen (2006[1996], p. 160) apresentam: na primeira escala, de saturação, a variação de branco e preto até a máxima saturação de cores; na segunda, de diferenciação, da máxima diversidade de cores até o monocromático; e na última escala, da modulação, indo de cores completamente moduladas até as cores não moduladas, simples.

1. Valor de informação: a colocação dos elementos (participantes e sintagmas que os relacionam e o visualizador) os dota de valores informacionais específicos anexados às várias zonas de imagem: esquerda e direita, margens superior e inferior, centro e margem.
2. Saliência: Os elementos [...] são feitos para atrair a atenção do visualizador em diferentes níveis, para perceber fatores como localização em primeiro plano ou fundo, tamanho relativo, contrastes em tons (cores), diferenças de nitidez, etc.
3. Enquadramento: A presença ou ausência de dispositivos de enquadramento [...] conecta ou desconecta elementos da imagem, significando se eles pertencem ou não juntos de alguma forma.⁷⁰

Para a leitura de um texto multimodal, empregam-se esses três sistemas de forma interativa na leitura do texto combinando com imagem, permitindo a construção dos sentidos, tornando-o visível aos interlocutores em uma interação. Por isso, podemos entender que a análise dos recursos semióticos, combinando os três sistemas, possibilita um entendimento das ideologias e identidades presentes em uma postagem no *Facebook*. Nessa direção, selecionamos, da classificação de sistemas de composição, estabelecida por Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), algumas categorias que usamos na análise dos dados desta pesquisa no próximo capítulo.

O primeiro sistema, valor de informação, proporciona, na cultura ocidental, uma identificação visual da informação posicionada à esquerda e conhecida daquela que a visualiza, ou seja, constitui-se uma informação dada, enquanto aquela posicionada à direita se caracteriza como uma informação nova. A tendência cultural baseia-se na leitura da esquerda para a direita, ou melhor, do conhecido para o novo, entretanto, esse procedimento pode não ser seguido, visto que, na leitura de uma postagem, pode haver mais de uma possibilidade.

Os autores, considerando, ainda, o valor de informação, apresentam a composição visual da margem superior para a inferior. Os elementos, localizados na margem superior, caracterizam-se como ideais e os que se encontram na parte inferior,

⁷⁰ No original: “(1) Information value. The placement of elements (participants and syntagms that relate them to each other and to the viewer) endows them with the specific informational values attached to the various ‘zones’ of the image: left and right, top and bottom, centre and margin. (2) Saliency. The elements (participants as well as representational and interactive syntagms) are made to attract the viewer’s attention to different degrees, as realized by such factors as placement in the foreground or background, relative size, contrasts in tonal value (or colour), differences in sharpness, etc. (3) Framing. The presence or absence of framing devices (realized by elements which createdividing lines, or by actual frame lines) disconnects or connects elements of the image, signifying that they belong or do not belong together in some sense”.

como reais. Também pode haver a composição estruturada do centro até as margens, ou seja, do núcleo da informação (o mais importante) às informações dependentes ou auxiliares.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006[1996]), as relações semânticas entre os elementos expressam-se com mais facilidade visualmente, no entanto, a complexidade da composição imagética aumenta e, como consequência, amplia a categorização dos elementos. Além disso, a intencionalidade de quem produz esses textos torna-se relevante para a composição da imagem no processo de escolha dos sistemas, considerando o efeito, a reação que o interlocutor deseja causar em quem as vê. Todo esse processo se caracteriza pela dinamicidade e fluidez.

O sistema de saliência possui uma função importante, a integração dos elementos, promovendo a coerência entre eles e formando um todo em equilíbrio. Ele permite criar uma hierarquia de importância entre os elementos, valorizando o que precisa estar mais em destaque, em detrimento de outros. O interlocutor pode destacar o conhecido no lugar do novo, ou vice-versa, ou ainda, igualar o destaque dos dois. Toda decisão no momento da composição se encontra ligada à atitude de quem produz a postagem.

O enquadramento define-se como um sistema responsável pela agregação das partes do texto multimodal. Essa agregação pode ocorrer em diferentes graus, ou de maneira forte ou fraca. “A ausência do enquadramento acentua a identidade do grupo, mas a sua presença significa individualidade e diferenciação”⁷¹ (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 203, tradução nossa).

Em outras palavras, se há desconexão no enquadramento, o elemento destaca-se visualmente em detrimento dos outros. Esse destaque pode acontecer por meio de linhas de enquadramento, descontinuidade de cores e/ou formas, presença de espaço vazio, entre outros. Quando há a conexão no enquadramento, acontece o oposto, porque um elemento une-se visualmente aos outros, já que não há presença de dispositivos de enquadramento, mas ocorre o uso de vetores e de continuidades ou semelhanças de cores, etc. Nas duas

⁷¹ No original: “The absence of framing stresses group identity, its presence signifies individuality and differentiation”.

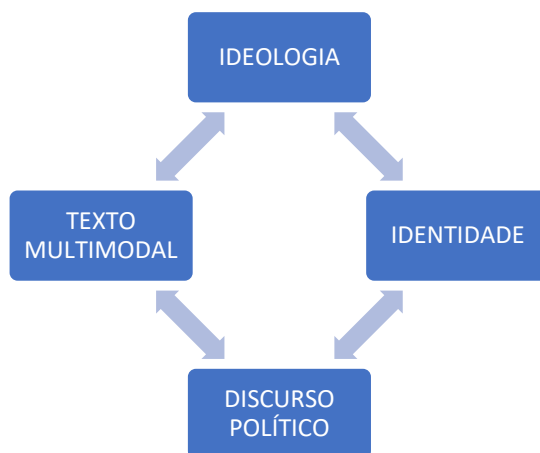
situações, as cores tornam-se um importante recurso semiótico na construção do significado, conforme destacam os autores.

Georgalou (2017, p. 342⁷², tradução nossa) direciona sua atenção para o entendimento da identidade do usuário do *Facebook*, revelada pelo texto multimodal. Ela destaca seu interesse em estudar:

[...] como as identidades são construídas, funcionam, e são experienciadas, a saber digitadas, carregadas, partilhadas, gerenciadas e protegidas, dentro de tais contextos online, caóticos também [...].⁷³

Ela acredita que, nesse ambiente, dito caótico, vivencia-se uma espécie de “arena sociocultural” (GEORGALOU, 2017, p. 342, tradução nossa)⁷⁴. Essa ideia retoma o que foi discutido, no Capítulo II, com base em Bauman (2005) e Castells (2018[1999]), e reforça a conexão entre discurso político, ideologia e identidade. Os três interconectam-se nas manifestações nas redes sociais, por meio da concretização no texto multimodal. O Esquema 2 resume essa relação dinâmica, fluida, continuamente alimentada pelos conflitos:

Esquema 2- Interconexão presente nas redes sociais



Fonte: A autora.

⁷² A citação foi retirada de um *e-book* que tem a indicação de posição e não de página.

⁷³ No original: “[...] how our identities are constructed, performed and experienced, namely typed, uploaded, shared, managed and protected, within such chaotic too [...]”

⁷⁴ No original: “sociocultural arena”.

Para Georgalou (2017, p. 6441, tradução nossa), nossa identidade media-se, constrói-se, continuamente, mediante participação nas práticas discursivas. As redes sociais, em especial, o *Facebook*, possuem uma natureza fluida, dinâmica, porque seus membros podem editar ou atualizar seu perfil, comunicar-se com outros de forma pública ou não, sincronicamente ou assincronicamente, indivíduos podem ser adicionados ou removidos frequentemente. Ela concebe o *Facebook* como uma “[...] ferramenta social [...]”⁷⁵ que oportuniza indivíduos a usarem variados recursos semióticos para expressarem informações pessoais, opiniões, entre outras, resultando no construto de identidades individuais e coletivas.

A partir dessas características, a pesquisadora coaduna-se com a posição de Jenkins (2009), que apresentamos no capítulo I, sobre o aparecimento da cultura da convergência, na qual as mídias tradicionais e as novas cruzam-se, tornando os usuários também produtores e não apenas consumidores do conteúdo. Ela ainda considera que o *Facebook* representa a síntese dessa cultura, principalmente pelo uso de diferentes modos semióticos em uma mesma plataforma.

Georgalou (2017) e van Dijk (2009) destacam a relação entre discurso e sociedade, que se baseia nas interações construídas e atualizadas dinamicamente pelos participantes, considerando as situações sociais, políticas e culturais. As contribuições desses pesquisadores reforçam a interface entre ADM e ECD, por permitir uma análise crítica do discurso político presente nas postagens que combinam o visual e o verbal no *Facebook*.

Outra pesquisadora, Boyd (2002), cuja tese foi escrita com base no estudo da representação identitária no mundo digital, define a interação social como uma negociação de identidades, que ocorre em um determinado meio. Ela destaca que os usuários reconhecem o mundo digital como o lugar propício para interação na sociedade moderna e, assim, indicam que as identidades se constroem, a partir das relações *offline* e *online*.

A autora evidencia o valor da informação contextual situacional e interpessoal. Na primeira, há uma referência aos aspectos que sugerem a ênfase no presente, no agora. A interpessoal permite ao usuário detectar quais papéis são apropriados naquele ambiente e quais tipos de identidades sociais se constituem admissíveis. Ela não enfatiza os

⁷⁵ No original: “[...] social tool[...]”.

aspectos discursivos, porém, destaca a necessidade de os usuários estarem conscientes e prontos para os procedimentos reflexivos no uso das mídias digitais.

Os autores Jones, Chik e Hafner (2015) divulgam estudos nos quais acontece a interface entre a AD e as práticas digitais e destacam a complexidade dessas relações. Eles também constataam a inter-relação, apresentada no Esquema 2, que ocorre entre as dimensões discursiva, identitária, ideológica e o texto multimodal.

Observamos que essa inter-relação acontece em meio às práticas digitais, que se definem como ações, as quais envolvem recursos da tecnologia digital para atingir o objetivo de serem reconhecidas por determinados grupos, representar identidades coletivas e reproduzir algumas relações sociais. Elas configuram o cruzamento transversal entre os ambientes real e virtual, bem como os sistemas tecnológicos e sociais (JONES; CHIK; HAFNER, 2015).

Os pesquisadores Jones, Chik e Hafner (2015, p. 4-15) ressaltam que a AD focaliza quatro itens, conforme resumimos a seguir:

- a) **Texto:** considerando como a era digital possibilitou a combinação de diversos elementos semióticos para compor, de maneira, intrinsecamente, dinâmica, textos multimodais, que são reconhecidos socialmente, e para realizar diferentes tipos de atos interacionais;
- b) **Contexto:** levando em conta as situações sociais, nas quais os textos são construídos, interpretados, partilhados, entre outros, até alcançar a concretização de ações sociais, por exemplo, a indignação diante de uma notícia de corrupção, a mobilização de indivíduos para realizar protestos nas ruas de uma determinada cidade, entre outras;
- c) **Ações e interações:** buscando entender o que os indivíduos objetivam com seus textos, como eles os usam para realizar ações sociais concretas. Jones e Hafner (2012) discutem como as tecnologias digitais possibilitam ou limitam as ações ou interações que possuem um cunho ideológico, como as pessoas se adaptam às mesmas, conforme as situações, os objetivos;
- d) **Poder e ideologia:** compreendendo como os textos são usados pelos indivíduos para dominar e controlar os outros e, além disso, verificando a possibilidade de criação de “versões da realidade”.

Podemos acrescentar **identidade** como quinto item, porque ela representa um grande valor para o discurso, visto que revela a existência de uma ligação entre o poder e a ideologia, em qualquer nível da interação. Dessa forma, a constituição do discurso resulta da união desses elementos que interagem e se materializam nas práticas digitais.

A atenção de van Dijk (2009) direciona-se ao estudo do discurso dos atores sociais como membros de grupos que partilham crenças, ideologias, opiniões, construindo identidades coletivas, como participantes de situações sociais. Também, considera o discurso político como o meio propício para o surgimento de polêmicas que desencadeiam possíveis mobilizações sociais, onde acontece a construção de um grupo e a desconstrução do outro, em uma relação interativa entre discurso, identidade e poder.

O pesquisador ressalta a utilização da “autoapresentação positiva” e “outra-apresentação negativa”, que exemplifica essa relação. Em outras palavras, no discurso político nas redes sociais, podemos detectar a apresentação positiva do próprio grupo, enquanto são destacadas apenas as características negativas do grupo opositor e, para isso, algumas estratégias podem ser usadas nos vários níveis do discurso pelos grupos. A esse respeito, van Dijk (2010, p. 252-253) elenca aquelas possíveis de serem utilizadas:

- Estratégias de interação gerais: autoapresentação positiva; outro-apresentação negativa;
- Macroato de fala indicando Nossos “bons” atos e os “maus” atos dos Outros; por exemplo, acusação, defesa;
- Macroestruturas semânticas: seleção de tópicos: (des)enfatizar pontos negativos ou positivos sobre Nós/Eles;
- Atos de fala locais de discurso estabelecendo e sustentando atos de fala globais, por exemplo, declarações que comprovem acusações;
- Significados locais de ações positivas/ negativas Nossas/Deles: fornecer muitos/poucos detalhes; generalizar/ser específico; ser vago/preciso; ser explícito/implícito, etc;
- Léxico: selecionar palavras positivas para Nós, palavras negativas para Eles;
- Sintaxe local: orações ativas *versus* passivas, nominalizações: (des) enfatizar a agência, a responsabilidade positiva/negativa Nossa/ Deles;
- Figuras retóricas: hipérboles *versus* eufemismos para significados positivos/negativos; metonímias e metáforas enfatizando propriedades negativas/positivas Nossas/Deles;
- Expressões sonoras e visuais: enfatizar (volume alto etc.; fonte grande, em negrito, etc.) significados positivos/negativos; ordem (primeiro, segundo; na parte superior/inferior da página etc.); significados positivos/negativos.

Ao estabelecer essas estratégias, van Dijk (2010) indica a existência de polarização no discurso, quando um interlocutor constrói sua identidade positivamente, enquanto a do outro é caracterizada de forma negativa e para atingir esse objetivo são usados diferentes recursos semióticos.

Destacamos, nos capítulos anteriores, a definição do termo modernidade realizada com base em Giddens (1991a), Bauman (2001), Charadeau (2009), enfatizando as palavras de ordem: comunicação, informação e mídias, que se entrelaçam na dinamicidade das mudanças, resultando no surgimento da sociedade em rede (CASTELLS, 2017[1999]) e também no aparecimento da cultura da convergência (JENKINS, 2009) ou cultura da virtualidade real (CASTELLS, 2017). Com base nesses conceitos, parece possível compreender que o usuário abandona a simples posição de consumidor de informações, tornando-se produtor e divulgador delas e revelando a presença da interatividade e multimodalidade, em uma relação dinâmica e fluida, que redefine as noções de espaço e tempo. Buscamos validar essa posição (ou não) a partir de nossas análises no capítulo V.

Passamos à análise dos dados no capítulo seguinte, para compreender como ocorre a construção identitária e o alinhamento ideológico das Páginas nessa rede social, por meio da combinação das linguagens verbal e visual que compõem o texto multimodal.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DOS DADOS

5 ANÁLISE DOS DADOS

Consideramos a possibilidade da existência de uma conexão entre Ideologia, Identidade e Discurso Político, que se materializa no texto multimodal, e tendo como suporte teórico os ECD e a ADM, além de sua base multidisciplinar, como Filosofia, Comunicação e Ciência Política, realizamos, neste capítulo, a análise das postagens das Páginas políticas no *Facebook*.

5.1 CONTEXTO DAS PÁGINAS E DAS POSTAGENS

O contexto de nossos *corpora* encontra-se inserido no ambiente da *Internet*, concebido não só como um avanço tecnológico, mas também um fato social, gerador de mudanças (CRYSTAL, 2006; FERRARI, 2010; NAUGHTON, 2011; BARTON; LEE, 2015).

Dessa forma, buscamos verificar de que modo se institui o *Facebook* como um ambiente pluralístico de opinião, no qual podem se manifestar a instantaneidade e a criatividade, na interação entre os usuários, tornando-o um espaço importante para a polarização, visto que o discurso político se constitui em uma prática social. Nesse sentido, via discurso político pode se dar a interação nos grupos entre as instâncias política e cidadã, e no qual poderá se manifestar, conforme posição dos teóricos que utilizamos como respaldo para tratar da inter-relação entre ideologia e identidade (CHILTON, 2004; CHARAUDEAU, 2011; PALUMBO, 2013).

Coadunamos com Jones, Chik e Hafner (2015), ao tratarem dos quatro itens focalizados por uma análise discursiva (texto, contexto, ações e interações, poder e ideologia), por isso entendemos a necessidade de destacar alguns pontos do panorama geral do contexto político brasileiro, que apresentamos no capítulo II, por meio, inicialmente, de Sader (1995), que trata do surgimento do PT. Este partido protagoniza a terceira geração da esquerda brasileira e defende a priorização das políticas públicas, contrapondo-se ao neoliberalismo e aos paradigmas conservadores. O pesquisador, também, apresenta a ND, originária da ideologia neoliberal, cuja estratégia se constitui

em não se assumir como direita, para descaracterizar a polarização, porém, ela possui suas raízes históricas no conservadorismo e no desejo de perpetuação do poder.

Os estudos de Singer (2002) apresentaram as eleições de 1989, como o primeiro confronto polarizado entre esquerda e direita, e as de 1994, que resultam na vitória da direita. Miguel (2000) observa a existência de uma polarização entre aqueles pró-Lula e os que eram anti-Lula.

Lula, candidato à presidência da República, une-se aos partidos de centro, formando uma grande coligação centro-esquerda e, finalmente, chega ao poder nas eleições de 2002, por meio do PT. Singer (2018) cunha o termo Lulismo, que alcança consagração em 2010, e essa movimentação pró-Lula gera a vitória de Dilma Rousseff, que fica no poder até 2016. Segue-se, então, o Golpe parlamentar, que leva à presidência Michel Temer (PMDB).

Com base nos estudos de Miguel (2000), Sader (1995, 2004), Singer (2002, 2018) e Negrisoni (2018), apresentados no capítulo II, compreendemos que esse cenário culminou com o aumento de uma mobilização nas redes sociais. Nesse sentido, criaram-se comunidades no *Facebook*, cujas ideias se constituíam no apoio ou na rejeição ao PT; na luta contra a corrupção; e na ampliação do caráter de defesa do nacionalismo e dos costumes tradicionais, reforçando o embate dessa díade ideológica, esquerda-direita. Além disso, destacamos o surgimento de um movimento anticorrupção, que se autodenomina “apartidário”.

Nesse panorama de guerra política nas mídias sociais, construíram-se as bases para as eleições de 2018, que culminou no embate, no segundo turno, entre o candidato do PT, Fernando Haddad, simbolizando a luta pela igualdade social, e o candidato do PSL, Jair Bolsonaro, representando a defesa do liberalismo econômico e do conservadorismo.

A repulsa ao PT, as denúncias de corrupção da Petrobrás, a operação Lava Jato, entre outros fatores levaram à vitória do PSL. O discurso de ódio disseminou-se nas redes sociais, desde o período eleitoral até o presente momento. Apresenta-se, principalmente no *Facebook*, uma arena permanente de embate entre forças que se opõem. Inseridos nesse cenário bastante complexo, propusemos analisar as postagens das Páginas, a fim de verificar, atestar essa polarização por meio de marcas linguístico-discursivas e visuais, ou seja, verbo-visuais.

Em 2017 e 2018, acompanhamos diferentes Páginas, salvando as postagens, que se referiam à corrupção, ao comunismo e/ou capitalismo, ao golpe parlamentar, ao PT, ao PSDB, à Lula e ao Bolsonaro. Em abril de 2018, organizamos um quadro com o levantamento das Páginas direcionadas ao discurso político, tendo como suporte Bobbio (2011[1995]); Mészáros (2014) e Ardalán (2018), e agrupamos o que foi observado, inicialmente, em três eixos ideológicos⁷⁶: direita, esquerda e apartidário, a fim de registrarmos alguns dos discursos dos participantes dessa arena digital.

A organização das Páginas em eixos teve como suporte, principalmente, a caracterização de Bobbio (2011[1995]) sobre as ideologias e de Ardalán (2018) sobre a abordagem multiparadigmática da ideologia, na qual nos alinhamos com a concepção de que o indivíduo se constitui um ser político e manifesta sua identidade na interação discursiva (paradigma interpretativo). Dessa forma, apresentamos, no Apêndice A, o quadro completo, do qual consta um total de 243 Páginas identificadas e catalogadas no mês de abril de 2018. Esse levantamento caracteriza-se pela fluidez e instantaneidade, porque novas Páginas surgem e outras deixam de existir.

A inserção das Páginas em cada eixo definiu-se a partir das observações na identificação e nas postagens. Dessa maneira, agrupamos, no Eixo 1, as Páginas com características ligadas à ideologia de esquerda; no Eixo 2, aquelas alinhadas com a direita; por fim, no Eixo 3, as que se definiram, em sua criação ou ao longo de suas publicações, como não ligadas a qualquer partido político e, em razão disso, usamos o termo apartidário.

Conforme informamos no capítulo I, no momento da criação da Página no *Facebook*, o(s) administrador(es) precisa(m) escolher uma característica que permita sua identificação. Existem diversas opções nesse sentido para a classificação de uma Página, como partidos políticos, figura pública, políticos, sites educacionais, empresas de mídia, notícia e organização sem fins lucrativos, entre outras.⁷⁷ Selecionamos organização política, comunidade e causa, devido à maior incidência no período de observação e coleta de dados e por concordarmos com De Fina (2011), quando afirma que as identidades emergem da interação social, ancoradas no indivíduo ou no grupo, na comunidade,

⁷⁶ Usamos o termo “eixo ideológico” em consonância com a discussão realizada no capítulo II com base em Bobbio (2011[1995]).

⁷⁷ **Facebook.** Listagem completa das categorias e subcategorias. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/category/>>. Acesso em 28 dez. 2019.

tornando-as plurais e complexas. Essa caracterização já revela o início da construção de suas identidades, como podemos visualizar no Quadro 4:

Quadro 4- Panorama das páginas políticas no *Facebook* – abril de 2018

Eixo 1: Esquerda	
Categoria de Página	Quantidade
Organização política	34
Causa	23
Comunidade	98
Eixo 2: Direita	
Organização política	13
Causa	04
Comunidade	24
Eixo 3: “Apartidário”	
Organização política	04
Causa	02
Comunidade	39
Total	243

FONTE: A autora.

Assim, em cada eixo, observamos a presença de Páginas que estão nomeadas como organização política, outras, como causa e comunidade. Essa classificação caracteriza-se por ser dinâmica e pode ser alterada a qualquer momento pelo(s) administrador(es).

Posteriormente, inserimos outro procedimento metodológico e analisamos cinco (5) Páginas de cada eixo, selecionando aquelas que tinham postagens com a presença de texto multimodal e de temas definidos (corrupção, comunismo e/ou capitalismo, golpe parlamentar, PT, PSDB, Lula e Bolsonaro), a fim de efetuarmos às análises por meio da interface entre os ECD e a ADM.

Quadro 5- Levantamento das Páginas políticas do *Facebook* – abril de 2018

Nome	Criação	Curtidas	Seguidores	Tipo de Página
Eixo 1: Esquerda				
1 Verdade sem Manipulação	30/03/2013	872.000	881.000	Causa
2 Burguesia Fede	23/06/2016	638.000	653.000	Causa
3 A Luta	04/05/2014	442.000	441.000	Comunidade
4 Esquerda Revolucionária	31/10/2015	68.184	68.792	Comunidade
5 Contra o Golpe Fascista 3	15/11/2017	15.335	15.741	Organização Política
Eixo 2: Direita				
6 Direita Vive 3.0	14/11/2013	674.000	666.000	Organização Política
7 Eu era direita e não sabia	06/02/2016	459.000	464.000	Comunidade

8 Direita Conservadora	28/05/2012	413.000	408.000	Comunidade
9 Jovens de Direita	14/11/2013	331.000	329.000	Organização Política
10 Conservadorismo do Brasil	23/06/2016	4.756	4.869	Organização Política
Eixo 3: "Apartidário"				
11 MBL-Movimento Brasil Livre	01/11/2014	2.688.585	2.740.668	Organização Política
12 Juventude contra corrupção	02/03/2013	1.459.805	1.529.541	Comunidade
13 Movimento do POVO Brasileiro	21/09/2015	728.827	771.768	Comunidade
14 Todos contra corrupção	05/02/2014	59.467	58.911	Comunidade
15 Tenho Vergonha da Corrupção	01/12/2012	634.335	628.050	Comunidade

FONTE: A autora.

No Quadro 5, apresentamos as Páginas selecionadas, agrupadas por eixo, sua data de criação, a quantidade de curtidas e, também, o número de seguidores, por fim, na última coluna, indicamos a classificação da categoria da Página, que é definida quando o(s) administrador(es) realiza(m) o cadastro no *Facebook*. Essas informações iniciais começam a delinear o perfil identitário e ideológico de cada Página.

Com base na interface entre os ECD e a ADM e retomando o que indicamos na Introdução, apresentamos as seguintes categorias de análise, a serem observadas nas fotos de perfil, de capa e nas postagens das Páginas:

- a) Elementos verbais (substantivos, verbos e adjetivos);
- b) Elementos visuais;
- c) Categorias da estrutura das ideologias (VAN DIJK, 2011):
 - Identidade: quem somos nós?
 - Atividades: qual é a nossa tarefa?
 - Objetivos: o que nós queremos obter?
 - Normas e Valores: o que é bom/ruim, permitido/proibido para nós?
 - Relações do grupo: quem são nossos aliados e oponentes?

Não selecionamos o último item, recursos, que aparece no Quadro 3, Cap. II, porque não seria possível estabelecer a base do poder ou a falta dele, considerando as fotos e as postagens.

- d) Estratégias de autoapresentação positiva e outro-apresentação negativa (VAN DIJK, 2010): estratégia de interação geral; macroato de fala; léxico; expressões visuais.

e) Sistemas de composição do texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN (2006 [1996]): valor de informação, saliência e enquadramento.

Entendemos a importância de todas as categorias apresentadas no Cap. IV, entretanto não nos foi possível selecionarmos todas e sim procedermos a um recorte, tendo em vista amplitude que isto implicaria para as análises.

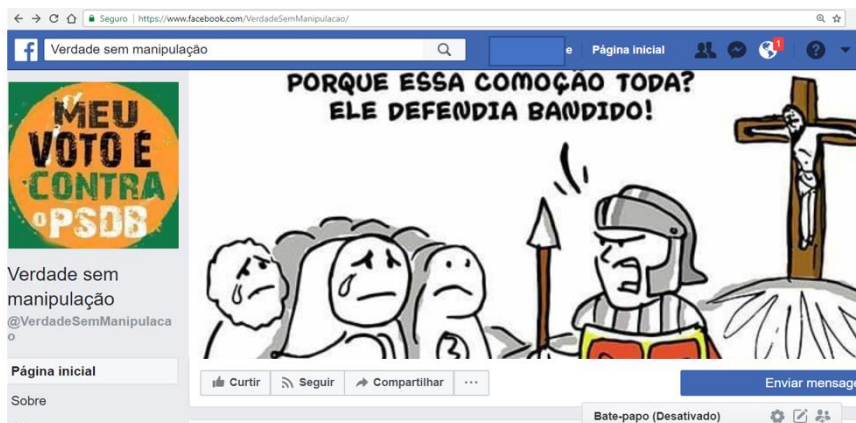
A construção da identidade das comunidades, que constituem as Páginas selecionadas para nossa análise, inicia-se a partir da definição do nome, data de início e definição da categoria, seguida da apresentação das fotos de perfil e de capa.

5.2 CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NAS FOTOS DE PERFIL E DE CAPA

Lembramos Kress (1998), que considera as imagens como construtos ideológicos, e Bateman (2014), que trata da dinâmica dos eventos presentes em uma imagem e sua relação de dependência com as concepções ideológicas e identitárias, para selecionarmos as fotos de capa e de perfil das Páginas relacionadas no Quadro 5. Com base em Kress e van Leeuwen (2006[1996]), observamos, nas fotos de capa e de perfil, que a composição das imagens ocorre por meio da relação entre os sistemas: valor de informação, saliência e enquadramento.

A primeira Página do Eixo 1 constitui-se **Verdade sem Manipulação**, apresentada na Figura 10:

Figura 10 - Fotos de perfil e de capa da Página Verdade sem Manipulação



FONTE: <https://www.facebook.com/VerdadeSemManipulacao/>.

Na Figura 10, temos as fotos de perfil e de capa da Página **Verdade sem Manipulação**. Na foto de perfil, observamos um fundo verde e uma forma arredondada amarela, que parecem se referir à bandeira do Brasil, com o seguinte enunciado apresentando-se no centro “Meu voto é contra o PSDB”. A intencionalidade do interlocutor em expressar a oposição ao PSDB resulta no uso do sistema de valor da informação (voto contra) e enfatiza para qual partido político se nega o voto (PSDB), demonstrando um alinhamento no eixo ideológico para a esquerda. A conexão entre esses elementos na imagem representa o enquadramento que dá ênfase à negativa de voto (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]).

A seguir, a Figura 11:

Figura 11- Foto de capa da Página **Verdade sem Manipulação**



Fonte: <https://www.facebook.com/VerdadeSemManipulacao>.

A foto da capa da Página **Verdade sem Manipulação** capturada em abril de 2018 apresenta um quadrinho retirado do livro *Mundo Averso* do cartunista Carlos Ruas e retrata uma imagem bíblica da crucificação de Jesus Cristo. Considerando o valor de informação, verificamos que, à esquerda, encontram-se os discípulos, os seguidores de Jesus chorando e olhando para o soldado romano que aparenta estar aborrecido e diz⁷⁸: “Porque essa comoção toda? Ele defendia bandido!”⁷⁹. Ao fundo da imagem, do lado

⁷⁸ Optamos por manter as formas gramaticais, encontradas nas postagens. Não realizamos nenhuma correção gramatical.

⁷⁹ Apesar de ser uma pergunta, o “porque” junto foi usado. Mantivemos a mesma forma que aparece na Página Verdade sem Manipulação.

direito, aparece a cruz com Jesus crucificado no topo de um vale. Essa composição permite visualizar um discurso que conecta política e religião.

O enunciado proferido pelo soldado e a imagem de Jesus na cruz, permite não só a junção de “ele” e a referente, mas também da correlação Lula e Jesus, além de dar ênfase ao fato de quem Jesus defendia e, por isso, não deveria haver nenhuma comoção. Analisando o sistema de saliência, verificamos que a imagem possui uma integração dos elementos na cena do calvário, havendo uma composição equilibrada entre as linguagens visual e verbal na crítica à comoção gerada por alguém que defendia criminoso. O sistema de enquadramento confirma a conexão dos elementos na postagem, que se encontram agregados, formando um todo.

Em abril de 2018, o(s) administrador(es) informa(m) o objetivo da Página **Verdade sem Manipulação**: “Página com o objetivo de esclarecer boatos e mostrar a outra visão de fatos que polemizam os meios de comunicação”. E acrescenta(m) que “Temas variados também serão publicados”. Dessa maneira, fica materializado, no enunciado, o foco na busca da verdade sem a influência da grande mídia, além da intenção na diversidade da temática a ser apresentada na Página.

A comunidade seguinte denomina-se a **Burguesia Fede**. O(s) administrador(es) apresenta(m) a seguinte informação sobre a Página: “Não importa que a burguesia tenha dinheiro para comprar perfume, a podridão está impregnada no seu caráter”.⁸⁰ No enunciado, encontramos a oposição à classe burguesa, que se torna o alvo da crítica quando aparece as palavras “podridão” e “caráter”, caracterizando-a de forma negativa.

Na Figura 12, temos as fotos de perfil e de capa:

⁸⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/aburguesiafede>>. Acesso em 31 out. 2018.

Figura 12 - Fotos de perfil e de capa da Página **Burguesia Fede**

Fonte: <https://www.facebook.com/aburguesiafede>.

Na foto de perfil, observamos o uso do sistema de enquadramento no emprego das cores como um recurso semiótico na construção do significado e recorremos a Kress e van Leeuwen (2001) quando tratam da cor como função que fornece coesão e coerência. Assim, apresenta-se o nome da Página, em fundo branco: o substantivo “Burguesia”, escrito na cor preta, com sombreado, e o verbo na 3ª pessoa do singular, “Fede” em lilás. No meio e acima da palavra “Burguesia”, temos uma coroa dourada. Este elemento correlaciona burguesia à nobreza. Essa cor representa riqueza e luxo, visto que, na Antiguidade, era a cor do poder, usada, preferencialmente, por quem governava.⁸¹ No entanto, o preto lembra o envolvimento com denúncias de corrupção, reforçado pela presença do léxico selecionado para caracterizá-la por uma ação negativa que a associa a algo extremamente negativo, asqueroso, a partir do verbo “feder”.

Lembramos Pinto (2006), citada no capítulo I, quando afirma que o discurso político se constrói, a partir da desconstrução do Outro. Esse objetivo da comunidade revela-se na combinação de um elemento visual e outro verbal, ou seja, a estratégia da escolha do lilás, uma cor relacionada à burguesia, e do verbo “feder”, realizando uma construção da identidade negativa de uma classe que pode realizar qualquer tipo de ação, para se manter no poder.

⁸¹ **Psicologia das cores design.** Disponível em: <<https://www.chiefdesign.com.br/psicologia-das-cores/>>. Acesso em 23 dez. 2019.

Como na figura anterior, não podemos visualizar de forma completa a foto de capa. Apresentamos, na Figura 13, a imagem da obra de William Balfour Ker, artista socialista, intitulada “Das profundidades”, do ano de 1906⁸²:

Figura 13- Foto de capa da Página **Burguesia Fede**



Fonte: <https://www.facebook.com/aburguesiafede>.

Com base na composição dos sistemas apresentados por Kress e van Leeuwen (2006[1996]), a escolha da obra clássica, na Figura 13, dá relevo à seleção intencional do efeito, da reação, que o autor da postagem deseja causar no interlocutor. No uso do sistema de valor da informação (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]), observamos que a colocação dos elementos na imagem os dota de significação, considerando a leitura da parte superior para a inferior. Dessa forma, temos, nesta última, a presença do que se caracteriza por ser real, a classe trabalhadora, oprimida pelo peso do piso na parte superior, ou seja, a exploração de seu trabalho, para manutenção do poder de quem está em cima. A burguesia representa o ideal em detrimento do real, ou seja, o trabalhador. Assim, a leitura, no sentido margem superior para inferior, revela-nos as identidades das classes materializadas nessa composição visual.

O esforço dos trabalhadores na quebra do piso, que os separa, mostra o quanto se apresenta injusta a distribuição de renda e ilustra a dificuldade de ascensão social. Em

⁸² No original: “From the depths”. Sobre William Balfour Ker. Disponível em: <<http://www.classicsandclass.info/product/45/>>. Acesso em 14 nov. 2019.

cima, temos o luxo da classe burguesa, sustentado pelo suor dos que estão na camada inferior. Além disso, o olhar dos que se encontram na posição superior para baixo revela a indiferença, ao verificarem a tentativa de quebra dessa realidade. A imagem do punho cerrado, invadindo o recinto burguês, parece ser o símbolo da revolução, da luta. Dessa maneira, o sistema de saliência (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]) revela o destaque dado à opressão e o descaso da burguesia em relação à classe popular. A obra de Ker constitui uma combinação de dois mundos que se opõem, trazendo, nessa representação, um texto imagético de crítica social e política.

O enquadramento constitui-se o sistema responsável pelas partes do texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]). Nesse caso, ele torna-se responsável pela agregação que ocorre por meio do vetor na direção superior/inferior, materializada no olhar dos burgueses para os pobres.

A Página seguinte, intitulada **A Luta**, apresenta-se pelo(s) administrador(es) como sendo “[...] dedicada a combater a desinformação praticada pelo grande monopólio midiático no país”.⁸³ Na Figura 14, podemos verificar suas fotos de perfil e de capa:

Figura 14 - Fotos de perfil e de capa da Página **A Luta**



Fonte: <https://www.facebook.com/alutaonline>.

⁸³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/alutaonline>>. Acesso em 06 abril 2018.

Na foto de capa, a imagem consiste na transcrição da conversa entre Romero Jucá (PMDB- RR) e Sérgio Machado, ex-presidente da TRANSPETRO⁸⁴. Esse áudio foi divulgado em maio de 2016 e revela o interesse em um acordo com o Supremo Tribunal Federal, a fim de parar a operação Lava Jato⁸⁵, tirar Dilma Rousseff da Presidência da República e colocar Michel Temer em seu lugar. Foi selecionado para a imagem o fundo preto com as letras brancas, dando o destaque para o trecho da conversa, que denuncia o caráter político dessa operação. Em destaque, apresentamos a foto de perfil na Figura 15:

Figura 15 - Foto de perfil da Página **A Luta**



Fonte: <https://www.facebook.com/alutaonline>.

Ao visualizar a foto de perfil da Página **A Luta**, ampliada na Figura 15, verificamos o uso do sistema de valor da informação (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]) nas partes superior e inferior. Na superior, temos o punho cerrado, símbolo de luta e resistência, normalmente usado pela esquerda.⁸⁶ Ao redor dele, aparecem as indústrias, emitindo os gases poluentes. Embaixo, os operários sustentam esse punho cerrado com o braço levantado e o outro, segurando a ferramenta de trabalho. O nome da Página e essa foto de perfil, ou seja, os elementos verbo-visuais representam um todo conectado que enfatiza o objetivo de chamarem a atenção para a necessidade de união dos trabalhadores, a fim de mudar essa realidade social a partir da convocação para a luta.

⁸⁴ TRANSPETRO: Petrobrás Transporte S. A. é uma empresa de transporte e logística do combustível no Brasil. Disponível em: <<http://transpetro.com.br/transpetro-institucional/>>. Acesso em 15 nov. 2019.

⁸⁵ É a maior investigação realizada pela Polícia Federal sobre casos de corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-lava-jato/entenda-o-caso>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

⁸⁶ LIMA, J. Qual o significado do gesto de levantar o braço com o punho cerrado. **Nexo**. 24 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/24/Qual-o-significado-do-gesto-de-levantar-o-bra%C3%A7o-com-o-punho-fechado>>. Acesso em 15 nov. 2019.

A próxima Página denomina-se **Esquerda Revolucionária**, que, em abril de 2018, se caracteriza como “[...] um coletivo suprapartidário, com diversas correntes à esquerda”. Na Figura 16, observamos as fotos de perfil e de capa:

Figura 16 - Fotos de perfil e de capa da Página **Esquerda Revolucionária**



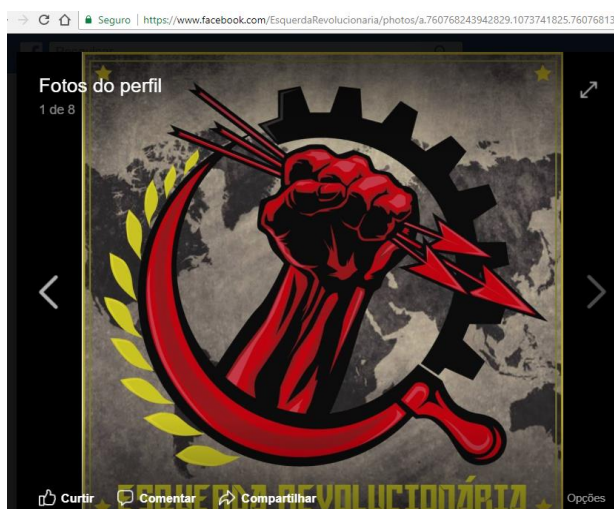
Fonte: <https://www.facebook.com/EsquerdaRevolucionaria/>.

As duas imagens agregam, em seu conjunto, a proposta de luta, visto que, nas duas, temos a presença de armas, na foto de perfil, a flecha e, na foto de capa, o fuzil. As relações semânticas entre as duas revelam a intencionalidade de quem as produziu, no sentido de dar ênfase à ideia de resistência, de revolução.

Ao observarmos essas escolhas imagéticas, lembramos de Sader (1995), Giddens (1996), Singer (2002) e Bobbio (2011[1995]), que destacam a luta da esquerda pela justiça social, desde seu nascimento, via movimentos sociais.

A seguir, temos a Figura 17, na qual apresentamos a foto de perfil:

Figura 17 - Foto de perfil da **Esquerda Revolucionária**



Fonte: <https://www.facebook.com/EsquerdaRevolucionaria/>.

Na Figura 17, verificamos o mapa-múndi como fundo. No centro da imagem, aparece uma mão com o punho cerrado, que surge da foice, segurando três flechas. Os símbolos do movimento comunista constituem-se a foice e o martelo; o primeiro representa os trabalhadores agrícolas, e o segundo, os operários das indústrias.⁸⁷

Nessa releitura, temos o último grupo representado pela parte de uma engrenagem que se junta à foice, formando um único círculo, reforçando a ideia de união e de luta contra o capitalismo pelo mundo. Com base em Kress e van Leeuwen (2001) quando tratam da cor como função que fornece coesão e coerência, observamos que a mão, as flechas e a foice estão em vermelho, enquanto a engrenagem, na cor preta. O vermelho representa a luta, a resistência e o preto, a exploração do operário. A imagem simboliza o operário disposto a lutar, a resistir contra o abuso de poder da indústria.

Ao observarmos a imagem da foto de perfil, que representa a Esquerda Revolucionária, lembramos de Eagleton (1997), quando ele constata a ligação estreita entre ideologia e identidade, destacando, que a inter-relação entre as duas se manifesta no discurso. Nesse caso, ocorre a representação imagética da identidade de uma comunidade defensora de um eixo ideológico à esquerda, que se propõe a lutar pela igualdade social. Essa disposição para o confronto encontra-se presente na figura seguinte:

⁸⁷ Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolo-comunista/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

Figura 18 - Foto de capa da **Esquerda Revolucionária**



Fonte: <https://www.facebook.com/EsquerdaRevolucionaria/>.

Na Figura 18, temos uma releitura de um afresco de Michelangelo, intitulado “A Criação de Adão”⁸⁸. No lugar de Deus, temos Karl Marx, filósofo e um dos fundadores do Socialismo Científico⁸⁹, e, à esquerda, aparece Lênin em vez de Adão. O fuzil sendo entregue por Marx ao Lênin substitui a cena original dos dedos indicadores quase se tocando.

Com base em Kress e van Leeuwen (2006[1996]), observamos o sistema de valor de informação, a partir da leitura da esquerda para a direita, quando vemos Lênin receber o fuzil das mãos de Marx. Lênin constitui-se dado conhecido e a entrega da arma representa a informação nova, enfatizando a importância da revolução.

Há ainda um pano vermelho, logo abaixo da nuvem, onde está Karl Marx, reforçando a simbologia do movimento comunista presente na imagem. Quanto ao sistema de saliência, observamos a coerência da releitura da imagem, sob a ótica do movimento comunista e verificamos o destaque dado ao ato de entrega do objeto. O enquadramento promove a uniformidade desse todo na imagem, onde um elemento

⁸⁸ No afresco original, pintado pelo artista Michelangelo entre os anos de 1508 e 1510, que integra o conjunto de obras que fazem parte do teto da Capela Sistina, do lado esquerdo é apresentado Adão e do lado direito Deus. No centro, estão os dedos indicadores de Deus e de Adão com um pequeno espaço entre eles. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/a-criacao-de-adao-michelangelo/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

⁸⁹ Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/karl-marx/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

aparece unido visualmente ao outro, construindo o significado e estabelecendo o destaque à revolução armada.

A Página seguinte tem como denominação **Contra o Golpe Fascista 3** e descreve-se como: “Uma página para aqueles que lutam contra a Extrema Direita Fascista e Nazista crescente em nosso Brasil. E [para] todos e todas da esquerda ter um espaço”⁹⁰. No nome e na apresentação, observamos a construção identitária de uma comunidade ligada à esquerda, pela escolha das palavras “Golpe”, “Fascista”, “Extrema Direita”, “Nazista”, que marcam a identidade do grupo opositor como de extrema direita e reforçam, dessa maneira, sua própria identidade.

Na Figura 19, temos as fotos de capa e de perfil da Página **Contra o Golpe Fascista 3**, capturadas em abril de 2018:

Figura 19 – Fotos de perfil e de capa da Página **Contra o Golpe Fascista 3**



Fonte: <https://www.facebook.com/contrafascista>.

Na foto de capa, localizada à direita na Figura 19, observamos Dilma Rousseff à esquerda e, ao lado, Lula. Os dois mostrando um coração feito com as mãos, um coração, representando o amor, indicando o mais nobre dos sentimentos, capaz de vencer

⁹⁰ <https://www.facebook.com/contrafascista>. Acesso em 18 nov. 2019.

qualquer sentimento contrário, advindo de opositores.⁹¹ Na imagem, os dois aparecem unidos, não só pelo partido, mas pelo mesmo sentimento, pelo mesmo sorriso.

Em destaque, na Figura 20, a foto de perfil:

Figura 20 - Foto de perfil da Página **Contra o Golpe Fascista 3**



Fonte: <https://www.facebook.com/contrafascista>.

Na foto de perfil, que se encontra na Figura 20, com base em Kress e van Leeuwen (2001) quando tratam da cor como função que fornece coesão e coerência, observamos a estrela vermelha, centralizada sobre o fundo preto, que se constitui um dos símbolos do movimento comunista e, também, do PT, com o punho cerrado no meio⁹². No alto da estrela, há uma chama vermelha e, embaixo do punho, aparece o enunciado “1964 nunca mais”, o qual se refere ao golpe da ditadura militar ocorrido no Brasil⁹³. Logo abaixo da estrela, aparece o nome da Página em letras amarelas com o número 3 ao fundo.

Ao verificar o uso dos três sistemas propostos por Kress e van Leeuwen (2006[1996]), observamos a integração dos diferentes elementos semióticos na construção do significado para o texto multimodal. Por meio do valor de informação,

⁹¹ “De um lado, a luz da democracia e do amor. Do outro, a escuridão da intolerância e da barbárie”. PAZ, R. O amor vencerá o ódio. **Opinião**. 27 out. 2018. Disponível em: <<https://pagina2.com.br/opinio-o-amor-vencera-o-odio/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

⁹² “Cada ponta da estrela representa um dos seguintes continentes: América, Europa, África, Ásia e Oceania. A cor vermelha, por sua vez, é uma referência do Comunismo e está ligada ao sangue derramado na Revolução Russa”. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolo-comunista/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

⁹³ No dia 31 de março de 1964, uma junta militar assume o poder, obrigando o presidente João Goulart, conhecido como Jango, a se exilar no Uruguai. Castello Branco é o primeiro dos cinco militares a assumir a presidência da República. O período da ditadura termina em 1985. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

verificamos a colocação do elemento chama, em cima da estrela, parecendo representar a luta, a revolução que se constitui uma situação ideal. O enunciado sobre a ditadura e o nome da Página encontram-se abaixo da estrela, visto que se caracterizam como fatos. Quanto à saliência, ocorre no uso das partes integradas, formando um todo. No entanto, há o destaque para o centro da imagem, onde estão o punho cerrado e a estrela vermelha. Com o uso do enquadramento, vemos sua conexão, a partir do destaque dado à imagem contornada pelo branco e centralizada sobre o fundo preto.

As cinco Páginas a que nos propusemos analisar apresentam coerência entre o nome, a finalidade e os textos multimodais que compuseram as fotos de perfil e de capa. Em quatro delas, identificamos um elemento comum, o punho cerrado, destacando o posicionamento de luta, de resistência, característico dos movimentos de esquerda.

Dessa forma, temos o início de uma construção identitária, relacionada à ideologia de esquerda, com base na definição de Bobbio (2011[1995]), que enfatiza a adesão à denúncia contra corrupção, exploração do trabalhador e à defesa da igualdade social. O pesquisador ressalta a existência, ainda, na atualidade, da distinção entre direita e esquerda, embora ele constate a existência de posições intermediárias ou, até mesmo, de centro, o qual ele denomina de “Terceiro Incluído”. Segundo ele, em um sistema pluripartidário, no meio de uma crise, ocorre a polarização dos grupos/comunidades com ideologias antagônicas. Podemos observar que, em todas as Páginas do Eixo 1, houve a necessidade de serem destacadas as características da esquerda: denúncia diante da desigualdade, da corrupção, do discurso de ódio e mobilização para luta por mais justiça social.

No segundo eixo ideológico, verificamos, com base em Giddens (1996), Sader (1995), Singer (2002) e Bobbio (2011[1995]), a presença da direita, interessada em manter o *status quo* e os valores morais e cristãos do sistema vigente. Nas Figuras 21 e 22, observamos a primeira Página selecionada para análise, intitulada **Direita Vive 3.0**, que apresenta sua preferência política como conservadora⁹⁴:

⁹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/adireitavive1.0/about/?ref=page_internal>. Acesso em 19 nov. 2019.

Figura 21 - Fotos de perfil e de capa da Página **Direita Vive 3.0**



Fonte: <https://www.facebook.com/adireitavive1.0/>.

As fotos de perfil e de capa foram salvas no dia 15 de novembro de 2017, ou seja, meses antes do início oficial da campanha eleitoral. Podemos observar, na Figura 22, a foto de perfil:

Figura 22 - Foto de perfil da Página **Direita Vive 3.0**

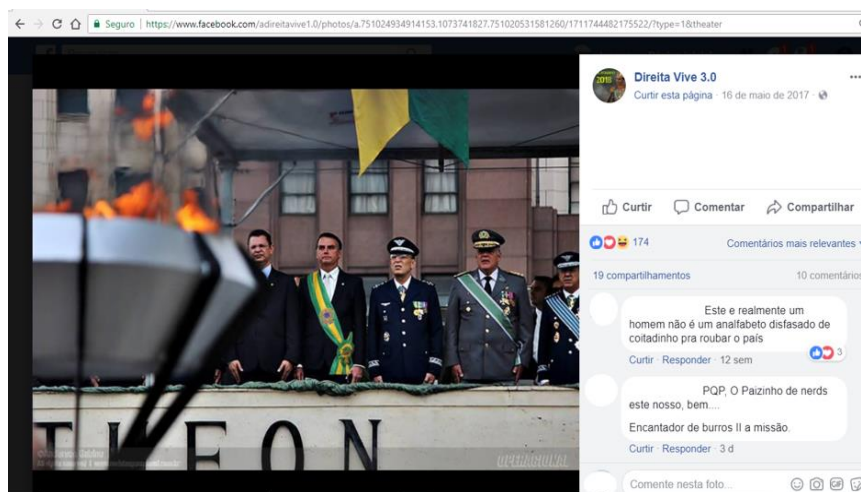


Fonte: <https://www.facebook.com/adireitavive1.0/>.

Na Figura 22, temos em destaque a foto de perfil, capturada um ano antes das eleições presidenciais no Brasil. Recorremos a Kress e van Leeuwen (2001) quando tratam da cor como função que fornece coesão e coerência. Assim, na imagem, o fundo apresenta-se em uma tonalidade verde e “Bolsonaro 2018” escrito em amarelo, representando a ênfase ao caráter nacionalista. Considerando o sistema de valor de informação (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]), identificamos, à esquerda, o nome

“Bolsonaro 2018” e à direita, como se fosse uma informação nova, aparece a imagem dele vestido como rei com coroa e insígnias. A vestimenta é uma referência à monarquia como tentativa de retorno à essa forma de governo vigente durante o Brasil Império, que simboliza o caráter conservador da comunidade. Na figura seguinte, a foto de capa em destaque:

Figura 23- Foto de capa da Página **Direita Vive 3.0**



Fonte: <https://www.facebook.com/adireitavive1.0/>.

Na foto de capa, Figura 23, observamos Bolsonaro com a faixa presidencial, mesmo antes das eleições e, ao lado, militares. Do lado esquerdo da imagem, vemos a pira olímpica acesa, em destaque, com Bolsonaro e militares, ao redor, com seus olhares direcionados para ela, em uma horizontalidade vetorial. O destaque dado à essa imagem está no uso da faixa presidencial, muito antes da ocorrência das eleições. No alto do palanque, aparece uma grande bandeira verde e amarela. O nacionalismo defendido pela Página concretiza-se na faixa e nas cores da bandeira.

A Página seguinte denomina-se **Eu era direita e não sabia**. Na declaração de autoria, o(s) administrador(es) afirma(m): “ ‘Eles’ foram espertos, nos enganaram na sala de aula e transformaram nossa cultura em um comunismo disfarçado”.⁹⁵ E acrescenta(m): “#seja bem vindo a realidade#”.⁹⁶ Com base em Pinto (2006) e van Dijk (2010), observamos que essa comunidade revela sua identidade por meio da referência negativa

⁹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/eueradireitaenaosabia/about/?ref=page_internal>. Acesso em 19 nov. 2019.

⁹⁶ Ibidem.

ao opositor e proclama-se capaz de lutar contra o “monstro” do comunismo, como verificamos na citação seguinte:

Chegou a hora, ou levantamos e vamos para cima dessa minoria nojenta e barulhenta, ou estaremos condenados a viver em um país que o errado virou certo e o certo virou errado.

Somos maioria, a direita conservadora é maioria no Brasil, infelizmente um pouco adormecida, mas nesses últimos dias tem acordado para enfrentar esse MONSTRO que se encontra na esquerda marxista.⁹⁷

Pierucci (1987), Sader (1995) e Negrisoni (2018) discutem o surgimento dessa ND, conservadora nos costumes e liberal nas questões econômicas. Apresenta-se como conservadora e moralista, quando registra que o “errado” se tornou “certo” e vice-versa. Identificamos, com base em Pierucci (1987), a “autodefesa cultural”, que se materializa no discurso dessa comunidade. As palavras selecionadas “minoría”, “nojentá”, “barulhenta” revelam a intolerância com os que defendem a ideologia de esquerda. As características da ND, apontadas por Pierucci (1987), concretizam-se nos enunciados dessa Página.

Também, observamos sua necessidade de apresentar-se como maioria e, o grupo opositor, minoria. Considerando a classificação de Thompson (2011[1990]), sobre os modos de operação das formas simbólicas ideológicas, identificamos o uso do terceiro modo, a unificação, que se manifesta na construção de uma identidade coletiva, de uma maioria que se encontrava, apenas, “adormecida”. A utilização de símbolos nacionais (cores verde e amarelo, faixa presidencial brasileira) reforça esse caráter de unidade.

Outro recurso utilizado para atacar os opositores constitui-se o uso da palavra “MONSTRO” em caixa alta, confirmando a identificação feita por Pierucci (1987) da presença de agressividade aos “*outgroup*”, ou melhor, aos que não pertencem ao grupo.

Essa agressividade direcionada aos que são externos ao grupo, principalmente, aos comunistas, aos indivíduos ligados ao PT, torna-se central nessa Página. A intolerância como característica marcante se materializa na escolha dos elementos que compõem a postagem na Figura 24, revelando a construção identitária dessa comunidade ND:

⁹⁷ Ibidem

Figura 24 - Fotos de perfil e de capa da Página **Eu era Direita e não sabia**



Fonte: <https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/>.

Em razão de a página inicial dessa comunidade apresentar vários elementos visuais para compor nossa análise, separamos as observações referentes à foto de perfil e à foto de capa, respectivamente, Figuras 25 e 26.

Na Figura 25, temos em destaque a foto de perfil da Página **Eu era direita e não sabia**:

Figura 25 - Foto de perfil da Página **Eu era direita e não sabia**

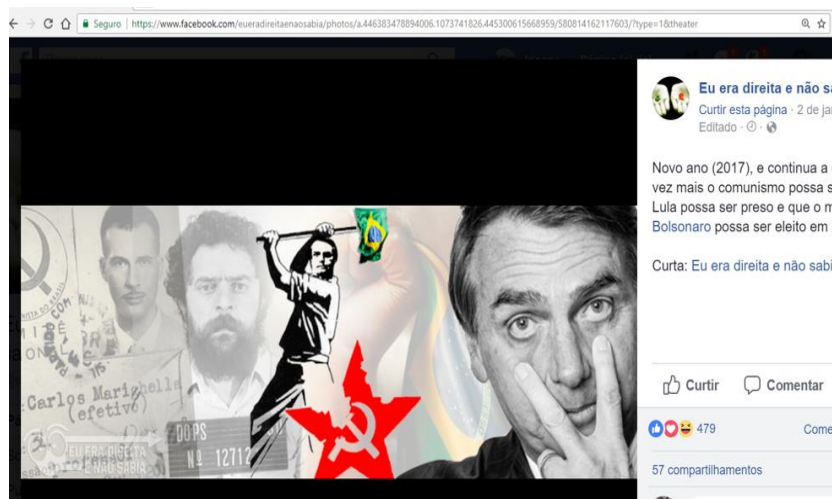


Fonte: <https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/>.

Vemos que, à esquerda, apresenta-se o bóton com a imagem da Bandeira Nacional, na mão que seria a direita na realidade. Na outra, o lado direito na imagem, mas a esquerda no plano real, aparece o bóton com os símbolos do comunismo - a foice e o martelo nas cores vermelho e amarelo. Com base em van Dijk (2010), verificamos que a

Página constrói sua identidade positiva, ressaltando o que considera negativo no opositor, o fato de ser esquerda. A seguir, a Figura 26:

Figura 26 - Foto de capa da Página **Eu era direita e não sabia**



Fonte: <https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/>.

Na foto de capa, Figura 26, podemos verificar o uso dos sistemas propostos por Kress e van Leeuwen (2006[1996]) de maneira inter-relacionada. Considerando o valor de informação, observamos os elementos, revelando os valores informacionais na construção do significado da esquerda para direita.

Assim, a partir da esquerda, temos a existência uma colagem de quatro imagens: a primeira apresenta um cartão de filiação ao partido comunista de Carlos Marighella, considerado o inimigo número um da ditadura⁹⁸; a segunda exibe uma foto de Lula preso no período ditatorial⁹⁹; na terceira, Bolsonaro aparece com um instrumento com a bandeira do Brasil na ponta, destruindo a estrela do PT, que apresenta o símbolo comunista no centro; e, ao lado, como se fosse uma marca d'água, aparece a bandeira do Brasil, segura pelas mãos de alguém.

Os fatos apresentados sobre a esquerda representam a informação já conhecida, enquanto a ênfase em um símbolo nacional e em um político, que decide destruir o

⁹⁸Carlos Marighella. **Memórias da Ditadura**. Disponível em:

<<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/carlos-marighella/>>. Acesso em 23 dez. 2019.

⁹⁹ BATISTA, P. Por que o Lula foi preso na ditadura militar? **Terra**. Educação. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/por-que-lula-foi-preso-na-ditadura-militar/>>. Acesso em 23 dez. 2019.

movimento ligado à esquerda no Brasil, constituem a informação nova. O novo é reforçado pela imagem de Bolsonaro em destaque no lado direito, com os dedos em forma de V, indicando que os olhos estão bem abertos, indicativo de que ele está atento aos fatos sugeridos pelas imagens da esquerda. Quanto ao sistema de saliência, constatamos que as imagens selecionadas reforçam a oposição desse grupo à ideologia de esquerda, ao comunismo, ao PT e encontram-se organizadas de modo a construir a identidade positiva dessa Página e destruir a do grupo opositor, ou seja, uma “autoapresentação positiva” e uma “outro-apresentação negativa” (VAN DIJK, 2010). No enquadramento, ocorre um destaque quando aparece uma imagem maior tomando boa parte do lado direito do Bolsonaro. Essa descontinuidade imagética promove a ênfase nele como uma figura que representa essa ND.

A próxima comunidade denomina-se **Direita Conservadora**, identificada como a “Página com valores e princípios conservadores”. Nela, encontra-se a seguinte afirmação: “Deus é o nosso Rei”. Além disso, o(s) administrador(es) apresenta(m) o seguinte enunciado: “Em Defesa: Da Cultura e Religiões Judaicas-Cristão, Da Família, dos Valores Morais e dos Bons Costumes, da Propriedade, da Livre iniciativa e do Capital!”.¹⁰⁰ A escolha lexical reforça a caracterização feita por Pierucci (1987) e Negrisoni (2018) da ND, conservadora nos costumes e nos valores morais, porém liberal na economia. Na Figura 27, observamos as fotos de perfil e de capa:

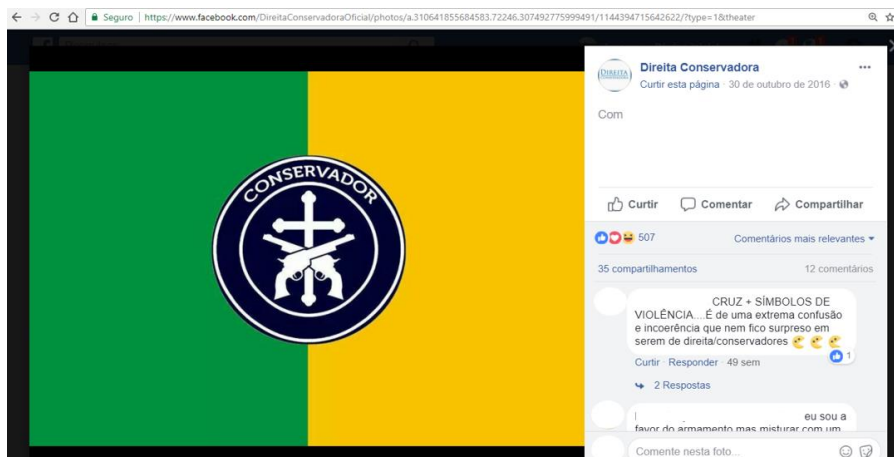


Fonte: <https://www.facebook.com/DireitaConservadoraOficial/>.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/DireitaConservadora/about/?ref=page_internal>. Acesso em 19 nov. 2019.

Observamos a foto de perfil, na Figura 27, com o nome da Página em destaque na cor azul, centralizado em um quadrado com fundo branco. Ocorre, ainda, a repetição, logo abaixo, com a ênfase do nome o que fixa seu perfil conservador e de direita. Temos a Figura 28, na qual destacamos a foto de capa:

Figura 28- Foto de capa da Página **Direita Conservadora**



Fonte: <https://www.facebook.com/DireitaConservadoraOficial/>.

Com base em Kress e van Leeuwen (2006[1996]), observamos, na Figura 28, que o sistema do valor de informação apresenta-se com os elementos semióticos colocados no centro de um fundo verde e amarelo, cores que enfatizam o nacionalismo presente nessa comunidade. Verificamos o destaque, por meio do uso do sistema de saliência, da imagem ao centro, parecendo um emblema, com uma cruz e à frente duas armas em formato de X. No alto, observa-se escrita a palavra “conservador”. Constata-se o enquadramento no destaque do símbolo que identifica a Página, combinando elementos verbais e visuais, para reforçar seu caráter conservador, mas defensor do uso de armas. Trata-se de uma ND que ressurge com foco nos valores morais e religiosos e que se assenta num jogo verbo-visual.

Jovens de Direita constitui-se uma comunidade que se define como: “Sou jovem, sou conservador, sou cristão, sou de Direita!”.¹⁰¹ Nas informações sobre a Página,

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/jovensdedireita/about/?ref=page_internal>. Acesso em 19 nov. 2019.

apresenta-se uma definição sobre conservadorismo, sem divulgar a referência bibliográfica:

O conservadorismo ou conservantismo é um termo usado para descrever posições político-filosóficas, alinhadas com o tradicionalismo e a transformação gradual, que em geral se contrapõem a mudanças abruptas (cuja expressão máxima é o conceito de revolução) de determinado marco econômico e político-institucional ou no sistema de crenças, usos e costumes de uma sociedade.¹⁰²

Na descrição da Página, constatamos a composição da identidade de direita, dando a devida ênfase aos valores, aos costumes e à religião, mas defendendo o liberalismo econômico. Na Figura 29, observamos os elementos semióticos escolhidos para auxiliar essa construção identitária:

Figura 29 - Fotos de perfil e de capa da Página **Jovens de Direita**



Fonte: <https://www.facebook.com/jovensdedireita/>.

Identificamos, nas fotos de perfil e de capa (Figura 29), a presença do mesmo emblema, com destaque para o nome dessa Página. Com base em Kress e Van Leeuwen (2001), observamos que a cor fornece a coesão e coerência na composição imagética. Na foto de capa, o enunciado “Viva a Juventude conservadora” aparece na cor branca, usando dois tipos diferentes de letra, além do destaque em itálico e letras cheias que têm por fundo o azul do céu. Tanto na descrição de perfil materializada por meio da linguagem verbal quanto no texto multimodal usados na Página, há o destaque ao adjetivo “conservador”, como uma característica muito relevante na descrição de quem defende a

¹⁰² Id.

direita. Na Figura 30, vemos o emblema repetido nas duas fotos, apresentadas na figura anterior:

Figura 30 - Foto de perfil da Página **Jovens de Direita**



Fonte: <https://www.facebook.com/jovensdedireita/>.

Na Figura 31, apresentamos a bandeira usada no Brasil em 1822:

Figura 31 - Bandeira Real do Brasil (1822)



Fonte: <https://www.monarquia.org.br/bandeirashistoricas.html>.

O emblema encontra-se centralizado na imagem com fundo azul e branco, representando as cores do céu. Nele aparece uma composição de elementos semióticos, retirados da Bandeira Real do Brasil (1822).¹⁰³ Dom Pedro I, em setembro de 1822, assinou o decreto, com a seguinte descrição imagética da bandeira:

¹⁰³ Bandeiras históricas do Brasil (1500 a 1889). **Casa Imperial do Brasil**. Disponível em: <<https://www.monarquia.org.br/bandeirashistoricas.html>>. Acesso em 20 nov. 2019.

O Brasão de Armas do Brasil Reino será, em um campo verde, uma esfera armilar sobreposta em uma cruz da Ordem de Cristo, a esfera de ouro circulada por 19 estrelas de prata em um círculo azul; e uma coroa real com os diamantes ajustados sobre o protetor, os lados de que abraçados por duas plantas do café e do tabaco, como emblemas de suas riquezas, em suas cores apropriadas e serão amarrados no fundo com o fitão nacional.¹⁰⁴

Ao compararmos as Figuras 30 e 31, observamos a substituição do fundo da imagem, o acréscimo do nome da Página e, cobrindo o local onde deveria estar o “fitão nacional”, aparece uma grande seta apontada para a direita na cor laranja, dando um grande destaque imagético ao eixo ideológico, escolhido por essa comunidade.

Com base em Kress e van Leeuwen (2006[1996]) e seus sistemas de valor de informação, saliência e enquadramento, podemos dizer que o(s) administrador(es) recorreu(m) à um símbolo da época do Império na escolha da bandeira para compor o emblema das fotos de perfil e de capa, realizando a composição dos elementos da margem superior para inferior, ou seja, do ideal (monarquia) para o real (direita).

Constatamos, a partir do conjunto de escolhas, para compor o emblema, que essa comunidade materializa o desejo que o país volte a ser uma monarquia, reforçando seu caráter conservador e seu orgulho por pertencer à ideologia de direita. Além disso, com base em Thompson (2011 [1990]), parece-nos que essa comunidade utiliza a estratégia de unificação, ao criar a identidade coletiva de jovens de direita e conservadores.

Conservadorismo do Brasil constitui-se a Página seguinte desse eixo ideológico. Na Figura 32, observamos as fotos de perfil e de capa. Um detalhe importante na foto de capa é que, no lugar da imagem, temos um vídeo da bandeira em movimento. Essa comunidade usa a mesma Bandeira Real do Brasil, que foi regulamentada em 1822. Não é realizada nenhuma alteração como a que foi feita pela Página anterior (**Jovens de Direita**), como podemos observar:

¹⁰⁴ Ibidem.

Figura 32 - Fotos de perfil e de capa da Página **Conservadorismo do Brasil**

Fonte: <https://www.facebook.com/ConservadorismoDoBrasil3.0/>.

Na Figura 33, verificamos que a foto de perfil da Página compõe-se de um emblema que possui um gavião-real no centro, representando a nobreza e o poder¹⁰⁵, envolto em plantas semelhantes às de café e tabaco, que, também, aparecem na bandeira imperial, e uma coroa de ouro na sua cabeça:

Figura 33- Foto de perfil da Página **Conservadorismo do Brasil**

Fonte: <https://www.facebook.com/ConservadorismoDoBrasil3.0/>.

Com base em Kress e van Leeuwen (2006[1996]), observamos a colocação dos elementos na imagem, promovida pelos sistemas de valor de informação, saliência e

¹⁰⁵ Gavião. **Dicionário de símbolos**. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/gaviao/>>. Acesso em 20 nov. 2019.

enquadramento, formando um todo coerente, que revela o posicionamento ideológico da Página como sendo conservadora e ligada à ideologia de direita; além disso, há o destaque à defesa da volta da monarquia, reforçada nas duas imagens de perfil e de capa, considerando a intencionalidade da seleção do emblema e da bandeira.

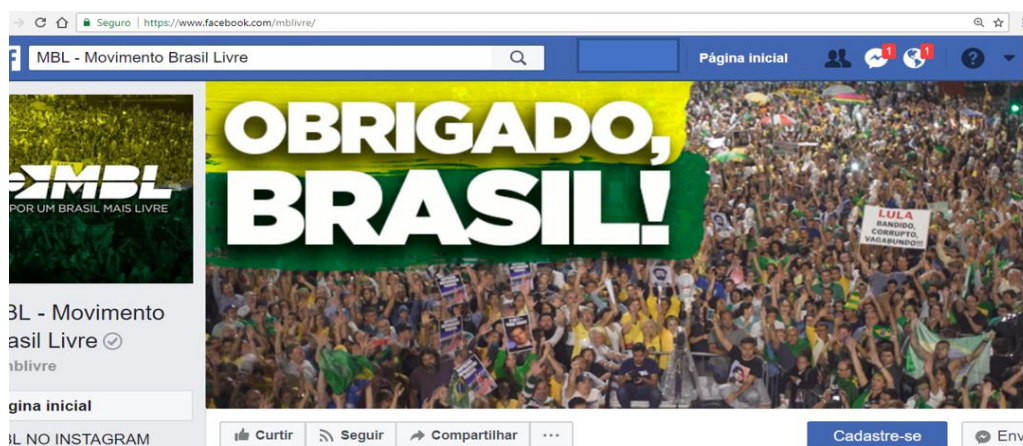
Nas cinco Páginas apresentadas ligadas ao Eixo 2, as identidades foram construídas em uma base comum: caráter, fortemente, conservador, nacionalista e defensor dos valores morais e religiosos. Em todas elas, há a presença das cores verde e amarelo como referência ao sentimento de amor à pátria e à necessidade de afirmarem-se como conservadoras, revelando uma autoapresentação positiva (VAN DIJK, 2010). Em quatro Páginas, ocorre a defesa da volta à monarquia no Brasil, por meio da escolha dos elementos e das palavras na descrição de cada uma delas, como, a vestimenta do imperador, a Bandeira Real, a coroa, o falcão real. O destaque desse eixo ideológico ocorre no reforço constante dos valores morais e religiosos, pela postura conservadora que se torna um elemento de ligação, presente na composição dos textos multimodais dessas comunidades *online*.

Compusemos esse terceiro eixo ideológico de Páginas nas quais aparecia a classificação de partidárias, a favor da democracia e contra a corrupção. A primeira denomina-se **Movimento Brasil Livre (MBL)**, uma comunidade que se identifica como “[...] entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”.

No parágrafo seguinte, usando o verbo com a desinência na primeira pessoa do plural, em referência ao “nós” inclusivo, o grupo elenca o que defende: “[...] a Democracia, a Liberdade de expressão e de imprensa, o Livre Mercado, a Redução do Estado, Redução da Burocracia”.¹⁰⁶ A construção da identidade ocorre, inicialmente, não por meio de uma identificação ideológica de direita ou esquerda, mas sim pela exaltação ao desejo de liberdade, de justiça e de prosperidade. Na Figura 34, apresentamos as fotos de perfil e de capa do MBL:

¹⁰⁶ **MBL**. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/mblivre/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 20 nov. 2019.

Figura 34 - Fotos de perfil e de capa da Página do MBL



Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre/>.

Na Figura 34, observamos as cores verde e amarelo nas duas imagens, representando, com base em Kress e van Leeuwen (2001), a coesão e coerência na composição imagética, simbolizando o caráter nacionalista. Elas encontram-se destacadas na Bandeira Nacional e possuem o seguinte significado: o verde se refere à natureza e o amarelo, às riquezas minerais.¹⁰⁷ Na foto de perfil, temos a mesma imagem da multidão na manifestação, porém aparece como plano de fundo e colorida em verde e amarelo com o símbolo na Página no centro e, logo abaixo observamos o enunciado “Por um Brasil mais livre”.

Na foto de capa, também, temos um grande número de pessoas, participando de um protesto. As imagens reiteram a afirmação existente ao lado: “O MBL está sempre nas ruas lutando pelo Brasil”.¹⁰⁸ No canto esquerdo da foto de capa, encontram-se os elementos verbais “Obrigado, Brasil!”, com letras grandes e brancas em cima de duas faixas, nas cores verde e amarelo. Com base em Thompson (2011 [1990]), que estabelece os modos de operação da ideologia, identificamos o uso da unificação, ou seja, a construção de uma identidade coletiva, que se caracteriza por ser nacionalista e materializa-se na palavra “Brasil”, nas cores verde e amarelo e nas pessoas presentes nas fotos, vestidas, também, na maioria, de verde e amarelo.

¹⁰⁷ Os significados originais das cores da bandeira do Brasil. Revista Super Interessante, 9 set. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/os-significados-originais-das-cores-da-bandeira-do-brasil/>>. Acesso em 20 nov. 2019.

¹⁰⁸ MBL. Fotos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204231246367693/892898157500995/?type=3>>. Acesso em 20 nov. 2019.

A Página seguinte intitulada **Juventude contra Corrupção** também apresenta um forte cunho nacionalista, porque, nas duas imagens, há a presença das cores verde e amarelo, remetendo à nossa bandeira, como podemos verificar na Figura 35:

Figura 35 – Fotos de perfil e de capa da Página **Juventude contra Corrupção**



Fonte: <https://www.facebook.com/ContraCorrupcao/>.

Na foto de perfil, verificamos, em destaque, a imagem do Sérgio Moro, no período em que era juiz da operação Lava Jato.¹⁰⁹ Ao lado dele, aparece o enunciado “Eu apoio Sérgio Moro”. Uma faixa verde e amarela apresenta-se de um lado a outro na horizontal. A foto de capa retrata uma manifestação ocorrida na Avenida Paulista em São Paulo, no ano de 2017.¹¹⁰ Na imagem, há a predominância das cores verde e amarelo, presentes nas roupas dos manifestantes e em uma extensa faixa levantada por eles. Dessa forma, constatamos a presença de um caráter nacionalista que constitui a identidade dessa comunidade.

A próxima Página denomina-se **Movimento do Povo Brasileiro (MPB)**. O(s) administrador(es) afirma(m): “Somos a favor de um estado mínimo e lutamos pelo fim da corrupção e privilégios na vida pública. Lutamos por um Brasil igual para todos. O estado tem que cuidar da saúde, educação e segurança”.¹¹¹ Nessa identificação, revelam serem a favor do neoliberalismo, ao defenderem o estado mínimo. Por isso, relembramos Sader (1995), quando caracteriza a ND, defensora dessa nova concepção do liberalismo,

¹⁰⁹ Sobre Operação Lava Jato, ver SINGER, 2018.

¹¹⁰ Manifestação Av. Paulista 2017. Fotos. Disponível

em: <<https://www.facebook.com/1769813683316322/photos/a.1769814363316254/1769814303316260/?type=1&theater>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

¹¹¹ <https://www.facebook.com/movimentodopovobrasileiro/posts/>. Acesso em 20 nov. 2019.

e, também, Negrisoli (2018), que afirma o surgimento da ND ser uma resposta à antiga direita e à ascensão da esquerda. Na Figura 36, observamos as fotos de perfil e de capa:

Figura 36 - Fotos de perfil e de capa da Página **Movimento do Povo Brasileiro**



Fonte: <https://www.facebook.com/movimentodopovobrasileiro/>.

Como característica comum às outras comunidades, há a presença de um dos símbolos nacionais, a bandeira.¹¹² Nas duas imagens, aparece a bandeira do Brasil no formato de um coração, representando o amor pela pátria. Na foto de capa, duas mãos seguram esse coração e, na margem superior da imagem, apresenta-se o nome da comunidade em caixa alta e nas cores amarela, azul e verde. Considerando essa composição dos elementos semióticos nessa imagem e com base nos sistemas inter-relacionados, apresentados por Kress e van Leeuwen (2006[1996]), observamos sua coerência na construção da identidade de uma comunidade fortemente nacionalista.

Todos Contra a Corrupção (TCC) constitui-se a próxima Página a ser analisada. Destacamos os seguintes enunciados que aparecem nas informações sobre essa comunidade: “Todos contra corrupção! Junte-se a nós! A corrupção que não aparece na Mídia!”.¹¹³ A palavra “corrupção”, além de aparecer na denominação da Página, encontra-se repetida duas vezes. O pronome na primeira pessoa do plural indica inclusão e constrói a identidade coletiva desse grupo, lembrando Charaudeau (2016), o qual

¹¹² **Símbolos Nacionais**. Disponível em: <<https://www.sohistoria.com.br/ef2/simbolosnacionais/>>. Acesso em 20 nov. 2019.

¹¹³ **Todos contra corrupção**. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/tcc.todoscontracorrupcao/about/?ref=page_internal>. Acesso em 21 nov. 2019.

destaca que ela deve ser reforçada. Na Figura 37, verificamos as fotos de perfil e de capa dessa Página:

Figura 37- Fotos de perfil e de capa da Página **Todos Contra a Corrupção**



Fonte: <https://www.facebook.com/tcc.todoscontraacorrupcao/>.

Na foto de perfil, apresenta-se a sigla da Página. Na imagem ao lado, a Bandeira Nacional ocupa toda a imagem. No centro, temos uma faixa na cor preta, que está sendo coberta pela branca e, em cima, escrito “em progresso”, como se estivesse carregando um arquivo. Isso representa o processo de mudança defendido pela comunidade. A composição dos elementos semióticos revela a ideia de nacionalismo e de coletividade e apresenta o objetivo comum de acabar com a corrupção.

A última Página desse eixo constitui-se **Tenho vergonha da corrupção**, que foi fundada em 30 de dezembro de 2012 e determina como missão “[...] possibilitar a reflexão de temas polêmicos que trazem grande impacto para a sociedade”.¹¹⁴ Na declaração de autoria, observamos a seguinte afirmação: “Não possui partido político e busca um país melhor, com uma política ética, íntegra, honesta, que beneficie o povo”.¹¹⁵ Na Figura 38, as fotos de perfil e de capa:

¹¹⁴ **Tenho vergonha da corrupção**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/TenhoVergonha/>>.

Acesso em 19 dez. 2019.

¹¹⁵ Id.

Figura 38 – Fotos de perfil e de capa da Página **Tenho vergonha da corrupção**

Fonte: <https://www.facebook.com/TenhoVergonha/>.

Na Figura 39, apresenta-se, em destaque, a foto de perfil:

Figura 39 – Foto de perfil da Página **Tenho vergonha da corrupção**

Fonte: <https://www.facebook.com/TenhoVergonha/>.

Na Figura 39, observamos o nome da página escrito em fundo preto. As duas primeiras palavras “tenho” e “vergonha” em branco, enquanto “corrupção” está na cor preta, representando o destaque à rejeição da prática de roubo do dinheiro público, e, abaixo, uma faixa na horizontal, nas cores verde e amarelo. A letra o da palavra “tenho” foi substituída por um *emoji* triste, enfatizando o posicionamento da comunidade contra a corrupção. Ao lado da imagem, há um comentário, contém a seguinte afirmação: “Somos um grupo. E por sermos um grupo (e não apenas 1 pessoa) que temos uma logomarca para nos representar [...]”. O uso do termo “grupo” remete-nos a Thompson

(2011 [1990]), quando apresenta a unificação, o terceiro modo de operação da ideologia, que se manifesta na construção de uma identidade coletiva. A seguir, a Figura 40:

Figura 40 – Foto de capa da Página **Tenho vergonha da corrupção**



Fonte: <https://www.facebook.com/TenhoVergonha/>.

Observamos, na Figura 40, a composição da postagem constitui-se de dois modos semióticos em fundo preto: o primeiro modo é visual e verificamos a imagem de um manifestante com camisa amarela, segurando um cartaz, no qual está escrito: “Um país mudo não muda”, ao lado, há outro indivíduo com a bandeira do Brasil nos ombros; o segundo modo é o verbal, com a presença do seguinte enunciado, abaixo da imagem: “Que homem é um homem que não luta por um mundo melhor?”. Os dois reforçam a ideia da necessidade de participação em uma manifestação. Os elementos visuais e verbais destacados pela comunidade revelam seu caráter nacionalista e contra a corrupção.

As análises de perfil e de capa permitiram-nos a organização do Quadro 6. Sua formulação deu-se a partir dos elementos visuais e verbais que se destacaram nas informações iniciais sobre as Páginas, levando-se em conta as categorias da estrutura das ideologias, propostas por van Dijk (2011). O referido Quadro permite-nos visualizar a construção ideológica dos três eixos e, com esse objetivo, marcamos os elementos verbais e visuais que aparecem nas diferentes Páginas com as mesmas cores, para identificar aqueles que se repetem:

Quadro 6 – Os elementos visuais e verbais e as categorias da estrutura das ideologias das Páginas analisadas

PÁGINAS	Elementos verbais	Elementos visuais	Categorias da estrutura das ideologias (VAN DIJK, 2011)
EIXO 1			
1. Verdade sem manipulação	contra o PSDB, bandido	cores verde e amarelo, Jesus soldado romano	Identidade: as 5 Páginas apresentam-se alinhadas com as ideias da esquerda. Estão a favor da classe trabalhadora.
2. Burguesia Fede	Burguesia	classe trabalhadora, burguesia, punho cerrado	Atividades: lutar pelos direitos dos trabalhadores; pela igualdade social. Posicionam-se contra a burguesia, a direita, o fascismo e nazismo, o golpe e a ditadura.
3. A Luta	desinformação, Supremo, luta	punho cerrado	Objetivos: acabar com as Reformas da Previdência e Trabalhista; denunciar os políticos responsáveis pelo golpe parlamentar, principalmente, os do PMDB e PSDB.
4. Esquerda Revolucionária	Esquerda Revolucionária	punho cerrado, flechas, fuzil, foice, cor vermelha, Karl Marx, Lênin	Normas e valores: defesa dos ideais da esquerda; contra os interesses da burguesia.
5. Contra o Golpe Fascista 3	contra extrema direita, fascista, nazista, golpe, 1964	estrela do PT, cor vermelha, punho cerrado	Relações do grupo: os aliados, aqueles que defendem os partidos de esquerda e sindicatos; os oponentes, aqueles que apoiaram o golpe (PSDB, PMDB e outros partidos de direita e centro), STF e os apoiadores do Sérgio Moro e Jair Bolsonaro.
EIXO 2			
1. Direita Vive 3.0	Bolsonaro	faixa presidencial, cores verde e amarelo, monarquia, militares	Identidade: as 5 Páginas identificam-se como sendo ligadas à ideologia da direita, ao conservadorismo.
2. Eu era direita e não sabia	Comunismo, maioria, minoria, nojenta, barulhenta, monstro, Direita conservadora	bandeira do Brasil, foice, martelo, Carlos Marighella, Lula, Bolsonaro, estrela do PT, cores verde e amarelo	Atividades: defender os valores cristãos e os costumes tradicionais; dar ênfase ao nacionalismo, por meio dos símbolos nacionais e os militares; apoiar Jair Bolsonaro.
3. Direita Conservadora	conservadores, Deus, rei, propriedade, livre iniciativa, capital, direita	cores verde e amarelo, cruz, armas	Objetivos: eleger e manter no poder Jair Bolsonaro como seu representante; destruir o PT, o comunismo e a esquerda brasileira.
4. Jovens de Direita	conservadora, direita	cores verde e amarelo, direita, Bandeira Real, monarquia	Normas e valores: defesa dos ideais cristãos, costumes tradicionais; contra as

			mudanças sociais de qualquer ordem.
5. Conservadorismo do Brasil	Conservadorismo	monarquia, gavião real, Bandeira Real, cores verde e amarelo	Relações do grupo: os aliados, aqueles que são conservadores, cristãos, nacionalistas; os oponentes, estão nos partidos de esquerda, principalmente, PT, nos sindicatos, nos movimentos sociais, no movimento comunista.
EIXO 3			
1. Movimento Brasil Livre (MBL)	sociedade, livre, justa	cores verde e amarelo	Identidade: as 5 Páginas revelam-se como “apartidárias”, mas exibem um forte caráter nacionalista, defendendo Bolsonaro e Sérgio Moro, ou seja, alinham-se com a direita.
2. Juventude Contra a Corrupção	Sérgio Moro	cores verde e amarelo, Sérgio Moro	Atividades: apresentam-se contrárias aos políticos corruptos; defensoras do Brasil, por meio da ênfase às cores verde e amarelo.
3. Movimento do Povo Brasileiro (MPB)	estado mínimo, corrupção, Brasil, igual	cores verde e amarelo, bandeira do Brasil, coração	Objetivos: punição dos políticos corruptos; fim da corrupção; eleição de Jair Bolsonaro, como político honesto.
4. Todos Contra a Corrupção (TCC)	progresso, corrupção	cores verde e amarelo	Normas e valores: defesa do Brasil e até da intervenção militar para acabar com a corrupção;
5. Tenho Vergonha da Corrupção	vergonha, não muda, corrupção, homem, mundo, melhor	cores verde e amarelo, bandeira do Brasil	Relações do grupo: os aliados, aqueles ligados à direita, ao Bolsonaro e ao Sérgio Moro; os oponentes, são os políticos corruptos, o PT, todos os partidos de esquerda, o comunismo.

Fonte: A autora.

No Quadro 6, podemos observar a divisão horizontal em três eixos e os nomes das cinco Páginas na primeira coluna. Na segunda, apresentamos os elementos verbais que se destacam na descrição de cada Página. No Eixo 1, a primeira Página, **Verdade sem manipulação**, usa a expressão “contra o PSDB”, um partido, originalmente, de centro, mas, que apresentou um deslocamento para direita por conta da defesa de uma política neoliberal. Por causa disso, não poderíamos inseri-la em outro eixo, já que a luta contra esse partido indica um posicionamento ideológico que se aproxima dos ideais da esquerda. As outras quatro Páginas apresentam os substantivos: “burguesia”, “luta”,

“esquerda”, “golpe”, “fascista”, “nazista”, que indicam o alinhamento ideológico à esquerda.

Na coluna elementos visuais, verificamos que **Burguesia Fede, A Luta, Esquerda Revolucionária e Contra o Golpe Fascista 3** selecionam o mesmo símbolo imagético para representar o posicionamento político, “punho cerrado”, que apresentamos no quadro com destaque amarelo e constrói uma identidade de resistência, que, segundo Castells (2017, 2018[1999]), tem como parte constituinte a indignação, promovendo o surgimento do desejo de luta, de resistência, diante da realidade. Esse desejo de igualdade causa essa indignação (BOBBIO, 2011[1995]) e constitui-se parte integrante dos movimentos de esquerda, que pregam uma transformação participativa, de baixo para cima. Essa união em torno da mobilização por mudança se encontra materializada nas imagens da foto de capa da **Burguesia Fede** e na foto de perfil da **A Luta**.

Na última coluna, apresentamos a identificação das categorias, propostas por van Dijk (2011), identidade (quem somos?), atividades (o que fazemos?, qual a tarefa?), objetivo (o que queremos?), normas e valores (o que é bom/ruim, permitido/proibido para nós?), relações do grupo (aliados e oponentes). A categoria Recursos, que estabelece a base do poder ou a falta dele (ver cap. II), não foi selecionada para constar no Quadro 5, porque não foi possível estabelecê-la, considerando, apenas, as informações sobre a Página e as postagens. No entanto, as outras categorias foram descritas sobre cada eixo.

Relembramos a afirmação de van Dijk (2011) que ressalta a importância dessas categorias como um esquema que reflete a maneira de as comunidades desenvolverem um “conceito próprio”, construírem a identidade e exibirem o alinhamento ideológico, a partir das experiências compartilhadas na sociedade. O pesquisador destaca a ideologia como uma “autoimagem” de um grupo que, no caso do Eixo 1, caracteriza-se por apresentar uma identidade de esquerda, com as cinco categorias descritas na última coluna, que revelam a defesa da igualdade social e a luta contra os interesses da burguesia em se manter no poder.

As Páginas do segundo eixo, **Eu era direita e não sabia, Direita Conservadora, Jovens de Direita e Conservadorismo do Brasil**, apresentam um elemento verbal em comum, o substantivo “conservador”, que se encontra em destaque

azul. Apenas a comunidade Direita Vive 3.0 apresenta um único elemento verbal, o nome próprio “Bolsonaro” que, para a direita, representa um defensor do conservadorismo.

O segundo eixo, que apresenta um direcionamento explícito para direita, classificam-se como conservadores e defensores dos valores morais e cristãos. **Direita Vive 3.0, Jovens de Direita e Conservadorismo do Brasil** assumem-se como defensores da mudança do regime de governo para monarquia. A composição visual indica, ao apresentar Bolsonaro vestido de rei, o uso da Bandeira Real, a presença do gavião, por meio dos elementos semióticos, a construção de uma identidade fortemente nacionalista, envolta no tempo do Brasil Império. As cinco comunidades desse eixo caracterizam-se pelo aspecto conservador, visto que defendem a moral e as tradições, confirmando a caracterização de Sader (1995), Giddens (1996), Singer (2002) e Bobbio (2011[1995]) sobre a direita. Essa descrição das categorias apresenta-se na quarta coluna, ressaltando o alinhamento ideológico à direita.

O elemento visual, cores verde e amarelo, em destaque verde, encontra-se presente, em todas as comunidades do segundo e terceiro eixos, e demonstra a identidade nacionalista que se materializa em seu discurso, característico da ND. Além deles, há uma Página, no primeiro eixo, que também usa essas cores, a **Verdade sem Manipulação**; no entanto, suas escolhas verbais e lexicais revelam o pertencimento à ideologia de esquerda.

As cinco Páginas do terceiro eixo classificam-se como “apartidárias”, porém, em todas elas há a presença forte do sentimento nacionalista e de amor à pátria. Observamos, nos elementos verbais e visuais selecionados, o desejo do combate à corrupção e a defesa do Estado mínimo, que representa uma característica do neoliberalismo. A construção da identidade dessas comunidades alinha-se com a do segundo eixo, quando verificamos esse nacionalismo exagerado, que se concretiza no discurso multimodal. A descrição dessa categorização encontra-se na última coluna do Quadro 6.

Entendemos que as análises de perfil e de capa, se aprofundadas, poderiam constituir, por si, um trabalho de pesquisa sobre construção de identidade. Se elas não constituem nosso foco central, por outro lado, não poderiam ser desconsideradas, em razão de que dão base às postagens que nelas se enquadram, além de precisarmos considerar a unidade, a coerência, que também são persuasivas e constitutivas da identidade dos grupos.

No próximo item, analisamos duas postagens de cada Página, a fim compreendermos, com base em van Dijk (2010) e Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), a relação entre identidade e ideologia no texto multimodal sobre política.

5.3 AS POSTAGENS E AS MARCAS DE IDEOLOGIA E IDENTIDADE NO TEXTO MULTIMODAL

Neste item, analisamos, à luz dos ECD e ACM, duas postagens de cada Página selecionada dos *corpora*, a fim de verificar as estratégias linguístico-discursivas, bem como a construção da identidade verbo-visual, observando o posicionamento ideológico, apresentado nas publicações de cada Página.

A primeira postagem a ser analisada foi publicada no dia 25 de abril de 2017, na Página **Verdade sem Manipulação**. Como era recente na Página, não apresentava curtidas nem compartilhamentos. O contexto da postagem constitui-se o período de greve geral contra as Reformas da Previdência e Trabalhista, propostas durante o governo de Michel Temer.¹¹⁶ Hall (2000), Griswold (2004), Charaudeau (2016) e Castells (2017[1999]) tratam da identidade coletiva, que observamos surgir, nesse contexto de indignação, de insatisfação com a realidade, como verificamos na Figura 41:

¹¹⁶Greve geral. **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/14/politica/1489527515_791102.html>. Acesso em 30 nov. 2018.

Figura 41 - Postagem realizada no dia 25 abr. 2017 na Página **Verdade sem Manipulação**



Fonte: <https://www.facebook.com/VerdadeSemManipulacao>.

A foto apresenta-se em preto e branco e foi tirada de baixo para cima, dando o destaque à barriga descoberta. A mulher grávida está com os olhos fechados e o braço levantado, em posição de luta. O vetor na foto direciona-se ao enunciado que está escrito em sua barriga: “Greve geral pelo futuro do meu filho”.

Observamos o uso de dois modos semióticos, visual e verbal, com o objetivo de enfatizar o discurso de não-aceitação a uma imposição do governo, formando uma única unidade sintagmática (VAN LEEUWEN, 2004). Os substantivos “greve”, “futuro”, “filho” trazem uma carga de significado, revelando uma identidade de resistência às mudanças nas leis referentes à aposentadoria e às questões trabalhistas.

Coloca-se “A mais bela e emocionante imagem da #GreveGeral!”, acima da foto, anunciando-a. Os adjetivos “bela” e “emocionante” trazem esse envolvimento de coletividade da manifestação. Aqui, as identidades individual e coletiva encontram-se,

por causa do desejo de combater o inimigo comum, o governo ávido por retirar os direitos dos cidadãos. O texto multimodal da postagem concretiza a interface entre os ECD e ADM, revelando o discurso como prática social, inserido em um contexto histórico, político e social, e apontando para o desejo de transformação social que se faz presente nas palavras “futuro” e “filho”. Assim, o alinhamento ideológico corresponde à esquerda, pelo sentimento de inquietude, de indignação com a realidade de retirada de direitos, por causa das reformas trabalhista e previdenciária.

Torna-se relevante lembrar que os atores sociais, enquanto membros de grupos, partilham crenças, opiniões, entre outros em seu discurso (VAN DIJK, 2009), ao construir não só a identidade individual, mas também a coletiva, que se materializa por meio da interatividade, proporcionada pelo *Facebook*.

Podemos observar, na Figura 42, a segunda postagem selecionada da Página:

Figura 42 - Postagem realizada no dia 25 abr. 2017 na Página **Verdade sem Manipulação**



Fonte: <https://www.facebook.com/VerdadeSemManipulacao>.

No texto multimodal da Figura 42, observamos a colagem de duas fotos iguais de Caetano Veloso (à esquerda) e Chico Buarque (à direita) sentados em um sofá às gargalhadas. Considerando o contexto de mobilização *online* para a greve geral do dia 28 de abril de 2017, a comunidade usa a imagem de dois artistas explicitamente a favor da

esquerda, para criar, por meio da combinação de dois modos semióticos, uma crítica ao MBL, movimento formado por jovens defensores do liberalismo econômico e do conservadorismo dos valores morais.

A imagem dos dois às gargalhadas, possivelmente depois de ouvirem algo engraçado, anuncia o misto de humor e ironia que se adiciona no enunciado inserido na imagem de cima: “A turma do “MBL” que passa o ano todo sem trabalhar postou: ‘DIA 28 VOU TRABALHAR’”, em que todas as letras estão em caixa alta e na cor branca, recebendo o destaque como se fosse a piada provocadora da reação dos dois artistas. Na segunda imagem, temos apenas a reação de gargalhada, ou melhor, “k” repetidas vezes, ressaltando o quanto a piada foi engraçada.

A leitura dessa postagem remete-nos aos teóricos Kress e van Leeuwen (2006[1996]) pelo destaque dado ao valor de informação, por causa da colocação dos elementos da parte superior para a inferior, lembrando que os primeiros representam o ideal e os seguintes, o real. Dessa forma, podemos interpretar como: a) uma situação ideal: a informação do MBL sobre o fato de trabalhar no dia da greve geral e b) uma situação real: o fato de não trabalhar o ano todo. Essas duas ações expressas no mesmo enunciado, “trabalhar” e “não trabalhar” podem ser entendidas como uma antítese, pois revela sentidos opostos. O enunciado completo da imagem de cima torna-se o aspecto motivador para a gargalhada da segunda imagem que se materializa na repetição do “k” e na reação de Caetano Veloso e Chico Buarque. A combinação dos dois modos semióticos resulta em uma crítica à ausência de coerência entre as falas e as ações do MBL.

Podemos observar, na Figura 43, a postagem publicada pela Página **Burguesia Fede** no dia 31 de outubro de 2018:

Figura 43- Postagem do dia 31 de outubro de 2018 na Página **Burguesia fede**



Fonte: <https://www.facebook.com/aburguesiafede>.

Na imagem, aparece uma cena do filme *Ele está de volta*, dirigido por David Wnendt e lançado em 2015.¹¹⁷ Apresenta-se uma montagem com duas imagens da personagem principal, Hitler, que acorda na Alemanha do século XXI, e duas frases: “Você nunca se perguntou por que as pessoas me seguem?” e “É porque, no fundo, elas são como eu”. Esse diálogo denuncia o crescimento do movimento de adeptos à extrema direita.

O filme destaca como os alemães da modernidade sentem-se atraídos pela figura e pelas ideias de Hitler. A expansão da extrema direita, xenofóbica e racista também ocorre em outros países e, no ano de 2018, por vivenciarmos uma campanha presidencial muito polêmica, devido aos embates ideológicos, o Brasil apresentou, de forma assustadora, defensores desses conceitos. Relembramos Castells (2018 [1999]), que identifica o enfraquecimento do Estado-Nação, ativando as ideologias nacionalistas, como uma resistência à sociedade moderna.

A segunda postagem, realizada em 03 de junho de 2017, é apresentada na Figura 44:

¹¹⁷ Ele está de volta. Disponível em: <<https://www.filmnow.com/filmes/ele-esta-de-volta/>>. Acesso em 30 nov. 2019.

Figura 44 - Postagem do dia 03 de junho de 2017 na Página **Burguesia fede**



Fonte: <https://www.facebook.com/aburguesiafede>.

Na Figura 44, há um exemplo de interface entre os ECD e a ADM, porque temos nos dois o discurso como prática social, que se revela, por meio de construtos ideológicos no texto multimodal, o contexto histórico, social, político e econômico dos interlocutores envolvidos na interação (KRESS, 1998, 2003; VAN DIJK, 2011).

A combinação semiótica na postagem da **Burguesia Fede** denuncia a desigualdade social existente no Brasil. Dessa forma, com base em Bateman (2014), observamos que os eventos, nas duas imagens, não se apresentam completamente estáticos, pois os vetores visuais, no caso, explícitos, dinamizam as interpretações, criando uma relação de dependência com o enunciado verbal, apresentado logo abaixo.

Assim, na imagem à esquerda, vemos uma seta azul apontando para o rosto de um homem, vestido com uma roupa social e, em seguida, vemos um círculo vermelho na mala que ele carrega. No texto abaixo da imagem, encontramos a identificação do homem e o que ele leva na mala, justificando o porquê da seta e do círculo. À direita, temos a imagem de uma criança em cima de um pedaço de madeira que flutua sobre as águas da enchente. Nela há apenas uma seta apontando para o que transporta. A seguir, no texto,

apresenta-se a informação sobre o volume que a criança leva no colo, seus livros, salvos da inundação.

Nas imagens, os vetores visuais dão destaque às bagagens, carregadas pelo homem e pela criança. No texto, as “malas” também representam o objeto em comum nos dois mundos e destaca-se que a primeira situação representa o desvio do dinheiro público e, a segunda, a preocupação de garantir a educação como base para uma vida melhor. Os dois modos semióticos combinados e concretizados no texto multimodal denunciam a desigualdade social, os mundos completamente diferentes que não se encontram, nem mesmo nas imagens, pois as direções seguidas pelas personagens diferem: a primeira segue como se fosse para a parte inferior da foto e a segunda se direciona para o lado esquerdo.

Na Página seguinte, **A Luta**, identificamos o compartilhamento de postagens do Twitter, enquanto, nas duas outras Páginas que analisamos, há a utilização de postagens criadas por membros das próprias comunidades. Na Figura 45, temos uma postagem realizada no dia 20 de maio de 2017:

Figura 45- Postagem do dia 20 de maio de 2017 na Página **A Luta**



Fonte: <https://www.facebook.com/alutaonline>.

O texto multimodal, presente na Figura 45, explicita a crítica a um dos mentores do Golpe Parlamentar, Michel Temer, que assumiu a presidência do Brasil em agosto de 2016. Considerando o sistema de valor de informação proposto por Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), iniciamos a leitura pelo enunciado verbal: “O Temer estava meio estranho nesse discurso hoje”, que cria a conexão com a imagem logo a seguir. Nela temos Temer como Imperador Palpatine¹¹⁸, personagem das histórias de *Star Wars*, no púlpito presidencial, discursando de braços abertos; do lado esquerdo, identificamos as bandeiras do Brasil e da Presidência e, do lado direito, a logo do governo Temer.

Iniciamos a leitura visual do conhecido para o novo, levando em conta a informação apresentada na postagem. Dessa forma, observamos que a comunidade de **A Luta** constrói a imagem do Presidente Temer, associando-o a um vilão, que se caracteriza na trilogia de *Star Wars* como um enganador, um usurpador, pertencente ao lado negro da força, que trama a vingança contra os *Jedi* de modo secreto. Essa representação negativa do Outro reforça o lado crítico da Página, na busca pela denúncia contra o golpista/ vilão, que arquitetou o golpe parlamentar.

A Figura 46 apresenta uma postagem, também, do dia 20 de maio de 2017, conforme podemos verificar:

¹¹⁸ VAIANO, Bruno. As origens de Palpatine e seu retorno a Star Wars. *Revista Superinteressante*. 3 maio 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/as-origens-do-imperador-palpatine-e-seu-retorno-a-star-wars/>>. Acesso em 30 nov. 2019.

Figura 46 - Postagem do dia 20 de maio de 2017 na Página A Luta



Fonte: <https://www.facebook.com/alutaonline>.

Com base no sistema de valor de informação (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]), procedemos à leitura da postagem pelo enunciado: “Quando a acusação é contra Aécio/Temer | Quando é contra Lula”. A polarização encontra-se evidenciada, ou seja, de um lado Aécio (PSDB)/Temer (PMDB) e do outro Lula (PT). Abaixo do enunciado, temos duas capas da revista *Veja*, uma da edição de nº 2531¹¹⁹ e a outra, mais antiga, de nº 2450¹²⁰. Na imagem da capa da revista à esquerda, temos a bandeira do Brasil ao fundo com a palavra “BASTA” escrita no centro com letras grandes, a fim de solicitar o encerramento das denúncias de corrupção e concentrar o foco na economia. Logo abaixo da palavra em destaque, há o seguinte texto:

O país precisa de alguma grandeza. Grandeza dos homens públicos que ocupam os postos centrais do poder. Grandeza para que, nesta hora grave da vida nacional, sejam minimamente capazes de pôr os interesses do Brasil acima dos interesses pessoais, de modo que o Brasil possa seguir em frente, cumprir a caminhada rumo à modernidade, libertar-se da mediocridade econômica e – enfim – dar ao povo

¹¹⁹ *Veja*. ed. 2531. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2531/>>. Acesso em 29 nov. 2019.

¹²⁰ BRASIL, F. M. Veja não terá que indenizar Lula por capa de “presidiário”. *Veja*. 02 mar 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/veja-nao-tera-de-indenizar-lula-por-capa-de-8220-presidiario-8221/>>. Acesso em 30 nov. 2019.

brasileiro a oportunidade de construir uma vida justa e digna. Os milhões de brasileiros honestos não merecem ser punidos pela desfaçatez e pela ganância dos poderosos.¹²¹

Na capa, apresenta-se um discurso que reflete o posicionamento da *Veja*, enquanto mídia, alinhada ideologicamente à direita, diante de um cenário de denúncias de desvio de dinheiro público, envolvendo o presidente do Brasil, Michel Temer e os donos da empresa JBS, além de mais uma etapa da operação Lava Jato, que prendeu a irmã do senador e presidente afastado do PSDB, Aécio Neves.¹²²

Na capa da direita, aparece Lula com uniforme de presidiário, no centro da imagem de fundo branco. O uniforme possui cor branca com os nomes dos envolvidos e condenados no início da Operação Lava Jato na cor preta, organizados na horizontal, parecendo listras. Os nomes que estão na camisa são os seguintes: “José Carlos Bumlai, Alexandrino Alencar, Rosemary Noronha, José Dirceu, Marcos Valério, Pedro Côrrea, Léo Pinheiro, Ricardo Pessoa, Marcelo Odebrecht”. Cada nome citado aparece repetido duas vezes na horizontal e essa sequência de nomes repete-se duas vezes na vertical.¹²³ A repetição dos nomes representa o caráter de denúncia contra os envolvidos na Lava Jato.

Dessa forma, verificamos que a Página **A Luta** denuncia o tratamento diferenciado presente na revista de grande circulação nacional, *Veja*. Na edição mais antiga que aparece Lula, ocorre a relação dos condenados e, além disso, a personagem central da imagem se encontra vestido como preso, em uma campanha explícita pela sua prisão. A segunda capa, mesmo tendo a mesma origem, ou seja, resultante de denúncias de corrupção, não aparece nenhum nome ou imagem de políticos envolvidos, pelo contrário, é apresentada a palavra “Basta”, como uma tentativa de cessar as investigações ou notícias referentes a esse assunto. A comunidade alerta na postagem para o posicionamento ideológico explícito da revista que defende Aécio Neves e Michel Temer, omitindo seus nomes, mas condena e prende Lula, muito antes da justiça fazê-lo.

A postagem seguinte, na Figura 47, encontra-se na Página **Esquerda Revolucionária**:

¹²¹ **Veja**. ed. 2531. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2531/>>. Acesso em 29 nov. 2019.

¹²² **G1**. 18 maio 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/quinta-feira-18-de-maio-de-2017.ghtml>>. Acesso em 30 nov. 2019.

¹²³ **Veja**. Capa. ed. 2.450. 4 nov. 2015. Disponível em: <<https://abrilveja.files.wordpress.com/2016/11/veja-capa.jpg?quality=70&strip=info>>. Acesso em 30 nov. 2019.

Figura 47 - Postagem realizada no dia 28 de abril de 2017 na Página **Esquerda Revolucionária**



Fonte: <https://www.facebook.com/EsquerdaRevolucionaria/>.

Dentro do contexto de mobilização e defesa da greve geral do dia 28 de abril de 2017, a comunidade usa como estratégia a apresentação da imagem de *Batman* e de *Robin*¹²⁴ em fundo vermelho, que representa a cor da esquerda. Tendo em conta a afirmação de Bateman (2014) de que a imagem não se caracteriza como estática, as linhas verticais indicam a ideia de movimento da mão de *Batman* dando um tapa no rosto de *Robin*. Esse último representa os *bolsominions*¹²⁵, com seu discurso de ódio contra o PT, que se concretiza no enunciado: “Sou contra a greve, porque o PT...”, enquanto o primeiro simboliza o discurso de esquerda, por causa da luta pelos direitos dos cidadãos, quando diz: “Esquece o petê, jumento! São teus direitos que estão em jogo, aqui”.

A solicitação inicial do *Batman* de esquecer o PT externa o discurso de ódio contra esse partido, reforçado pelos partidos de direita e centro, bem como pelas mídias tradicionais e novas. As classes baixa e média reproduziram, nas redes sociais, a indignação e o desencantamento com esse partido, por causa das denúncias de corrupção (SINGER, 2018).

¹²⁴ Personagens da *DC Comics*. **Observatório do Cinema**. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/listas/2019/06/10-personagens-da-dc-que-sabem-a-identidade-secreta-de-batman>>. Acesso em 30 nov. 2019.

¹²⁵ Bolsominion: “Expressão pejorativa para designar pessoas alinhadas com os ideais de Jair Bolsonaro”. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/bolsominion/>>. Acesso em 30 nov. 2019.

Com base em Aquino (1997) e Amossy (2017), que destacam o uso de subjetividade na seleção de estratégias com forte apelo emocional, a fim de mobilizar o apoio à tese defendida, observamos, na situação retratada na postagem, que a estratégia selecionada foi a violência verbal, quando *Batman* usa a palavra “jumento”, ao se referir ao *Robin*. Essa escolha lexical também nos remete à afirmação de Pierucci (1987), ao tratar da agressividade de um grupo em relação aos que não são pertencentes ao grupo, e nos permite observar que o discurso polêmico pode conduzir ao uso da violência verbal (AMOSSY, 2017).

Na Figura 48, observamos outra postagem da Página, também publicada no dia 28 de abril de 2017:

Figura 48 - Postagem do dia 28 abril 2017 na Página **Esquerda Revolucionária**



Fonte: <https://www.facebook.com/EsquerdaRevolucionaria/>.

A combinação dos modos semióticos feita pela comunidade denuncia os prejuízos para o trabalhador com a reforma trabalhista, proposta pelo governo Temer, que modifica diversos pontos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), prevalecendo o

acordo feito entre patrões e empregados.¹²⁶ Usando o sistema de valor de informação, proposto por Kress e van Leeuwen (2006[1996]), verificamos, na margem superior, uma citação de John Kenneth Galbraith, filósofo, economista e famoso por suas ideias liberais, mas também por suas críticas às empresas e à política econômica dos EUA¹²⁷: “A posição de negociação do trabalhador perante o empregador é a mesma que a das vacas perante o produtor de leite”. A metáfora apresentada no enunciado ressalta a posição submissa do trabalhador (vacas) diante do empregador (produtor de leite).

Logo abaixo, em caixa alta, destaca-se o enunciado “O TRABALHADOR VAI PODER NEGOCIAR COM O EMPREGADOR”. Na parte inferior da postagem, a imagem selecionada de um Tiranossauro Rex, dinossauro carnívoro de maior porte¹²⁸, representando o empregador, e deitado no chão um homem assustado, que simboliza o trabalhador. A estratégia utilizada pela Página de usar dois enunciados e a imagem descrita acima reforçam que a ideia de negociação entre patrão e empregado não ocorrerá na prática, devido à relação de dominação e poder existentes.

Na Página seguinte, **Contra o Golpe Fascista 3**, foram selecionadas duas publicações do dia 30 de abril de 2018. Na Figura 49, podemos observar a primeira:

¹²⁶ FRANZIN, A.; JADE, L. **Reforma trabalhista**: veja ponto a ponto como ficou a lei aprovada pelo congresso. Brasília: Agência Brasil. Política. 12 jul. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-07/reforma-trabalhista-veja-principais-mudancas-enviadas-sancao-presidencial>>. Acesso em 30 nov. 2019.

¹²⁷ John Galbraith. **Biografia**. Disponível em:

<https://www.pensador.com/autor/john_galbraith/biografia/>. Acesso em 21 dez. 2019.

¹²⁸ **Tiranossauro Rex**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/dinossauros/tiranossauro-rex/>>. Acesso em 21 dez. 2019.

Figura 49 - Postagem do dia 30 abril 2018 na Página **Contra o Golpe Fascista 3**



Fonte: <https://www.facebook.com/contrafascista>.

Bobbio (2011[1995]), Mészáros (2014) e Ardalán (2018) destacam o interesse daqueles que se alinham à ideologia da direita em manter o sistema social vigente, o capitalismo, enquanto os outros alinhados à esquerda lutam pela igualdade dos direitos. Dessa maneira, verificamos, na Figura 49, o enunciado: “Para aqueles que ainda não entenderam a diferença”, direcionando a postagem para uma determinada audiência.

Logo abaixo, na extremidade superior da imagem, encontra-se a palavra “CAPITALISMO” e, na parte inferior, “COMUNISMO”, escritas em caixa alta, letras pretas e destaque amarelo, chamando atenção para a definição dos dois sistemas na forma imagética, centralizada entre as duas palavras. Ao lado da garrafa de vinho, em que se visualiza o cifrão, apresenta-se o sintagma nominal “LUCROS DA EMPRESA”, que derrama o conteúdo na primeira taça, nomeada na imagem como “empresário”, que se encontra cheia. O líquido transborda derramando as gotas do vinho na fileira de taças, que está no nível inferior, com a palavra “FUNCIONÁRIOS”, escrita em caixa alta. Na imagem, somente duas taças da fileira encontram-se cheias; as outras apresentam-se completamente vazias. A comunidade utiliza a composição verbo-visual para diferenciar o capitalismo do comunismo, enquanto o primeiro interessa-se em manter os privilégios, acumulando mais capital, o segundo defende a distribuição igualitária dos lucros da empresa.

Observamos a Figura 50:

Figura 50- Postagem do dia 30 abril 2018 na Página **Contra o Golpe Fascista 3**



Fonte: <https://www.facebook.com/contrafascista>.

A Página inicia a crítica no comentário que se apresenta na margem superior da Figura 50: “Tudo junto e misturado”. Na parte superior da imagem, observamos o enunciado “NO FINAL, É TUDO DO MESMO TIME”, escrito em caixa alta. Abaixo, a imagem da seleção brasileira, com as cabeças de políticos dos partidos de centro e de direita, que sempre se alinham às mesmas ideias. Estão em pé Rodrigo Maia, Michel Temer, Henrique Meirelles, João Dória, Geraldo Alckmim e Jair Bolsonaro. Na outra fileira, encontram-se Bruno Covas, Márcio França, José Serra, Paulo Skaff, Aécio Neves. A comunidade denuncia, na postagem, a postura semelhante existente nas atitudes desses políticos.

Procedemos à análise das postagens da Página **Direita Vive 3.0**, pertencente ao segundo eixo, considerando a postagem, na Figura 51:

Figura 51- Postagem do dia 30 agosto 2018 na Página **Direita Vive 3.0**



Fonte: <https://www.facebook.com/adireitavive1.0/>.

Na Figura 51, temos a imagem do Palácio do Alvorada como cenário e as cores da bandeira do Brasil como marca d'água. À frente, observamos Jair Bolsonaro e o General Mourão, vestidos com a armadura do homem de ferro¹²⁹, porém, nas cores verde, amarelo e azul, no lugar da cor original, que é vermelha. A leitura da esquerda para direita permite observar a imagem de Bolsonaro em primeiro plano, acompanhado de seu vice, General Mourão. Com base em Charaudeau (2016), Castells (2018[1999]), observamos que a escolha imagética da armadura, o posto de general e a patente de capitão do Exército que Bolsonaro possui reforçam o nacionalismo, a forte rejeição ao comunismo e a caracterização dos dois como heróis.

Ao lado da imagem, o lema da campanha dessa chapa, “BRASIL acima de tudo e DEUS acima de todos”, encontra-se escrita em caixa alta, mas os termos “Brasil” e “Deus” apresentam-se com o dobro de tamanho em comparação às outras palavras. Com base em Pierucci (1987) e Negrisoli (2018), as palavras Brasil e Deus simbolizam o nacionalismo e a religiosidade, característicos da ND. Logo abaixo, verificamos o enunciado “A nossa bandeira nunca será vermelha” nas cores verde e amarelo. A Página

¹²⁹ É um personagem da Marvel, cuja armadura mais conhecida é a vermelha. Disponível em: <<https://www.legiadosherois.com.br/lista/conheca-todas-as-armaduras-do-homem-de-ferro-no-cinema.html>>. Acesso em 20 dez. 2019.

exalta seu caráter nacionalista nas escolhas lexicais e imagéticas, reforçando a “auto apresentação positiva”, contrapondo à “outro-apresentação negativa” (VAN DIJK, 2010).

Apresentamos outra postagem da Página, na Figura 52:

Figura 52- Postagem do dia 25 setembro 2018 na Página **Direita Vive 3.0**



Fonte: <https://www.facebook.com/adireitavive1.0/>.

Na Figura 52, utiliza-se uma notícia, divulgada em rede nacional sobre um ladrão, cuja testa foi tatuada com o enunciado “Eu sou ladrão e vacilão”¹³⁰. A imagem do rosto de Lula ocupa toda a extensão e, em sua testa, apresenta-se escrito “Eu sou ladrão e #elenão”. O #elenão¹³¹ representa o movimento contrário ao Jair Bolsonaro, que, em 2018, era candidato ao cargo de presidente da República, mas, na imagem, temos seu uso associado à ironia e humor, para caracterizar, negativamente, a figura de Lula, diante das denúncias de corrupção, enquanto os leitores de esquerda leem a imagem, considerando uma afronta, uma inverdade. No canto esquerdo, sobrepondo-se ao rosto, identificamos

¹³⁰ ARAÚJO, G. Tatuador é preso por tortura após escrever “Eu sou ladrão e vacilão” em testa de adolescente no ABC. **G1**. São Paulo. 10. jun. 2017. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/tatuador-e-preso-por-tortura-apos-escrever-eu-sou-ladrao-e-vacilao-na-testa-de-adolescente-no-abc.ghtml>>. Acesso em 20 dez. 2019.

¹³¹ BECKER, F. #EleNãO: após tomar as redes sociais, movimento liderado por mulheres testa a força das ruas. **El País**. 30 set. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537989018_413729.html>. Acesso em 21 dez. 2019.

o Brasão Nacional¹³², para lembrar que ele já exerceu o mandato de chefe do Poder Executivo do Brasil.

Na Figura 53, apresentamos uma das postagens da Página **Eu era Direita e não sabia**:

Figura 53- Postagem do dia 04 dezembro 2017 na Página **Eu era Direita e não sabia**



Fonte: <https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/>.

Na postagem, apresenta-se um cartum do Nani, que critica a classe política brasileira. Do lado esquerdo da imagem, há dois jovens criminosos com fuzis, vestindo bermuda e camiseta, sendo que um deles usa um boné virado para trás, bem característico do que a sociedade considera típico de malandro, diz: “Pra fugir da polícia, nós do crime queríamos filiar nas gangues dos deputados”. No lado direito, há três deputados, um do PMDB, outro do Partido do Democratas (DEM) e o último do PT. Todos de terno. O político do DEM responde: “Gangue, não. A gente ainda chama de partido”. Ao lado da imagem, o comentário do interlocutor que a publicou: “SINÔNIMOS”.

Observamos que o uso do termo “sinônimos”, ao se referir às palavras gangue e partido e do advérbio de tempo, “ainda”, nos lembra a dissimulação, estabelecida como o segundo modo de operação das formas simbólicas ideológicas, por Thompson (2011

¹³²Símbolos Nacionais Brasileiros. Disponível em: <<https://www.sohistoria.com.br/ef2/simbolosnacionais/>>. Acesso em 21 dez. 2019.

[1990]), como estratégia de deslocamento dos conceitos positivos e negativos de um para o outro. No caso da publicação, ocorre uma transferência do conceito negativo de “gangue” para “partido político”.

A crítica aos políticos encontra-se explícita, porque as denúncias de corrupção se acentuaram, envolvendo diversos partidos. Para Singer (2018), as várias acusações de corrupção despedaçaram o lulismo e a credibilidade nos partidos políticos.

A comunidade recorre às seguintes estratégias para reforçar a ausência de confiabilidade nos políticos: a) escolhe o advérbio “ainda” e o sublinha para ganhar destaque e reforçar a proximidade de tornar-se gangue pela associação criminosa nos atos de corrupção; b) utiliza nos comentários a palavra “SINÔNIMOS”, em caixa alta, para enfatizar a semelhança existente entre partidos e gangues, por causa dos crimes cometidos.

A próxima postagem, na Figura 54, foi publicada em 28 de julho de 2018:

Figura 54- Postagem do dia 28 julho 2018 na Página **Eu era Direita e não sabia**



Fonte: <https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/>.

Na postagem, apresentam-se duas capas da revista *Veja*. Considerando a composição da imagem, a partir do sistema de valor de informação, proposto por Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), procedemos à leitura da esquerda para direita, ou melhor, do conhecido para o novo. À esquerda, visualizamos uma capa antiga da revista,

publicada em dezembro de 1995, intitulada “O PT cresce e agita”¹³³, que exibe a foto de Lula em destaque no fundo vermelho, representando a informação conhecida. À direita, observamos a capa da *Veja*, publicada em julho de 2018, em que se visualiza duas imagens de Bolsonaro, uma representando o seu tamanho natural e a outra, a sombra, mas com um tamanho assustador, com o seguinte título: “Bolsonaro cresce. E assusta”, anunciando o resultado da última pesquisa exclusiva, que divulga a liderança de Jair Bolsonaro na corrida eleitoral, por isso, sua foto encontra-se na capa com uma sombra bem maior¹³⁴.

A Página utiliza a estratégia de fazer a comparação entre Lula e Bolsonaro, ou melhor, esquerda e direita, recorrendo à composição verbo-visual que essa revista utiliza para promover a direita e atacar a esquerda. Os títulos das edições selecionadas reforçam essa ideia, visto que, na primeira, temos a referência ao PT e o uso dos verbos “crescer” e “agitar”, enquanto, a segunda reporta-se a Bolsonaro e seleciona os verbos “crescer” e “assustar”. A ideia de crescimento evidencia-se nos dois títulos, porém, o ato de agitar configura-se como algo negativo e o de assustar como causador de surpresa.

Apresenta-se o seguinte comentário: “-*Veja* de 1995 e 2018. – Assustamos o Centrão e os comunistas, ou seja, a nata da corrupção”. O uso do sujeito na primeira pessoa do plural, oculto e de caráter inclusivo constitui-se estratégico, visto que os membros da Página se incluem, tendo em vista que os indivíduos ligados à direita praticam a ação de assustar. “Centrão” refere-se aos partidos de centro, entre eles, o PMDB, e “comunistas”, além daqueles ligados à ideologia de esquerda, principalmente, o PT. O uso do sintagma nominal “nata da corrupção” resume a ideia de que o PT e os partidos de centro exercem a autoria de desvio de verba pública.

Na Figura 55, apresenta-se a postagem da Página **Direita Conservadora**:

¹³³ **Veja**. Dezembro, 1995. Disponível em: <<https://butecodoedu.files.wordpress.com/2010/09/1985-121.jpg>>. Acesso em 22 dez. 2019.

¹³⁴ **Veja**. Julho, 2018. Disponível em: <<https://www.gospelgeral.com.br/2018/07/video-capada-veja-desta-semana-traz-bolsonaro-com-lider-absoluto-na-corrida-presidencial/>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Figura 55- Postagem do dia 05 setembro 2017 na Página **Direita Conservadora**



Fonte: <https://www.facebook.com/DireitaConservadoraOficial/>.

Na composição da postagem, há um fundo verde com dois enunciados escritos em caixa alta: na parte superior, “SETE DE SETEMBRO EU VOU DE VERDE E AMARELO” e, na parte inferior, “NÃO SOU PATRIOTA SÓ EM JOGO DE SELEÇÃO”, simbolizando a ênfase ao nacionalismo como um sentimento permanente, não devendo ocorrer apenas quando há jogo da seleção brasileira. Entre eles, apresenta-se uma imagem com nuvens densas e escuras, que indicam tempestade, ao fundo. Na frente, observa-se um punho cerrado, segurando a bandeira do Brasil. Dissemos, anteriormente, neste mesmo capítulo, que o gesto, presente na imagem, simboliza luta, resistência, sendo muito usado pelos defensores da esquerda, mas também, por aqueles que pertencem à direita. A estratégia da comunidade caracteriza-se pelo uso de elementos verbais e visuais que destacam o forte sentimento nacionalista. Trata-se de uma “convocação” ao patriotismo, ao nacionalismo, pois que encaminha à ação de uso do verde e amarelo em datas cívicas (que nenhum brasileiro o faz) e não somente em jogos como ocorre naturalmente no país.

Na Figura 56, observamos a seguinte postagem da Página **Direita Conservadora**:

Figura 56- Postagem do dia 06 novembro 2017 na Página **Direita Conservadora**



Fonte: <https://www.facebook.com/DireitaConservadoraOficial/>.

Na postagem, há a utilização de dois modos semióticos em um fundo vermelho. O primeiro apresenta-se como enunciados, em caixa alta, nas partes superior e inferior. Na superior, encontra-se escrito: “PASSEI ESSE TEMPO TODO BERRANDO; É GÓLPI, É GÓLPI, É GÓLPI” E AGORA VEJO O PT E O PMDB FAZENDO ALIANÇAS NOVAMENTE!”. E, na inferior, “ACHO QUE SOU MUITO BURRO MESMO!”. Entre eles, há uma imagem de um burro, com os olhos fechados e a boca aberta, como se estivesse relinchando. O recurso de repetir “É gólpi” três vezes parece estar associado à uma imitação do relincho do animal, reforçando a metáfora construída na postagem de que o indivíduo de esquerda se assemelha a um burro, tanto na linguagem verbal quanto na linguagem visual.

Na Figura 55, a cor verde foi utilizada como preenchimento do fundo da imagem, pois o nacionalismo se torna a questão central, enquanto, na Figura 56, o uso da cor vermelha enfatiza a crítica aos que se encontram alinhados com a esquerda. Além disso, reforça-se a depreciação do outro, por meio de uso bem popular da língua portuguesa (gólpi). Dessa forma, a estratégia caracteriza-se pelo reforço da polarização entre os dois eixos ideológicos, destacando sempre “auto apresentação positiva” e “outro-apresentação negativa” (VAN DIJK, 2010).

A postagem selecionada da Página **Jovens de Direita**, na Figura 57:

Figura 57- Postagem do dia 26 julho 2018 na Página **Jovens de Direita**



Fonte: <https://www.facebook.com/jovensdedireita/>.

Na postagem, apresenta-se a imagem do Lula em destaque com os seguintes enunciados, em caixa alta: na parte superior, “PAREM DE DIVULGAR FAKE NEWS DIZENDO QUE O LULA LIDERA AS PESQUISAS”, e, na inferior, “A ÚNICA COISA QUE PRESIDÁRIO LIDERA É REBELIÃO”. Com base em Kress e van Leeuwen (2006[1996]), o sistema de valor de informação possibilita a composição para a realização da leitura dos dois enunciados localizados nas duas extremidades, mas que se completam, trazendo uma denúncia no sentido de que os opositores são mentirosos e por isso ocorre o imperativo com a indicação de que devem parar, além de destacar a liderança considerada prejudicial à sociedade. Tendo em vista o fato de Lula ter sido preso em 07 de abril de 2018¹³⁵, a comunidade destaca sua inelegibilidade, devido à condição de presidiário e, por conseguinte, não poderia constar das pesquisas. O emblema dessa Página encontra-se posicionado entre os enunciados e no lado direito da imagem, enfatizando seu alinhamento ideológico.

Apresentamos a segunda postagem da Página **Jovens de Direita** na figura seguinte:

¹³⁵ Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro. **G1**. SP. 07 abril 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>>. Acesso em 23 dez. 2019.

Figura 58- Postagem do dia 17 setembro 2018 na Página **Jovens de Direita**



Fonte: <https://www.facebook.com/jovensdedireita/>.

Na Figura 58, temos uma das personagens da série animada, Turma do *Scooby-Doo*, chamado Fred Jones, líder do grupo, que se destaca na solução dos mistérios, envolvendo criminosos que usam fantasias de monstros e fantasmas¹³⁶. Apresenta-se composta por uma colagem de duas imagens: na primeira, Fred encontra-se diante de um fantasma, identificado em um enunciado escrito em caixa alta, “NEM DE DIREITA E NEM DE ESQUERDA”, posicionado em sua cabeça, aparentando uma neutralidade ideológica. A segunda imagem exibe Fred, segurando a parte da fantasia, que cobria a cabeça do fantasma e que revela quem está por baixo verdadeiramente e que é então desmascarado; e no lugar, aparece a identificação, também em caixa alta, “DE ESQUERDA”. Na verdade, o indivíduo, que se finge de fantasma, tem posicionamento ideológico definido e a estratégia da Página repete-se, na apresentação negativa do adversário, classificando-o como esquerda.

Observamos, com base em Thompson (2011 [1990]), o uso do segundo modo de operação das formas simbólicas ideológicas, a dissimulação, que se constitui em uma estratégia de deslocamento de conceitos positivos e negativos de um termo para outro. No caso da publicação, há a utilização dos modos visual e verbal para isso. Dessa forma, as cenas da série, a indicação de neutralidade e, a seguir, a identificação ideológica do indivíduo, vestido de fantasma, como ligado à esquerda.

¹³⁶ Fred Jones. **Fandom**. Disponível em: <https://scooby.fandom.com/pt-br/wiki/Fred_Jones>. Acesso em 22 dez. 2019.

Para analisarmos a construção identitária da Página **Conservadorismo do Brasil**, apresentamos duas postagens do ano de 2018, período de intensa corrida eleitoral para os cargos de presidente do Brasil, governador, senador, deputado federal e deputado estadual¹³⁷. Na Figura 59, apresentamos a primeira postagem:

Figura 59- Postagem do dia 13 agosto 2018 na Página **Conservadorismo do Brasil**



Fonte: <https://www.facebook.com/ConservadorismoDoBrasil3.0/>.

A comunidade, autora da postagem, utiliza uma releitura das embalagens de aveia Quaker, extremamente tradicional no país. Na Figura 60, a logo da empresa:

Figura 60- Logo da Quaker



Fonte: <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/05/quaker-oats-alimentao-saudvel.html>.

¹³⁷ Eleições 2018: confira as datas do calendário eleitoral. **G1**. 26 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/eleicoes-2018-datas.ghtml>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Na Figura 60, apresenta-se um membro da comunidade *Quaker*, que também deu origem ao nome da empresa. Os *Quaker* era um grupo religioso, originário da Inglaterra, que, devido à intolerância, precisou se refugiar nos Estados Unidos, no período colonial. Possuía o objetivo de “[...] criar comunidades regidas por princípios de justiça, moralidade e fraternidade nas relações humanas”¹³⁸. Além disso, defendia um modo de vida conservador e uma alimentação natural e saudável.

A estratégia da Página consiste na substituição da imagem do *Quaker* por Bolsonaro, que sorri, semelhante à embalagem original. Abaixo, no lugar de AVEIA QUAKER, encontra-se escrito “BOLSONARO na veia!”. Com base no uso da estratégia de uso do léxico, proposta por van Dijk (2010), observamos o nome do candidato escrito com o tamanho e cor de letra igual à original, mas, no lugar de “aveia”, temos “na veia”, o acréscimo da letra “n” antes do “a” e a separação de “veia”, resultando em um trocadilho, seguido de um ponto de exclamação, que simboliza a força da defesa do conservadorismo. Na margem superior da postagem, escrito em vermelho, verificamos a presença de “#somosTodosBolsonaro”. Essa *hashtag*¹³⁹ surgiu no *Twitter*, mobilizando os indivíduos defensores do candidato.¹⁴⁰

Na Figura 61, a segunda postagem da Página:

¹³⁸Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/05/quaker-oats-alimentao-saudvel.html>>. Acesso em 22 dez. 2019.

¹³⁹ “Hashtag é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar nas redes sociais, inserindo o símbolo cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão”. (CUSTÓDIO, 2018).

¹⁴⁰ Movimento criado nas redes sociais para apoiar Jair Bolsonaro. In: MARCONDES, D. **Os melhores memes e comentários da tag ‘Somos Todos Bolsonaro’ no Twitter**. 31 jan. 2017. Disponível em: <<https://br.blastingnews.com/politica/2017/01/os-melhores-memes-e-comentarios-da-tag-somos-todos-bolsonaro-no-twitter-001436615.html>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Figura 61- Postagem do dia 24 outubro 2018 na Página **Conservadorismo do Brasil**



Fonte: <https://www.facebook.com/ConservadorismoDoBrasil3.0/>.

A postagem foi publicada entre os dois turnos das eleições de 2018: 1º turno ocorreu no dia 07/10 e o 2º no dia 28/10.¹⁴¹ No primeiro turno, Jair Bolsonaro (PSL) recebeu 49.276.673 votos (46,03%) e Fernando Haddad (PT), 31.342.005 (29,28%)¹⁴², habilitando-os para a disputa no segundo turno, intensificando a polarização. A comunidade, envolta nesse contexto, selecionou uma foto de uma família tradicional, homem e mulher, com um casal de filhos, em preto e branco. Na parte superior da postagem, verificamos o enunciado em caixa alta: “PODE CHORAR A VONTADE” e, na inferior, “A FAMÍLIA TRADICIONAL SEMPRE SERÁ A BASE DA SOCIEDADE”. Observa-se ainda a foto de campanha de Bolsonaro, postada no lado esquerdo do segundo enunciado, como se ele estivesse seguindo essa posição. Nas laterais da esquerda e direita, observamos a *hashtag*: “#ORGULHODESERDIREITA”. A escolha da foto, os enunciados e a *hashtag* reforçam a defesa pela moral e costumes tradicionais e o alinhamento ideológico, explícito, à direita.

As dez postagens seguintes classificam-se no terceiro eixo ideológico. Dessa forma, apresentamos nas Figuras 62 e 63, publicadas pela Página **Movimento Brasil Livre (MBL)**:

¹⁴¹ Eleições 2018: confira as datas do calendário eleitoral. **G1**. 26 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/eleicoes-2018-datas.ghtml>>. Acesso em 22 dez. 2019.

¹⁴² Apuração 1º turno. Eleições 2018. **Estadão Política**. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2018/cobertura-votacao-apuracao/primeiro-turno>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Figura 62- Postagem do dia 14 outubro 2018 na Página MBL



Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre/>.

O contexto histórico-social dessa postagem, na Figura 62, encontra-se inserido no período entre os dois turnos das eleições de 2018.¹⁴³ Com a vitória de Bolsonaro no primeiro turno e o aumento da resistência ao PT e à esquerda, comprovado na diferença de votos conquistados por Bolsonaro e Haddad, a chapa do PT decide por uma nova logo, sem o vermelho que sempre acompanhou o PT, mas com as cores da bandeira do Brasil. Por isso, o MBL critica essa mudança, publicando uma postagem de autoria de “Corrupção Brasileira Memes”, cujo símbolo aparece no centro, com animais que mudam de cor, camaleão, polvo, rã¹⁴⁴ e a chapa Haddad e Manuela do PT. Na margem superior, apresenta-se o enunciado: “Criaturas que mudam de cor quando estão com medo”.

O MBL ataca a estratégia do PT de alterar a logo para diminuir a rejeição popular, ao comparar com os animais, que possuem essa capacidade de imitar a cor do meio ambiente, para atacar ou se defender. Com base em Pinto (2006), quanto trata da construção da identidade a partir da desconstrução do outro, observamos a tentativa da comunidade em indicar que o PT não é confiável, que oscila, que muda inesperadamente

¹⁴³ Eleições 2018: confira as datas do calendário eleitoral. **G1**. 26 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/eleicoes-2018-datas.ghtml>>. Acesso em 22 dez. 2019.

¹⁴⁴ VASCONCELOS, Y. Como o camaleão consegue mudar de cor? Mundo Estranho. **Super Interessante**. 18 abr. 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-o-camaleao-consegue-mudar-de-cor/>>. Acesso em 21 dez. 2019.

frente a qualquer circunstância para atacar ou se defender, como os animais que usam a camuflagem.

Apresentamos a Figura 63:

Figura 63- Postagem do dia 20 outubro 2018 na Página **MBL**



Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre/>.

As Figuras 62 e 63 foram publicadas no mesmo período, ou seja, entre os 1º e 2º turnos das Eleições de 2018. Realizamos a leitura a partir da imagem de uma manifestação, na qual os participantes vestem camisas nas cores verde e amarelo, com bandeiras do Brasil e um pato amarelo, símbolo usado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) na campanha pelo *Impeachment* de Dilma Rousseff¹⁴⁵.

Logo abaixo, encontra-se o convite, escrito em fundo verde e caixa alta: “ATENÇÃO, TODOS OS ROBÔS DO BRASIL, AMANHÃ É DIA DE VOLTAR ÀS RUAS PARA DEFENDER A NOSSA NAÇÃO” (na cor branca) e “OU VOCÊ VAI, OU O PT VOLTA” (na cor amarela e com letras no tamanho maior do que as outras). A seguir, escrito em branco e em fontes menores, as redes sociais do MBL e “TODOS NA RUA CONTRA O PT!”. Constatamos que o uso da palavra “robôs” se refere à denúncia

¹⁴⁵ Fiesp volta a expor pato amarelo em protesto contra aumento de impostos. **Economia**. 21 jul. 2017. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/07/21/internas_economia,885596/fiesp-volta-expor-o-pato-amarelo-em-protesto-contr-o-aumento-de-impos.shtml>. Acesso em 21 dez. 2019.

realizada em abril de 2018 de que contas automatizadas estavam sendo usadas para disparar mensagens pró-Bolsonaro nas redes sociais.¹⁴⁶

A convocação para a manifestação inicia-se com o uso da palavra “atenção”. O público, a quem se direciona o convite, encontra-se identificado como “Todos os robôs do Brasil”. Verificamos aqui o uso da ironia como recurso para desclassificar a denúncia de uso de perfis falsos e robôs. A seguir, a Página usa como estratégia, para garantir a presença do convidado, a ameaça de que se ele não for, o PT retornará ao poder, visto que o partido estava no segundo lugar na apuração das eleições do primeiro turno.¹⁴⁷ A comunidade aposta na rejeição ao PT, quando finaliza, usando o pronome indefinido “todos” e o sintagma preposicional “contra o PT”, reforçando essa mobilização contrária a esse partido de esquerda.

Na Figura 64, apresentamos a postagem da Página **Juventude contra a Corrupção**:

Figura 64- Postagem do dia 19 setembro 2017 na Página **Juventude Contra a Corrupção**



Fonte: <https://www.facebook.com/ContraCorrupcao/>.

A postagem, na Figura 64, compõe-se de uma foto do General Mourão em fundo na cor preta, com a identificação de autoria do Movimento Contra a Corrupção (MCC)

¹⁴⁶ Por que a internet está cheia de “robôs de Bolsonaro”? **Exame**. 23 abr. 2018. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-ganha-legiao-de-robos-apoiadores-na-internet/>>. Acesso em 22 dez. 2019.

¹⁴⁷ Ver nota 69.

ao lado. Na parte superior, encontra-se, escrito em caixa alta: “SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL”, a quem se dirige a mensagem, “O RECADO ESTÁ DADO!”, indicando uma ameaça. Logo abaixo da imagem, exibe-se um trecho da fala do general divulgado em setembro de 2017: “Ou as Instituições solucionam o problema político, pela ação do Judiciário, retirando da vida pública todos os elementos envolvidos em ilícitos, OU ENTÃO, NÓS TEREMOS QUE IMPOR ISSO”.

Ao observarmos as escolhas lexicais realizadas pelo General Mourão, como “recado está dado”, “teremos que impor”, lembramos Singer (2002), quando trata da direita populista, que objetiva evitar as mudanças, contendo a instabilidade social, por meio do reforço da autoridade do Estado, e Bobbio (2011[1995]), ao alertar para os riscos dos extremos, o “direitismo” ou o “esquerdismo”, porque são antidemocráticos e representam uma clara ameaça à democracia. Na composição do texto multimodal, a comunidade faz uma apologia à volta do militarismo, pela imagem do militar em destaque e pela intimidação dirigida ao Supremo.

A Figura 65 exibe uma postagem do dia 19 de janeiro de 2018, período em que Lula foi condenado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) em Porto Alegre¹⁴⁸:

¹⁴⁸ SPERB, P. Notícias sobre Lula aumentam 241% no mês do julgamento do TRF4. **Veja**. 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/noticias-sobre-lula-aumentam-241-no-mes-do-julgamento-do-trf4/>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Figura 65- Postagem do dia 19 janeiro 2018 na Página **Juventude Contra a Corrupção**



Fonte: <https://www.facebook.com/ContraCorrupcao/>.

Na Figura 65, a Página **Juventude Contra a Corrupção** publica uma postagem que se refere aos condenados da Operação Lava Jato, todos usando uniforme de presidiário, reunidos na “cela 13”, aguardando Lula, para começar a reunião. Um dos condenados, Palocci, pergunta: “Devemos começar a reunião ou esperar o LULA chegar!!!!”. Verificamos o nome de Lula em caixa alta, para ter destaque, além da substituição da interrogação, pontuação comum em perguntas, por quatro pontos de exclamação.

O número da cela (13) e a bandeira do PT ao lado da mesa reforçam a ideia de que somente os integrantes desse partido se encontram nessa cela. Além disso, três pôsteres estão colados nas paredes, referentes às condenações de Lula: a compra do triplex no Guarujá, a reforma do sítio de Atibaia e as propinas recebidas pela Construtora Odebrecht. Podemos observar, nesse texto multimodal e com base em van Dijk (2010), que a estratégia da comunidade se destaca na apresentação negativa do Outro (PT, Lula), pelo envolvimento com corrupção e desvio do dinheiro público.

Na Figura 66, apresentamos a postagem do dia 19 de outubro de 2018 da Página **Movimento do Povo Brasileiro (MPB)**:

Figura 66- Postagem do dia 19 outubro 2018 na Página **Movimento do Povo Brasileiro**



Fonte: <https://www.facebook.com/movimentodopovobrasileiro/>.

Apresenta-se, na postagem acima, publicada, inicialmente, no *Instagram*, a seguinte pergunta: “TEM CERTEZA DE QUE O PROBLEMA DO MUNDO É O CAPITALISMO?”, em caixa alta. Logo depois, temos as imagens de: Hugo Chávez, ex-ditador da Venezuela; Kim Jong-un, ditador da Coreia do Norte; Benito Mussolini, ex-ditador da Itália; Nicolás Maduro, atual ditador da Venezuela; Fidel Castro, ex-ditador de Cuba; Mao Tsé-tung, ditador da China; Lenin, ditador da antiga União Soviética; Pol Pot, ditador do Camboja; Idi Amim Dada, ditador de Uganda. Todos encontram-se classificados como ditadores, tiranos e despóticos, visto que dominam seus países por meio do uso da força e do terror.¹⁴⁹

Logo abaixo de cada imagem, observa-se a palavra “SOCIALISTA”, escrita em caixa alta, destacando o movimento ideológico ao qual essa comunidade acredita que eles tenham feito ou fazem parte. A pergunta formulada acima de todas as imagens dos ditadores encontra-se respondida com a palavra embaixo de cada foto, ou seja, “SOCIALISTA”. Dessa forma, verificamos a utilização, pela comunidade, da estratégia de interação geral (VAN DIJK, 2010), na qual é realizada a outro-apresentação negativa,

¹⁴⁹ FUKS, R. **Os 10 ditadores que marcaram a história**. ebiografia. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/ditadores/>>. Acesso em 29 dez. 2019.

por ser socialista, e a autoapresentação positiva, pela crítica ao socialismo e defesa do capitalismo.

Apresenta-se, na Figura 67, a postagem, publicada no dia 22 de outubro de 2018:

Figura 67- Postagem do dia 22 outubro 2018 na Página **Movimento do Povo Brasileiro**



Fonte: <https://www.facebook.com/movimentodopovobrasileiro/>.

Divulgada antes do segundo turno das eleições de 2018, a postagem utiliza a composição de dois modos semióticos - visual e verbal. Considerando o modo verbal, há dois enunciados escritos em fundo verde e em caixa alta, com letras amarelas (uma referência às cores da Pátria): na parte superior, “A PARTIR DE 2019 O BRASIL **SERÁ UM NOVO PAÍS!**”, sendo que o verbo “ser” no futuro e o predicativo do sujeito “um novo país” encontram-se em destaque em relação ao adjunto adverbial de tempo por estar escrito em letras maiores e em negrito, recebendo um destaque ainda maior; e, na parte inferior, “**E VOCÊ PODE FAZER PARTE DESSA VITÓRIA!**”, observamos um destaque no uso do negrito na oração coordenada sindética aditiva, “E VOCÊ PODE”, e na oração reduzida de infinitivo, “FAZER”. Ocorre um convite mais geral, para transformar o Brasil e o outro, mais particular, pessoal, dirigido ao interlocutor que recebe essa mensagem.

No centro da postagem, há uma imagem de um militar, segurando um bebê, envolto na bandeira do Brasil, e ele encontra-se com o olhar dirigido à criança. Do lado esquerdo, próximo à cabeça do militar, podemos ler “VOLTAR A ORDEM E

PROGRESSO”, escrito em letras brancas, mas em tamanho menor, caixa alta e no lado direito, “BOLSONARO PRESIDENTE”.

Com base em Pierucci (1987), Bobbio (2011[1995]), Castells (2018[1999]), identificamos um forte nacionalismo na seleção dos elementos visuais e lexicais na postagem, além de verificarmos uma apologia à figura militar, como provedor de “Ordem e Progresso”, necessários à criança/Brasil. Verificamos, também, que esse uso dos elementos nacionais representa a estratégia de unificação, ou seja, o terceiro modo de operação das formas simbólicas ideológicas, estabelecido por Thompson (2011 [1990]), que se constitui na construção de uma identidade coletiva, por meio da standardização e de simbolização da unidade.

As postagens da Página **Todos Contra a Corrupção** encontram-se nas Figuras 68 e 69:

Figura 68- Postagem do dia 23 outubro 2017 na Página **Todos Contra a Corrupção**



Fonte: <https://www.facebook.com/tcc.todoscontraacorrupcao/>.

Na postagem, há uma combinação de modos semióticos, resultando em um texto multimodal que critica o Supremo Tribunal Federal (STF). Na parte superior, encontra-se escrito o enunciado: “Palavras, palavras...Nada além!”, que destaca a falta de conexão entre o discurso e as decisões do STF. Logo abaixo, observamos uma tirinha de autoria de Jarbas, com quatro imagens: na primeira, verificamos a ministra Carmem Lúcia, que, nesse período, era presidente do STF, dizer: “O clamor por justiça não será ignorado pelo STF”; na segunda, aparece apenas o braço de um palhaço, envolto em uma roupa de cor

verde e bolinhas amarelas, jogando uma torta no rosto dela com o nome “AÉCIO” escrito no prato; na imagem seguinte, ela diz:” Que palhaçada é essa!?” e na última, ele joga outra torta nela, com o nome “LOURES”.

Os nomes escritos, Aécio e Loures, referem-se às denúncias de corrupção enviadas para o STF, envolvendo o senador Aécio Neves (PSDB) e o Rocha Loures, amigo do Presidente da República, Michel Temer (PMDB). Os dois não foram punidos: Aécio foi denunciado por corrupção passiva ao STF, mas, até o presente momento, não recebeu nenhuma punição¹⁵⁰;e Loures chegou a ser preso em 2017, porém, conseguiu liberdade no mesmo ano¹⁵¹. A estratégia da comunidade configura-se na crítica, por meio da composição do texto multimodal, às decisões do STF diante das denúncias de corrupção.

A segunda postagem foi publicada no dia 01 de março de 2018 e apresenta como foco principal a crítica à corrupção, como podemos observar na Figura 69:

Figura 69- Postagem do dia 01 março 2018 na Página **Todos Contra a Corrupção**



Fonte: <https://www.facebook.com/tcc.todoscontraacorrupcao/>.

Na imagem, há um contêiner, identificado como “LIXO DA HISTÓRIA”, escrito em caixa alta. Logo acima, observamos uma caveira com dois ossos cruzados, que

¹⁵⁰ Aécio vira réu por corrupção e tentativa de obstrução da justiça. **Gaúcha ZH**. Política. 05 julho 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/07/aecio-neves-vira-reu-por-corrupcao-e-tentativa-de-obstrucao-de-justica-cjxqfjh60009001s6f5hfvmmc.html>>. Acesso em 23 dez. 2019.

¹⁵¹ PALMA, G. Após recurso do MP, Justiça mantém suspenso processo sobre Rocha Loures no caso da mala. **G1**. Política. 24 outubro 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/24/apos-recurso-do-mp-justica-mantem-suspenso-processo-contra-rocha-loures-no-caso-da-mala.ghtml>>. Acesso em 23 dez. 2019.

simboliza um alerta para materiais ou substâncias perigosas, que podem causar a morte¹⁵². Dentro dele, há várias imagens de políticos, como Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Tasso Jereissati, entre outros, envolvidos em alguma denúncia de corrupção. O objetivo principal da comunidade direciona-se à crítica aos que praticam a corrupção e aos que permitem a impunidade, como o STF. Dessa forma, observamos o uso da estratégia da outro-apresentação negativa (VAN DIJK, 2010) e o modo de operação dissimulação (THOMPSON, 2011 [1990]), ao condenar os atos do STF e dos políticos corruptos.

A última comunidade denomina-se **Tenho Vergonha da Corrupção**. As duas postagens selecionadas foram publicadas no período entre os dois turnos das Eleições de 2018. Podemos observar a primeira na Figura 70:

Figura 70- Postagem do dia 11 outubro 2018 na Página **Tenho Vergonha da Corrupção**



Fonte: <https://www.facebook.com/TenhoVergonha/>.

Na publicação da Figura 70, apresenta-se um lobo de cor vermelha, sob uma pele de cordeiro, com listras verde e amarelo, e, na margem superior esquerda, o título “O NOVO DISFARCE DO PT”, escrito em caixa alta. Com base, Kress e van Leeuwen (2001), quando tratam do domínio de *design*, destacamos que o uso das cores fornece coesão e coerência à imagem. A expressão popular “lobo em pele de cordeiro”, que se originou a partir de um trecho do Novo Testamento da Bíblia, refere-se a uma pessoa que

¹⁵²Símbolo tóxico: caveira e ossos cruzados. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolo-toxico/>>. Acesso em 23 dez. 2019.

finge ser de boa índole, porém, na verdade, possui como característica a perversidade, desonestidade.¹⁵³

Essa mudança da cor vermelha para verde e amarelo refere-se à decisão do PT de usar as cores da bandeira do Brasil na logo da campanha eleitoral. O **Movimento Brasil Livre** já havia feito a crítica à essa alteração na postagem, apresentada na Figura 62, por meio de uma alusão aos animais que usam a camuflagem, para se defender ou atacar. No entanto, a comunidade **Tenho Vergonha de Corrupção** opta pelo uso da imagem do “lobo”, para externar seu julgamento negativo e sua crença nas más intenções do partido. Dessa forma, lembramos Thompson (2011[1990]), ao observarmos o uso do segundo e quarto modos de operação: a dissimulação, na comparação entre o “lobo” e o “PT”, realçando o aspecto negativo que considera comum nos dois; e a fragmentação, por meio da estratégia de expurgo do outro, ao destacar o “novo disfarce” do PT, usando a ironia, para se referir à nova logo e ao registrar no comentário da postagem a pergunta “Queremos ser Brasil ou Venezuela?”, reportando-se à crise do governo de Maduro e o apoio que ele recebeu de alguns representantes da esquerda brasileira¹⁵⁴, como uma maneira de reforçar a imagem negativa pela defesa de um regime autoritário.

Na Figura 71, a publicação feita pela comunidade dois dias antes do segundo turno:

¹⁵³ Significado de lobo em pele de cordeiro. **Significados**. Disponível em:

<<https://www.significados.com.br/lobo-em-pele-de-cordeiro/>>. Acesso em 30 dez. 2019.

¹⁵⁴ MOURA, M. Nicolás Maduro: um ditador para chamar de seu. **Época**. 04 ago. 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/08/nicolas-maduro-um-ditador-para-chamar-de-seu.html>>. Acesso em 30 dez. 2019.

Figura 71- Postagem do dia 26 outubro 2018 na Página **Tenho Vergonha da Corrupção**



Fonte: <https://www.facebook.com/TenhoVergonha/>.

A postagem constitui-se da composição de dois modos semióticos: no primeiro, apresenta-se uma bandeira do Brasil em um fundo preto; no segundo, podemos observar a apresentação do enunciado: na margem superior da bandeira, o sujeito, “27 estrelas brancas” e, na inferior, o predicado, “não se curvarão a 1 vermelha”.

A seleção do número de estrelas, “27”, representando o país, do advérbio de negação, “não”, do pronome reflexivo, “se”, e do tempo verbal, futuro do presente, “curvarão” constroem uma identidade nacionalista forte, por considerar o apoio de todo Brasil ao Bolsonaro, e desconstrói o PT, destacando o isolamento, pela presença do número “1”, a ausência de eleitores, para dar suporte à estrela vermelha. Por isso, lembramos da posição de Pierucci (1987), Bobbio (2011[1995]) e Castells (2018[1999]), quando observamos a presença do nacionalismo nesta comunidade; Pinto (2006) e van Dijk (2010), quando verificamos a apresentação positiva de si próprio e a desconstrução do Outro na postagem.

Quadro 7- Os elementos verbais e visuais nas postagens e as categorias de van Dijk (2010) e os sistemas de Kress e van Leeuwen (2006 [1996])

Páginas	Elementos verbais	Elementos visuais	Estratégias usadas no discurso político (VAN DIJK, 2010)	Sistemas usados na composição do texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996])
EIXO 1				
1. Verdade sem manipulação	greve geral, trabalhar, futuro, MBL.	mulher grávida, Chico Buarque, Caetano Veloso.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: trabalhador (Autoapresentação) x não trabalhador (Outro); • macroato de fala: incoerência do MBL; • léxico: positivo (Nós): greve geral, trabalhar, futuro x negativo (Eles): MBL, não trabalham • expressões visuais: positivo: mulher grávida, Chico Buarque, Caetano Veloso, repetição do “KKK” x negativo: MBL. 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos do topo (ideais) para a base (reais); • saliência: primeira postagem em preto e branco; segunda, composição de duas imagens; • enquadramento: elementos unidos um ao outro, continuidade de cores
2. Burguesia Fede	Pessoas, são como eu, futuro, corrupção.	Hitler, malas, Loures, livros, Criança.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: diferentes do Hitler (Autoapresentação) x iguais ao Hitler (Outro); e criança + livros= futuro (Autoapresentação) x Loures+ mala de dinheiro= corrupção (Outro); • macroato de fala: simpatizantes do Hitler no séc. XXI; desigualdade social; • léxico: positivo (Nós): ≠Hitler, criança/livros; negativo (Eles): =Hitler, corrupção; • expressões visuais: positivo: criança salvando seus livros; negativo: mala de dinheiro/corrupção; Hitler e suas falas em uma cena do filme <i>Ele está de volta</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos do topo para a base (1ª postagem); da esquerda(conhecido) para direita (novo) (2ª postagem); • saliência: Hitler em primeiro plano (1ª postagem); imagem esquerda à noite e à direita durante o dia (2ª postagem); • enquadramento: nas duas, elementos unidos visualmente ao outro, continuidade. Presença de vetores nas imagens da 2ª postagem.
3. A Luta	Temer, discurso, Aécio/ Temer, Lula.	<i>Lord Voldemort</i> , bandeira do Brasil, Logo do governo Temer, Lula.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: Lula (Autoapresentação) x Temer = <i>Lord Voldemort</i>(vilão), Aécio, Revista <i>Veja</i> (Outro); • macroato de fala: crítica ao arquiteto do golpe; apoio explícito da <i>Veja</i> • léxico: Positivo (Nós): Lula x Negativo (Eles): Temer, Aécio, Revista <i>Veja</i>; • expressões visuais: enunciado na parte superior, seguido da imagem. 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: elementos do topo (os verbais) para a base (os visuais); • saliência: enunciados em destaque seguidos das imagens nas duas postagens; • enquadramento: conexão entre os elementos: enunciado +

				imagem= constrói a mensagem.
4. Esquerda Revolucionária	greve, negociar, PT, empregador, direitos, trabalhador.	<i>Batman, Robin, Tiranossauro Rex.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: <i>Batman</i> e trabalhador (a favor da greve/dos direitos) (Autoapresentação) x <i>Robin</i> e Tiranossauro Rex/empregador (contra a greve/ os direitos trabalhistas) (Outro); • macroato de fala: ênfase nos direitos trabalhistas; • léxico: positivo (Nós): greve, PT, direitos, trabalhador x negativo (Eles): “negociar”, empregador; • expressões visuais: indicação de movimento (tapa no rosto); Tiranossauro Rex/empregador ameaçando um homem/trabalhador. 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos: <i>Batman</i> ao fundo e <i>Robin</i> de frente para ele e de costas no primeiro plano para o visualizador (1ª postagem); topo para base: enunciado seguido da imagem (2ª postagem); • saliência: a primeira: postagem no estilo das revistas em quadrinhos; a segunda: a nitidez e o tamanho do Tiranossauro Rex; • enquadramento: conexão entre os elementos, formando um todo.
5. Contra o Golpe Fascista 3	Capitalismo, Comunismo, lucros da empresa, empresário, funcionários, time.	garrafa de vinho, taças, Seleção brasileira, políticos de direita e de centro.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: Comunismo/ taças/igualdade (Autoapresentação) x Capitalismo/garrafa/ acúmulo de capital/ políticos direita e centro (Outro); • macroato de fala: definição de capitalismo e comunismo; semelhança dos políticos de centro e de direita; • léxico: Comunismo, funcionários (positivo) x Capitalismo, lucros da empresa, empresário (negativo); • expressões visuais: ordem superior/inferior na 1ª postagem; foto da seleção brasileira com os políticos no lugar dos jogadores na 2ª (ênfase no significado negativo). 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: a colocação dos elementos do topo para a base; • saliência: seleção da imagem da garrafa e das taças para definir os dois termos; foto em destaque da seleção brasileira com os rostos dos políticos (direita e centro); • enquadramento: nas duas postagens, os elementos encontram-se unidos visualmente, conectados.
EIXO 2				
1. Direita Vive 3.0	Brasil, Deus, Bandeira do Brasil, ladrão, #Elenão, Vermelha.	Bolsonaro, Mourão, armadura do Homem de Ferro, Lula.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: Bolsonaro e Mourão como heróis (Autoapresentação) x Lula como ladrão (Outro); • macroato de fala: destaque ao nacionalismo e religiosidade; ênfase negativa de Lula • léxico: Brasil, Deus, Bandeira do Brasil (positivo) x ladrão, #Ele não, Bandeira vermelha (negativo); • expressões visuais: destaque em primeiro plano para Bolsonaro e Mourão com as armaduras (positivo) x destaque em primeiro plano para a 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos com destaque para Bolsonaro, Mourão e Lula; • saliência: destaque à Bolsonaro e Mourão vestidos de Homem de Ferro com cores nacionais; aos políticos de direita e centro como jogadores da Seleção brasileira;

			tatuagem na testa, referência ao ladrão na reportagem real (negativo).	<ul style="list-style-type: none"> • enquadramento: elementos conectados em torno dos destaques.
2. Eu era direita e não sabia	Partidos, PMDB, DEM, PT, Bolsonaro, gangues, assusta, PT, corrupção, cresce, centrão, agita, comunista, Revista <i>Veja</i> .	Deputados, Criminosos, Bolsonaro, Lula.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: políticos não-corruptos, Bolsonaro (Autoapresentação) X partidos políticos (PMDB, DEM, PT) /gangues, Lula, comunistas (Outro); • macroato de fala: corrupção associada ao PMDB, PT e DEM; • léxico: Bolsonaro, cresce, assusta, Revista <i>Veja</i> (positivo) X Lula, PT, PMDB, DEM, gangues, cresce, agita, comunistas (negativo); • expressões visuais: seleção do cartum e das capas da Revista <i>Veja</i> (positivo para a comunidade). 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos da esquerda (conhecido) para direita (novo); • saliência: destaque para os partidos dos deputados e os criminosos armados; as capas da Revista <i>Veja</i>; • enquadramento: elementos conectados, com vetores implícitos da esquerda para direita (do conhecido para o novo nas duas postagens).
3. Direita Conservadora	verde e amarelo, patriota, golpe, PT e PMDB.	cores verde e amarelo, Bandeira do Brasil, punho cerrado, burro.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: patriota, não considera golpe (Autoapresentação) x PT, PMDB, burro, golpe (Outro); • macroato de fala: patriotismo; crítica aos petistas; • léxico: cores verde e amarelo, patriota (positivo) x PT, PMDB, golpe (negativo); • expressões visuais: destaque para mão, segurando a bandeira do Brasil (positivo) e para o burro (negativo). 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos do topo para a base, enunciado+ imagem+ enunciado, nas duas postagens; • saliência: destaque para a foto em primeiro plano da mão, com a bandeira do Brasil e a imagem do burro/esquerda; • enquadramento: elementos verbais e visuais unidos na construção do sentido.
4. Jovens de Direita	Lula, presidiário, esquerda.	Lula, Fred, fantasma.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: Lula, esquerda (Outro); • macroato de fala: crítica ao Lula e aos esquerdistas; • léxico: Lula, presidiário, esquerda (negativo); • expressões visuais: Lula, fantasma identificado como esquerda (negativo) 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos do topo para a base: na primeira postagem, composição de enunciados e imagem, com destaque para os primeiros, na segunda, composição de duas cenas da Turma do <i>Scooby-Doo</i>; • saliência: na primeira postagem, os enunciados recebem o destaque; na segunda, o destaque

				para o fantasma nas duas imagens; • enquadramento: elementos conectados visualmente.
5. Conservadorismo do Brasil	Bolsonaro, veia, família tradicional, base da sociedade.	Bolsonaro, <i>Quaker</i> , família tradicional.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: Bolsonaro, família tradicional (positivo); • macroato de fala: defesa dos ideais conservadores e da família tradicional; • léxico: Bolsonaro, família tradicional, base da sociedade (positivo); • expressões visuais: Bolsonaro como <i>Quaker</i>; foto de uma família tradicional em preto e branco (positivo). 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos em primeiro plano para destaque: Bolsonaro como <i>Quaker</i> e a família tradicional; • saliência: uso da imagem do Quaker e um foto em preto e branco; • enquadramento: elementos verbais e visuais conectados.
EIXO 3				
1. Movimento Brasil Livre (MBL)	mudam de cor, medo, “robôs”, Brasil, defender, nossa nação, contra o PT.	cores verde e amarelo, logo da Chapa Haddad/Manuela, manifestantes.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: “robôs”, vestidos de verde e amarelo (positivo) x Haddad/Manuela, PT (negativo); • macroato de fala: crítica ao PT; • léxico: “robôs”, Brasil, defender, nação (positivo) x PT, Haddad/Manuela (negativo); • expressões visuais: manifestantes de verde e amarelo (positivo) x nova logo do PT = camuflagem por medo (negativo). 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos do topo para base; • saliência: na primeira postagem, o destaque para as fotos de animais que se camuflam e da logo do PT; na segunda, o destaque ocorre no enunciado, que se encontra em primeiro plano; • enquadramento: elementos visuais e verbais conectados, formando um todo.
2. Juventude contra Corrupção	STF impor Lula PT Nós (militares)	General Mourão Bandeira do Brasil integrantes do PT Cela Bandeira do PT	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: General Mourão, nacionalismo, militares (positivo) x Lula, PT, STF (negativo); • macroato de fala: denúncia contra a corrupção; • léxico: verbo “impor”, Nós (militares) (positivo) x Lula, PT, políticos corruptos, STF (negativo); • expressões visuais: General Mourão, Bandeira do Brasil (positivo) x integrantes do PT presos na operação Lava Jato (negativo) 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos do topo para base (1ª postagem) e da esquerda para direita (2ª postagem); • saliência: na primeira, destaque para a fala do general Mourão sobre o STF; na segunda, o destaque para a espera de Lula na cela; • enquadramento: elementos visuais e verbais ligados, constituindo o

				sentido em cada postagem.
3. Movimento do Povo Brasileiro (MPB)	Capitalismo, Socialista, Brasil, novo país, Ordem e progresso, vitória, Bolsonaro, Você.	Chávez, Kim Jong-um, Mussolini, Maduro, Fidel Castro, Mao-Tsé-Tung, Lenin, Pol Pot, Idi Amin Dada, militar, bebê, Bandeira do Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: capitalismo, Ordem e Progresso, militares, Bolsonaro (positivo) x socialismo (negativo); • macroato de fala: crítica ao socialismo; apoio ao Bolsonaro; • léxico: Capitalismo, Brasil, Ordem e Progresso, Bolsonaro (positivo) x Socialista (negativo); • expressões visuais: militar com Brasil/bebê nos braços (positivo) x imagens dos ditadores(socialismo) (negativo). 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos do topo para base nas duas postagens; • saliência: na primeira, destaque para a combinação das fotos dos ditadores e a palavra socialista; na segunda, o destaque para a foto do militar com o bebê em primeiro plano; • enquadramento: presença de conexão entre os elementos para compor o sentido.
4. Todos contra Corrupção (TCC)	palavras, Justiça, STF, Aécio, Loures, lixo da história.	Ministra Carmen Lúcia (STF), palhaço, verde e amarelo, contêiner, políticos.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: Brasil (positivo) x STF, políticos corruptos (negativo); • macroato de fala: oposição à corrupção; • léxico: STF, Aécio, Loures, lixo/políticos corruptos (negativo); • expressões visuais: Ministra Carmen Lúcia/STF e contêiner com políticos corruptos (negativo). 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos na primeira postagem da esquerda para direita e na segunda, centralizada no primeiro plano; • saliência: destaque para a tirinha, com a sequência da esquerda para direita e para o contêiner no centro; • enquadramento: continuidade entre os elementos, formando um sentido único.
5. Tenho Vergonha de Corrupção	novo disfarce, não, PT, curvarão, Brasil, 1, Venezuela, vermelha, 27, estrelas brancas.	Lobo, cordeiro, Bandeira do Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de interação geral: nacionalismo (positivo) x PT (negativo); • macroato de fala: crítica ao PT; • léxico: Brasil(positivo) X disfarce, PT, vermelha, Venezuela (negativo); • expressões visuais: Bandeira do Brasil (positivo) x vermelho, PT (negativo). 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor de informação: colocação dos elementos do topo para a base; • saliência: na primeira postagem, destaque para as cores verde, amarelo e vermelho; na segunda, para a Bandeira do Brasil; • enquadramento: continuidade entre os elementos visuais e verbais.

Fonte: A Autora.

No Quadro 7, apresentamos, na primeira coluna, os nomes das Páginas; nas duas colunas seguintes, os elementos verbais e os visuais destacados, a partir da análise apresentada sobre as postagens. Na quarta coluna, apresentamos a identificação de quatro das nove estratégias, propostas por van Dijk (2010), selecionadas a partir do tipo de texto multimodal analisado, ou seja, as postagens no *Facebook*. Considerando cada postagem e com base em van Dijk (2010), identificamos as seguintes estratégias: a estratégia de interação geral, o macroato de fala, o léxico e as expressões visuais que se encontram presentes, em treze das quinze Páginas analisadas, objetivando realizar a autoapresentação positiva e a outro-apresentação negativa.

Duas Páginas utilizam essas estratégias de forma diferenciada: **Conservadorismo do Brasil** opta, apenas, por se autoapresentar positivamente, destacando o fato de ser conservadora e ligada à direita; e **Jovens de Direita** exibe a outro-apresentação negativa, ressaltando a concepção negativa do PT e da esquerda.

Na última coluna, realizamos a identificação dos três sistemas inter-relacionados, propostos por Kress e van Leeuwen (2006[1996]). Relembramos que esses autores defendem que, na leitura de um texto multimodal, os sistemas devem ser considerados de forma interativa, permitindo a construção dos sentidos, a partir do todo e não das partes isoladamente. Dessa forma, destacamos que, embora tenhamos dividido em quatro colunas e realizado a identificação de cada item, o texto multimodal compõe-se desses elementos visuais e verbais, em uma combinação, que interage em tempo real com o contexto histórico e social, dinamizando o discurso político no *Facebook*.

Tendo como base a análise sobre as Páginas políticas, desenvolvemos, no item seguinte, a discussão sobre os resultados, a fim de compreendermos a composição do texto multimodal que ocorre nas postagens.

5.4 RESULTADOS

No capítulo I, discutimos, com base em Jenkins (2009), Lévy (2011), Castells (2017; 2017[1999]), sobre a cultura da virtualidade do real e o aparecimento da sociedade em rede, proporcionando uma dinamicidade da interação entre os mundos real e virtual, por meio de múltiplas linguagens e da formação de comunidades *online*, cujos membros,

muitas vezes, não se conhecem pessoalmente, porém compartilham os mesmos objetivos e manifestam a reflexividade do contexto sócio-político em constante transformação.

Nesse cruzamento entre as mídias tradicionais e novas, os usuários deixam o *status* de simples consumidores de informação e assumem a tarefa de serem produtores, ao combinar modos semióticos diferentes em seus textos, ao reagir às publicações nas redes sociais, ao comentar e socializar as informações, como observamos na proposição de Castells (2017) sobre autocomunicação de massa, apresentada no Quadro 1 no capítulo I. Assim, a multimodalidade e interatividade (CASTELLS, 2017; KRESS, 2003, 2010; BATEMAN, 2014) tornam-se presentes, como marcas dessa modernidade (GIDDENS, 1991a, 1991b; BAUMAN, 2001; CHARAUDEAU, 2009), constituindo a sociedade em rede, que se caracteriza como um canal importante para a manifestação dos indivíduos, para a mobilização e formação de comunidades virtuais, de redes interativas, em uma relação dialética entre o Eu e o Outro (CASTELLS, 2003; 2017[1999]; LÉVY, 2011).

Entendemos o *Facebook* como uma importante rede social usada para a disseminação do discurso político e, possivelmente, uma ferramenta eficaz na mobilização dos usuários, visto que apresenta a utilização de aspectos relacionados às questões morais, sociais e emocionais, que caracteriza, então, o sentimento de engajamento necessário para a formação das comunidades *online* (CASTELLS, 2003; 2017[1999]; LÉVY, 2011), que, nesse ambiente digital, classificam-se como Grupos e Páginas, conforme apresentamos no capítulo I. Como os Grupos são fechados e há a necessidade de solicitar ao(s) administrador(es) a permissão para entrar, optamos por concentrar nossa pesquisa nas Páginas, por não haver controle de acesso às postagens. e por conta da interatividade, dinamicidade e fluidez presentes (BAUMAN, 2001; CHARAUDEAU, 2009).

Com base em Castells (2003), (2017[1999]), Jenkins (2009) e Lévy (2011), que destacam a importância das comunidades *online* ou virtuais, na formação de redes interativas, também, Chilton (2004), Charaudeau (2011) e Palumbo (2013), que tratam do discurso político como prática social, no qual ocorre a interação entre as instâncias política e cidadã, apresentamos os *corpora* da pesquisa, que se encontra inserido em um ambiente digital, o *Facebook*, um canal importante para a manifestação criativa uso de recursos multimodais, estabelecendo como um espaço de polarização política, uma arena na qual se travam as batalhas, expõem as ideologias, as visões de mundo e parte-se para o confronto.

Com o objetivo de compreender esse embate, recorreremos aos domínios afins, como Filosofia, Comunicação e Ciência Política, como base multidisciplinar, tendo como principais autores, Sader (1995), Giddens (1996), Eagleton (1997), Singer (2002, 2018), Thompson (2011[1990]), Bobbio (2011[1995]), Mészáros (2014), Aron (2016), Ardalán (2018), entre outros, que nos proporcionaram compreender a relação constitutiva entre ideologia e identidade e acessar o discurso político multimodal nas redes sociais. Assim, alinhados com o paradigma interpretativo, proposto por Ardalán (2018), observamos que os atores sociais, presentes na interação midiática, se assumem como seres políticos, pela sua mobilização na discussão, via texto multimodal, no qual vinculam juízo de valor e luta pelo poder (ARON, 2016).

A análise das Páginas do *Facebook* provou-nos que a distinção dos eixos ideológicos, esquerda-direita, sem esquecer das posições intermediárias e de centro, encontra-se mais viva do que nunca (BOBBIO, 2011[1995]), proporcionando um confronto das posturas ideológicas. De um lado, a esquerda comprometida com a luta pela igualdade social, contra as reformas trabalhista e previdenciária, mas refém das denúncias de corrupção, que incitou a propagação do discurso de ódio contra aqueles que a defendem; de outro, a direita, que ressurgiu como ND, ainda mais nacionalista, defensora do conservadorismo, da tradição, disposta a defender até o retorno à monarquia ou ao militarismo, em troca da manutenção de seu *status quo*.

Esse construto do discurso político midiático, ao mesmo tempo, identitário e ideológico, materializa-se no texto multimodal, composto de uma relação dinâmica entre texto e imagem, que operam juntos, constituindo uma unidade significativa coesa. A interação os elementos verbais e visuais possibilitam a reflexividade, permitindo os atores sociais, construir as identidades individuais e coletivas, relações, protesto político, luta social, enfim, ações, impulsionadas pela contemporaneidade (GONÇALVES SEGUNDO, 2011; FAIRCLOUGH; MULDERRIG; WODAK, 2011; BARTON; LEE, 2015).

Ao considerar a concepção de reflexividade e com base em Bauman (2005), van Dijk (2009), Castells (2018[1999]) e Georgalou (2017), propusemos o Esquema 2 (capítulo IV), no qual apresentamos, em via de mão dupla, a interconexão presente nas redes sociais entre identidade, ideologia, discurso político e texto multimodal, que revela a interface entre os ECD e a ADM.

Retomamos Jones, Chik e Hafner (2015), quanto tratam dos quatro itens focalizados nos estudos sobre o discurso: texto, contexto, ações e interações, poder e

ideologia, e sugerimos o acréscimo da identidade, como o último item, por representar relevância para o discurso e a ligação entre poder e ideologia. A união desses elementos compõe o texto multimodal, que, devido à essa relação dinâmica, revela um grau crescente de complexidade em sua produção e leitura.

Além disso, destacamos os estudos de Kress e van Leeuwen (2006[1996]), ao desenvolverem a GDV, cujo foco se encontra na integração entre o visual e o verbal em uma única unidade de sentido, constituindo o texto multimodal. Esse, por sua vez, compõe-se a partir de quatro domínios, discurso, *design*, produção e distribuição, que interagem entre si e revelam os aspectos ideológicos, identitários e culturais.

Com base nas hipóteses estabelecidas para a pesquisa, apresentadas na introdução, e o panorama das Páginas políticas, realizado em abril de 2018, selecionamos quinze Páginas, cujas postagens se caracterizavam pela presença do texto multimodal, composto pela combinação de elementos visuais e verbais. Tomando como base nos autores apresentados no capítulo II, com destaque para Bobbio (2011[1995]), classificamo-las em três eixos: direita, esquerda e apartidário. Este último usado para aquelas que não realizaram a identificação verbal de seu alinhamento ideológico ou que se definiram sem partido político.

Procedemos à análise das fotos de perfil e de capa, além das postagens selecionadas, para compor os Quadros 6 e 7, realizando a seguinte identificação: a) os elementos verbais (substantivos, verbos, adjetivos); b) os elementos visuais; c) as categorias da estrutura das ideologias: identidade, atividades, objetivos, normas e valores, relações do grupo (VAN DIJK, 2011); d) as estratégias de autoapresentação positiva e outro-apresentação negativa: estratégia de interação geral, macroato de fala, léxico e as expressões visuais (VAN DIJK, 2010); e) os sistemas de composição do texto multimodal: valor de informação, saliência e enquadramento (KRESS; VAN LEEUWEN (2006[1996])). Dada a complexidade da análise, dividimos a organização dos quadros, considerando os itens **a**, **b** e **c** para o de número 6 e, para o 7, os itens **a**, **b**, **d** e **e**.

Verificamos na análise, na discussão e na composição dos quadros, a coerência de construção identitária apresentada pelos Eixos 1 e 2. As cinco Páginas do eixo ligado à esquerda revelaram a identidade de resistência (CASTELLS, 2017, 2018[1999]), por meio da seleção dos elementos verbais e visuais, entre eles, a foice e o martelo, o punho cerrado, a cor vermelha e outros, que se caracteriza pela mobilização para luta pela igualdade social, pelos direitos da classe trabalhadora e posicionam-se, principalmente contra os responsáveis pelo golpe parlamentar, entre eles, Michel Temer e Aécio, além

de serem oposição ao MBL e à Revista *Veja*. No segundo eixo, observamos que a escolha dos elementos do texto materializa o apoio a Jair Bolsonaro, a ênfase no conservadorismo e nos valores religiosos e morais e o nacionalismo, além de registrar a construção da imagem negativa do PT, Lula e comunismo. Aqui identificamos três Páginas, Direita Vive 3.0, Jovens de Direita e Conservadorismo do Brasil, que recorreram às imagens da coroa, gavião, Bandeira Real (1822), para externar a defesa pela volta ao regime monárquico. A análise do terceiro eixo, inicialmente autodefinido como apartidário e interessado na luta contra corrupção, resultou na constatação de elementos comuns ao segundo eixo, como o forte nacionalismo, a crítica do PT, Lula e ao comunismo/socialismo, além de explicitar o apoio a Bolsonaro, a Sérgio Moro, ao capitalismo. Dessa forma, verificamos uma construção identitária das Páginas do Eixo 3, ao longo da análise das fotos (capa e perfil) e das postagens, como ligada à direita.

CONCLUSÃO

Nesse meio fluido das redes sociais, especialmente a de que tratamos nesta pesquisa, cuja mobilidade e inconstância trazem o ar da era moderna (BAUMAN, 2001), o discurso político circula com intensidade nas Páginas analisadas, revelando, por meio do uso estratégico das linguagens verbal e visual, a composição de textos multimodais, refletindo a construção identitária contínua e a polarização ideológica, que vivenciamos no contexto brasileiro, tese que buscamos defender.

Retomamos os problemas e pesquisa, por entendermos que eles direcionaram nosso trabalho e permitiram que buscássemos hipóteses e objetivos. Assim, para responder ao primeiro questionamento, que se referiu ao modo como o discurso político se manifesta nas postagens, refletindo o meio histórico, político, social, econômico e cultural, no qual os participantes dessas comunidades se encontram imersos, encontramos em Giddens (1991a), Bauman (2001), Charaudeau (2009), Lévy (2011), Castells (2017), a referência a esse meio fluido das redes sociais, especialmente, a de que tratamos neste estudo, cuja mobilidade, inconstância e dinamicidade trazem o ar da era moderna, da sociedade em rede, mergulhada na cultura da virtualidade do real. Assim, o discurso político circula com intensidade nas Páginas do *Facebook* analisadas, revelando, por meio do uso estratégico das linguagens verbal e visual, a composição de textos multimodais, refletindo a construção identitária contínua e a polarização ideológica, que vivenciamos no contexto brasileiro.

Para respondermos ao segundo questionamento, voltado à compreensão de como as identidades dessas comunidades se constroem no discurso político midiático, retomamos o Gráfico I, sobre a sociedade em rede na Era da Informação, apresentado no capítulo I, destacamos que essas comunidades virtuais representam a integração entre mobilização do individual para o coletivo, indignação, desejo de mudança social que se manifestam em um discurso político, imerso em um ambiente de participação, de interatividade e de velocidade na circulação de ideias (JENKINS, 2009; JENKINS; FORD; GREEN, 2014; CASTELLS, 2013).

Na terceira pergunta de pesquisa, procuramos saber de que forma as questões ideológicas se constituem elementos essenciais para a construção identitária dessas Páginas. Lembramos Eagleton (1997) e van Dijk (2011), quando afirmam que as

ideologias constituem a identidade do grupo, ou melhor, uma não existe sem a outra, e, também, Thompson (2011[1990]), que estabelece os modos de operação das formas simbólicas ideológicas, as quais criam ou reforçam as relações de dominação, de poder, ao analisar os textos multimodais das publicações a presença, em comum, do terceiro modo, a unificação, visto que este se manifesta na construção de uma identidade coletiva, por meio das estratégias de standardização e simbolização. Assim, o uso de elementos como: foice e martelo, estrela vermelha, punho cerrado, representando o eixo ideológico de esquerda; e bandeira do Brasil, figura do militar, família tradicional, cores verde e amarelo, representando a ideologia de direita. Eles unificam os membros da comunidade em torno de um objetivo comum.

Com base em Sader (1995), Giddens (1996), Singer (2002, 2018), van Dijk (2011), Bobbio (2011[1995]), Mészáros (2014) e Ardalán (2018), constatamos a relevância da discussão sobre as ideologias, devido à influência na interpretação dos fatos sociais, que se materializam no discurso político e o dinamizam, em uma relação de interdependência com a identidade. Por isso, também recorremos a Bobbio (2011[1995]), com o objetivo de destacar a presença da distinção entre os eixos ideológicos, da direita e da esquerda. Ele, também, considera as posições intermediárias e de centro, no entanto, a existência dessas últimas reforça a razão antagônica de existir das primeiras.

O quarto e último problema de pesquisa direcionou-nos a saber como se caracteriza o discurso político presente nas postagens do *Facebook*. Em momentos de crise, a polarização entre direita e esquerda intensifica-se e constatamos isso em todas as postagens, inclusive no eixo ideológico que não exibia, de forma explícita, seu alinhamento e, portanto, denominamos, inicialmente, de apartidários, considerando que as cinco comunidades diziam não pertencer a nenhum partido político ou ideologia. Todavia, conseguimos verificar e registrar, nos Quadros 6 e 7, a partir de suas postagens, que as escolhas dos elementos verbais e visuais os caracterizam como ligados à direita, pelo apoio ao Bolsonaro, pelo forte caráter nacionalista, pela defesa da volta à monarquia, pela rejeição à esquerda, ao PT e a Lula.

Procedemos à análise das quinze Páginas elencadas no Quadro 5, considerando as fotos de perfil e de capa, além de suas postagens, coletadas no período entre 2017 e 2018 e verificamos que os objetivos da pesquisa foram atingidos, quando apresentamos os Quadros 6 e 7, nos quais estabelecemos a identificação dos elementos verbais e visuais, as categorias da estrutura das ideologias (VAN DIJK, 2011), as estratégias que envolvem

a autoapresentação positiva e a outro-apresentação negativa (VAN DIJK, 2010) e os sistemas de composição do texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]).

Torna-se possível verificar, nos Quadros 6 e 7, a presença da interface entre os ECD e a ADM. Com base em Bauman (2001,2005), Hall (2006), De Fina (2011), Aquino e Palumbo (2016), Georgalou (2017), Castells (2017[1999], 2018 [1999]) e no Esquema 2, apresentado no capítulo IV, no qual se evidencia uma interconexão presente nas redes sociais, em especial, no *Facebook*. Dessa forma, constatamos, com a análise, que identidade, ideologia, discurso político e texto multimodal interagem em uma relação dinâmica e inconstante, característica da modernidade líquida (BAUMAN, 2001). Os quatro conceitos apresentam-se conectados, em via de mão dupla, e amparados em uma concepção construcionista da identidade, que se modifica continuamente a partir das experiências, crenças, opiniões, compartilhadas em uma sociedade dinâmica, fluida.

Ao analisarmos as postagens dos três eixos ideológicos, confirmamos a primeira hipótese que trata da construção da identidade das comunidades no *Facebook*, de forma processual, a partir das postagens, embora haja uma definição no momento do cadastro inicial. Entendemos que a dimensão contextual da situação política materializada no discurso sob a forma de texto multimodal permite a construção identitária contínua, aliada às questões ideológicas de maneira dinâmica.

Determinamos como segunda hipótese que algumas marcas ideológicas podem estar omitidas no momento da definição inicial, porém revelam-se, ao longo da interação, devido à intencionalidade dos sujeitos/administradores. Confirmamos a revelação das marcas ideológicas, quando analisamos as cinco Páginas do terceiro eixo, que se classificavam, inicialmente, como isentas de vinculação político partidária ou de alinhamento ideológico. No entanto, nas fotos de perfil e de capa de cada uma, houve a explicitação de um alinhamento em torno de uma identidade nacionalista, visto que todas apresentavam as cores verde e amarelo, como representação desse sentimento de amor à pátria. As postagens completaram essa construção identitária, que se reforçou pelas escolhas dos elementos verbais e visuais, enfatizando a presença de um caráter fortemente nacionalista e uma ligação com o conservadorismo, além da rejeição à esquerda e ao comunismo, características de um alinhamento ideológico que se encontra à direita.

Entendemos que o período do Golpe Parlamentar e das eleições de 2018 foi o cenário propício para incentivar a construção de uma identidade nacionalista no Brasil,

um país que está vivenciando uma crise sócio-político-econômica com riscos para a Democracia. Essa identidade nacionalista está pautada na defesa dos valores morais e cristãos, ou melhor, baseiam-se em e falam em nome de Deus, da família, dos costumes tradicionais, da etnia, oportunizando o aparecimento dos “políticos heróis”, que se propõem a salvar o país da crise.

A terceira hipótese trata da presença de traços ideológicos na relação discursiva verbo-visual, que aparenta ser o elemento essencial para a construção identitária das comunidades. Confirmamos ser verdadeira, quando apresentamos os estudos de Kress e van Leeuwen (2006[1996]) sobre a GDV e a composição da imagem no texto multimodal. Dessa forma, revela-se o papel relevante das escolhas semióticas, que resulta em uma variedade representacional e de produção textual multimodal, característica da dinamicidade do meio digital.

Nesse sentido, compreendemos que a seleção dos recursos na composição da mensagem tem como ponto de partida a questão identitária, atrelada ao viés ideológico, no caso do texto multimodal de cunho político. Essas relações entre os elementos conhecidos e novos, entre ideais e reais, encontram-se pautadas nas identidades desses indivíduos, que, por sua vez, constituem-se a partir das crenças, ideologias, experiências, atitudes, etc. e consubstanciam-se no discurso político, por meio do texto multimodal.

Com base em Aquino (1997), Pinto (2006), Charaudeau (2011, 2016), Amossy (2017), compreendemos que essas forças ideológicas encontram-se em constante conflito e materializam-se no discurso das Páginas que apresentam as discussões políticas no *Facebook*, o qual se transforma em uma arena, propiciando o debate e a mobilização das identidades individuais e coletivas.

A hipótese de que a composição da significação semiótica, possivelmente, está presente de modo mais intenso nas redes sociais, principalmente no *Facebook* para expressão das ideologias políticas, pôde ser confirmada, quando realizamos a identificação dos elementos visuais e verbais, nos Quadros 6 e 7, que construíram o alinhamento ideológico das Páginas analisadas e ao discutirmos sobre GDV, que alicerça a ADM. Entendemos que o texto multimodal se constitui da inter-relação de quatro domínios, discurso, *design*, produção e distribuição, revelando aspectos ideológicos e identitários, produzindo significados, a partir da combinação das linguagens verbal e

visual, e contribuindo na transformação das identidades individuais e coletivas (KRESS, 2001, 2003, 2010; KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, 2006[1996]).

A última hipótese, referente à possibilidade de a inter-relação identidade, ideologia e discurso político ocorrer nas postagens, via composição dos elementos visuais e verbais, pôde ser constatada, quando discutimos, com base em Jenkins (2009), Castells (2003, 2017), o *Facebook*, como uma rede social que representa a síntese da cultura de convergência, onde os atores sociais, organizados em comunidades, externam seu alinhamento ideológico, construindo uma interação digital polarizada, que se alimenta continuamente de conflitos. Entendemos que o discurso político que se manifesta nessa plataforma constitui-se de convergências e divergências, caracterizando-se como a ágora moderna, que permite uma movimentação intensa, dinâmica em torno das questões concernentes ao contexto político brasileiro.

Reconhecemos o importante avanço teórico apresentado pelos autores Jones, Chik e Hafner (2014), ao identificar os elementos da AD nas práticas digitais: texto; contexto; ações e interações; poder e ideologia. Com base no suporte teórico que desenvolvemos nesta pesquisa, sugerimos, com base nas discussões teóricas e no Esquema 2 (Cap. IV), a inserção de mais um item, a identidade, o que entendemos ser um avanço teórico para o estudo do discurso político inserido no ambiente midiático.

O conjunto desses elementos permitiu-nos verificar a existência da inter-relação entre ideologia, identidade, discurso político e texto multimodal, que revela a dinamicidade, a reflexividade e a interatividade, característicos da modernidade. Eles encontram-se presentes na composição do texto multimodal e adquirem um grau de complexidade crescente, que possibilita ampliar a categorização e revelar a intencionalidade e a interpretação dos interlocutores. Destacamos que, imersos nessa arena de discussões políticas, eles intensificam as características de: a) multimodalidade, que se fundamenta na composição de elementos visuais e verbais. Esses, por operarem juntos, formam uma unidade de significação, o texto multimodal (KRESS, 2003, 2010; BATEMAN, 2014); b) reflexividade, que possibilita o autoconfronto da identidade, típico da contemporaneidade, e a sua (re)construção, a fim de mudar a realidade ao redor (GIDDENS, 1991b; FAIRCLOUGH; MULDERRIG; WODAK, 2011; BARTON; LEE, 2015; GONÇALVES SEGUNDO, 2011).

O uso desses recursos concretiza a existência da polarização do discurso com base nas questões ideológicas e, além disso, registra a possibilidade de combinação de diferentes modos semióticos, que revelam a intencionalidade discursiva dos atores sociais envolvidos. Não se pode só limitar a análise às questões discursivas, mas também deve ser levado em conta o contexto político-social no qual as comunidades se encontram inseridas.

Essa interação entre os mundos real e virtual, por meio da utilização de diferentes modos semióticos, permite-nos confirmar a tese de que a materialização da ligação entre ideologia, identidade e discurso político na composição do texto multimodal se apresenta nas postagens das Páginas com teor político, na arena digital, chamada *Facebook*. Nesse sentido, entendemos que a pesquisa aqui realizada constitua parte de um processo de investigação que possibilite uma compreensão da dinamicidade e da complexidade do discurso político no meio midiático.

REFERÊNCIAS

A Criação de Adão de Michelangelo. **Cultura Genial**. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/a-criacao-de-adao-michelangelo/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

A Luta. Disponível em: <<https://www.facebook.com/alutaonline>>. Acesso em 06 abril 2018.

Aécio vira réu por corrupção e tentativa de obstrução da justiça. **Gaúcha ZH**. Política. 05 julho 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/07/aecio-neves-vira-reu-por-corrupcao-e-tentativa-de-obstrucao-de-justica-cjxqfjh60009001s6f5hfvvmwc.html>>. Acesso em 23 dez. 2019.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. São Paulo: Presença/Martins Fontes, 1980.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Tradução Rosalice Botelho, Wakim S. Pinto, et al. São Paulo: Contexto, 2017.

Antítese. **Significados**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/antitese/>>. Acesso em 30 nov. 2019.

Apuração 1º turno. Eleições 2018. **Estadão Política**. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2018/cobertura-votacao-apuracao/primeiro-turno>>. Acesso em 22 dez. 2019.

AQUINO, Z. G. O. **Conversação e conflito**: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas. 1997. 367 f. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____; PALUMBO, R. A construção de identidade e a busca de legitimidade no discurso político presidencial. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 11, n. 15, p. 75-88, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/65803/37910>>. Acesso em 08 out. 2018.

ARAÚJO, G. Tatuador é preso por tortura após escrever “Eu sou ladrão e vacilão” em testa de adolescente no ABC. **G1**. São Paulo. 10. jun. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/tatuador-e-preso-por-tortura-apos-escrever-eu-sou-ladrao-e-vacilao-na-testa-de-adolescente-no-abc.ghtml>>. Acesso em 20 dez. 2019.

ARDALAN, K. Ideology: a multi-paradigmatic approach. **Journal of Interdisciplinary Economics**. March 22, 2018. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0260107917736408>>. Acesso em maio 10, 2018.

ARON, R. **O ópio dos intelectuais**. Tradução Jorge Bastos. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

ARSENAULT, A.; CASTELLS, M. The structure and dynamics of global multi-media business networks. **International Journal of Communication**, n. 2, 2008, pp. 707-748. Disponível em: <<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.455.7655&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em 14 set. 2018.

ASSIS, T. WEB 3.0: internet viva e inteligente. **TI Especialistas**: desenvolvendo ideais, 01 mar 2013. Disponível em: <<https://www.tiespecialistas.com.br/web-3-0-internet-viva-e-inteligente-mas-ja/>>. Acesso em 04 set. 2018.

Bandeiras Históricas do Brasil (1500 a 1889). **Casa Imperial do Brasil**. Disponível em: <<https://www.monarquia.org.br/bandeirashistoricas.html>>. Acesso em 20 nov. 2019.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Tradução Milton C. Mota. São Paulo: Parábola, 2015.

BATEMAN, J. A. **Text and image**: a critical introduction to the visual/verbal divide. New York: Routledge, 2014.

BATISTA, P. Por que o Lula foi preso na ditadura militar? **Terra**. Educação. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/por-que-lula-foi-preso-na-ditadura-militar/>>. Acesso em 23 dez. 2019.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BECKER, F. #EleNã: após tomar as redes sociais, movimento liderado por mulheres testa a força das ruas. **El País**. 30 set. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537989018_413729.html>. Acesso em 21 dez. 2019.

BETIM, F. Aliados de Marielle mantêm cautela sobre acusação contra vereador: “Pode ser cortina de fumaça”. **El País**: Brasil, 18 mai. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/15/politica/1526419633_470098.html>. Acesso em 09 out. 2018.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. Tradução Marco Aurélio Nogueira. 3.ed. São Paulo: Unesp, 2011[1995].

Bolsominion. **Dicionário Informal**. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/bolsominion/>>. Acesso em 30 nov. 2019.

BOUDON, R. **A Ideologia**. Tradução Emir Sader. São Paulo: Ática, 1989.

BOYD, D. **Faceted ID/entity**: managing representation in a digital world. Thesis. Program in Media Arts and Science. Massachusetts: Institute of Technology, 2002.

BRASIL, F. M. Veja não terá que indenizar Lula por capa de “presidiário”. **Veja**. 02 mar 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/veja-nao-tera-de-indenizar-lula-por-capa-de-8220-presidiario-8221/>>. Acesso em 30 nov. 2019.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Burguesia Fede. Disponível em: <<https://www.facebook.com/aburguesiafede>>. Acesso em 31 out. 2018.

CAPELAS, B.; INGIZZA, C. Facebook põe grupos no centro da rede. **Link**, 06 ago. 2017. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-poe-grupos-no-centro-da-rede,70001925616>>. Acesso em 18 set. 2018.

Carlos Marighella. **Memórias da Ditadura**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/carlos-marighella/>>. Acesso em 23 dez. 2019.

CARMO, J. S. Construtivismo social: significado, uso e aceitação. In: **Cognitio-Estudos**. v. 9, n. 2, jul.-dez., 2012. pp. 119-229. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/cognitio/article/view/9073/9583>>. Acesso em 01 jul. 2019.

CARVALHO, N.; KRAMER, R. A linguagem no Facebook. In: SHEPHERD, T.; SALIÉS, T. (orgs.) **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 77-92.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. 18. ed. v. 1. Tradução Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2017[1999]. (A era da informática: economia, sociedade e cultura; v.1)

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. **O poder da identidade**: a era da informação. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 9. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018 [1999]. (A era da informática: economia, sociedade e cultura; v.2)

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução Angela S. M. Correa. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Discurso Político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução Angela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2016.

_____; MAINGUENEAU, Dominique (Orgs). **Dicionário de Análise do discurso**. Tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARLEAUX, J. P. O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013. E no que elas deram. **Nexo**, 17 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>>. Acesso em: 20 set. 2018.

CHAUÍ, M. A ética da política. In: CHAUÍ, M.; BOFF, L.; STEDILE, J.; et.al. **Leituras da crise: diálogos sobre o PT, a democracia brasileira e o socialismo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. pp. 17- 83.

_____. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012 [1980]. (Coleção Primeiros Passos).

CHAVES, H. L. **Globalização, ideologia e discurso: uma análise sobre a dimensão ideológica do processo de globalização**. Recife: Universitária da UFPE, 2009.

CHILTON, P. **Analysing political discourse: theory and practice**. London: Routledge/Taylor & Francis, 2004. (e-book) Disponível em: <<http://voidnetwork.gr/wp-content/uploads/2016/10/Analysing-political-discourse-Theory-and-Practice-by-Paul-Chilton.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2018.

CIRIACO, D. Mais de 4 bilhões de pessoas usam a internet ao redor do mundo. **Tecmundo**, 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/126654-4-bilhoes-pessoas-usam-internet-no-mundo.htm>>. Acesso em 04 set. 2018.

Conservadorismo do Brasil. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ConservadorismoDoBrasil3.0/>>. Acesso em 20 nov. 2019.

Contra o Golpe Fascista 3. Disponível em: <<https://www.facebook.com/contrafascista>>. Acesso em 06 abril 2018.

CRYSTAL, D. **Language and the Internet**. 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____. The changing nature of text: a linguistic perspective. In: VAN PEURSEN, W.; THOUTENHOOFD, E. D.; VAN DER WEEL, A. (eds.) **Text Comparison and Digital Creativity**. Leiden: Brill, 2010. pp. 229-251. Disponível em: <<https://www.davidcrystal.com/?fileid=-4122>>. Acesso em 26 jun. 2016.

CODATO, A.; BOLOGNESI, B.; ROEDER, K. M. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (org.). **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. pp. 115-143. Disponível em: <<https://www.academia.edu>> Acesso em 26 jun. 2018.

CUSTÓDIO, M. **Hashtag**: o que significa e como usar a “cerquinha” de forma adequada?. Blog de Marketing Digital de Resultados. 8 ago. 2018. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/o-que-e-hashtag/>>. Acesso em 22 dez. 2019.

DE FINA, A. Group identity, narrative and self-representations. In: DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. (eds.). **Discourse and identity**. Studies in Interactional Sociolinguistics. Vol.23. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. (e-book).

_____. Discourse Identity. In: VAN DIJK, T. (ed.) **Discourse Studies**: a multidisciplinary introduction. 2nd ed. London: Sage Publications Ltda, 2011. p. 7515-8060. (e-book).

Direita Conservadora. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/DireitaConservadora/about/?ref=page_internal>. Acesso em 19 nov. 2019.

Direita Vive 3.0. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/adireitavive1.0/about/?ref=page_internal>. Acesso em 19 nov. 2019.

Ditadura Militar no Brasil. Politize. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

EAGLETON, T. **Ideologia**: uma introdução. Tradução Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: UNESP/Boitempo, 1997.

Ele está de volta. Disponível em: <<https://www.filmnow.com.br/filmes/ele-esta-de-volta/>>. Acesso em 30 nov. 2019.

Eleições 2018: confira as datas do calendário eleitoral. **G1**. 26 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/eleicoes-2018-datas.ghtml>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Esquerda Revolucionária. Disponível em: <<https://www.facebook.com/EsquerdaRevolucionaria/>>. Acesso em 06 abril 2018.

Eu era Direita e não sabia. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/eueradireitaenaosabia/about/?ref=page_internal>. Acesso em 19 nov. 2019.

Facebook. Listagem completa das categorias e subcategorias. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/category/>>. Acesso em 28 dez. 2019.

Facebook completa 10 anos: veja a evolução da rede social. **G1**, 04 fev. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>>. Acesso em 24 jul 2017.

Facebook anuncia ferramentas para gerenciar comunidades e muda missão da rede social. **G1**, 22 jun. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-anuncia-ferramentas-para-monitorar-comunidades-na-rede-social.ghtml>> Acesso em 18 set. 2018.

FAIRCLOUGH, N.; MULDERRIG, J.; WODAK, R. Critical Discourse Analysis. In: VAN DIJK, T. (ed.) **Discourse Studies: a multidisciplinary introduction**. 2nd ed. London: Sage Publications Ltda, 2011. pp. 357- 378. (*e-book*)

FERRARI, P. (Org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, C. D. Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil. **Canaltech**, 19 jul. 2018. Disponível em: < <https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil-118358/>> Acesso em 04 set. 2018.

Fiesp volta a expor pato amarelo em protesto contra aumento de impostos. **Economia**. 21 jul. 2017. Disponível em: < https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/07/21/internas_economia,885596/fiesp-volta-expor-o-pato-amarelo-em-protesto-contr-o-aumento-de-impos.shtml>. Acesso em 21 dez. 2019.

FRANZIN, A.; JADE, L. **Reforma trabalhista: veja ponto a ponto como ficou a lei aprovada pelo congresso**. Brasília: Agência Brasil. Política. 12 jul. 2017. Disponível em: < <http://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2017-07/reforma-trabalhista-veja-principais-mudancas-enviadas-sancao-presidencial>>. Acesso em 30 nov. 2019.

Fred Jones. **Fandom**. Disponível em: <https://scooby.fandom.com/pt-br/wiki/Fred_Jones>. Acesso em 22 dez. 2019.

FUKS, R. **Os 10 ditadores que marcaram a história**. ebiografia. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/ditadores/>>. Acesso em 29 dez. 2019.

G1. 18 maio 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/quinta-feira-18-de-maio-de-2017.ghtml>>. Acesso em 30 nov. 2019.

Gavião. **Dicionário de símbolos**. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/gaviao/>>. Acesso em 20 nov. 2019.

GEORGALOU, M. **Discourse and Identity on Facebook: how we use language and multimodal texts to present identity online**. London: Bloomsbury, 2017. (Bloomsbury Discourse Series). (e-book).

GIDDENS, A. **Modernity and self-identity**. Stanford: Stanford University Press, 1991a.

_____. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991b.

_____. **Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical**. Tradução Alvaro Hattner. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

_____. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. **Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana**. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Greve geral. **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/14/politica/1489527515_791102.html>. Acesso em 30 nov. 2018.

GRISWOLD, W. **Cultures and societies in a changing world**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2004. (Sociology for a New Century) pp. 107-127; 153-173.

Grupos do Facebook. Disponível em: <<http://www.comofazerfacebook.com.br/grupos-do-facebook/>>. Acesso em 20 abril 2018.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T.(org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102p.

HOBSBAWM, E. **Identity Politics and the left.** Institute of Education, London, 2 May, 1996 (Lecture). Disponível em: <<https://banmarchive.org.uk/articles/1996%20annual%20lecture.htm>>. Acesso em 11 out. 2018.

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** Tradução Susana L. de Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da conexão:** criando valor e significado por meio da mídia propagável. Tradução Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

JEWITT, C.; BEZEMER, J.; O'HALLORAN, K. **Introducing Multimodality.** London: Routledge, 2016.

John Galbraith. **Biografia.** Disponível em: <https://www.pensador.com/autor/john_galbraith/biografia/>. Acesso em 21 dez. 2019.

JONES, R.; HAFNER, C. **Understanding digital literacies:** a practical introduction. New York: Routledge, 2012.

_____; CHIK, A.; HAFNER, C (ed.). **Discourse and digital practices:** doing discourse analysis in the digital age. London: Routledge, 2015. pp. 1-17.

Jovens de Direita. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/jovensdedireita/about/?ref=page_internal>. Acesso em 19 nov. 2019.

Juventude contra Corrupção. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ContraCorrupcao/>>. Acesso em 06 abril 2018.

Karl Marx. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/karl-marx/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

KRESS, G. Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication: the potentials of new forms of text. In: SNYDER, I. (ed.). **Page to screen: taking literacy into the electronic era.** London: Routledge, 1998. pp. 53- 79.

_____; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication.** London: Hodder Education, 2001.

_____. **Literacy in the New Media Age.** London: Routledge, 2003.

_____; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design.** 2nd ed. London: Routledge; Taylor & Francis Group, 2006 [1996].

_____. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication.** New York: Routledge, 2010.

KURTZ, J. Entenda a diferença entre páginas e grupos do Facebook. **Techtudo**, 11 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/06/entenda-diferenca-entre-paginas-e-grupos-do-facebook.html>> . Acesso em 18 set. 2018.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011 [1996].

Lilás. **Psicologia das cores design.** Disponível em: <<https://www.chiefdesign.com.br/psicologia-das-cores/>>. Acesso em 23 dez. 2019.

LIMA, F. de. **Conheça todas as armaduras do homem de ferro.** Legião dos heróis. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/conheca-todas-as-armaduras-do-homem-de-ferro-no-cinema.html>>. Acesso em 20 dez. 2019.

LIMA, J. Qual o significado do gesto de levantar o braço com o punho cerrado. **Nexo**. 24 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/24/Qual->

o-significado-do-gesto-de-levantar-o-bra%C3%A7o-com-o-punho-fechado>. Acesso em 15 nov. 2019.

Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro. **G1**. SP. 07 abril 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>>. Acesso em 23 dez. 2019.

Manifestação Av. Paulista 2017. Fotos. Disponível em:<<https://www.facebook.com/1769813683316322/photos/a.1769814363316254/1769814303316260/?type=1&theater>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MARCONDES, D. **Os melhores memes e comentários da tag ‘Somos Todos Bolsonaro’ no Twitter.** 31 jan. 2017. Disponível em: <<https://br.blastingnews.com/politica/2017/01/os-melhores-memes-e-comentarios-da-tag-somos-todos-bolsonaro-no-twitter-001436615.html>>. Acesso em 22 dez. 2019.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATSUKI, E. Facebook se torna a rede social mais acessada no Brasil. **Portal EBC.** In: <http://www.ebc.com.br/noticias/retrospectiva-2012/2012/12/retrospectiva-2012-facebook-se-torna-a-rede-social-mais-acessada>> Acesso em 24 jul 2017.

MATTHIESSEN, C. The multimodal page: a systemic functional exploration. In: ROYCE, T.; BOWCHER, W. (eds.). **New directions in the Analysis of Multimodal Discourse.** London: Routledge; Taylor & Francis Group, 2007. p. Disponível em:<https://www.facebook.com/pg/mblivre/about/?ref=page_internal>. Acesso em 20 nov. 2019.

MBL. Disponível em:<https://www.facebook.com/pg/mblivre/about/?ref=page_internal>. Acesso em 20 nov. 2019.

MÉSZÁROS, I. **O Poder da Ideologia.** Tradução Magda Lopes e Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014. 566p.

MIGUEL, L. F. **Mito e discurso político:** uma análise a partir da campanha eleitoral brasileira de 1994. Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Pesquisas). 232 p.

MIRANDA, O. de. Processos de comunicação e identidades coletivas (ou: sabem com quem estão falando?). In: LUCENA, C. T.; GUSMÃO, N. M. (orgs.). **Discutindo identidades**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006. pp. 29- 43.

MOURA, M. Nicolás Maduro: um ditador para chamar de seu. **Época**. 04 ago. 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/08/nicolas-maduro-um-ditador-para-chamar-de-seu.html>>. Acesso em 30 dez. 2019.

NAUGHTON, J. **A brief history of the future: the origins of the internet**. London: Phoenix, 2001.

NEGRISOLI, L. Nova direita avança no Brasil e vai disputar eleições de 2018. **Estado de Minas**. Política. 19 mar 2018. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/03/19/>> Acesso em 25 jun. 2018.

NORRIS, S. Multimodal Discourse Analysis: a conceptual framework. In: LE VINE, P.; SCOLLON, R. (ed.). **Discourse and technology: Multimodal Discourse Analysis**. Washington: Georgetown University Press, 2004. pp. 101- 115.

O significado das cores da Bandeira do Brasil e de outros 32 países. **Super Interessante**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/os-significados-originais-das-cores-da-bandeira-do-brasil/>>. Acesso em 20 nov. 2019.

Operação Lava Jato. Disponível em:< <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-lava-jato/entenda-o-caso>>. Acesso em 15 nov. 2019.

PALMA, G. Após recurso do MP, Justiça mantém suspenso processo sobre Rocha Loures no caso da mala. **G1**. Política. 24 outubro 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/24/apos-recurso-do-mp-justica-mantem-suspenso-processo-contr-rocha-loures-no-caso-da-mala.ghtml>>. Acesso em 23 dez. 2019.

PALUMBO, R. **Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial**. 2013. 272 f. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

PAVLOSKI, E. Identidades instáveis: os fragmentos do sujeito moderno. In: SALEH, P.; HARMUCH, R. (org.). **Identidade e subjetividade: configurações contemporâneas**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. pp. 13-31.

PAZ, R. O amor vencerá o ódio. **Opinião**. 27 out. 2018. Disponível em: <<https://pagina2.com.br/opiniao-o-amor-vencera-o-odio/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

PDS: Partido Democrático Social. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/>> Acesso em 26 jun. 2018.

Personagens da *DC Comics*. **Observatório do Cinema**. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/listas/2019/06/10-personagens-da-dc-que-sabem-a-identidade-secreta-de-batman>>. Acesso em 30 nov. 2019.

PIERUCCI, A. F. As bases da nova direita. In: **Novos Estudos CEBRAP**. n. 19. Dezembro, 1987. pp. 26-45.

PINTO, C. R. Elementos para uma análise do discurso político. **Barbarói**. n. 24. Ano 2006. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821/605>>. Acesso em 04 nov. 2017.

Por que a internet está cheia de “robôs de Bolsonaro”? **Exame**. 23 abr. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-ganha-legiao-de-robos-apoiadores-na-internet/>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Quid novum. **My memory**. Disponível em: <<https://mymemory.translated.net/>>. Acesso em 22 jun. 2018

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003. (Linguagem 4)

REIS FILHO, D.A. As esquerdas no Brasil: culturas políticas e tradições. In: FORTES, A. (org.). **História e perspectivas da esquerda**. São Paulo/Chapecó: Fundação Perseu Abramo/Argos, 2005. pp 173-181.

ROEDER, K. M. **Existe uma nova direita no Brasil?** Uma proposta de classificação e análise do seu perfil social. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Ciência Política, 2016. (Anais)

SADER, E. **O anjo torto**: esquerda e (direita) no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. As tensões internas do PT e os avanços da política externa. In: BENJAMIN, C.; GENTILI, R.; SADER, E.; SOARES, L. (org.). **Governo Lula: decifrando o enigma**. São Paulo: Viramundo, 2004. pp. 67- 73.

_____. A primeira crise do governo Lula. In: BENJAMIN, C.; GENTILI, R.; SADER, E.; SOARES, L. (org.). **Governo Lula: decifrando o enigma**. São Paulo: Viramundo, 2004. pp. 97- 102.

SAINT-GEORGES, I. de. Materiality in discourse: the influence of space and layout in making meaning. In: LE VINE, P.; SCOLLON, R. (ed.). **Discourse and technology: Multimodal Discourse Analysis**. Washington: Georgetown University Press, 2004. pp. 71- 87.

SHEPHERD, T.; SALIÉS, T. O princípio: entrevista com David Crystal. In: SHEPHERD, T.; SALIÉS, T. (orgs.) **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 17-35.

Significado de lobo em pele de cordeiro. **Significados**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/lobo-em-pele-de-cordeiro/>>. Acesso em 30 dez. 2019.

Símbolo Comunista. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolo-comunista/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

Símbolos Nacionais. Disponível em: <<https://www.sohistoria.com.br/ef2/simbolosnacionais/>>. Acesso em 20 nov. 2019.

Símbolo tóxico. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolo-toxico/>>. Acesso em 23 dez. 2019.

SINGER, A. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994**. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. **O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 392p.

SPERB, P. Notícias sobre Lula aumentam 241% no mês do julgamento do TRF4. **Veja**. 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/noticias-sobre-lula-aumentam-241-no-mes-do-julgamento-do-trf4/>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Tenho vergonha da corrupção. Disponível em: <<https://www.facebook.com/TenhoVergonha/>>. Acesso em 19 dez. 2019.

Tiranossauro Rex. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/dinossauros/tiranossauro-rex/>>. Acesso em 21 dez. 2019.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução Carmen Grisci, Jefferson Bernardes, et al. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1990].

Todos contra corrupção. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/tcc.todoscontracorrupcao/about/?ref=page_internal>. Acesso em 21 nov. 2019.

TRANSPETRO. Disponível em: <<http://transpetro.com.br/transpetro-institucional/>>. Acesso em 15 nov. 2019.

VAIANO, Bruno. As origens de Palpatine e seu retorno a Star Wars. **Revista Superinteressante.** 3 maio 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/as-origens-do-imperador-palpatine-e-seu-retorno-a-star-wars/>>. Acesso em 30 nov. 2019.

VAN DIJK, T. **Society and Discourse:** how social contexts influence text and talk. New York: Cambridge University Press, 2009. (e-book).

_____. **Discurso e Poder.** 2. ed. Tradução Judith Hoffnagel; Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Discourse and Ideology. In: _____ (ed.) **Discourse Studies:** a multidisciplinary introduction. 2nd ed. London: Sage Publications Ltda, 2011. pp. 378 - 407. (e-book).

VAN LEEUWEN, T. Semiotics and iconograph. In: VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. (ed.). **Handbook of visual analysis.** London: Sage, 2001. pp. 92- 118.

_____. Ten reasons why linguists should pay attention to visual communication. In: LE VINE, P.; SCOLLON, R. (ed.). **Discourse and technology:** Multimodal Discourse Analysis. Washington: Georgetown University Press, 2004. pp. 7- 19.

VASCONCELOS, Y. Como o camaleão consegue mudar de cor? 18 abr 2011. Mundo Estranho. **Super Interessante**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-o-camaleao-consegue-mudar-de-cor/>>. Acesso em 21 dez. 2019.

Veja. Capa. ed. 2.450. 4 nov. 2015. Disponível em: <<https://abrilveja.files.wordpress.com/2016/11/veja-capa.jpg?quality=70&strip=info>>. Acesso em 30 nov. 2019.

Veja. ed. 2531. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2531/>>. Acesso em 29 nov. 2019.

Veja. Dezembro, 1995. Disponível em: <<https://butecodoedu.files.wordpress.com/2010/09/1985-121.jpg>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Veja. Julho, 2018. Disponível em: <<https://www.gospelgeral.com.br/2018/07/video-capada-veja-desta-semana-traz-bolsonaro-com-lider-absoluto-na-corrida-presidencial/>>. Acesso em 22 dez. 2019.

Verdade sem Manipulação. Disponível em: <<https://www.facebook.com/VerdadeSemManipulacao>>. Acesso em 06 abril 2018.

William Balfour Ker. Disponível em: <<http://www.classicsandclass.info/product/45/>>. Acesso em 14 nov. 2019.

XAVIER, A. C. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Universitária da UFPE, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A

PÁGINAS POLÍTICAS NO FACEBOOK - 2018				
	Nome do grupo	Data de criação	Número de curtidas na página	Número de seguidores
Eixo 1: Esquerda				
Tipo: Organização Política				
1	Frente Progressista	22/01/2018	115.178	116.288
2	Frente Nacional Patriótica @patriaindependente (pg não possui metáforas, só notícias)	06/04/2016	95.963	95.352
3	Periferia Antifascista @periferiaantifascista (pg não possui metáforas, só notícias)	07/04/2016	90.545	94.049
4	Todos Com Ciro @todoscomcirogomes (Organização política) (pg não possui metáforas, só notícias)	16/07/2017	19.321	20.771
5	Brigadas populares @brigadas.populares (pg não possui metáforas, só notícias)	27/01/2014	17.963	17.927
6	Contra o Golpe Fascista 3 @contraogolpe3	15/11/2017	15.335	15.741
7	Minas Sem Censura MSC @minassemcensuraoficial	20/03/2014	14.845	14.524
8	Federação Anarquista do Rio de Janeiro @anarquismorj	27/08/2013	14.127	14.077
9	Vã Guarda- Perigosos Memes Radicais de Esquerda @vpmre (NÃO TRATA MUITO DA POLÍTICA BRASILEIRA)	26/04/2015	12.793	12.799
10	Coordenação Anarquista Brasileira – CAB @cabespecificista	16/07/2014	10.469	10.524
11	Organização Anarquista SocialismoLibertário-OASL @anarquismosp	10/06/2014	6.024	6.043
12	Frente Esquerda @SigaFrenteEsquerda	25/08/2015	5.794	5.778
13	Federação Anarquista dos Palmares - FARPA @FARPalmares	10/06/2014	5.009	5.013
14	Coletivo Mineiro Popular Anarquista - COMPA @compacab	16/04/2014	4.372	4.375
15	Black Bloc SP Zona oeste	28/07/2013	4.193	4.103
16	Transição Socialista @TransicaoSocialista	05/04/2012	3.352	3.403
17	Federação Anarquista Cabana- FACA	08/10/2014	2.609	2.614
18	Esquerda Unida do Brasil @esquerdaunidabrasil	23/12/2014	2.527	2.537
19	AJA-Ação Joseense Anarquista @ajaajc	06/01/2017	2.419	2.509
20	Resistência Popular Sindical	02/06/2014	2.379	2.392

	@rpsindical			
21	Fórum Anarquista Especifista – FAE @faebahia	28/05/2014	2.280	2.290
22	Rusga Libertária @RusgaLibertariaRL	23/03/2013	2.219	2.223
23	Unidade Vermelha- ORNL @UnidadeVermelhaORNL	21/07/2014	2.162	2.155
24	Black Block	03/02/2011	2.070	2.071
25	MRS-Movimento Revolucionário Socialista @MovimentoRevolucionarioSocialista	10/07/2011	2.039	2.007
26	Servidores Comunistas @servidoresclassistas	26/04/2014	1.961	1.953
27	Movimentos Sem Liderança Que Agitam e Atrapalham A Vida de São Paulo @movimentosemlideranca	17/08/2014	1.731	1.722
28	Comitê de Cultura pelo Poder Popular @ccpoderpopular	17/09/2014	1.447	1.438
29	Partido Nacional-Bolchevique do Brasil @PNBdoB	19/01/2016	1.286	1.299
30	Juventude do PT da Mogiana @juventudedamacromogiana	02/07/2015	1.284	1.288
31	Coletivo Anarquista Ademir Fernando- CAAF @colanarquista	05/09/2013	1.088	1.080
32	Bloco Autônomo @blocoautonomosp	04/05/2017	885	904
33	Unidade Vermelha- SP Ribeirão preto @UnidadeVermelhaRibeirao	26/10/2013	745	746
34	Força Autônoma Estudantil – FAE	06/06/2017	666	677
Tipo: Causa				
1	Deboas na Revolução @deboasnarevo	20/05/2015	1.243.213	1.239.011
2	Feminismo sem Demagogia- Original @feminismo sem demagogia marxista original	18/01/2014	1.081.401	1.066.375
3	Verdade sem Manipulação @VerdadeSemManipulação	30/03/2013	872.000	881.000
4	Meu Professor de Historia @MPHistoria	07/09/2013	706.858	704.904
5	Burguesia Fede @aburguesiafede	23/06/2016	638.000	653.000
6	Falando Verdades @FalandoVerdades.com.br	06/10/2013	373.724	394.509
7	Levante Popular da Juventude	07/06/2011	355.271	354.876
8	Soldadinho de chumbo	20/04/2013	154.040	152.104
9	Sou esquerda e dai? @aqueiesquerda	13/01/2017	118.242	130.164
10	Dia do Basta @diadobasta	12/02/2011	110.950	108.219
11	Exército Vermelho @exercitovermelho	28/01/2014	68.045	68.261
12	Jornal O Bardenista – A Missão	14/07/2014	54.924	54.533
13	PIG- Partido da imprensa golpista	08/05/2014	70.091	69.675

	@PigBrasil			
14	Po Serra @poserra	01/11/2013	46.682	45.987
15	Plataforma Antifascista @AntifascistaBrasil	29/06/2017	34.672	34.270
16	Militância de esquerda @DeEsquerda	29/03/2013	25.334	25.057
17	Rede Revolucionária @RedeRevolucionária	20/11/2013	22.989	22.645
18	Poder Popular-por um Brasil socialista @MauroLuisIasi	02/12/2013	15.538	15.397
19	Poder Para o Povo @poderparaopovo	05/08/2016	13.087	13.059
20	Black Bloc SP	05/11/2013	5.294	5.243
21	Red Bloc Brasil @RedBlocBrasil	12/07/2013	1.026	1.019
22	Ocupação do Ruy Rodriguez @ocupatudoruy	24/10/2016	499	498
23	Ciro Arretado @ciroarretado1 (Comunidade)	01/02/2018	184	191
Tipo: Comunidade				
1	Poder ao Povo @opoderaopovo	18/02/2015	444.287	445.546
2	Anarquismo-Liberdade @Anarquismo.Liberdade	01/10/2012	389.886	387.495
3	Bandeira Negra @bandeiranegranarquismo	13/03/2016	334.466	341.899
4	Política no Face II @politicanoface2	25/02/2014	246.197	242.494
5	Hipocrisia: a rainha absoluta	26/05/2014	194.447	192.345
6	Cédula Anarquista @cedulaanarquista	17/03/2015	157.278	156.589
7	Frente Brasil Popular @FrenteBrasilPopular	31/08/2015	156.156	157.269
8	Esquerda Progressista @esquerdaarretada	21/08/2015	150.151	151.131
9	Jair Bolsoneca @jairbolsoneca	18/12/2014	144.249	144.836
10	PSDB Nunca Mais @psdbnuncamais 13	10/10/2014	117.078	116.865
11	Advogados Ativistas @AdvogadosAtivistas	09/07/2013	114.371	112.412
12	Pedala Direita @Pedala Direita	19/10/2013	109.257	107.312
13	Minas com Lula 2018 @minascontraaocio	30/04/2014	106.047	104.915
14	Pato Arrependido @patoarrependido	14/07/2016	97.039	97.917
15	Velório da Direita @veloriidadireita	02/11/2014	74.602	74.719
16	Stalinismo anarcocapitalista @StalinismoAncap	27/11/2014	69.578	69.731
17	Esquerda Revolucionária @EsquerdaRevolucionária	31/10/2015	68.184	68.792
18	Campanha pela Constituinte do Sistema Político	22/11/2013	64.320	62.978

	@plebiscitoconstituente			
19	Juventude Decidida @juventudedecidida	13/01/2014	63.510	62.395
20	Ocupa a Rede Globo @ocupa.a.rede.globo	06/02/2012	60.416	59.371
21	Nós Somos PT 13 – Nós Somos apoiadores do LULA	03/07/2017	59.115	59.633
22	Não Te Contaram @naotecontaram	03/05/2014	55.996	55.572
23	Golpistas Nunca Mais @golpistas nuncamais	26/08/2015	51.722	51.935
24	Anarcomiguxos VII @anarcomiguxos7	15/12/2017	49.390	49.995
25	Socializando @Socializandooo	21/02/2013	44.525	43.997
26	Feminismo Marxista @feminismomarxista	12/04/2016	44.473	44.783
27	INDIGNADOS	17/05/2011	40.626	38.842
28	#Não me calarei @naomecalarei	17/12/2011	40.316	39.500
29	CWB Resiste @cwbresiste	19/05/2016	36.700	37.122
30	Pobre de Direita @pobre.submisso	19/02/2018	36.297	36.862
31	Lula Vale a Luta- Campanha Internacional @LulaValeaLuta	07/03/2016	34.833	34.740
32	Esquerda Marxista @EsquerdaMarxista	11/03/2014	33.795	33.565
33	LUTE- Revolução Social e Científica @luterevolucao	25/11/2013	33.023	33.550
34	Rede Social Comunistas	03/03/2014	32.895	32.349
35	Magic Reaça @magicreaca	15/08/2014	30.638	30.271
36	Movimento de Revolução Social Petista – MRSP	13/10/2014	29.996	30.719
37	Aécio Papelão @AecioPapelaio	17/06/2014	29.527	29.161
38	Memes Messiânicos @MemesMessianicos	19/07/2013	28.557	28.031
39	Quebrando o Tabu- versão de esquerda @QuebrandoTabuVersaoEsquerda	15/02/2017	26.604	27.049
40	Webguerrilheiro Brasil @redeactivismo	07/05/2015	18.271	18.597
41	Meu Brasil é com S @blogmeubrasilcoms	06/12/2013	17.938	17.708
42	Novas regras do Foicebook	23/05/2015	17.606	17.503
43	Nerd Politizado @NerdPolitizado	22/07/2013	17.035	16.805
44	O que não tem censura nem nunca terá @oquenaotemcensuranemnuncatera	15/08/2013	16.352	16.165
45	Genius à Esquerda @GeniusaEsquerda	13/10/2013	15.314	15.102
46	Fora Aleckmin @foraalckmin	23/05/2012	14.859	14.545
47	Banidos pela Direita	24/10/2013	13.705	13.528

48	Para Tuca Nada @ParaTucaNada	26/11/2013	13.420	13.169
49	PSTAL- Partido Stalinismo e Liberdade @PSTAL57	24/09/2014	13.273	13.362
50	Direita Zuera @direitazueramitos	10/01/2014	13.248	13.089
51	Privataria Tucana é a maior Corrupção	08/08/2012	9.839	9.584
52	O Patriota-Brasil @PatriotaBR	06/05/2013	9.743	9.632
53	Fanzine ACAB @Fanzineacab1312	03/04/2016	9.112	9.337
54	Eu Sou a Mosca @souamosca	26/10/2013	8.679	8.511
55	Anarquismo em Foco @anarquismoemfoco	02/05/2017	8.441	8.621
56	Minas Sem Máscara @MinasSemMascara	02/06/2014	8.390	8.252
57	Direitistas Caricatos @DireitistasCaricatos	10/09/2012	7.843	7.719
58	Não à PEC da Corrupção @PECdaCorrupcao	15/05/2015	7.657	7.608
59	O povo no poder @AcervodaEsquerda	12/02/2016	7.505	7.570
60	Magic Esquedista	23/09/2014	7.250	7.177
61	Brasil que o Povo Quer @brasilqueopovoquer	03/10/2017	7.046	7.528
62	Camarada Comunista @CamaradaComunista	12/12/2012	6.496	6.424
63	LULA Presidente 2018 @peddrosilva83	16/05/2016	6.440	6.495
64	Esquerda Iluminista @EsquerdaIluminista	29/03/2015	6.352	6.396
65	Brasil de todos @brasildetodosofc	26/10/2016	5.842	5.936
66	Analfabeto Midiático - M idiotas	18/03/2015	5.814	5.752
67	Desmetindo Boatos @desmetindo	29/04/2014	5.772	5.722
68	Pensamento Libertário @menteanarquica	31/07/2017	5.570	5.661
69	Jornada Nacional de Lutas da Juventude @JornadaDeLutasDaJuventude	17/02/2013	5.542	5.522
70	Progressista @canalprogressista	28/11/2017	5.473	5.750
71	Senso Comuna @sensocomuna1848	26/03/2017	4.501	4.583
72	Cusparaço	18/04/2016	3.639	3.620
73	Aébrio Never Aspirante a Presidente	11/10/2014	3.519	3.478
74	Filhos da Revolução @FDRev	15/06/2013	3.334	3.243
75	Quero + Brasil	02/03/2014	3.079	2.996
76	Nenhum Direito a Menos @Luta Pelos Direitos	06/02/2014	2.697	2.657
77	Fora Temer @foratermergolpistas	29/01/2016	2.391	2.425
78	Frente Ampla de Esquerda	21/11/2014	2.058	2.043

	@ptlmsaovicente			
79	Vote em Mim @CandidatosdoSocialistaMorena	31/01/2014	1.971	2.028
80	Anonymous Londrina @Anonymous.Londrina	07/10/2012	1.924	1.869
81	De Boas na Revolução Russa@deboasrussa	25/08/2015	1.653	1.661
82	Maoísmo Libertário	26/07/2015	1.606	1.607
83	Boicote a Farsa Eleitoral @boicoteafarsaeleitoral	30/09/2017	1.558	1.627
84	Mídia Ninja – Londrina Pr @ninjalondrina	09/01/2014	1.355	1.346
85	Minas da Fantasia @MinasDaFantasia	18/09/2013	1.250	1.239
86	Rádio Peão @curtaradiopeao	03/02/2014	1.186	1.176
87	Movimento Popular Revolucionário @MovimentoPopularRevolucionario	30/01/2014	1.092	1.089
88	FLAU- Frente de Lutas Autônoma dos Estudantes da UENP @FLAUenp	08/07/2016	959	966
89	Foicebook @foicebook65	04/08/2015	725	730
90	Movimento Popular Revolucionário Brasileiro/MPRB @movimentopopularrevolucionariobr asileiro	20/07/2013	576	552
91	A Outra Campanha-Bauru @outracampanhabauru	01/08/2014	563	559
92	Dissidência Política do DF @DissidenciaPoliticaDF	08/05/2017	528	551
93	ANT- Associação Nacional dos Trabalhadores @ANTLUTA	27/08/2015	485	490
94	Juventude que Luta-MRS	25/05/2014	253	247
95	Flagelo Vermelho @flagelo.vermelho	29/11/2014	217	216
96	Coletivo Nacional Bolchevique	17/11/2015	166	165
97	Frente Autônoma de JF @frenteautonomadejf	14/08/2017	160	163
98	Coxinha Bipolar	12/08/2015	120	118
Tipo: Comunidade/ causa				
1	Exército Vermelho @exercitovermelho	28/01/2014	66.707	66.914
2	Falando Verdades @FalandoVerdades.com.br	06/10/2013	370.028	389.951
Eixo 2: Direita				
Tipo: Organização Política				
1	Movimento Endireita Brasil @endireitabrasil	17/06/2009	685.162	670.203
2	Direita Vive 3.0 @direitavive1.0	14/11/2013	674.000	666.000
3	Jovens de Direita @jovensdedireita	14/11/2013	331.000	329.000
4	Embaixada da Resistência @embaixadadaresistencia	13/02/2016	166.401	168.625
5	Bolsonaro pelo Brasil @bolsonaropelobrasil2018	09/12/2017	53.904	54.183
6	Vire Direita	12/04/2017	20.511	20.729

	@viredireitareal			
7	Nova Resistência-Brasil @novaresistenciabrasil	07/11/2015	16.795	17.269
8	União Conservadora @uniaicons	22/03/2017	14.164	14.279
9	Família Bolsonaro @familiabolsonaropresidente	11/05/2017	7.777	7.876
10	ADMS De Direita @admsdedireita	05/07/2017	5.796	5.869
11	Conservadorismo do Brasil @ConservadorismoDoBrasil3.0	23/06/16	4.756	4.869
12	PSDB para Todos @PSDBparaTodos	15/03/2013	4.702	4.662
13	Brasil Intervenção Militar @brasilintervencaomilitar	02/04/2016	3.218	3.258
Tipo: Causa				
1	Conversa com os Brasileiros @PSDBconversa	21/05/2013	712.713	706.061
2	Exército Bolsonaro @exercitobolsonarooficial	11/01/2018	39.075	39.408
3	O DireitistaBrasil.2.0 @DireitistasBrasil.0.2	31/05/2016	13.790	14.187
4	Conservador @conservador2016	04/06/2016	2.762	2.784
Tipo: Comunidade				
1	Portal Social do Brasil @PortalSocialdoBrasil	06/02/2013	1.904.750	1.908.722
2	Rio Conservador @RioConservador	07/10/2016	801.272	884.768
3	Lula no Xadrez @LulaNoXadrez	20/09/2016	496.075	501.606
4	Oposição Zuera @oposicaozuer4	28/03/2016	491.681	501.127
5	Eu era direita e não sabia @eueradireitaenaosabia	06/02/2016	459.000	464.000
6	Direita Conservadora @DireitaConservadoraOficial	28/05/2012	413.000	408.000
7	Bolsonaro Presidente @Bolsonaro.Bolsonaro	18/05/2014	144.892	144.727
8	Isso é culpa do PT	30/04/2014	121.999	121.134
9	EU ODEIO O PT	23/02/2013	101.333	101.293
10	Brasil Conservador @Brasilconservador2	26/09/2017	57.481	61.041
11	Endireita Fortaleza @endireitafortaleza	15/10/2015	50.983	51.276
12	Eu Quero o PT Extinto @Euquerooptextinto	02/06/2014	43.946	42.879
13	Mulheres intervencionistas do Brasil @Mulheresintervencionistasdobrasil	07/12/2014	35.070	34.709
14	Marxismo Cultural @MarxismoCultural	31/10/2011	19.418	19.178
15	Patriotas de Farda	22/02/2018	13.732	13.839
16	Anti-Socialism Anti-Communism Anti-Marxism	22/03/2010	12.303	12.017
17	Endireita Pará @endireitaparaense	20/07/2016	10.616	10.925
18	Revoltoddyinhos Online @ revoltoddyinhosonline	20/02/2015	6.085	6.036

19	Democracia sempre, Fora Comunismo @democraciasempreforacomunismo	28/05/2018	5.291	5.256
20	Resistência Paulista @resistpaulista	19/03/2016	3.085	3.056
21	EnDireita Brasil @paginaEnDireitaBrasil	23/12/2017	2.596	2.784
22	Inteligentes e pertinentes argumentos de defensores de Jair Bolsonaro @eleitoresdejairmessiasbolsonaro	05/10/2017	1.983	2.023
23	Militante de Direita	30/04/2015	766	761
24	Admiradores de Jair Bolsonaro 2.0	18/09/2016	587	586
Eixo 3: Apartidário				
Tipo: Organização Política				
1	MBL-Movimento Brasil Livre @mbLivre	01/11/2014	2.688.585	2.740.668
2	Em Defesa do Brasil @DefesadoBrasil	02/10/2014	403.573	415.024
3	Povo Brasileiro @PovoBrasileiro	20/06/2013	142.844	139.000
4	Verdade Incontestável @verdadeincontestavelVI	18/09/2017	60.788	61.236
Tipo: Causa				
1	Escola Sem Partido @escolasempartidooficial	05/01/2018	162.547	163.535
2	M.I. Avante Brasil @movimentointervencionistaavantebrasil	26/06/2017	1.451	1.475
Tipo: Comunidade				
1	Juventude contra corrupção @JContracorrupcao	02/03/2013	1.459.805	1.529.541
2	Brasil sem Máscara @BRASILSEMASCARA2014	03/02/2014	1.014.167	1.010.154
3	Movimento Do POVO Brasileiro @movimentodopovobrasileiro	21/09/2015	728.827	771.768
4	Tenho Vergonha da Corrupção @TenhoVergonha	01/12/2012	634.335	628.050
5	Vamos falar de Política? @VamosFalarDePoliticaa	27/01/2015	516.682	515.250
6	Partido Brasil @partido10brasil	21/05/2015	341.568	349.412
7	República de Curitiba @RepublicaDeCuritibaOrgulhoNacional	17/03/2016	316.881	327.919
8	Movimento Força Brasileira @movimentoforcabrasileira	12/02/2014	254.358	256.173
9	Brasil de Verdade @brasildeverdade1	21/04/2015	187.170	188.532
10	Políticos Podres	07/10/2016	168.819	172.060
11	Avante Brasil @AvanteNacaoBrasileira	06/01/2018	165.323	167.237
12	Por Um Brasil Melhor @PorUmBrasilMelhorUrgente	18/03/2015	140.644	140.146
13	Faxina na Política	15/08/2017	119.870	121.027
14	Circo Brasil	14/07/2016	114.226	114.785
15	Circo Brasil onde o povo é o palhaço	12/08/2015	106.132	106.354
16	Movimento Pró-corrupção @ProCorrupcao	12/09/2012	98.400	96.527
17	Dilma Na Balada	04/02/2016	85.139	84.214

18	Eu sou mais Brasil	14/01/2015	70.998	80.973
19	Todos contra corrupção @tcc.todoscontracorrupcao	05/02/2014	59.467	58.911
20	Onde está meu voto?	18/04/2016	53.863	53.740
21	Tuma Presidente @tumapresidente	11/02/2014	52.545	53.760
22	Picadeiro Brasil	02/03/2014	43.930	43.909
23	Movimento Brasil Contra a Corrupção @movimentobrasilcontracorrupcao	31/10/2011	37.686	36.962
24	Entendeu? Ou quer que desenhe?	12/04/2013	36.506	36.450
25	Piór du ki tá num fika	13/11/2014	34.811	35.162
26	A Ditadura da Corrupção @corrupcao	25/07/2013	32.645	32.061
27	BECC- Brasil Ético Contra Corrupção @BrasilEticoContraCorrupcao	10/01/2015	31.810	31.560
28	Corrupção A Praga @corruptapraga	11/06/2017	30.447	64.581
29	OU @oubacking	22/12/2017	28.404	27.936
30	Movimento Vem pra Rua Brasil @MovimentoVemPraRuaBrasil	25/06/2013	16.709	16.694
31	Em Defesa do Brasil, Contra Toda e Qualquer Revolução Socialista	22/05/2014	14.349	14.256
32	Nosso Circo Brasil @brasil.circo	23/02/2016	7.711	7.712
33	O Brasil PIROU	08/09/2014	5.496	5.517
34	Democracia sempre, Fora Comunismo @democraciasempreforacomunismo	28/05/2014	5.295	5.262
35	As Maravilhas de Haddad	13/08/2015	2.899	2.844
36	Queremos o juiz Sérgio Moro no Supremo Tribunal Federal	15/11/2014	2.452	2.385
37	Estado Malvadão	13/08/2015	2.370	2.360
38	Comitê Voto Nulo-Pará	22/08/2014	450	446
39	Deputado Booly Variano	03/11/2014	327	314

FONTE: A autora.